



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Daiane Alves de Brito

**Mulheres em movimento: Bandeirantismo e história da educação
(1919-1949)**

Rio de Janeiro

2024

Daiane Alves de Brito

**Mulheres em movimento: Bandeirantismo e história da educação
(1919-1949)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alexandra Lima da Silva

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B862

Brito, Daiane Alves de

Mulheres em movimento: Bandeirantismo e história da educação
(1919-1949) / Daiane Alves de Brito. – 2024.

229 f.

Orientadora: Alexandra Lima da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – História – Teses. 2. Bandeirantes – Teses. 3. Mulheres –
Teses. I. Silva, Alexandra Lima da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Daiane Alves de Brito

**Mulheres em movimento: Bandeirantismo e história da educação
(1919-1949)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 22 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Alexandra Lima da Silva Orientadora)

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Evelyn de Almeida Orlando

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Blanca Susana Vega Martinez

Universidad Autónoma de San Luis Potosí

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria, pelo seu amor incondicional e por me lembrar todos os dias que sempre é tempo. Ao meu pai, José, pelo afeto, à sua maneira, pela coragem e força que aprendi a ter para não desistir de realizar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A escrita acadêmica não é um caminho fácil, principalmente a escrita de uma dissertação diante da vida que não estaciona para que ela seja realizada. Por vezes o processo foi árduo, cansativo e solitário, porém tive pessoas importantes e amorosas em minha rede de apoio que me estenderam as mãos e me mostraram que apesar de parecer, eu não estava sozinha. Agradeço e reconheço o quão fundamental foi ter tido toda essa rede comigo. Diante disso, agradeço primeiramente a minha família pelo apoio incondicional e a Deus por ter me guiado e fortalecido nesse processo.

À minha querida orientadora, Prof.^a Dr.^a Alexandra Lima da Silva, por quem tive o prazer e honra de ser bolsista de iniciação científica na graduação em Pedagogia e orientada no Mestrado. Sou grata por toda a paciência, apoio, carinho, orientações, contribuições e por acreditar em mim até mesmo nas vezes em que eu duvidei. Você é inspiração e referência na minha vida acadêmica e pessoal.

À banca de qualificação composta pela Prof.^a Dra. Evelyn de Almeida Orlando e Prof.^a Dra. Blanca Susana Vega Martinez, pelas ricas contribuições a esta pesquisa desde o momento da qualificação, e por terem aceitado gentilmente compor também a banca de defesa junto com o Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti e Prof.^a Dra. Paula Leonardi.

Ao Grupo Eleko, pela coletividade, parceria, afeto e acolhimento, assim mostraram que a vida acadêmica pode ser mais leve e divertida.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa que financiou parte dessa pesquisa.

Ao Proped, pela oportunidade e acolhida.

À Federação de Bandeirantes do Brasil, pela oportunidade de pesquisa que foi fundamental para a escrita da dissertação.

À Gleusa Santos, pela acolhida, oportunidade e afeto. As tardes de pesquisa foram melhores em sua companhia.

Aos professores que marcaram minha trajetória escolar e foram fonte de inspiração na minha vida como profissional da educação e mestranda.

À minha irmã Maria Brito, pelo suporte, amor e força. Os momentos de escrita em Indaiatuba foram fundamentais.

Ao meu cunhado, Márcio Vacilotto, pelo carinho e apoio.

À Gisele, minha prima, irmã, amiga e comadre pelo apoio e força.

Ao Lucas, meu primo e irmão, pelo apoio e carinho.

À minha tia Maria da Paz, por ter sido inspiração como pedagoga, pelo carinho e apoio. A todos os meus familiares, tias, primas, primos, madrinhas, padrinhos e agregados pelo apoio e carinho.

À Débora, pelo espaço de escuta e acolhimento, e por ter me ajudado a enxergar que tudo na vida é processo, inclusive a escrita.

À minha irmã de alma, Marjory, pelo carinho e por sempre ter ficado ao meu lado.

À Juliana Prata e Vinicius Monção, pelas formações e orientações fundamentais para que eu iniciasse o mestrado.

À Sara Zarucki, pelo apoio e aprendizado que foi muito além das aulas particulares de inglês.

À Priscila Mayer e as meninas do Clube da Escrita, pelo carinho e por terem me mostrado que a escrita não acadêmica faz toda a diferença na escrita acadêmica.

Às amigas e amigos que fizeram com que a caminhada fosse mais leve e que me deram força e colo quando eu mais precisei: Jaqueline, Alehandro, Jéssica Queto, Priscila Chagas, Raphael, Laís, Pâmella, Suiá, Sylvia, Desiré, Suelen, Paloma, Faby, Ed, Klícia, Lis, Élida, Guga, Cris, Catarina e Estephany.

Ao Magno, foi um parceiro amoroso e que me deu todo o apoio e suporte que eu precisei antes e ao iniciar o mestrado.

Ao Pré-vestibular Comunitário São Carlos Ativo, vocês são parte disso. É por vocês!

Ao Natan e a Bia, amigos que o mestrado me apresentou, pelo apoio nesse processo que passamos juntos.

Ao primeiro grupo de trabalho na primeira disciplina do curso do mestrado, o apoio e parceria de vocês naquele momento foi fundamental, Renata, Maíra, Jéssica e Stephany (*In memoriam*).

À Danielle Roque, Daniele Estabille, Viviane Côrrea, Carla Marina, Jurema, Ana Lídia, Samara e Leila, minhas parceiras de trabalho, pelo apoio e carinho.

A todos que de alguma maneira, direta ou indiretamente contribuíram nessa jornada. Gratidão!

Ao falar de mulheres, devemos sempre
nos perguntar de que mulheres estamos falando.

Sueli Carneiro

RESUMO

BRITO, Daiane Alves de. *Mulheres em movimento: Bandeirantismo e história da educação (1919-1949)*. 2024. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Analisar os fundamentos, consolidação e expansão do Movimento Bandeirante, discutir a apropriação que foi feita do movimento brasileiro e os papéis sociais das mulheres bandeirantes; além de investigar possíveis relações entre mulheres brancas e negras, são os objetivos dessa dissertação. Advindo da Inglaterra através do *Girls Guides* fundado pela família Baden-Powell, tendo Robert Smith Baden-Powell como principal figura, o Movimento Bandeirante foi um movimento de mulheres, uma adaptação do movimento escoteiro, de educação não-formal para meninas, moças e mulheres. De 1919 a 1969 este movimento foi exclusivo para o público feminino. A influência da Igreja Católica, bem como participação de religiosos foi algo característico do Bandeirantismo. Entre as décadas de 1930 e 1940 o Movimento Bandeirante se consolidou em sua implementação no Brasil, nesse período ocorreu sua expansão tendo como principal meio de disseminação das ideias do movimento o impresso *Bandeirantes*. Este impresso foi fonte privilegiada na presente pesquisa. O movimento existe até os dias atuais, seguindo a coeducação que passou a ser adotada a partir de 1969, hoje recebe tanto o público feminino, quanto o público masculino. O diálogo teórico realizado, em relação às discussões envolvendo mulheres, gênero e papéis sociais, se deu através de Michelle Perrot (2007), Guacira Lopes Louro (2012, 2022), Joan Scott (2019), Alexandra Padilha Bueno (2019); sobre o Bandeirantismo e Escotismo foi a partir de Lúcia Maria Santos Rodrigues (2016), Baden-Powell (2009) e Jorge Carvalho do Nascimento (2008); para dialogar sobre imprensa como fonte de pesquisa, Tânia Regina de Luca (2008); imprensa feminina, Juliana da Costa Feliz (2022); através de bell hooks (2022), Aimé Césaire (2020) e Aníbal Quijano (2005) foram realizados diálogo sobre colonialismo; em relação às mulheres viajantes na história da educação através de Alexandra Lima da Silva, Evelyn de Almeida Orlando e Maria José Dantas (2015); no diálogo sobre os conceitos de mito da democracia racial, Lelia Gonzales (2020) e condição da mulher negra por Sueli Carneiro (2019). Os estudos referentes ao Movimento Bandeirante na história da educação ainda não são expressivos, dessa maneira, é apresentada a importância de estudar as mulheres bandeirantes a partir da investigação que foi proposta neste presente estudo para ter conhecimento aprofundado sobre quem foram elas e o que fizeram no movimento, assim contribuir para a temática no campo da história da educação.

Palavras-chave: Movimento Bandeirante. Mulheres Bandeirantes. Papel social feminino. História da Educação.

ABSTRACT

BRITO, Daiane Alves de. *Women in movement: Girl Guides of Brazil and the history of education (1919-1949)*. 2024. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Analyze the foundations, consolidation and expansion of the Girl Guide of Brazil, discuss the appropriation that was made of the Brazilian movement and the social roles of Girl Guides of Brazil; in addition to investigating possible relationships between white and black women, these are the objectives of this dissertation. Coming from England through the Girls Guides founded by the Baden-Powell family, with Robert Smith Baden-Powell as its main figure, the Bandeirante Movement was a women's movement, an adaptation of the scout movement, of non-formal education for girls, young women and women. From 1919 to 1969 this movement was exclusive to women. The influence of the Catholic Church, as well as the participation of religious people, was characteristic of Bandeirantismo. Between the 1930s and 1940s, the Bandeirante Movement was consolidated in its implementation in Brazil, during this period its expansion occurred with the Bandeirantes printed material as the main means of disseminating the movement's ideas. This form was a privileged source in this research. The movement exists to this day, following the co-education that began to be adopted in 1969, today it welcomes both female and male audiences. The theoretical dialogue carried out, in relation to discussions involving women, gender and social roles, took place through Michelle Perrot (2007), Guacira Lopes Louro (2012, 2022), Joan Scott (2019), Alexandra Padilha Bueno (2019); on Girl Scouting and Scouting was from Lúcia Maria Santos Rodrigues (2016), Baden-Powell (2009) and Jorge Carvalho do Nascimento (2008); to discuss the press as a research source, Tânia Regina de Luca (2008); women's press, Juliana da Costa Feliz (2022); through bell hooks (2022), Aimé Césaire (2020) and Aníbal Quijano (2005) dialogue about colonialism was held; in relation to female travelers in the history of education through Alexandra Lima da Silva, Evelyn de Almeida Orlando and Maria José Dantas (2015); in the dialogue on the concepts of the myth of racial democracy, Lelia Gonzales (2020) and the condition of black women by Sueli Carneiro (2019). Studies regarding the Bandeirante Movement in the history of education are not yet significant, thus, the importance of studying the Bandeirante women is presented based on the investigation that was proposed in this present study to have in-depth knowledge about who they were and what they did in the movement, thus contributing to the theme in the field of history of education.

Keywords: Girl Guides of Brazil. Girls Guides. Female social role. History of Education.

RESUMEN

BRITO, Daiane Alves de. *Mujeres en movimiento: Bandeirantismo y la historia de la educación (1919-1949)*. 2024. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Analizar las bases, consolidación y expansión del Movimiento Bandeirante, discutir la apropiación que se hizo del movimiento brasileño y los roles sociales de las mujeres Bandeirantes; además de investigar posibles relaciones entre mujeres blancas y negras, estos son los objetivos de esta disertación. Proveniente de Inglaterra a través de las Niñas Guías fundadas por la familia Baden-Powell, con Robert Smith Baden-Powell como figura principal, el Movimiento Bandeirante fue un movimiento de mujeres, una adaptación del movimiento scout, de educación no formal para niñas, jóvenes mujeres y mujeres. De 1919 a 1969 este movimiento fue exclusivo de las mujeres. La influencia de la Iglesia católica, así como la participación de religiosos, fue característica del bandeirantismo. Entre las décadas de 1930 y 1940, el Movimiento Bandeirante se consolidó en su implementación en Brasil, durante este período se produjo su expansión con el material impreso Bandeirantes como principal medio de difusión de las ideas del movimiento. Esta forma fue una fuente privilegiada en esta investigación. El movimiento existe hasta el día de hoy, tras la coeducación que comenzó a adoptarse en 1969, hoy acoge tanto a un público femenino como masculino. El diálogo teórico realizado, en relación a las discusiones que involucran a las mujeres, el género y los roles sociales, tuvo lugar a través de Michelle Perrot (2007), Guacira Lopes Louro (2012; 2022), Joan Scott (2019), Alexandra Padilha Bueno (2019); sobre Girl Scouts y el Movimiento Scout fue de Lúcia Maria Santos Rodrigues (2016), Baden-Powell (2009) y Jorge Carvalho do Nascimento (2008); para discutir la prensa como fuente de investigación, Tânia Regina de Luca (2008); prensa femenina, Juliana da Costa Feliz (2022); a través de bell hooks (2022), Aimé Césaire (2020) y Aníbal Quijano (2005) se dialogó sobre el colonialismo; en relación a las mujeres viajeras en la historia de la educación a través de Alexandra Lima da Silva, Evelyn de Almeida Orlando y Maria José Dantas (2015); en el diálogo sobre los conceptos del mito de la democracia racial, Lelia Gonzales (2020) y la condición de las mujeres negras de Sueli Carneiro (2019). Los estudios sobre el Movimiento Bandeirante en la historia de la educación aún no son significativos, por lo que se presenta la importancia de estudiar a las mujeres Bandeirantes a partir de la investigación que se propuso en el presente estudio para tener un conocimiento profundo sobre quiénes fueron y qué hizo en el movimiento, contribuyendo así a la temática en el campo de la historia de la educación.

Palabras clave: Movimiento Bandeirante. Mujeres Bandeirantes . Rol social femenino. Historia de la Educación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Guias e Escoteiras no mundo	30
Figura 2 – Monumento às bandeiras.....	74
Figura 3 – “O sangue retinto por trás do herói emoldurado”	74
Figura 4 – Código Bandeirante.....	79
Figura 5 – Secção de Chefes e Guias: o ensino do Código 1	80
Figura 6 – Secção de Chefes e Guias: o ensino do Código 2	81
Figura 7 – Tabela de preços da secção de uniformes da F.B.B.....	96
Figura 8 – Escola de chefes por correspondência.....	101
Figuras 9 e 10 – Capa e sumário - Abril de 1933	117
Figura 11 – Código - Leis, 1, 2 e 3 - Maio de 1943.....	118
Figura 12 – Código - Leis, 4, 5 e 6 - Maio de 1943.....	119
Figura 13 – Código - Leis, 7, 8, 9 e 10 - Maio de 1943.....	120
Figura 14 – Lei 1.....	121
Figura 15 – Lei 1 (2).....	122
Figura 16 – Lei 1 “Está tudo perdido, menos a honra”	123
Figura 17 – Lei 2 “Uma vez Bandeirante, sempre Bandeirante”	124
Figura 18 – Lei 2 “Encantamento”	125
Figura 19 – Lei 3 “O Outeiro da Glória 1”	126
Figura 20 – Lei 3 “O Outeiro da Glória 2”	127
Figura 21 – Lei 3 “A bandeirante ajuda o próximo em todas as ocasiões”	128
Figura 22 – Lei 4 “Almoço na sede”	129
Figura 23 – Lei 4 “O dia do pensamento 1”	130
Figura 24 – Lei 4 “O dia do pensamento 2”	131
Figura 25 – Lei 4 “O dia do pensamento 3”	132
Figura 26 – Lei 5 “Origem da caixa de Sta. Teresinha e seus fins”	132
Figura 27 – Lei 5 “Assim, sim! Assim, não!”	133
Figura 28 – Lei 6 “Um hábito útil 1”.....	134
Figura 29 – Lei 6 “Um hábito útil 2”.....	135
Figura 30 – Lei 6 “O bandeirantismo ao ar livre”	136
Figura 31 – Lei 7 “O que procura a juventude moderna? (1)”	137
Figura 32 – Lei 7 “O que procura a juventude moderna? (2)”	138

Figura 33 – Lei 8 “As Bandeirantes”	139
Figura 34 – Lei 8 “Acampamento na América do Norte 1”	140
Figura 35 – Lei 8 “Acampamento na América do Norte 2”	141
Figura 36 – Lei 9 “A Bandeirante é econômica”	142
Figura 37 – Lei 9 “A lei da economia 1”	143
Figura 38 – Lei 9 “A lei da economia 2”	144
Figura 39 – Lei 10 “Semper Parata”	145
Figura 40 – Lei 10 “Centro de recreação da Zona Norte 1”	146
Figura 41 – Lei 10 “Centro de recreação da Zona Norte 2”	147
Figura 42 – Leovigildo Franca	160
Figura 43 – Jerônima Mesquita	168
Figura 44 – Promessa das primeiras bandeirantes do Brasil	179
Figura 45 – Foto 2 - Jerônyma Mesquita	181
Figura 46 – Projeto #DonasdaRua - Maurício de Souza Produções	182
Figura 47 – A delegação	199
Figura 48 – Capa Bandeirantes: Junho/1945	207
Figura 49 – A Companhia da Chefe Ginette 1	207
Figura 50 – A Companhia da Chefe Ginette 2	208
Figura 51 – Capa Bandeirantes: Outubro/1947	209
Figura 52 – “Não me negue esse serviço”	210
Figura 53 – Eulina Macedo no 2º grupo de Chefes Bandeirantes	212
Figura 54 – Verso da folha com a foto de grupo de Eulina Macedo no 2º grupo de Chefes Bandeirantes.....	212

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações e descrições-Artigos relacionados ao Código Bandeirante.	148
Quadro 2 – Participações de Jerônima Mesquita.....	170
Quadro 3 – Mulheres Bandeirantes	185

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCBB	Centro Cultural Banco do Brasil
CEH/A	Biblioteca de Comunicação, Educação, Psicologia e Nutrição
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
FBB	Federação de Bandeirantes do Brasil
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
LEIM	Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher
ONU	Organização das Nações Unidas
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
ProPEd	Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UERJ
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UEB	União dos Escoteiros do Brasil
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
WAGGS	<i>World Association of Girls Guides and Girl Scouts</i> (Associação Mundial das Guias e Escoteiras)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 DA INGLATERRA PARA O MUNDO: FUNDAMENTOS, MOVIMENTOS E APROPRIAÇÃO DO BANDEIRANTISMO NO BRASIL	28
1.1 Família Baden-Powell e a fundação dos movimentos <i>Boys Scouts</i> e <i>Girls Guides</i>	30
1.2 De <i>Girls Guides</i> ao Bandeirantismo: fundação e estabelecimento na cidade do Rio de Janeiro	60
1.3 Jonathas Serrano, um professor católico e a escolha do nome: por que Movimento Bandeirante?	69
2 IMPRESSO BANDEIRANTES: CÓDIGO, LEMA, PROMESSA E AS IDEIAS DO BANDEIRANTISMO EM MOVIMENTO DE AMPLIAÇÃO	76
2.1 Promessa, código e lema: o que era ser uma Bandeirante?	78
2.2 <i>Bandeirantes</i> na imprensa feminina do início do século XX e a relação com Código Bandeirante em seus artigos	108
2.3 A presença masculina no Bandeirantismo: Irmãos Franca e José Martinho da Rocha	156
3 MULHERES E MOVIMENTOS: JERÔNIMA MESQUITA, VIAGENS E REFLEXÕES INICIAIS SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE	166
3.1 Jerônima Mesquita - diferentes faces da primeira bandeirante chefe e a importância de suas relações	167
3.2 Mulheres em movimento: viagens e circulação de saberes no Bandeirantismo	185
3.3 Entre tensões de gênero, raça e classe: a ausência que fala	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
REFERÊNCIAS	218
ANEXO	228

INTRODUÇÃO

Analisar os fundamentos, consolidação e expansão do Movimento Bandeirante, discutir a apropriação que foi feita do movimento brasileiro e os papéis sociais das mulheres bandeirantes; além de investigar possíveis relações entre mulheres brancas e negras, são os objetivos dessa dissertação. Destaco o impresso *Bandeirantes*¹ como recurso fundamental de ampliação do movimento. O recorte temporal que optei, de 1919 a 1949, se justifica pela escolha de investigação do movimento em seus anos iniciais e pela análise dos impressos que compreenderam os anos de 1932 a 1949. Ressalto que a discussão de gênero é algo inerente na presente pesquisa, assim como a história das mulheres.

O Movimento Bandeirante foi um movimento de mulheres, uma adaptação do movimento escoteiro para educação não-formal de meninas, moças e mulheres. De 1919 a 1969 este movimento foi exclusivo para o público feminino. Advindo da Inglaterra através do *Girls Guides* fundado pela família Baden-Powell. Aqui no país, segundo a Federação de Bandeirantes do Brasil (2008, p. 60) “o nome BANDEIRANTE foi escolhido pelo professor Jonatas Serrano”. A educação não-formal, com forte influência da igreja católica e direcionada para meninas, moças e mulheres, foi uma marca do movimento brasileiro. Entre as décadas de 1930 e 1940 o Movimento Bandeirante se consolidou em sua implementação no Brasil, nesse período ocorreu a expansão tendo como principal meio de disseminação das ideias do Bandeirantismo o impresso *Bandeirantes*. O movimento existe até os dias atuais, seguindo a coeducação que passou a ser adotada a partir de 1969, hoje recebe tanto o público feminino, quanto o público masculino.

A escolha do título se deu a partir da reflexão sobre a proposta da presente dissertação. Entre algumas definições da palavra movimento, aqui destaco duas: a primeira como “ação ou efeito de movimentar, de mover, de mudar, de se dirigir de um lugar para outro”; a segunda define-se como “Ação de um grupo de pessoas que se une com o mesmo propósito” (Movimento, c2009;2024). Nesse estudo, o primeiro significado contempla as mulheres bandeirantes que se movimentavam diante das viagens, acampamentos e ações do movimento de modo geral. O segundo significado define o próprio Movimento Bandeirante. É também possível trazer para reflexão sobre a palavra movimento e seus sentidos, além dos significados do dicionário, os movimentos que não foram realizados, os movimentos de deslocamentos

¹ A escolha do termo Impresso foi feita porque o mesmo, ao longo de sua existência como veículo de comunicação do Movimento Bandeirante, teve modificações em seu formato. De 1927 a 1931, foi jornal, a partir de 1932 passou a ser em formato de revista e, posteriormente, em 1985 voltou ao formato de jornal.

mediante viagens e o que a movimentação dessas mulheres, registradas nas páginas do impresso *Bandeirantes* representa na história da educação. Ademais, para complementar, penso em como me movimenteiei como pesquisadora durante a trajetória de pesquisa, com destaque para a etapa de coleta de dados que expus com detalhes à frente nessa introdução e o meu deslocamento geográfico que me colocou em movimento.

No que se refere a essa temática, o primeiro contato que tive, iniciou em pesquisa desenvolvida durante a graduação em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fui bolsista Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq) entre 2016 e 2018 no Projeto de Pesquisa *Sujeitos em trânsito: redes de sociabilidade, instituições e circulações de saberes*, coordenado pela Professora Dra. Alexandra Lima da Silva. Dentre as atividades de pesquisa, uma delas foi pesquisar no jornal carioca *Correio da Manhã*, notícias e informações da década de 1950, sobre o movimento de mulheres Bandeirantes e organizar os dados coletados para análise. A partir disso, o interesse na temática tornou-se maior e passei a analisar os números publicados na década de 1940 do impresso *Bandeirantes* através dos volumes do acervo da orientadora Alexandra Lima da Silva.

Escrevi algumas produções no decorrer da pesquisa: apresentação de comunicação oral em formato de pôster em duas edições (2017 e 2018) da Semana de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Além disso, o capítulo *Em correspondência: vozes femininas na Revista Bandeirantes*, em coautoria com Alexandra Lima da Silva, do livro *A ilusão do leitor: cartas, imprensa e educação organizadas* por Ana Chrystina Mignot (Brito; Silva, 2018). Para consolidar o caminho percorrido e com o objetivo de apresentar a estrutura do impresso *Bandeirantes*, sua organização e a importância do mesmo para a disseminação dos ideais do Bandeirantismo, escrevi o Trabalho de Conclusão de Curso *O impresso Bandeirantes – fortalecimento do Bandeirantismo e disseminação de seus ideais* (Brito, 2019). O percurso de pesquisa feito na iniciação científica e no trabalho de conclusão do curso indicou o caminho para a dissertação.

No ano de 2020, publiquei o artigo intitulado: *Bandeirantes: Um impresso educativo, recreativo e propagandístico na História da Educação Brasileira*, em coautoria com Alexandra Lima da Silva na Revista Pedagógica do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó (Silva; Brito, 2020). Neste ano de 2024, organizei, com Jéssica Silva Pereira e Paloma Maria Mendes da Cunha, o dossiê *História a contrapelo: corpo, racismo e exploração do trabalho doméstico feminino sob uma perspectiva feminista e de gênero* pela revista eletrônica discente *Humanidades em Revista* do Centro de Ciências Humanas e Sociais da

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) (Brito; Pereira; Cunha, 2024), a partir da disciplina Pensadoras Contemporâneas e Temas Feministas: corpo, sexualidades, racismo, epistemicídios e divisão sexual do trabalho que cursei no ano de 2022 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UNIRIO). Neste dossiê foi publicado o artigo de minha autoria, *Relações entre mulheres brancas e negras no movimento bandeirante - 1940-1948* (Brito, 2024).

Produções acadêmicas relevantes sobre o Bandeirantismo contribuíram para a revisão bibliográfica desta pesquisa. Em relação à questão de gênero, Samara dos Santos Carvalho, mestra em Ciências Sociais e ex-integrante do movimento, em sua dissertação *O Movimento Bandeirante e as relações de gênero no contexto brasileiro do século XX* (2014), investigou qual era a concepção de mulher propagada pelo Movimento Bandeirante a partir de observação participante e análise de documentos da Federação de Bandeirantes do Brasil. A pesquisa de Samara Carvalho foi de grande importância como referência teórica por trazer a discussão sobre gênero e questionar a estrutura do movimento.

Mariella Fellini, mestra em Educação e ex-integrante do Movimento Bandeirante, em sua dissertação *O Movimento Bandeirante entre tensões e contradições: a reformulação institucional de 1968* (Fellini, 2017), também questiona a estrutura do movimento, porém, o foco de sua análise foi na reestruturação que ocorreu entre 1967 e 1968 fazendo com que o Movimento Bandeirante abrisse para a coeducação posteriormente no ano de 1969. Em análise sobre o Movimento Escoteiro e o Movimento Bandeirante, Midian Cristina Amancio, pedagoga e ex-integrante do Escotismo, apresentou o trabalho *Movimento Escoteiro e Movimento Bandeirante: uma análise* (Amancio, 2017) para a conclusão do curso de Pedagogia, pesquisa bibliográfica e documental sobre a análise de trabalhos científicos relacionado aos dois movimentos. Seis temáticas para discussão foram delimitadas e destaque duas: militarismo e gênero, a fim de incentivar a reflexão em relação a essas questões na formação dos participantes nesses movimentos.

Além de produções acadêmicas escritas por mulheres que já foram integrantes do Movimento Bandeirante e Movimento Escoteiro, há publicações de pesquisadoras que não fizeram parte do movimento. Alexandra Lima da Silva, Doutora em Educação, em seu artigo *Lado a lado: Marcas Católicas do Bandeirantismo no Brasil* (Silva, 2017), apresentou as marcas católicas do Bandeirantismo na vertente brasileira a partir da análise do impresso Bandeirantes e da coluna *As Bandeirantes* do periódico *Correio da Manhã* da década de 1950. É questionada a relação entre o Bandeirantismo e a Igreja Católica e o que significava ser uma mulher Bandeirante brasileira. Evelyn de Almeida Orlando, Doutora em Educação e Alexandra

Lima da Silva no artigo *Semper Parata: catolicismo e bandeirantismo no Brasil* (Orlando; Silva, 2019) acrescentam mais informações acerca da dimensão religiosa no Movimento Bandeirante, por sua vez, utilizando apenas o impresso *Bandeirantes* como fonte de pesquisa e análise.

Para o desenvolvimento dos estudos mencionados, o impresso *Bandeirantes* foi utilizado como fonte. Além desses, eu, Daiane Alves de Brito, mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UERJ (ProPEd) e Alexandra Lima da Silva escrevemos o artigo *Bandeirantes: um impresso educativo, recreativo e propagandístico na história da educação brasileira* (Silva; Brito, 2020) e apresentamos o impresso como objeto de estudo. Ele foi publicado em um primeiro momento no ano de 1927 em formato de jornal e, posteriormente, em 1930, em formato de revista. Nesse artigo, nos dedicamos a análise do projeto gráfico das capas do impresso em formato de revista da década de 1940, como a materialidade e estrutura influenciavam na disseminação dos ideais bandeirantes e auxiliava na captação de participantes para o movimento. Victor Andrade de Melo e José Cláudio Sooma Silva, docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no artigo *A Federação Escolar de Escoteiros e a Federação Escolar de Bandeirantes: notas para pensar a educação primária na cidade do Rio de Janeiro em finais dos anos 1920* (Melo; Silva, 2022), analisaram alguns pontos de vista e aspectos referentes à operacionalização das propostas dessas federações.

Por fim, no artigo de minha autoria, conforme mencionado, publicado neste ano de 2024, *Relações entre mulheres brancas e negras no movimento bandeirante - 1940-1948* (Brito, 2024), foi realizada análise sobre as relações entre mulheres brancas e negras no interior do Movimento Bandeirante. O argumento condutor se deu diante das características do grupo, onde a presença de mulheres negras foi inexpressiva, o que resultou no protagonismo das mulheres brancas. Através da análise do impresso *Bandeirantes*, foi possível observar como as mulheres negras eram retratadas nas poucas vezes em que apareceram nas páginas deste impresso. Foram levantadas discussões e reflexões sobre a mulher negra na sociedade brasileira a partir da literatura das pensadoras feministas negras Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro.

Os trabalhos acadêmicos que antecederam a presente dissertação foram importantes como referência bibliográfica porque os estudos sobre o Movimento Bandeirante no campo da história da educação brasileira ainda não são expressivos. Ao buscar em bases de dados foi importante me ater na busca por Movimento Bandeirante, tendo em vista que ao colocar somente *Bandeirante* a pesquisa me dava informações sobre os bandeirantes paulistas. É algo recorrente a associação desse nome aos sertanistas do período colonial. Foi desafiador adentrar

no movimento sem saber muitas informações e não sendo uma bandeirante ou ex-integrante. Por outro lado, tive uma visão de *outsider*² em relação ao movimento, o que facilitou por não ter conhecimentos prévios sobre. Sendo assim, elaborei questionamentos e análises com uma visão curiosa e sem relações de proximidade afetiva com o movimento.

As perguntas que nortearam este trabalho foram: O que era ser uma mulher bandeirante? Quem foram essas mulheres? O que as mulheres bandeirantes representam para a história da educação a partir da expansão e apropriação do movimento no Brasil e quais eram as relações possíveis entre elas e mulheres negras? Busquei tais respostas através da literatura sobre mulheres na história da educação, o impresso *Bandeirantes* e das autoras Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. E para corroborar com as reflexões e discussões sobre o Movimento Bandeirante, utilizei como uma das fontes privilegiadas de pesquisa, além do impresso, o livro *Movimento Bandeirante no Brasil – uma luta social de gênero* (Rodrigues, 2016).

Além das perguntas norteadoras, outros questionamentos surgiram: Como essas mulheres eram formadas? Quais foram as contribuições na educação feminina, sendo o Movimento Bandeirante um espaço de formação? Qual foi a atuação do Bandeirantismo no movimento feminino durante as décadas em que foi exclusivo para o público feminino? O movimento se relacionou com outros grupos femininos? Havia uma imagem da mulher bandeirante para ser destacada, construída e até legitimada através do impresso *Bandeirantes*? Que imagem era essa? Qual era o objetivo da construção de uma identidade social bandeirante e à quais papéis sociais da mulher essa identidade correspondia? Tais questionamentos foram respondidos na dissertação, porém, abriram caminhos para que mais respostas sejam dadas e outros questionamentos sejam formulados, tendo em vista que a pesquisa acadêmica é uma ferramenta de ampliação de conhecimentos e possibilidades.

Um ponto fundamental na metodologia de pesquisa, foram as visitas à Biblioteca Aracy Muniz Freire onde está o acervo da Federação de Bandeirantes do Brasil (FBB) no escritório nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Sou carioca e isso facilitou nas idas até o acervo. O acervo da FBB é importante e necessário para preservação de memórias do Movimento Bandeirante, além de ser um espaço privilegiado de fontes de pesquisa sobre esse tema. Entretanto, cabe destacar que para além do acesso às fontes que obtive, nesse estudo foi necessário questionar e problematizar as fontes utilizadas tendo em vista as mudanças e transformações que ocorrem no tempo histórico onde é necessário resgatar o passado para entendimento e análise crítica do presente.

² Tradução do inglês: fora.

Na primeira visita que fiz ao escritório nacional da FBB, em setembro de 2022, senti um estranhamento por parte da pessoa que estava lá trabalhando no espaço por conta da minha presença inesperada. Eu tinha conhecimento de que era necessário marcar data e horário de visita ao acervo, por isso aproveitei que era um local próximo de onde moro e fui. A pessoa que lá estava, era assistente de comunicação da FBB do escritório nacional na época, Gleusa Santos. Ela me recebeu e me orientou a entrar em contato via e-mail com o Conselho Diretor e explicar de forma detalhada sobre a minha pesquisa. Dessa forma, seria possível marcar data e hora para visita ao acervo.

Enviei o e-mail conforme a orientação no dia 6 de outubro de 2022 e reenviei no dia 14 de outubro de 2022, diante da falta de retorno. Na segunda vez em que enviei, tive retorno e foi informado que o meu e-mail havia sido recebido, encaminhado ao Conselho Diretor Nacional e que a assistente de comunicação estava de férias. Em 25 de outubro, recebi e-mail da presidente nacional, Nathália Veras, agradecendo meu contato e informando que a assessora de comunicação marcaria e acompanharia minhas visitas ao acervo. No mesmo dia, Gleusa, a assessora de comunicação entrou em contato comigo e disponibilizou dias e horários. Em 17 de novembro de 2022, fiz a primeira visita para coletar dados e ficou marcada por ter sido a primeira de muitas visitas ao escritório nacional e porque tive acesso a novas informações, ampliando minha visão de pesquisadora. Gleusa me recebeu com entusiasmo e contou, a partir de sua visão, a história do Movimento Bandeirante. Algumas informações já eram do meu conhecimento, como a existência do livro *Chama Acesa – O livro do Bandeirante* (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008) que foi uma referência teórica importante para a pesquisa.

Porém, o livro *Movimento Bandeirante no Brasil – Uma luta social de gênero* (Rodrigues, 2016) de Lúcia Maria Santos Rodrigues, doutora em Psiquiatria e Saúde Mental, e Bandeirante, não era do meu conhecimento e tornou-se fonte privilegiada de pesquisa, assim como os impressos Bandeirantes. Essa obra não foi registrado, talvez isso justifique o fato de até aquele momento eu não ter localizado ele em minha pesquisa. A autora fez uma pesquisa histórico-cultural apoiando-se nas teorias de Jean Paul Sartre e Henri Lefebvre. Em 2017, foi lançado no escritório do Rio de Janeiro e teve venda limitada.

Segundo Gleusa, o acervo da Biblioteca Aracy Muniz Freire foi organizado por Lúcia Rodrigues e foi a principal fonte de pesquisa para a escrita de seu livro. Tive acesso ao acervo e observei a existência de todos os números do impresso *Bandeirantes* em formato de revista. Foi possível utilizar alguns documentos do acervo, porém, diante do tempo de pesquisa, não me debrucei de maneira aprofundada sobre eles. Esses outros documentos foram: as atas de Conselhos dos anos de 1943 e 1945, o impresso em formato de jornal do ano de 1985, arquivos

sobre algumas mulheres que foram importantes para o Movimento e *clips* de fotografias da década de 1940, sendo apenas desse período para buscar informações sobre uma Companhia que surgiu no ano de 1945 e foi apresentada neste estudo. O *Bandeirantes* foi uma fonte fundamental de pesquisa. As visitas ao acervo foram para os registros por meio de foto do meu celular dos impressos dos anos de 1932 a 1969.

Iniciei os registros em novembro de 2022 e finalizei em junho de 2023, considerando os meses de dezembro de 2022 e janeiro de 2023 em que não foi possível seguir com os registros devido a conflitos de horários e recesso na Federação. O escritório da FBB tem dias e horários de funcionamento específicos, sendo assim, só era possível ir até às terças, quartas e quintas no horário das 13 h 30 min às 17 h 30 min. Diante disso, necessitei do tempo de seis meses para a realização dos registros. Os volumes dos impressos estavam organizados na biblioteca por ordem cronológica. O registro foi feito a partir da foto de cada página de todos os impressos que compreenderam os anos que mencionei acima.

De início, fiz o registro utilizando a câmera do meu celular. Após fotografar, passei para o computador onde fiz as edições necessárias e organizei em pastas tanto no computador quanto no *drive*. Após essa organização, compilei as imagens que estavam em formato JPEG de cada impresso para arquivos em pdf. Sendo esse um processo mais demorado, nas visitas seguintes à Federação, optei por utilizar o aplicativo para celular *CamScanner*. Dessa forma, acelerei um pouco mais o processo dos registros porque via aplicativo, as fotos tiradas já eram convertidas no formato pdf. A escolha por compilar os impressos conforme o ano em um arquivo único foi para facilitar a análise.

Conforme o tempo de coleta de dados foi passando, fui me surpreendendo com as informações que conseguia identificar e percebi que outras questões foram surgindo nesse processo. Para fins de registro do processo e contribuição para esta dissertação, escrevi um diário de campo que fui registrando observações e *insights* enquanto fotografava cada página. Depois escrevia a descrição daquele dia na Federação e organizava as observações e *insights* que havia escrito num primeiro momento. Foi interessante observar os questionamentos e reflexões que fui elaborando diante de cada visita. Manter o foco em apenas registrar foi algo desafiador porque eu não conseguia apenas fazer o registro, por vezes me chamava a atenção alguma seção do impresso e eu acaba parando para ler algumas frases, porém, percebia que estava desviando o foco e então retomava para os registros.

Por vezes essa etapa foi exaustiva, não só pelo desafio de manter o foco, mas diante da necessidade de ser um trabalho repetitivo. O processo exigiu planejamento, organização, atenção, foco e concentração. O uso do aplicativo *CamScanner* exigia atenção para que eu não

duplicasse registros, assim como após fazer todos eles. Era necessário colocar no *drive* de maneira organizada, nomeando qual era o ano de cada impresso. Nesse procedimento de transferência de arquivos para nuvem utilizei o *Wi-Fi* da FBB que foi disponibilizado para o meu uso. Para me ater ao que precisava ainda ser registrado a cada visita, listava quais eram os volumes dos impressos que seriam registrados naquela tarde. Ao término de uma visita, listava o que já havia feito e o que faria na visita seguinte. Planejamento e organização foram fundamentais em todo o desenvolvimento da presente dissertação, principalmente nesta etapa. O diário de campo foi uma ferramenta de pesquisa fundamental. Em todas as visitas utilizava ele para ir listando os volumes registrados e os que faltavam, assim como o registro escrito de ideias e *insights*. Dessa forma, anotava no diário de campo para aquelas ideias não se perderem e assim foi possível desenvolver anotações feitas para a escrita desse estudo.

Além da trajetória de pesquisa, desenvolvi uma relação de parceria com a assistente de comunicação Gleusa em que ela foi demonstrando interesse pela pesquisa e indicou alguns registros para contribuição que foram pertinentes, como o impresso em formato de jornal comemorativo do ano de 1985 e as fotografias do arquivo junto de reportagens que outros meios de comunicação anunciavam as bandeirantes. Logo na primeira visita confirmei uma hipótese, ao conversar com ela e folhear as primeiras páginas do livro de Lúcia Maria Rodrigues, li que as mulheres bandeirantes eram burguesas, logo pertencentes a elite da sociedade carioca. Outro ponto que foi desenvolvido foi sobre a coeducação em que eu acreditava conforme as leituras realizadas que fazia parte de uma mudança global do movimento, porém, a coeducação só ocorreu no Brasil. De maneira inicial, fazia os registros até o ano de 1960, porém, acessando as fontes na FBB, descobri que a coeducação foi sendo implantada de maneira progressiva e em 1969 foi oficializada, além de ter ocorrido a reformulação no estatuto do Movimento Bandeirante, mesmo na presente pesquisa tendo delimitado a análise até o ano de 1949, os registros dos impressos do ano seguinte são importantes para continuidade de análises futuras.

Outro ponto importante para ser destacado foram os custos que envolveram essa etapa de pesquisa: a locomoção, compra de livro e espaço no *drive*. Apesar do escritório da FBB ser próximo da minha residência e da Universidade, não era possível fazer esse trajeto caminhando, dessa forma precise utilizar transporte público para chegar e sair do local. Conforme mencionei, uma obra que foi fundamental para a pesquisa foi o livro da bandeirante Lúcia Rodrigues, que consegui comprar através da venda pelo escritório do Rio de Janeiro da FBB. Por fim, para que eu conseguisse transferir para nuvem todos os arquivos compilados em pdf precisei comprar mais espaço no *drive*. Dessa forma, considero um ponto fulcral na trajetória acadêmica a

concessão de bolsas de incentivo à pesquisa através do ProPEd. Fui beneficiada com bolsa do CNPQ durante os dois anos na pós-graduação.

Ressalto a importância das idas para escrita e leituras referentes a esta dissertação, às bibliotecas da Rede Sirius da UERJ, principalmente à Biblioteca de Comunicação, Educação, Psicologia e Educação (CEH/A), localizada no 12º andar, e a biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). A escrita é exercício e um desafio, principalmente a escrita acadêmica. Dessa forma, estar em um ambiente propício, como são as bibliotecas, foi algo facilitador nesse processo. A escrita para as mulheres pode ser uma forma de rupturas de silêncios, considerando os recortes de gênero, raça e classe indispensáveis na produção do conhecimento acadêmico da atualidade. Escrever é romper os silêncios, é deixar registrado a trajetória do que foi pesquisado e ampliar horizontes. Dessa forma, valorizo e destaco a importância das escritas femininas na academia, porém, ainda é necessário que o espaço acadêmico seja efetivamente aberto para a escrita de mulheres negras e periféricas, reconhecendo-as e assim distanciando-se de uma produção acadêmica eurocêntrica. A pesquisa foi feita cautelosamente e exigiu atenção no percurso para “não projetar sobre o passado, visões, concepções, valores e expectativas” (Luca, 2022, p. 18) de minha parte como pesquisadora para que fosse evitado o anacronismo (Febvre, 2009), não deixando de lado a interpretação e perspectiva crítica na presente pesquisa.

A pesquisa, ancorada nas discussões e abordagens teóricas e metodológicas da história da educação, permitiu avançar em discussões sobre a história das mulheres, sobretudo na história da educação. Escrever a história de mulheres, de acordo com Perrot (2007) é “sair do silêncio”, mesmo que o mundo tenha mudado e hoje as mulheres tenham mais possibilidades e oportunidade de fala, de saírem de seus silêncios, quais mulheres são efetivamente ouvidas? As mulheres bandeirantes foram vistas e ouvidas por uma parte da sociedade segundo a análise feita nesta pesquisa. Pode ser dito que de certa forma, elas saíram do silêncio, mas no decorrer de sua história elas foram ponte para que outras mulheres também saíssem do silêncio, principalmente aquelas que não pertenciam a mesma classe social que elas? Tais questionamentos permearão as discussões que foram levantadas nesta dissertação.

Não há como falar de maneira singular da mulher como sujeito da história e sim sobre mulheres, considerando a pluralidade e as diferentes formas de se colocarem, participarem e viverem em sociedade. Segundo Gondra e Schueller (2008), distanciando-se, de uma ideia de suposta existência de natureza feminina que, frequentemente, opunha as mulheres/dominadas/submissas aos homens/dominadores. Dessa maneira, sendo mulher uma categoria de análise abrangente e plural, o suporte teórico da presente dissertação inclui maior

número de mulheres. Para discutir e refletir sobre gênero, mulheres, historiografia e história da educação me apoiei em Michelle Perrot (2007), Guacira Lopes Louro (2012, 2022) e Joan Scott (2019). Destaco outros conceitos que se entrelaçam ao conceito de mulher e que foram pertinentes nos desdobramentos da pesquisa. Sobretudo, as proposições de Lelia Gonzales (2020) e Sueli Carneiro (2019) sobre mito da democracia racial e condição da mulher negra, respectivamente, que basearam a pesquisa em busca da investigação sobre relações das mulheres brancas bandeirantes e negras no Movimento Bandeirante.

Rodrigues (2016) foi uma das referências privilegiadas para conhecimento da história do Movimento Bandeirante. Para aprofundamento de conhecimento sobre o Movimento Escoteiro e as diferenças entre ele e o Bandeirantismo, me apoiei nos estudos de Baden-Powell (2009) e Jorge Carvalho do Nascimento (2008). Em relação à imprensa periódica, mulheres na imprensa e história da educação, as contribuições teóricas foram de Tânia Regina de Luca (2008) e Juliana da Costa Feliz (2022). Na identificação de outras organizações e grupos de mulheres, e em busca de relacioná-los com o Movimento Bandeirante, as proposições de Alexandra Padilha Bueno (2019). Por fim, a contextualização do século XX em relação à historiografia, tendo em vista as diversas transformações ocorridas neste século e o período de pesquisa, foi escrita baseando-se no estudo de Eric Hobsbawm (1995). Portanto, amparada pelos conceitos e ideias apresentadas, desenvolvi a pesquisa circunscrita no campo da história da educação, atravessada pelos conceitos e discussões teóricas apresentadas.

A metodologia histórica foi empregada, utilizando-se da pesquisa exploratória através do levantamento bibliográfico e pesquisa documental, por meio da análise do impresso *Bandeirantes* como fonte privilegiada e de outras fontes diversas, como outros periódicos e documentos pertencentes ao Movimento Bandeirante. O estudo de Tania Regina de Luca sobre fontes impressas (2008) contribuiu para essa compreensão. Conduzindo-se a partir de uma abordagem qualitativa, analisei de maneira minuciosa os dados coletados com o intuito de refinar as investigações relacionadas ao movimento para não ser apenas um resgate do passado, mas uma interpretação para entendê-lo, distanciando-se do julgamento (Costa e Salviano, 2018). Em síntese, apresentei o tema de pesquisa e o que me propus a desenvolver, como cheguei à temática, a revisão de literatura referente ao tema, minha trajetória de pesquisa e o referencial teórico e metodológico que acompanhará todo o desenvolvimento do estudo.

No primeiro capítulo, o objetivo foi apresentar os movimentos fundadores, *Boys Scouts* e *Girls Guides* e seus fundamentos a partir da família Baden-Powell, apresentar o Movimento Bandeirante, analisar os desdobramentos que levaram esse movimento à ampliação mundial e sua apropriação no Brasil. Além de discutir as diferenças e semelhanças entre os movimentos

brasileiro e inglês. Os questionamentos que nortearam o capítulo foram: Qual o cenário da Inglaterra no fim do século XIX e início do século XX? Como era a Europa nos aspectos políticos e sociais no período em que Baden-Powell criou o *Boys Scouts*³? Quais aspectos do contexto social e político do império britânico refletiram na criação do *Boys Scouts* e em sua ampliação mundial? Como o *Boys Scouts* se originou e se estabeleceu na Inglaterra? Qual é a relação do colonialismo, da ideia de importação eurocêntrica de costumes e culturas como “modelo” a ser seguido com a criação dos Movimentos Escoteiro e Bandeirante no Brasil? Como o Movimento Bandeirante se apropriou do movimento inglês? Qual foi a motivação para o movimento se estabelecer no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que em São Paulo o Movimento Escoteiro chegou primeiro? O que caracterizou o movimento brasileiro? Por que e por quem foi dado o nome Bandeirantes para o movimento brasileiro? O conceito de colonialismo, Escotismo e Bandeirantismo como categoria de análise, auxiliaram na discussão teórica através das seguintes obras de referência: *A Escola de Baden-Powell - cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil* de Nascimento (2008), *Movimento Bandeirante no Brasil - uma luta social de gênero* de Rodrigues (2016), *Chama acesa: o livro do bandeirante* da Federação de Bandeirantes do Brasil (2008), *Escrever além da raça* de bell hooks⁴(2022), *Discurso sobre o colonialismo* de Aimé Césaire (2020) e *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* de Aníbal Quijano (2005).

O segundo capítulo teve como objetivo analisar o que era ser uma mulher Bandeirante segundo as orientações da Federação das Bandeirantes do Brasil, tendo como norteadores a Promessa, o Código e o Lema. Além disso, foi discutida a educação feminina das mulheres Bandeirantes, considerando as formações para especialidades que existiram no movimento, com ênfase naquelas ligadas aos cuidados e a vivência bandeirante conforme o Código, reforçado com recorrência no impresso. Foram propostas reflexões sobre os papéis sociais femininos, o impresso como fonte de pesquisa, a imprensa feminina no período pesquisado e participação masculina no Movimento Bandeirante. Todos os objetivos propostos estão relacionados a análise dos impressos, O *Bandeirantes* foi fonte privilegiada de pesquisa, porém, utilizei outras referências bibliográficas sobre as temáticas desenvolvidas. As indagações que nortearam o capítulo e que busquei responder propondo reflexões e discussões foram: O que foi o impresso *Bandeirantes* e qual foi a sua importância para o Movimento Bandeirante? Como

³ *Boys Scouts* foi o movimento fundado na Inglaterra no ano de 1907 por Robert Smith Baden-Powell, me referi ao movimento inglês como *Boys Scouts* e ao movimento brasileiro como Movimento Escoteiro.

⁴ Utilizo o nome da autora em letras minúsculas respeitando o uso político da intelectual na escrita do seu pseudônimo dessa maneira.

se caracterizou a identidade bandeirante, conceito definido por Rodrigues (2016)? O que era ser uma bandeirante a partir da Promessa, Código e Lema? Quais representações/papéis sociais para mulheres eram esperadas a partir da vivência do Bandeirantismo? Por que houve participação ativa de homens no movimento e quem foram esses homens? Para auxiliar na discussão teórica do presente capítulo, utilizei os conceitos de identidade social bandeirante, papel social de gênero e educação do corpo a partir das obras: *Movimento Bandeirante no Brasil - uma luta social de gênero* de Rodrigues (2016), *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* de Joan Scott (2019), *Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva de gênero* de Guacira Lopes Louro (2012) e *O corpo educado - pedagogias da sexualidade* organizado por Guacira Lopes Louro (2018). Além disso, complementei com a abordagem da história das mulheres a partir de Michelle Perrot (2007), considerando a discussão abrangente da história das mulheres defendida pela autora.

Por fim, no terceiro capítulo, os objetivos foram: apresentar quem foi Jerônima Mesquita, a bandeirante chefe que foi fundamental para a fundação do Movimento Bandeirante no Brasil. Jerônima contribuiu ativamente para o movimento e para além do Bandeirantismo, ela participou e integrou outras frentes e organizações, e construiu relações com diversas pessoas que, em seu período de vida, foram pessoas que se destacaram social e politicamente. Analisar as viagens no movimento e a relação do Bandeirantismo com os movimentos de outros países, principalmente da Inglaterra, onde o movimento originou-se com as *Girls Guides*. Tendo em vista que, tanto Jerônima Mesquita quanto outras bandeirantes importantes no movimento, viajaram com certa frequência para a Europa e foram um meio relacional entre o Brasil e países da Europa. Busquei responder aos questionamentos que nortearam o capítulo: Quem foi Jerônima Mesquita e qual é a sua importância para o Movimento Bandeirante? Quem foram as bandeirantes que participaram e tiveram papéis importantes nos anos iniciais do movimento ao lado de Jerônima? Qual era a relação de Jerônima com a Federação pelo Progresso Feminino? Como eram organizadas as viagens no Bandeirantismo? Quem eram as bandeirantes permitidas a viajarem? Quais foram as relações existentes entre bandeirantes brancas e negras e de que maneira se deram essas relações? Quais caminhos de pesquisa são possíveis de percorrer a partir das questões de gênero, raça e classe no Movimento Bandeirante? A escrita do capítulo três amparou-se no suporte teórico da tese de Alexandra Padilha Bueno (2019), *Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: a pedagogia feminista em disputa (1910-1940)* para refletir sobre as relações de Jerônima Mesquita na sociedade entre as décadas de 1920 e 1930, principalmente sua relação com Bertha Lutz e os movimentos femininos e feministas da época, além da continuidade da discussão

sobre papel social feminino. Na busca de referências de mulheres viajantes na história da educação para relacionar as experiências com as viagens no Movimento Bandeirante, busquei suporte teórico no livro *Mulheres em trânsito - intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas* (2015), organizado por Alexandra Lima da Silva, Evelyn de Almeida Orlando e Maria José Dantas. E por fim, para propor reflexões iniciais de gênero, raça e classe em relação as possíveis relações entre mulheres brancas e negras no Movimento Bandeirante, propus discussões a partir dos conceitos de mito da democracia racial por Lélia Gonzalez (2020) e a condição da mulher negra em Carneiro (2019).

1 DA INGLATERRA PARA O MUNDO: FUNDAMENTOS, MOVIMENTOS E APROPRIAÇÃO DO BANDEIRANTISMO NO BRASIL

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, Olave enviou ao Brasil uma carta através do Sr. Willian Barclay. Ele era um amigo seu que viajava a negócios de Londres para o Rio de Janeiro. Nesta carta, Olave propunha a fundação do Movimento *Girl Guides* no Brasil. A carta foi entregue primeiramente nas mãos de May e Alexander Mackenzie que, entusiasmados, repassaram-na para a família Lynch (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008, p. 58).

A proposta de criação do Movimento Bandeirante no Brasil iniciou por meio de uma carta, conforme a epígrafe acima. Olave St. Clair Soames foi a responsável pela carta que chegou às mãos da família Mackenzie. O movimento que deu origem ao Movimento Bandeirante foi o *Girls Guides* da Inglaterra. Dessa forma, o objetivo deste capítulo é apresentar o Movimento Bandeirante, os movimentos que o antecederam e seus fundamentos a partir da família Baden-Powell. Analisar os desdobramentos que levaram esse movimento à ampliação mundial e sua apropriação no Brasil. Além de discutir as diferenças e semelhanças entre os movimentos brasileiro e inglês.

Com algumas questões, propus discussões e reflexões neste capítulo. Para essa finalidade me amparei no revisionismo bibliográfico, em análises de produções relacionadas à temática do Movimento Bandeirante e Escoteiro, além de estudos mais recentes. Os questionamentos que nortearam o capítulo foram: Qual o cenário da Inglaterra no fim do século XIX e início do século XX? Como era a Europa nos aspectos políticos e sociais no período em que Baden-Powell criou o *Boys Scouts*⁵? Quais aspectos do contexto social e político do império britânico refletiram na criação do *Boys Scouts* e em sua ampliação mundial? Como o *Boys Scouts* se originou e se estabeleceu na Inglaterra? Qual é a relação do colonialismo, da ideia de importação eurocêntrica de costumes e culturas como “modelo” a ser seguido com a criação dos Movimentos Escoteiro e Bandeirante no Brasil? Como o Movimento Bandeirante se apropriou do movimento inglês? Qual foi a motivação para o movimento se estabelecer no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que em São Paulo o Movimento Escoteiro chegou primeiro? O que caracterizou o movimento brasileiro? Por que e por quem foi dado o nome Bandeirantes para o movimento brasileiro?

O Movimento Bandeirante foi fundado no Brasil no ano de 1919 (Sobre [...], [20--?]). A escolha do nome e explicação sobre é abordada neste capítulo. Desde a sua fundação até o

⁵ *Boys Scouts* foi o movimento fundado na Inglaterra no ano de 1907 por Robert Smith Baden-Powell; me referi ao movimento inglês como *Boys Scouts* e ao movimento brasileiro como Movimento Escoteiro.

ano de 1969, foi exclusivo para o público feminino. O fim do Bandeirantismo, de acordo com um trecho do impresso *Bandeirantes* do ano de 1932, era formar jovens sãs, equilibradas, boas e enérgicas, capazes de cumprir todos os deveres de filha, esposa, mãe, irmã e amiga, além de seguir as regras do Código Bandeirante (Bandeirantes, 1932). No tempo atual, o movimento se designa como uma organização civil, beneficente, sem fins lucrativos e de educação não formal. Assim, compromete-se com a educação para a cidadania ativa de crianças, adolescentes e jovens de 5 a 18 anos, tendo adultos como voluntários na coordenação e direção.

Em âmbito nacional, está no Distrito Federal e em 14 estados brasileiros: Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. É a única entidade no país que representa a *World Association of Girl Guides and Girl Scouts - WAGGGS* (Associação Mundial das Guias e Escoteiras). A WAGGGS é uma entidade internacional reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e por outros organismos internacionais como uma das maiores organizações internacionais de educação não formal, com 10 milhões de associados em 152 países de todos os continentes (Our world [...], c2021).

O conceito de colonialismo, Escotismo e Bandeirantismo como categoria de análise, auxiliarão na discussão teórica através das seguintes obras de referência: *A Escola de Baden-Powell - cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil* de Nascimento (2008), *Movimento Bandeirante no Brasil - uma luta social de gênero* de Rodrigues (2016), *Chama acesa: o livro do bandeirante da Federação de Bandeirantes do Brasil* (2008), *Escrever além da raça* de bell hooks (2022), *Discurso sobre o colonialismo* de Aimé Césaire (2020) e *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* de Aníbal Quijano (2005).

Figura 1 – Mapa de Guias e Escoteiras no mundo



Fonte: Our world [...], c2021.

1.1 Família Baden-Powell e a fundação dos movimentos *Boys Scouts* e *Girls Guides*

A família Baden-Powell foi responsável por criar os movimentos: *Boys Scouts* e *Girls Guides* na Inglaterra que se expandiram no mundo e chegaram ao Brasil. É possível afirmar que esses movimentos foram fundados essencialmente no âmbito familiar. Apesar do protagonismo dado mais a Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, este teve inspiração e influência de sua mãe; e posteriormente os movimentos foram se expandindo diante da participação e trabalho de sua irmã Agnes Baden-Powell e de sua esposa Olave Baden-Powell. Sendo assim, apresento nesta seção quem foram os fundadores dos movimentos *Boys Scouts* e *Girls Guides*.

Robert Baden-Powell, tenente-general britânico, foi o fundador do *Boys Scouts* que deu origem ao *Girls Guides*. Para poder explorar o que foram esses movimentos, principalmente o Bandeirantismo, movimento brasileiro, a temática principal da presente dissertação, de maneira preliminar, é necessário ter conhecimento sobre quem foram os fundadores ingleses, as suas trajetórias de vida e influências sociais e culturais. É pertinente destacar que em relação às informações sobre a vida de Olave Baden-Powell foram localizadas um número menor de referências comparadas à de Robert Smith Baden-Powell. Dito isto, comecei por quem deu início ao primeiro movimento: Robert Baden-Powell. De maneira inicial, cabe a reflexão sobre o que impulsionou ele a criar um movimento para jovens, suas projeções dentro do movimento

e a ampliação mundial que teve, sendo assim, chegando ao Brasil. Dessa forma, apresento sobre a sua vida e os caminhos que o levaram à criação do *Boys Scouts*.

Em relação às informações sobre a vida de Baden-Powell, busquei referências nas obras: *Lições da Escola da Vida – Autobiografia de Robert Baden-Powell*, edição brasileira traduzida por Felipe Marinho Maciel (Baden-Powell, 2009), *Movimento Bandeirante no Brasil – uma luta social e de gênero* de Rodrigues (2016) e *A escola de Baden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil* de Nascimento (2008). Algumas informações divergem conforme as fontes. Em sua autobiografia aparece que Robert Baden-Powell foi o décimo quarto filho, já em Nascimento (2008), aparece que ele foi o sexto filho. Sobre sua família, na autobiografia ele menciona que a mãe fora pobre, entretanto, segundo Nascimento, a família da mãe de Baden-Powell era uma família abastada e o pai era “de uma família bem-posicionada socialmente, porém economicamente modesta” (Nascimento, 2008, p. 30).

Ele nasceu em 22 de fevereiro de 1857, filho de Robert Baden-Powell, seu pai, de quem herdou o nome, e de Henrietta Grace. Segundo Baden-Powell (2009), ele recebeu pouca educação do pai que faleceu quando ele tinha apenas três anos. De acordo com Nascimento (2008), Robert Baden-Powell foi um homem marcado pelo seu pragmatismo e impressionou intelectuais europeus. Era descrito sendo bem-humorado, antidogmático e sua identidade era de um homem inglês. A educação da juventude foi o seu projeto. Fora patriota e possuía mentalidade internacionalista, característica que pode explicar o sucesso do movimento criado na Inglaterra e a ampliação por diferentes países do mundo.

Em sua autobiografia, Baden-Powell (2009), destacou que o sucesso que teve na vida foi graças a mãe que sempre o influenciou e um dos aspectos admirados por ele foi a forma extraordinária em que a mãe o educou e os irmãos, mesmo sozinha, por ter ficado viúva e era pobre. Além disso, Henrietta Grace foi umas das fundadoras da “*Girls High School Movement*” (Movimento a favor de Escolas Superiores Femininas) sendo uma importante representação a favor da educação feminina na Inglaterra.

O segredo de meu sucesso na vida sempre foi a influência de minha mãe. A maneira pela qual aquela extraordinária mulher conseguiu educar-nos, sem que nenhum de nós tenha sido um fracasso; e a maneira pela qual não sucumbiu à ansiedade e às tensões de toda ordem, escapa à minha compreensão. Não somente, apesar de ser viúva e pobre, conseguiu alimentar-nos, vestir-nos e educar-nos, como também achou tempo para dedicar-se a outros afazeres fora de casa, em particular como uma das fundadoras da “*Girls High School Movement*” (Movimento a favor de Escolas Superiores Femininas) ao qual tanto devem hoje muitas mulheres feitas. Foi sua influência que me guiou pela vida afora muito mais do que quaisquer preceitos ou disciplina aprendida na escola (Baden-Powell-POWELL, 1933-2009, p. 15-16).

O movimento que Henrietta participou deu origem à *Girls' Public Day School Company* (Companhia de escolas públicas para meninas) no ano de 1872, criado com o intuito de fornecer educação diurna acessível para meninas por meio de escolas que fossem solicitadas por cidades da Inglaterra. Meninas de classe média até conseguiam ter acesso à educação por aulas com governantas ou em pequenas escolas particulares, porém, naquele período a educação feminina era voltada para preparação do casamento. Diante do incômodo e exigência que houvesse outras formas de educação para meninas e mulheres que possibilitasse o avanço nos estudos e preparação para exames, criou-se esse grupo que agora conta com mais de vinte escolas independentes na Inglaterra e no País de Gales. A partir do ano de 1905 o grupo passou a ser chamado de *The Girl's Public Day School Trust* e é registrada como uma instituição de caridade.⁶

Em pesquisa na internet por informações sobre a mãe de Baden-Powell localizei um artigo na “*Scoutwiki*” italiana⁷ sobre ela e descobri que a “*Scoutwiki*” é a enciclopédia do Escotismo. Um projeto para reunir informações sobre o movimento em diversas línguas, uma delas é a língua portuguesa brasileira. Foi possível localizar mais informações sobre Henrietta Grace neste artigo da enciclopédia do Escotismo italiana e ter conhecimento que ela optou em modificar o sobrenome da família de Powell para Baden-Powell. O objetivo dessa mudança foi de melhorar o suporte que dava aos seus filhos porque utilizar o sobrenome alemão do falecido esposo era uma forma de ter vantagens sociais.

A mãe de Baden-Powell foi destacada por Rodrigues (2016) também pela representação com a educação de meninas e por seu talento artístico:

Henrietta Grace, sua mãe (de B-P), era uma mulher com muito talento artístico, pintava aquarelas e águas marinhas de cenas da cidade marítima de Cardiff onde passava férias com os filhos. Além de dedicada à família, lutava pelas mulheres. Com esse ideal feminista, Henrietta Grace trabalhou para que houvesse uma melhor educação para as meninas, fundando em 1872, a *Girls Public Day School Company* (Rodrigues, 2016, p. 10).

Baden-Powell herdou o mesmo nome de seu pai, este era filho de Robert Stephenson, engenheiro e construtor de pontes e neto de George Stephenson, o inventor da primeira

⁶ A HISTORY of Portsmouth High School. **Portsmouth High School**, [2014]. Disponível em: <https://www.portsmouthhighhistory.co.uk/subject%20pages/GDST/GPDST%20page.htm>. Acesso em: 20 out. 2024.

⁷ HENRIETTA Grace Smith. **ScoutWiki**, 2012. Disponível em: https://it.scoutwiki.org/Henrietta_Grace_Smyth. Acesso em: 20 out. 2024.

locomotiva construída na Inglaterra (Nascimento, 2008). Reverendo Baden Powell⁸, assim era chamado porque fora pastor anglicano. Ele foi professor emérito de Geometria durante trinta e três anos na Universidade de Oxford e um importante intelectual e pensador de sua época (Nasceu em 1796 e faleceu em 1860), escreveu diversos livros e artigos. Apesar de poucas informações sobre o pai de Baden-Powell nas fontes consultadas, ele teve bastante importância em vida na Inglaterra, tendo em vista que quando faleceu foi destacado no jornal *The New York Times* como uma grande perda para a literatura inglesa (Vilhena, 2013).

Na infância, Robert Baden-Powell, diante da influência da família paterna, queria ser maquinista de trem. Já na adolescência, aos treze anos, ele se candidatou para ganhar uma bolsa no *Fettes College*, um colégio em Edimburgo, na Escócia. Porém, mesmo conseguindo, não estudou neste colégio porque algumas semanas depois foi oferecida uma bolsa na *Charterhouse*, escola inglesa e nesta ele aceitou a bolsa (Baden-Powell, 2009). Segundo Baden-Powell, sua trajetória não foi brilhante na época escolar. Porém, o diretor do colégio foi o responsável por animá-lo em relação à sua vida escolar:

Assim meus mestres, de modo geral, pareciam não ter opinião muito alta dos meus predicados. O diretor, entretanto, Dr. Haig-Brown, educador de personalidade, conseguiu, apesar das críticas, descobrir algumas possibilidades na minha pessoa e observou que a minha capacidade era “maior do que transparecia através do resultado do meu trabalho nas classes, e que estava satisfeito com a minha conduta. “Essa centelha de ânimo foi sendo abanada por mim até se transformar numa chama de energia, ao sentir, mais tarde que o trabalho era um imperativo. (Baden-Powell, 2009, p. 21).

William Haig Brown, diretor e reverendo, foi uma referência para Baden-Powell não apenas pelo incentivo na vida escolar, mas por ser também um defensor da educação a partir do desenvolvimento das potencialidades de cada um, assim, acreditava que era possível desenvolver intelecto e caráter. As características dessa forma de educação refletiram no movimento fundado por Baden-Powell anos depois. Outros aspectos do decorrer de sua vida foram formando seus valores e formas de pensar uma educação para a juventude. Por exemplo, o gosto pela natureza e pela aventura foi algo desenvolvido em sua infância porque no período de férias ele acampava com os irmãos mais velhos (Nascimento, 2008), assim como o contato que teve com teatro e esportes.

No ano de 1876, tentou exames na Universidade de Oxford e no Colégio Superior *Christ Church*, porém não foi aprovado. Foi aprovado no exame admissional para o Exército Inglês no ano de 1877 e assim iniciou sua carreira militar.

⁸ Nas fontes consultadas o pai é chamado de “reverendo” e seu nome é escrito sem o hífen.

Foi no Exército que Baden-Powell incorporou os seus principais traços de personalidade, aqueles que moldaram a sua personalidade de modo mais profundo. Foi durante a carreira militar que ele descobriu como a fé e a confiança eram capazes de fortalecer o caráter das pessoas (Nascimento, 2008, p. 31).

Robert Baden-Powell foi se desenvolvendo em sua vida como militar. Aos 26 anos era capitão, alguns anos depois se tornou tenente-coronel e participou de guerras em territórios da África. Como oficial inglês, ele dedicou sua vida à defesa dos interesses da Inglaterra em um período de disputas de territórios pelos países colonizadores europeus. No ano de 1899, Baden-Powell, atuou como coronel e ficou à frente de um dos confrontos britânicos mais importantes no que diz respeito à disputa de território.

Em 1899, já como coronel, estava participando da guerra contra a República do Transval. Contando com um contingente de soldados muito inferior ao efetivo de seus adversários, ele defendeu sua posição treinando todos os homens da localidade para atuar no Exército. Baden-Powell atuou em Mafeking, um entreposto ferroviário que servia a Pretória e Johannesburg, ponto de acesso à fronteira norte, considerado estratégico pelo Exército da Inglaterra, localizado no centro da África do Sul. A localidade era uma pequena povoação na planície onde corre o rio Molopo ao lado da colina Cannon Kopje. Mafeking significa lugar das pedras. Atualmente é a capital da Província do Noroeste da África do Sul, mas, em 1899 era esparsamente habitada por cerca de 7.500 africanos e 1.350 colonizadores brancos (Nascimento, 2008, p. 31).

Ele teve uma carreira de excelência como militar, sendo essa participação fundamental como líder na Segunda Guerra dos Bôeres⁹ onde a Grã-Bretanha foi vencedora. Antes de liderar o exército britânico nessa importante guerra, Baden-Powell vivenciou diversas experiências militares. De acordo com sua autobiografia, Baden-Powell (2009), antes de adentrar no território dos Bôers, fez serviço de espionagem militar solicitado por um coronel do Exército. Tropas estavam organizadas para entrarem no território Bôer, dessa forma, era necessário ter informações sobre possíveis passagens.

Baden-Powell em uma seção de sua autobiografia, escreveu sobre o Exército como Universidade, demonstrando como os ensinamentos militares eram considerados importantes para ele. Ele pontuou que foi dito para ele uma vez, e seus leitores poderiam perguntar se ele não deveria se sentir envergonhado por preparar homens para serem assassinos. Apesar de estar

⁹ A 2ª Guerra dos Bôeres simboliza a força do Império Britânico naquele período. No primeiro confronto os bôeres saíram vencedores. O interesse dos britânicos no continente africano estava relacionado à corrida colonialista da época. Na primeira guerra os bôeres pela independência do território de Transvaal e conseguiram esse reconhecimento diante da vitória. No ano de 1887 foi descoberta a maior jazida de ouro do mundo em Pretória, capital de Transvaal. Dessa maneira, chamou a atenção e interesse britânico e o desdobramento foi a ocorrência da Segunda Guerra dos Bôeres em que Grã-Bretanha foi vitoriosa. Uma forma de cessar a resistência boer foi prendendo-os em campos de concentrações superlotados que resultou em muitas mortes, principalmente de crianças, houve um extermínio de cerca de 50% da população infantil daquele território (Santiago, c2006-2024).

de acordo por um lado, ao mesmo tempo, discordava. Para Baden-Powell, além da aventura de desbravar locais, das batalhas e de um certo “*glamour*” dessa experiência que possui “grande poder de atração para qualquer homem com sangue vermelho” (Baden-Powell, 2009, p. 190), há a importância da oportunidade de educar milhares de jovens para cidadania da nação.

O Exército é a melhor Universidade que temos para a educação pós-escola para um grande número de nossos cidadãos. Aqui pelo menos eles adquirem, em adição ao conhecimento escolar, um desenvolvimento da saúde e vigor físico, e um número de qualidades valiosas com que podem enfrentar a vida e ajudar sua comunidade (Baden-Powell, 2009, p. 191).

Além de relacionar o Exército à Universidade em questão de valores dos ensinamentos, o militar comparou um oficial militar a um professor. Segundo Baden-Powell, “o oficial tem em suas mãos um poder valioso tão grande quanto o de qualquer professor ou homem do clero para desenvolver em seus homens os melhores atributos de bons cidadãos” (Baden-Powell, 2009, p. 191).

Conforme a sua autobiografia, Baden-Powell escreveu que viveu uma vida dupla. A vida número um foi a que se desenvolveu como militar do exército britânico. “Tarefas grandes e pequenas foram-me atribuídas; como Ajudante de Ordens, Comandante de Esquadrão e finalmente como Coronel Comandante do meu Regimento” (Baden-Powell, 2009, p. 13). A vida número dois se deu após seu último cargo militar como Major-General e que ele decidiu se dedicar inteiramente ao *Boys Scouts* junto de sua esposa Olave. “Deleitamo-nos em ver esse movimento crescer da pequenina semente, representada por 25 rapazes acampados na Ilha *Brownsea*, até se tornar a fraternidade de moças e rapazes de quase todas as nações civilizadas do mundo” (Baden-Powell, 2009, p. 14).

O *Boys Scouts* nasceu a partir do interesse de Baden-Powell em propiciar uma educação prática e moral para os jovens britânicos, ele viu essa necessidade após observar jovens na cidade de *Mafeking* na Segunda Guerra dos Bôeres. Ao retornar para o seu país, ele montou um acampamento e logo depois criou o *Boys Scouts*. Após a Segunda Guerra dos Bôeres, entre 1899 e 1902, o militar percebeu a sua popularidade entre crianças, jovens e adultos em seu país.

Quando voltou a Inglaterra, criou seu Método de ensino não formal, para meninos e jovens de várias classes sociais. O fez a partir de uma experiência realizada em um Acampamento na ilha de *Brownsea*, agosto de 1907. Houve a ajuda de uma mulher, mrs. Van Realte que colocara à sua disposição a ilha. Essa ficava na Baía de *Poole*, próxima à cidade de *Portsmouth* e ao sul da Inglaterra. O Acampamento Experimental teve muito sucesso. Foi criado para meninos e adolescentes da Elite frequentadora da *Ethon School*, da classe média e dos pobres e meninos de rua do *Est End* Londrino (Rodrigues, 2016, p. 8).

No período mencionado havia uma “corrida” colonial na Europa e Robert Baden-Powell esteve na guerra, dos Bôeres, conforme já mencionada, onde houve muitas mortes apesar da vitória britânica. Cabe destacar que uma das estratégias de guerra britânica foi utilizar campos de concentração que anos à frente, na Segunda Guerra Mundial, essa experiência foi “sofisticada” na Alemanha por Adolf Hitler. Quando Baden-Powell voltou para o seu país, ele ganhou mais prestígio e se transformou em uma referência. Em um contexto de “corrida” colonial, é importante refletir sobre os diferentes significados do colonialismo e como este influenciou na fundação do movimento *Boys Scouts*. É de se pensar se houve relação do colonialismo, da ideia de importação eurocêntrica de costumes e culturas como "modelo" a ser seguido com a origem e estabelecimento do movimento *Boys Scouts* na Inglaterra e sua expansão em outros países, principalmente no Brasil.

Na Inglaterra, uma das principais potências colonizadoras da Europa, o fato de Baden-Powell ter conquistado um território foi motivo de orgulho e demonstração de que ali havia uma disputa e que era importante manter o domínio de territórios, principalmente na área que correspondia ao continente africano. Diante do destaque para o militar que ocorreu após o seu retorno, ficou evidente a postura comum de países colonizadores, onde se apropriar de um território, mesmo que para isso fosse preciso exterminar vidas, era algo vitorioso, era efetivamente a colonização. O Brasil é um exemplo de país colonizado em que podemos observar essa característica, tendo em vista o histórico de genocídio de povos indígenas e africanos que marcou a formação do país.

O período entre o nascimento de Baden-Powell (1857), sua trajetória na carreira militar (1877-1909) e trabalho no *Boys Scouts* (1909-1941) compreendeu diferentes momentos políticos e sociais da Inglaterra, como o auge do colonialismo britânico e as Grandes Guerras mundiais. Para complementar a análise e reflexão proposta, recordei-me da leitura do livro *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1888) em que o colégio Ateneu é apresentado como uma forma de microcosmo da sociedade diante do fato de que as relações sociais existentes naquele espaço são as mesmas relações existentes na sociedade civil. Sendo assim, podemos refletir sobre o movimento criado por Robert Smith Baden-Powell ter sido, em algum nível, uma forma de representar também um microcosmo da sociedade civil britânica daquele período.

Compreendendo o contexto colonial em que foi fundado o primeiro movimento, *Boys Scouts* pela Família Baden-Powell, podemos levantar a discussão sobre os possíveis reflexos coloniais no movimento. O conceito de colonialismo é abordado por diversos teóricos, aqui destaco Aníbal Quijano (2005) que aborda esse conceito de maneira ampla e complexa. Para o sociólogo, colonialismo é um sistema de poder e não apenas um fenômeno histórico, sendo

assim, esse sistema se transforma no decorrer do tempo. Quijano utiliza a ideia de “Colonialidade do poder” para apresentar a continuidade de dinâmicas sociais, culturais e políticas do período colonial transformadas com o decorrer do tempo, mas que seguem moldando as sociedades. A colonialidade é a herança da colonização.

O novo padrão de poder euro centrado a partir da colonização teve força na Inglaterra, local onde foram fundados os movimento pela família Baden-Powell. Os conceitos de raça e identidade racial tiveram significados na dominação colonial, dessa maneira foram base para preconceito e racismo, de maneira mais efetiva essa ideia teve reflexo na América, local onde estão os países colonizados. Aníbal Quijano ao escrever sobre Colonialidade do poder e eurocentrismo, ele identifica raça como uma categoria mental da modernidade e explica como a ideia de raça foi sendo construída na América.

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais . Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (Quijano, 2005, p. 118).

Em fontes pesquisadas, não foi possível identificar informações relacionadas à questão da raça no *Boys Scouts*, porém, em relação à classe social, sim. De acordo com Lúcia Rodrigues (2016), “B-P misturou as classes sociais e queria saber se seria possível um movimento novo de educação igual para todos” (Rodrigues, 2016, p. 9). De qualquer modo, cabe ressaltar que a Inglaterra esteve à frente como a maior potência colonial na Europa. Pensar a criação desses movimentos é pensar o que estava em torno deles, na complexidade dos atravessamentos da colonização em relação àquela sociedade da época. Apesar da família Baden-Powell ter sido responsável pela fundação dos movimentos, historicamente, o protagonismo como representante do movimento foi dado a Robert Smith Baden-Powell, a figura masculina da família. Por sua vez, ele era um militar e participou de conquistas de territórios. Assim como sua vida de militar influenciou na criação e características do movimento, a representação de um país colonizador também pode ter influenciado nos movimentos. A Inglaterra foi o país de

maior símbolo do eurocentrismo, da importação de padrões sociais, culturais e até mesmo de pensamentos para os países colonizados.

Aimé Césaire, importante escritor, poeta e político francês nascido em 1913 na ilha de Martinica, território ultramarino francês no Caribe, conhecido por ser uma das figuras centrais do movimento literário e político conhecido como o Movimento da Negritude. Ele escreveu em seu livro, *Discurso sobre o colonialismo* (2020), uma análise crítica sobre o colonialismo europeu e o impacto devastador que essa apropriação de territórios teve nas culturas e sociedades colonizadas. Ao explicar sobre a colonização, ele introduz questionando o que ela é:

O que é, em seu princípio, a colonização? Reconhecer que ela não é evangelização, nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância, da enfermidade, da tirania; nem a expansão de Deus, nem a extensão do Direito; admitir de uma vez por todas, sem titubear pelas consequências, que na colonização o gesto decisivo é o do aventureiro e o do pirata, o do mercador e do armador, do caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial” (Césaire, 2020, p. 13).

Analisar o processo de colonização, a partir de uma perspectiva não-euro centrada, é importante para refletir diante de qual ótica esse período histórico aqui apresentado foi vivenciado por Robert Smith Baden-Powell. Ele foi participante ativo do processo de colonização por disputas territoriais, defendendo os interesses britânicos em diversos momentos desse processo. Além disso, é a partir dessas experiências que ele se inspira para criar o *Boys Scouts* tendo como horizonte aspectos que, em alguma medida, pode estar relacionado com o processo de colonização e é contraposto por Aimé Césaire.

Outra perspectiva sobre colonização é a da pensadora feminista, bell hooks (2022), a autora utiliza a frase “patriarcado supremacista branco capitalista imperialista” para nomear o que ela entende como o sistema político dos Estados Unidos, apresentando que um sistema se interliga com o outro, assim trabalham juntos para manter e defender culturas de dominação. Culturas de dominação nada mais são que a continuidade do processo de colonização. Ela escreve sobre os Estados Unidos, país este colonizado pela Inglaterra, e defende que esse processo se deu a partir de uma política supremacista branca. Dessa maneira, ao pensar em colonização da Inglaterra sob outros países é importante refletir sobre os sistemas interligados propostos pela intelectual.

Bell hooks enxerga o supremacismo branco como algo que fez parte do colonialismo europeu e que continua enraizado nas sociedades atualmente. Para ela, as pessoas brancas mantêm um pacto de união que não necessariamente é consciente, dessa forma, ela entende que “o pensamento supremacista branco continua a ser a cola invisível e visível que mantém pessoas brancas conectadas, independentemente de várias outras diferenças” (bell hooks, 2022, p. 24). Quando ela aponta o pacto de união de pessoas brancas, podemos relacionar com a ideia de pacto da branquitude cunhado por Cida Bento (2002), psicóloga e ativista brasileira. Refletir sobre o conceito que bell hooks traz em sua obra é uma forma de ampliação não só da discussão sobre o colonialismo britânico, como os atravessamentos d

e raça, gênero e classe que não é naturalmente apresentado nos estudos sobre a temática. Segundo a autora:

O vínculo com base na branquitude compartilhada serve de alicerce para um senso de significados, valores e propósitos compartilhados. Com o apelo para preservar a branquitude, à colonização imperialista se tornou o sistema de crenças que apoio o genocídio de nativos indígenas, o roubo descarado de suas terras e a criação de reservas segregadas (hooks, 2022, p. 25).

Para complementar a discussão que atravessa e complementa o conceito de colonialismo, destaco o conceito de patriarcado. Esse conceito se desenvolveu no decorrer do tempo, principalmente a partir de estudos feministas, não foi um conceito criado por apenas uma pessoa. No *Dicionário Crítico do Feminismo* (2009), a definição é:

‘Patriarcado’ é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido por volta do fim do século XIX, com as primeiras teorias dos ‘estágios’ da evolução das sociedades humanas, depois novamente no fim do século XX, com a ‘segunda onda’ do feminismo surgida nos anos 70 no Ocidente (Delphy, 2009, p. 173).

Dessa maneira, há diversas interpretações sobre o conceito entre as teorias feministas. Silvia Federici (2021) interliga o patriarcado com o capitalismo e estruturas coloniais, sendo assim, ele não pode ser compreendido de maneira isolada. Heleieth Saffioti (2015), além de apresentar o conceito como um regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens, interliga-o com os conceitos de gênero e violência. Além disso, a autora aponta o patriarcado como um fenômeno social que, assim como outros, está em permanente transformação.

Pensar sobre uma lógica patriarcal nos movimentos *Boys Scouts* e *Girls Guides*, é algo a ser refletido, principalmente em relação ao grupo exclusivo para o público feminino. Porque a partir do momento que um grupo direcionado exclusivamente para mulheres foi criado, tanto na Inglaterra quanto em outros países, mulheres passaram a ser líderes nesses movimentos.

Porém, as representações masculinas continuaram presentes e até mesmo em destaque e participação ativa em ações nos movimentos femininos (*Girls Guides* e Movimento Bandeirante). O movimento que originou as iniciativas femininas foi um movimento masculino, tendo um homem como protagonista e representante, apesar de mulheres da família Baden-Powell terem feito parte da fundação. É como se vestígios de uma lógica patriarcal se fizessem presentes nos movimentos direcionados para mulheres, deixando em questionamento os reflexos que o pensamento patriarcal tem em uma sociedade e conseqüentemente em diferentes aspectos da vida de mulheres.

O que observei no estudo das teorias de Aníbal Quijano, Aimé Cesaire, bell hooks, Silvia Federici e Heleieth Saffioti é a intersecção do colonialismo com outras formas de opressão. Tais teorias não enxergam o colonialismo de maneira isolada, mas atravessado por diferentes formas de opressão, trazendo uma perspectiva interseccional para refletir sobre como até os dias atuais há vestígios desse período nos países colonizados e formas das opressões sendo mantidas em diferentes aspectos das sociedades. Há ainda a colonialidade, aquilo que ficou de herança da colonização. É importante ter conhecimento dessas teorias para compreender o período em que os movimentos apresentados neste trabalho foram fundados e colocar em questionamento e reflexão como o contexto colonial influenciou e moldou a organização e estrutura dos movimentos, de maneira preliminar os movimentos ingleses e posteriormente os movimentos em outros países.

Além das perspectivas teóricas apresentadas sobre colonização, é indispensável para a compreensão do período histórico aqui apresentado, destacar a força que o Império britânico teve e foi nesse contexto que a família Baden-Powell viveu.

Baden-Powell nasceu, foi educado e viveu sob uma **Inglaterra Vitoriana**. O movimento escoteiro emergiu sob uma monarquia cristã, na qual era importante ser fiel a Deus e ao Rei. Do mesmo modo, era também uma das sociedades europeias onde o liberalismo mais se desenvolvera e se consolidara. O rei ao qual se pregava fidelidade, já não governava. Esse ambiente britânico foi importantíssimo na conformação do movimento (Nascimento, 2008, p. 33, grifo próprio).

O período britânico de 1837 a 1901 do reinado da Rainha Vitória do Reino Unido é chamado de Inglaterra vitoriana ou era vitoriana, foi um período importante e de grande influência na história britânica e mundial, caracterizado por diversas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Alguns acontecimentos importantes ocorreram na Inglaterra vitoriana como, por exemplo, a segunda Revolução Industrial, um período de avanços tecnológicos e transformações das condições de trabalho. Em que o seu auge foi testemunhado

pela Inglaterra. Assim, tendo como consequência uma transformação profunda nas cidades britânicas diante dos avanços significativos na tecnologia, produção industrial e transportes.

Outro acontecimento, foi a expansão do Império Britânico, principalmente no reinado da Rainha Vitória. Dessa maneira, nesse período, a Inglaterra se tornou uma das principais potências mundiais, tendo em vista os territórios coloniais adquiridos nessa época. Por outro lado, houve preocupações relacionadas aos desafios enfrentados no âmbito social, tais como, a pobreza urbana, condições precarizadas de trabalho nas fábricas e desigualdades que foram se acentuando conforme acontecia uma industrialização acelerada.

Gabriel Passetti (2016), em seu texto *Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia*, apresenta debates historiográficos relacionados à expansão do Império Britânico no século XIX, visando demonstrar a forma com que a crise imperial possibilitou novas análises e interpretações diferentes de afirmações clássicas sobre o poder imperial. Segundo o autor, “O Império Britânico foi a mais forte potência planetária, tendo ampliado seu poder, entre 1815 e 1939, através da expansão de sua indústria, comércio, finanças e de sua capacidade bélica” (Passetti, 2016, p. 2).

Entre o final do século XIX e início do século XX, conforme mencionado, além de Baden-Powell viver na Inglaterra vitoriana, um aspecto importante a ser destacado foi o liberalismo que teve papel importante na sociedade britânica. O liberalismo, doutrina política que se fundamenta na propriedade privada, surgiu no século XII como uma forma de crítica à monarquia absolutista que reflete nos aspectos: político, econômico e social. John Locke (1994), teórico conhecido como “pai do liberalismo”, via o Liberalismo como uma forma de garantia dos direitos naturais dos seres humanos, defendendo a vida, liberdade e propriedade. Outro teórico importante dessa corrente política foi Adam Smith, no seu livro *A riqueza das nações* (1988), que trouxe os pilares da teoria liberal: a “mão invisível” em que o mercado se autorregula através da competição e taxa dos preços, o Estado mínimo em que há a intervenção econômica mínima do Estado e o livre mercado.

O liberalismo foi evoluindo na sociedade britânica, assim como mundialmente. Mudanças ocorreram em relação ao papel do Estado na economia, por exemplo, fazendo com que o governo assumisse um papel mais ativo na economia e na vida social. Entre alguns fatores para essa transformação, pode ser destacado as consequências da Primeira Guerra Mundial. O *Boys Scouts* iniciou e alguns anos depois, a Primeira Guerra Mundial ocorreu. O mundo no contexto de ampliação e consolidação do movimento escoteiro inglês era um mundo em guerra e a Inglaterra estava profundamente inserida. Todo o século XX foi marcado pelas duas grandes guerras mundiais, seja durante ou no pós-guerra. Segundo o historiador italiano Franco

Venturini (Venturini *apud* Hobsbawm, 1995, p. 12), o século XX “é apenas o esforço sempre renovado de entendê-lo.” Tendo em vista os inúmeros acontecimentos e fatos históricos que aconteceram nesse período, é um desafio defini-lo, sendo assim, é destacado a sua complexidade.

O historiador britânico, Eric Hobsbawm, diante dessa complexidade do século em questão, em que o mundo mudou completamente, pontua três aspectos para apresentar as transformações que ocorreram no século XX que fez o mundo ficar “qualitativamente diferente”, comparando o início do século com o seu fim. O primeiro é que o mundo deixou de ser eurocêntrico no decorrer do tempo. A segunda transformação que ele considerou mais significativa foi a globalização e seus processos interferindo na vida em sociedade. A terceira, aquela que o autor considerou a “mais perturbadora”, “é a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e com ela, aliás, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente.” (Hobsbawm, 2008, p. 24). Para compreender o que foi o mundo no período que compreende este século é fundamental a interpretação do autor.

Dessa maneira, cabe questionar: Como os aspectos apresentados e discutidos acima influenciaram no movimento criado por Baden-Powell? Ele viveu nesse contexto, defendendo a Inglaterra e esteve à frente da conquista de alguns territórios importantes. Assim como o império inglês foi se expandindo conforme o passar do século XIX, o *Boys Scouts* também se ampliou mundialmente. De alguma maneira, aspectos relacionados ao colonialismo, imperialismo e liberalismo relacionados às dimensões política, econômica e social da sociedade daquele período refletiu no movimento criado por Baden-Powell. “No final do século XIX, os ingleses possuíam um império mundial de 33 milhões de quilômetros quadrados, com cerca de 400 milhões de habitantes” (Nascimento, 2008, p. 32). Dessa forma, a Inglaterra, nesse período, foi reconhecida por seu domínio colonial, principalmente em territórios africanos e Baden-Powell esteve à frente da conquista britânica sob *Mafeking*, território africano, conforme já mencionado.

Havia uma relação direta entre o *Boys Scouts* e o Império Britânico. Em sua autobiografia, Baden-Powell (2009) narra que o Rei Eduardo VII conversou com ele no ano de 1909, quando o movimento ainda era recente. Ele menciona um evento no Palácio de Cristal britânico que reuniu 11.000 mil escoteiros, dessa forma, ele percebeu, após aquele evento, que seria difícil conciliar a vida de escoteiro e de militar. A decisão de saída da vida militar, ele pontua que foi feita pelo Rei. “Como já disse, o rei interpelou-me a respeito e percebendo que ele estava bem a par da questão, deixei em suas mãos a decisão e ele chegou à conclusão de que a experiência escoteira era a mais importante” (Baden-Powell, 2009, p. 281). E assim, após a

escolha pelo rei, ele pediu demissão do exército. Além disso, por volta do ano de 1920, ele aponta que o movimento havia sido instituído “na maior parte dos países civilizados” (Baden-Powell, 2009, p. 285) e isso necessitou de uma maior organização. Sendo assim, ele destaca que houve uma divisão em departamentos que eram ocupados por diferentes setores e essa divisão foi feita pela Direção do Escotismo através do Império Britânico (Baden-Powell, 2009). Para fins de reflexão, cabe questionar, o que definia os países como civilizados que Baden-Powell mencionou sobre a maioria deles terem instituído o *Boys Scouts*?

Em outras fontes, é possível também identificar essa relação. Lúcia Maria Santos Rodrigues, ex-integrante do Movimento Bandeirante, aponta não apenas o apoio do Rei Eduardo VII como de outros que o sucederam.

Em 1909, os Movimentos Escoteiro e Bandeirante começaram a receber patrocínio dos reis ingleses. Primeiro de Edward VII, depois de George V (1911), seguindo-se George VI e VII, quando ficou estabelecido que haveria sempre ‘uma parada real’ à guisa de desfile anual das Companhias e Patrulhas inglesas (Rodrigues, 2016, p. 15).

Nascimento (2008) destaca que Baden-Powell recebeu titulações da realeza britânica de *Sir* e *Lord*¹⁰: o primeiro, em 1909, diante do reconhecimento da contribuição que ele ofereceu para a formação da juventude britânica e de seus feitos na vida militar; assim, se tornou *Sir* após receber o título de Cavaleiro da Ordem Vitoriana; e o segundo, no ano de 1929, por ser reconhecido como barão. Porém, diante dos apontamentos expostos, há uma informação no livro de Nascimento (2008) que vai de encontro com a proximidade de Baden-Powell com o império britânico: a de que ele, após um encontro com Cecil Rhodes (um homem de negócios da Inglaterra), teria passado por uma mudança de olhar e se tornado crítico do colonialismo.

É destacado que Baden-Powell no exército aprendeu a crer na missão civilizadora dos ingleses. Contudo, ao final da guerra contra os Zulus, estava revendo os seus valores e cada vez mais se transformava em crítico do colonialismo. Após um encontro com Cecil Rhodes, um dos mais importantes dentre os homens de negócio da Inglaterra em atuação na África, passou a criticar alguns dos pressupostos que justificaram a dominação e a exploração da riqueza africana que moveu as guerras coloniais naquele tempo. Cecil Rhodes tinha grande ambição e desprezava os negros por considerá-los raça inferior (Nascimento, 2008).

Conforme já mencionado, no que se refere ao Liberalismo, um dos aspectos dessa doutrina e corrente de pensamento, em sua dimensão política, é a defesa das liberdades e

¹⁰ De acordo com a titulação britânica, o título de *Sir* costumava ser dado para homens que possuíam um grau honroso na hierarquia militar. E o título de *Lord* era dado à um comandante de tropas de alto patamar ou à algum homem de confiança do rei.

direitos individuais, assim destaca-se a questão do indivíduo diante da sociedade. Em análise sobre as características do *Boys Scouts*, apesar de ser um grupo, era evidenciada a educação do indivíduo. De acordo com Nascimento (2008, p. 52),

O escotismo ocupava-se com a Educação do indivíduo, esforçando-se para tornar cada um dos meninos individualmente feliz e socialmente útil, de modo a favorecer a expansão de seus recursos físicos, intelectuais e morais. Tomava sempre um pressuposto segundo o qual os meninos eram fiéis e leais ao seu próprio mundo, obedeciam ao seu próprio código, um código diferente daquele que era ensinado em casa e na escola. Por isto, o desenvolvimento harmonioso da criança, através de seus próprios esforços, foi uma das finalidades que o movimento anunciou.

O trabalho em equipe também era importante e valorizado, tendo em vista a existência do próprio grupo. Porém, “o pressuposto era o de que a obtenção da disciplina coletiva se subordinava ao aprendizado da disciplina individual” (Nascimento, 2008, p. 55). O universalismo, conceito identificado na obra de Nascimento (2008), foi uma característica do trabalho de Baden-Powell que influenciou as práticas no *Boys Scouts*. Universalismo é um conceito amplo com dimensão filosófica e política, sendo um princípio identificado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecendo os direitos básicos de todos os seres humanos e no liberalismo político com destaque para a liberdade individual. Essa filosofia é alvo de críticas e questionamentos dado o fato de ser uma ideia eurocêntrica, e abre margem para a desvalorização de outras culturas, além de a ideia da universalização de leis e regras, por exemplo, não ser aplicável para todas as pessoas diante das diferenças culturais e sociais existentes nas sociedades.

A relação do *Boys Scouts* com o militarismo é algo discutível, tendo em vista que o fundador era um militar, mas, ao mesmo tempo, em análise das obras aqui utilizadas como fonte de pesquisa, é perceptível que Baden-Powell não tinha o desejo de fazer com que o movimento adquirisse práticas militares. Segundo Nascimento (2008), após o acampamento que deu início ao *Boys Scouts*, Baden-Powell recebeu alguns convites para participar de conferências na Inglaterra. Um dos programas em que foi solicitada a opinião dele, o *Boys Brigade*, fundado em 1883 por William Alexander Smith, comerciante escocês, Baden-Powell não aprovava como esse programa conduzia a formação e orientação dos rapazes (Nascimento, 2008). O militar não concordava com o fato de os jovens serem “treinados” para serem “mini” soldados, que era a proposta do *Boys Brigade* com o intuito de formar jovens com problemas de ajustamento social.

Analisando as obras sobre Baden-Powell, fica evidente a contradição em relação à proximidade do *Boys Scouts* com o militarismo. Ele defendia que os rapazes escoteiros não se

assemelhavam aos soldados, porém, grande parte de seus aprendizados relacionados às experiências de quando foi militar, ele aplicou no movimento, além de escoteiros, terem participado da primeira guerra por terem se alistado. Apesar do alistamento ter ocorrido por eles serem cidadãos britânicos, houve uma facilidade de atuação diante das orientações de Baden-Powell que prestou serviço militar para o país durante muitos anos.

Segundo Rodrigues (2016, p. 13), a palavra escotismo era utilizada no Exército:

A palavra “escotismo”, também usada no Exército no início da carreira de B-P, servia para designar “a ciência militar de obter informações de algum.” Ali empregavam meninos bem jovens, que podiam correr sem acontecimento bagagem e se esconder melhor por serem pequenos. Muito depois dessa prática, a estratégia militar passou a ser o “serviço secreto militar” para adultos, que foi mudando ao longo do novo século.

Em sua autobiografia, ao escrever sobre o *Boys Scouts*, ele destaca que muitos rapazes escoteiros se alistaram e participaram da Primeira Guerra Mundial. Baden-Powell, conforme mencionado, era uma pessoa importante e de prestígio no império britânico, ainda que ele não quisesse que o *Boys Scouts* funcionasse como uma forma de treinar os rapazes para serem soldados, ele prestou serviço ao exército britânico por muitos anos e existiram relações com os comandantes militares daquela época. Sobre a guerra, Baden-Powell escreveu:

Quando a guerra foi declarada, procurei Lord Kitchener e disse-lhe que estava à disposição para servir em qualquer setor.

Entretanto, ele exprimiu sua firme convicção de que as guias e escoteiras poderiam ser muito úteis na retaguarda, substituindo os homens que teriam de partir; e como os médicos não me deram como apto para o serviço ativo, insisti que eu organizasse os escoteiros que deveriam servir em setores diversos.

O momento, felizmente, era propício para uma aventura dessas.

O Movimento Escoteiro tinha seis anos de existência e estava firmemente estabelecido com uma chefia descentralizada. Estendia-se por todo império, contava com um forte contingente de rapazes e possuía chefes capazes. Por outro lado, esses últimos e os rapazes mais velhos, em sua maioria, alistaram-se nas Forças Armadas assim que a guerra foi declarada (dez mil deles não voltaram dos campos de batalhas) (Baden-Powell, 2009, p. 299).

Todo o contexto histórico vivenciado por Baden-Powell em algum aspecto influenciou no movimento fundado por ele. Dessa forma, ele passou a observar com outro olhar os jovens, assim chegando à decisão de criar um grupo para meninos. Apesar das transformações que ocorreram e das conquistas territoriais, a Inglaterra sofreu com as disparidades sociais.

Enfim, toda uma Londres poluída e doente do início do século XX. Uma sociedade que mostrava aos adolescentes das classes mais abastadas, uma moral viciosa e uma educação alienante, nada construtiva e nada construtiva para os da alta classe, distante das demais, em atitudes frontalmente contraditórias com as grandes descobertas materiais e conhecimentos novos, como as efervescentes novidades de um novo século... Foi nesse terrível contexto de distâncias sociais em seu próprio país, que B-P teve a ideia de reinventar a educação – a educação não formal – usando ‘o jogo e o

brincar com responsabilidade’ como instrumentos ajustados para o despertar da consciência infantil ou adolescente, não fazendo distinção entre as classes (Rodrigues, 2016, p. 12).

É importante destacar que as consequências da Primeira Guerra Mundial também afetaram a Inglaterra, mesmo saindo vitoriosa. Segundo Hobsbawm (2008, p. 38):

A Grã-Bretanha jamais voltou a ser a mesma após 1918, porque o país arruinara sua economia travando uma guerra que ia muito além de seus recursos. Além disso, a vitória total, ratificada por uma paz punitiva, imposta, arruinou as escassas possibilidades existentes de restaurar alguma coisa que guardasse mesmo fraca semelhança com uma Europa estável, liberal, burguesa (...).

Contudo, a notoriedade de Baden-Powell foi se consolidando diante dos êxitos como militar e de suas ações direcionadas para os jovens britânicos. De acordo com Rodrigues (2016), ele misturou classes sociais pensando na possibilidade de criar um movimento novo de educação igual para todos. Diante desse pensamento e desejo, Baden-Powell organizou e fundou no ano de 1907 o *Boys Scouts*. A partir da notoriedade conquistada, o livro que ele escreveu direcionado para militares, *Aids to Scouting*¹¹ (1899), tornou-se popular entre a juventude. Ao notar o interesse de jovens por seu trabalho, o militar decidiu se dedicar a estudos sobre educação e adestramento de rapazes. Dessa forma, ele desenvolveu o escotismo no ano de 1907 e em 1908 escreveu o *Scouting for boys*¹², um livro com a filosofia do escotismo e técnicas. Este livro, que foi uma espécie de manual, também se popularizou para além da Inglaterra e fez com que Baden-Powell decidisse dedicar a sua vida ao *Boys Scouts*. O militar pediu demissão do exército e deu início ao que chamou de “segunda vida”, chamava assim sua dedicação ao Escotismo que considerava um serviço para o mundo.

O *Boys Scouts* é um movimento de educação não-formal que tem como característica o desenvolvimento de crianças e jovens através do autodesenvolvimento, vivência em grupo, contato com o meio ambiente e educação para a cidadania. A princípio foi direcionado apenas para o público masculino ao ser criado na Inglaterra, porém atualmente recebe tanto o público masculino quanto o público feminino. Algumas definições para o Escotismo foram dadas segundo as fontes utilizadas. Para o fundador do movimento, Robert Smith Baden-Powell, a finalidade:

Era procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e sua saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não

¹¹ “Ajuda à Exploração Militar” traduzido para o português.

¹² “Escotismo para rapazes” traduzido para o português.

mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa (Baden-Powell, 2009, p. 272).

Em relação à História da Educação, de acordo com Nascimento (2008), o projeto do *Boys Scouts* esteve ligado às Pedagogias Ativas, exprimindo ideias baseadas na Psicologia do Desenvolvimento. O autor menciona alguns teóricos que foram referências para o projeto proposto pelo movimento inglês. Em relação ao aprendizado através da interação com o ambiente, o aprendizado a partir do fazer, ele menciona John Dewey. A autoeducação, característica do movimento, é apontada como oposta aos métodos convencionais, tendo como destaque Maria Montessori e Célestin Freinet. O contexto da educação no período em que o movimento surgiu, tanto na Europa quanto na América, foi da renovação pedagógica. Para o autor, o *Boys Scouts* é uma escola de cidadania. Ele destaca que o movimento se diferencia da escola e explica

Todavia, é importante reafirmar que Baden-Powell nunca pretendeu criar um modelo de escola ou substituir os modelos existentes. Na verdade, ele foi crítico contundente da formação escolar que conheceu, principalmente do sistema de avaliação, das provas e exames. Considerava este ponto mais crítico da prática escolar. Mesmo reconhecendo os avanços da Pedagogia durante as primeiras décadas do século XX, afirmava que enquanto não se realizasse uma mudança radical a escola continuaria oferecendo unicamente instrução, nunca Educação. O Escotismo propunha, deste modo, a oferta de uma distração educativa, oferecendo um ideal e uma atividade suplementar que educasse a partir do interesse dos próprios jovens. A finalidade do movimento não era a de encorajar a aquisição de conhecimentos, mas sim a de estimular o desejo e a capacidade de adquiri-los (Nascimento, 2008, p. 45).

Ademais, em relação ao *Boys Scouts*, Nascimento (2008) aponta que existe uma cultura escoteira e uma pedagogia escoteira. Em relação à cultura escoteira, o autor faz uma interpretação através do conceito de cultura escolar de Viñao Frago. Para ele

a cultura escoteira constituiu um conjunto de normas que definiram valores e condutas a inculcar, através de práticas que levaram à auto incorporação desses valores, normas e comportamentos, que expressam objetivos religiosos, da vida coletiva e dos interesses individuais (Viñao, 1995, p. 65 *apud* 2008, p. 10).

A formação de meninos e rapazes na cultura escoteira formava e definia valores e condutas que a partir das práticas do movimento faziam com o que os escoteiros incorporassem esses direcionamentos tendo três objetivos: religioso, de vida coletiva e interesse individual.

A partir de Viñao Frago (1995, p. 69 *apud* Nascimento, 2008, p.10), sobre culturas escolares, novamente, o autor se apropria do conceito e interpreta ele para o movimento escoteiro inglês.

O conceito de culturas escoteiras, portanto, diz respeito a um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas. Formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos sedimentados sob a forma de tradições, regularidades, regras do jogo, tal como observado em relação às culturas escolares.

No livro de Jorge Nascimento (2008), uma fonte privilegiada utilizada neste trabalho, para compreensão e conhecimento sobre o *Boys Scouts* e Movimento Escoteiro, o autor, através do campo de estudo da história da educação, busca compreender a maneira de pensar de Baden-Powell. Além disso, defende a possibilidade de captar as práticas do Movimento utilizando as categorias de práticas e representações de Roger Chartier (1988). Como foi possível observar, traz uma análise e pesquisa sólidas que auxiliam pesquisadores com a temática do Escotismo.

É possível notar o êxito do *Boys Scouts* pelo fato de que a partir dele, outros projetos semelhantes surgiram nas primeiras décadas do século XX, o surgimento foi motivado pelas divergências em relação a alguns fundamentos do *Boys Scouts* (Nascimento, 2008). Alguns desses exemplos foram: *National Peace Scout*, em defesa do pacifismo; *Empire Scouts*, movimento militarista e *British Boys-Scouts*, nacionalistas agressivos. Dessa forma, essas críticas que se solidificaram na criação de outros movimentos, foram feitas por meio de argumentos utilizando os próprios fundamentos do movimento, assim as críticas se ampliaram entre outros países e religiosos.

Baden-Powell foi, muitas vezes, acusado de haver criado uma máquina de propaganda com o objetivo de doutrinar a juventude e difundir ideias belicosas. Contudo, os militares acusavam o fundador do Escotismo de não inculcar nos jovens o espírito militar, transformando aquilo que deveria ser à vida militar num jogo de jovens estudantes. Essa polêmica fez com que os pacifistas ingleses fundassem a *National Peace Scouts*, enquanto os militares fundaram a *British Boy-Scouts* e a *Empire Scouts*. Os socialistas costumavam acusar o general inglês de ser anti-socialista e de fazer pregação contra os sindicatos, usando como argumento o segundo artigo da lei: O Escoteiro é leal ao Rei, ao seu país, aos seus pais, aos seus empregadores e àqueles sob sua responsabilidade. Os conservadores, contudo, o consideravam um socialista e para demonstrá-lo repetiam o quarto artigo da lei do escoteiro concebida por Baden-Powell: O Escoteiro é amigo de todos e irmãos dos demais escoteiros não importando a classe social e o credo ao qual pertença. O fundador do Escotismo foi também acusado pelos irlandeses, que publicaram *posters* e panfletos com a seguinte advertência: “Os Escoteiros do Baden-Powell estabeleceram-se em Dublin para convencer os jovens irlandeses a prometerem fidelidade ao Rei da Inglaterra e treiná-los para lutar nas guerras inglesas.” Os religiosos acusaram o movimento pelo fato de o seu manual possuir apenas duas páginas dedicadas aos deveres para com Deus (Nascimento, 2008, p. 15-16).

As informações sobre o projeto do movimento fundado por Baden-Powell, assim como suas características, organização e Pedagogia está relacionado ao *Boys Scouts*, movimento inglês. No Brasil, o Movimento Escoteiro teve características correspondendo ao movimento de origem, porém com especificidades próprias do país. O Movimento Escoteiro foi oficializado

no Brasil com a fundação da União dos Escoteiros do Brasil (UEB) em 4 de novembro de 1924. Porém, o Escotismo chegou ao Brasil na primeira década do século XX. Segundo Nascimento (2008), os militares brasileiros se interessaram pelo Escotismo. Amélio Azevedo Marques, um suboficial militar, foi referência para que outros militares se interessassem porque ele matriculou o filho em um grupo de escoteiros da Inglaterra. Aurélio Azevedo Marques, o filho de Amélio, pode ter sido o primeiro brasileiro a integrar o movimento inglês.

Outros brasileiros, como Henrique Weaver, também militar, e o pedagogo e médico Manoel Bonfim, foram entusiastas do Movimento Escoteiro. Um fato curioso é que, além dos brasileiros interessados, Baden-Powell visitou a cidade do Rio de Janeiro antes do movimento ser oficializado (Nascimento, 2008). E no ano de 1910, foi criado o Centro de *Boys Scouts* do Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Esse centro, apesar de não ter existido por um longo período, as ideias nele cultivadas foram sendo compartilhadas por pessoas que queriam levar o movimento à frente.

Mário Cardim, foi atleta, diretor escolar e fundador de algumas entidades nacionais, tal como a Federação Brasileira de Futebol e o Movimento Escoteiro na cidade de São Paulo. A fundação do Escotismo aconteceu após ele regressar da Europa, escrever artigos sobre escotismo e assim em novembro de 1914 fundou a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE). Sob a responsabilidade dele, foi feita a substituição do nome *Boys Scouts* por Escoteiros no Brasil. As definições relacionadas à palavra Escoteiro não era apenas uma, ora se relacionava com uma pessoa que viajava, ora como doutrina de Escoto.¹³ Por fim, foi sendo implantada a palavra Escotismo para designar o Movimento e Escoteiro para nomear os membros do Movimento. Outra pessoa importante que se interessou pelo Escotismo foi Jerônima Mesquita, além de ser entusiasta do movimento, foi uma das primeiras mulheres que ficou à frente do Movimento Bandeirante e teve grande importância no grupo, mas que não esteve relacionado à União Brasileira de Escoteiros. Na seção posterior há mais informações sobre ela.

A Associação Brasileira de Escoteiros recebeu apoio de intelectuais brasileiros e personalidades importantes da vida política e econômica da cidade de São Paulo. A organização e estrutura foi feita a partir de três instâncias, criou-se duas categorias de sócios e mediante o contexto da época, foi delimitado para o movimento brasileiro quatro objetivos.

1º - **Eugenia**, na parte referente à educação física, à saúde, ao vigor e à destreza das gerações novas, homens e mulheres;

2º - **Civismo**, não apenas reduzido a ensinamentos cívicos, mas o hábito de realizar os deveres cívicos, mercê das convicções adquiridas;

¹³ Doutrina do teólogo irlandês João Duns Escoto e dos seus seguidores, nos séculos XIII e XIV.

3º - Inteligência, isto é, o desenvolvimento de algumas das mais notáveis qualidades intelectuais, a urgência, a logicidade, a divisão pronta;
 4º - Caráter, considerado como o hábito adquirido pela prática sistemática da bondade, em casos concretos, dia a dia, como o horror à mentira e correlato amor à verdade, à pontualidade (Nascimento, 2008, p. 237, grifo próprio).

Os itens 2, 3 e 4 apresentados nos objetivos foram possíveis de serem observados diante das informações aqui apresentadas do projeto idealizado por Baden-Powell e a apropriação feita no Brasil. Porém, o item 1 – eugenia, é importante ser destacado por ser um conceito que se difundiu na virada do século XIX para o século XX, que levantou debates e também foi utilizado como base para justificar práticas racistas através da ciência. O conceito de eugenia foi criado em 1883 na Inglaterra pelo antropólogo e matemático Francis Galton, ele entendia a eugenia como a ciência do aperfeiçoamento racial (Gonçalves, 2010).

As discussões sobre eugenia foram se expandindo para além da Inglaterra:

As ideias eugênicas propostas inicialmente por Galton se desenvolveram a partir da virada do século XIX para o XX sendo difundidas, ampliadas e adotadas em países da Europa, América do Norte e América Latina. No Brasil, a eugenia influenciou médicos e sanitaristas que pensaram o caráter racial e social da ciência eugênica de acordo com o contexto brasileiro (Gonçalves, 2010, p. 2).

No Brasil, o movimento eugênico se expandiu durante as décadas de 1920 e no ano de 1929 aconteceu na cidade do Rio de Janeiro o primeiro congresso brasileiro de eugenia. O antropólogo Roquete Pinto que presidiu o evento e teve como secretário-geral o médico Renato Kehl. Entre as personalidades que mais representaram a eugenia no Brasil esteve Renato Kehl, ele defendia ações eugênicas mais radicais como o controle da natalidade e esterilização. Houve diferentes correntes de pensamentos sobre eugenia, dessa forma, no congresso foram levantados debates diante dessas ideias que se diferenciavam.

Álvaro Fróes da Fonseca, médico e antropólogo, foi um dos participantes do congresso e discorreu sobre alguns conceitos para serem discutidos através da antropologia como raça, espécie e miscigenação. Fonseca era favorável à miscigenação e a enxergava de maneira positiva para o povo brasileiro, assim como Roquete Pinto, porém, diferente de Kehl. Um trabalho do médico Renato Kehl que foi apresentado no congresso chamado Lições de Eugenia foi criticado por Álvaro Fonseca. Segundo Assis da Silva Gonçalves (2010, p. 7), nesse trabalho “Kehl se colocara pessimista em relação ao processo de miscigenação brasileiro e temia que a constante ‘mistura racial’ levasse o país a um processo agravante de degeneração”.

Christiane Gioppo, Professora do Departamento de Métodos e Técnicas da Educação da Universidade Federal do Paraná, em seu ensaio *Eugenia: a higiene como estratégia de*

segregação (1996), reflete sobre a eugenia como segregamento racial em seu tratamento mais científico. Para a autora:

A partir da cunhagem do termo na Inglaterra do século XIX e fundamentada em teorias científicas, a eugenia passou de popular a científica e foi disseminada por aparatos legais, propiciando métodos eficazes de manipulação, orientação e controle dos considerados menos capazes que, não coincidentemente, faziam parte de um estrato da população pertencente às classes trabalhadoras (Gioppo, 1996, p. 167).

Naquele período, havia uma preocupação política e social no Brasil relacionada à modernidade e a eugenia complementava os debates sobre desenvolvimento e mestiçagem. Dessa maneira, é possível entender a inserção da eugenia como um dos objetivos do Escotismo brasileiro, justificando-se pela influência de aspectos da sociedade que refletiram no movimento.

Diante do que foi apresentado como objetivos iniciais no Escotismo brasileiro, como a eugenia e as proximidades com militares e religiosos, é possível levantar discussões sobre como aspectos dessas vertentes influenciaram o Movimento Escoteiro. Conforme Nascimento (2008) aponta, houve críticas tanto no movimento inglês, quanto no movimento brasileiro. As contradições referentes às relações e proximidades dos movimentos escoteiros (inglês e brasileiro) com vertentes historicamente conservadoras podem ter corroborado com tais críticas. Assim como o *Boys Scouts*, o Movimento Escoteiro teve influência religiosa. Porém, o movimento brasileiro teve mais proximidade com a Igreja Católica. Em relação ao que Baden-Powell acreditava sobre religião, era que: “Não haveria sistema educativo sem a presença de Deus. Mas fazia a ressalva de que o seu Deus não tinha um fuzil engatilhado para castigar as pessoas, mas sorria e encorajava a todos através da sua obra-prima, que é a natureza” (Nascimento, 2008, p. 34).

Dessa forma, devido à popularidade do *Boys Scouts*, não foram apenas rapazes que se interessaram em fazer parte desse movimento. O livro *Scouting for boys* fez sucesso também entre as meninas. Sendo assim, no ano de 1909, em uma reunião escoteira no Palácio de Cristal da Inglaterra, moças uniformizadas se apresentaram a Baden-Powell e disseram “que queriam ter a oportunidade que os meninos estavam tendo” (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008, p. 49). O pedido foi aceito e assim foi proposto um “movimento irmão escoteiro com os mesmos princípios, mas que estivesse conforme as necessidades, possibilidades e interesses das meninas e moças naquele momento” (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008, p. 49).

O movimento inglês foi nomeado *Girls Guides* e Baden-Powell escolheu esse nome inspirado nos guerreiros africanos que conheceu em um de seus serviços como militar, pois os

africanos serviram de guias e abriram caminhos quando foram à frente das tropas. As *Guides* também abriram caminhos para outras meninas e moças (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008). Ele pediu ajuda à irmã Agnes Baden-Powell para a criação do movimento. O *Girls Guides* foi oficializado a partir da fundação da Associação Mundial das *Girls Guides*.

Agnes era mais velha que o irmão, quando aceitou o pedido já estava com 50 anos. Ela tocava alguns instrumentos, como violino e era artista, se destacava na fabricação de rendas e bordados, era especialista em astronomia, gostava de nadar e andar de bicicleta. Possuía conhecimentos em enfermagem e era reconhecida como uma “enfermeira de primeira” e falava 11 línguas diferentes. Algo curioso de Agnes Baden-Powell é que ela era conhecida também pela sua excentricidade porque em sua casa havia uma colmeia livre de abelhas, uma colônia de borboletas e pássaros pequenos que não viviam engaiolados. Tornou-se a primeira presidente do *Girls Guides* e como principal responsável pelo movimento identificou a necessidade de ter um escritório exclusivo para as *Girls Guides*¹⁴. Dessa maneira, ela se comprometeu a alugar um espaço onde havia escritórios dos *Boys Scouts*. O primeiro livro dedicado às *Girls Guides* foi escrito por ela. *Girls Guides: The Girl Guide Handbook or How Girl Can Help to Build the Empire*¹⁵. O livro com características de manual foi trabalhado por Agnes e sua cunhada Olave Baden-Powell na criação do método bandeirante.

Olave St. Clair Soames, nasceu no dia 22 de fevereiro de 1889 na Inglaterra, filha de Katherine Hill e Harold Soames. Através da autobiografia de Lady Olave Baden-Powell, *Window on my heart* (Janela do meu coração) publicada no ano de 1977, foi possível ter conhecimento sobre a vida dela, uma das mulheres que estiveram à frente do *Girls Scouts*. Olave começou a contar a história de sua vida através de sua mãe e para isso ela utilizou fragmentos do diário da mãe, Katherine Hill. Ela se sentia diferente da mãe em temperamento e perspectiva. O avô paterno de Olave perdeu todo o dinheiro por volta do ano de 1880, sendo assim, Katherine e suas irmãs necessitaram, segundo Olave, “ganhar a vida” em uma época em que havia poucas oportunidades para as moças e mulheres trabalharem, as possibilidades eram de companheira¹⁶ ou governanta. A mãe de Olave foi governanta por um curto tempo na Suíça e depois tornou-se “companheira” de uma família que caracterizou como “boêmia.” Foi através dessa família que Katherine conheceu Harold Soames, o pai de Olave. Ela descreveu com estranheza como seus pais se casaram:

¹⁴ As informações sobre Agnes Baden-Powell foram encontradas no site da Associação Guias e Escoteiros Católicos do Brasil (AGEBR) (Agnes, c2018-2024).

¹⁵ “O Manual das Girl Guides” ou “Como podem as Meninas Ajudar a Construir o Império” traduzido para o português segundo o livro Chama Acesa – o livro do bandeirante (Federação das Bandeirantes do Brasil, 2008).

¹⁶ Não foi encontrada informação sobre o que era ser companheira em uma família.

Some months later, my mother's employers were leaving to take up residence in Malta. The two younger children were sent to boarding school and my mother was faced with the problem of finding a fresh appointment. Her employers gave a farewell dinner to which Harold Soames was invited and the following morning he proposed marriage. I have often wondered how much my mother actually loved my Father. He adored her but she always seemed to me to make very little effort to share his interests. Perhaps part of the attraction was the security offered by marriage to him¹⁷ (Lady Baden-Powell, 1977, p. 13).

Em relação ao pai, Olave o descreveu como um “personagem complexo”, tendo características boas e ruins, “*On the border-land of genius (was how my mother described him), Cynical – exacting – pessimistic and keenly critical – mitigated by an intellect of singular brilliance*”¹⁸ (Lady Baden-Powell, 1977, p. 13). Além disso, segundo Olave, ele era poeta, possuía conhecimento em arte, literatura, senso de beleza, amor pela natureza e disponibilidade de se doar, fazendo dele um companheiro e pai de charme e originalidade peculiares. Harold Soames era cervejeiro quando conheceu Katherine Hill. Ao finalizar os estudos em Cambridge, o pai dele lhe deu uma cervejaria, chamada na época de *Brampton Brewery Company*. Dedicou-se por dez anos à cervejaria, vendeu-a e não trabalhou mais pelo resto da vida. Algumas formas de utilização do dinheiro foi fazendo jardins e mudando-se para casas diferentes.

Katherine e Harold tiveram três filhos, Edith Auriol em 1885, Arthur Granville em 1886 e Olave St. Clair em 1889. Olave contou na autobiografia que a mãe teve complicações na gestação, apesar de ela ter vivido até uma idade avançada, o seu nascimento foi pouco promissor (Lady Baden-Powell, 1977). Através dos escritos no diário da mãe ela destaca as dificuldades nos primeiros dias de seu nascimento que foram narradas pela mãe e assim ela se intitula como uma sobrevivente. Olave escreveu que foi batizada em uma igreja paroquial em *East Sussex* na Inglaterra. Seu nome “Olave” foi em homenagem ao pai porque se fosse menino, ele escolheria “Olaf” e “St. Clair” em homenagem à sua madrinha Gertrude St. Clair Hill.

Olave e a irmã, Auriol, no período da infância/adolescência, não foram para instituições escolares. Recebiam aulas de maneira particular em casa por governantas, por mais que fosse dessa maneira casual, de acordo com Olave esse tipo de educação fora planejado por seus pais e inclui a descrição sobre educação que a mãe fez ao se referir a ela e a irmã:

¹⁷ “Alguns meses mais tarde, os empregadores da minha mãe partiram para fixar residência em Malta. Os dois filhos mais novos foram mandados para um internato e minha mãe enfrentou o problema de encontrar uma nova consulta. Os seus patrões ofereceram um jantar de despedida para o qual Harold Soames foi convidado e na manhã seguinte ele propôs casamento. Muitas vezes me perguntei o quanto minha mãe realmente amava meu pai. Ele a adorava, mas ela sempre me pareceu fazer muito pouco esforço para compartilhar os interesses dele. Talvez parte da atração fosse a segurança que o casamento lhe oferecia” (Tradução própria).

¹⁸ “Na fronteira do gênio (foi como a minha mãe o descreveu), Cínico – exigente – pessimista e agudamente crítico – mitigado por um intelecto de brilho singular” (Tradução própria).

*... untrammelled by any laid down system of education. Not made to learn - but made to wish to learn in wider spheres of self-taught interests - they await their life-work equipped with à strange mixture of depth and simplicity - of quaint shrewdness and the freshness of earliest childhood...*¹⁹ (Lady Baden-Powell, 1977, p. 20).

Friede Dentzelman foi uma das governantas nomeada para Olave e sua irmã Auriol. Ela era uma mulher alemã, a idade foi descrita como incerta e seu comportamento era severo, além de ser rigorosa em relação à disciplina. A governanta foi uma grande influência para Olave e estava sempre presente com a família, até mesmo em viagens. Em relação à rotina de estudos ministrada por Friede, assim como era característico dela, era uma rotina rigorosa que até se aproximava de uma escola, porém, ela também deu aulas para Olave e a irmã ao ar livre.

*When I say that my education was haphazard, I do not mean that I did not have regular lessons. Indeed, Friede kept us to à strict routine and our 'terms' approximated to school terms. We did an hour's work before breakfast which was at 9 o'clock. Then we always had a walk from 10 o'clock to 11, followed by lessons till o'clock. After lunch, work was resumed from 2 till 4 o'clock. Tea was at 4.30 and dinner at 7.0. That was my day. I had history lessons on Mondays and Thursdays, Geography on Tuesdays and Fridays, sums - 'which I positively loathe' - on Wednesdays and Saturdays. But there was no Science, no Latin, and languages only intermittently. What I did learn was thoroughly taught - but I would be the first to admit that there are large gaps in my knowledge*²⁰ (Lady Baden-Powell, 1977, p. 20-21).

Aos doze anos, a governanta deixou de prestar serviços para a família e a partir disso, Olave escreveu que não teve mais acesso aos estudos, apenas algumas aulas de música, francês ou alemão conforme houvesse necessidade (Lady Baden-Powell, 1977). Em relação ao irmão, não foi mencionado que ele assistia às aulas ministradas pela governanta, mas que ele foi para uma escola interna para rapazes na Inglaterra, evidenciando assim a diferença de educação

¹⁹ "... livre de qualquer sistema educacional estabelecido. Não feitos para aprender - mas feitos para desejar aprender em esferas mais amplas de interesses autodidatas - eles aguardam o trabalho de sua vida equipados com uma estranha mistura de profundidade e simplicidade - de singular astúcia e o frescor da primeira infância..." (Tradução própria).

²⁰ "Quando digo que minha educação foi aleatória, não quero dizer que tenha tido aulas regulares. Na verdade, Friede manteve-nos numa rotina rigorosa e os nossos "termos" aproximaram-se dos da escola. Trabalhamos uma hora antes do café da manhã, que era às 9 horas. Depois sempre fazíamos uma caminhada das 10h às 11h, seguida de aulas até as horas. Após o almoço, o trabalho foi retomado das 14h às 16h. O chá era às 16h30 e o jantar às 19h. Esse foi o meu dia. Tinha aulas de história às segundas e quintas, de geografia às terças e sextas, de contas - 'o que positivamente detesto' - às quartas e sábados. Mas não havia Ciência, nem Latim, e as línguas apenas de forma intermitente. O que aprendi foi ensinado minuciosamente - mas seria o primeiro a admitir que existem grandes lacunas no meu conhecimento" (Tradução própria).

conforme o gênero: “*Arthur, of course, was way at prep. school still and in September of 1899, following his father’s pattern of education, he went to Eton*”²¹ (Lady Baden-Powell, 1977).

Olave teve interesse e se envolveu com o aprendizado de vários esportes:

*I have always enjoyed sport of any kind. I swam and boated, biked and walked, rode and skated. In turn I played tennis, croquet, football, squash and hockey - and this summer of 1906, when my brother Arthur had begun to play polo with his regiment, I even borrowed his sticks and tried polo myself on my ponies, Buster and Mush*²² (Lady Baden-Powell, 1977, p. 49).

No fim do ano de 1906, Olave ansiava por sua *coming out* (saída do armário), entende-se que seria uma forma de nomear o que seria maioridade, que estava marcada para janeiro do ano seguinte. Olave narrou o que ela considerou como o fim de sua infância e a sua “revelação”, a transformação em mulher porque naquele período no contexto em que ela vivia, não existia adolescência (ela estava completando 18 anos).

*Of course, the big thing about “coming out” was the overnight transformation from child to woman. There was no “teenage” in those days. One went into long skirts and one put up one’s hair and from then on one was able to accept invitations*²³ (Lady Baden-Powell, 1977, p. 50)

O momento em que Olave completou 18 anos foi narrado por ela como algo que teve muita importância, porém ela apontou que a mãe não se importou tanto pois segundo Olave, a mãe demonstrava um apreço maior pela irmã Auriol. Ela achava que a mãe dedicou todos os esforços para a irmã e quando chegou em Olave a mãe não teve mais interesse nos mesmos cuidados. Inclusive era algo notado pelos “criados” da família que a chamavam de “pobre senhorita Olave” quando a mãe viajava, levava a irmã e não levava Olave.

A cerimônia que era uma espécie de rito de passagem para a vida adulta foi algo grandioso, foi o momento da “revelação” de Olave e ela narrou com empolgação esse momento. Aconteceu um almoço e um baile em que ela estava de vestido longo e cabelos bem arrumados, além disso, havia cerca de sessenta e cinco convidados no baile. Ela dançou com um amigo

²¹ “Arthur, é claro, estava bem-preparado. ainda estava na escola e em setembro de 1899, seguindo o padrão de educação de seu pai, ele foi para Eton” (Tradução própria).

²² “Sempre gostei de qualquer tipo de esporte. Nadei e andei de barco, andei de bicicleta e caminhei, andei e patinei. Por sua vez, joguei tênis, croquet, futebol, squash e hóquei - e neste verão de 1906, quando meu irmão Arthur começou a jogar pólo com seu regimento, até peguei emprestado seus bastões e experimentei pólo sozinho em meus pôneis, Buster e Mush” (Tradução própria).

²³ “É claro que a grande vantagem de ‘sair do armário’ foi a transformação da noite para o dia de criança em mulher. Não havia ‘adolescente’ naquela época. Vestiam-se saias longas e prendiam-se os cabelos e a partir daí podiam aceitar convites” (Tradução própria).

chamado Arthur H. por quem ela fora apaixonada na época. Apesar de não gostar de sair da cidade de Bradfield, Olave viajou com a mãe para Londres após a cerimônia, onde ficou por dois meses. Teve oportunidade de assistir a concertos, ópera e teatro. Música era algo que Olave se interessava, ela tocava violão além de ter praticado diversos esportes. Porém, apesar de ter acesso aos esportes, se envolver com diferentes atividades e fazer parte de uma família abastada, ela narrou que diante de tudo isso ainda sentia que faltava alguma coisa. Ela não foi aceita na escola de enfermagem porque era muito nova e dessa maneira, desistiu dessa carreira. Ao completar a maioridade, Olave estava se sentindo cansada da vida monótona em sociedade e decidiu se dedicar a ajudar meninos inválidos na cidade de Bournemouth, na Inglaterra, onde cuidava deles.

No ano de 1912 sua vida teve uma mudança significativa. Aos 23 anos ela aceitou acompanhar o pai em uma viagem para as Índias Ocidentais, como era conhecido o continente americano naquela época para os europeus. No mesmo navio que viajou com o pai estava Robert Smith Baden-Powell. Conforme já mencionado, neste período ele já possuía o título de Lord, além de ter grande popularidade e reconhecimento em diversos países do mundo. O namoro iniciou naquele momento, Baden-Powell tinha 55 anos e Olave, 23 anos. Uma informação curiosa em relação à idade de Baden-Powell é que os homens da família dele costumavam casar tardiamente; “uma das características da família Baden-Powell era a de se casar na maturidade” (Nascimento, 2008, p. 42).

Olave e Baden-Powell se conheceram em um navio em uma viagem de ambos. Ela narra detalhes desse encontro e a surpresa diante das proximidades que existiu apesar da diferença de idade entre eles. Baden-Powell tinha a idade do pai de Olave. É demonstrada surpresa em relação ao que o criador do escotismo viu nela, como se ela apresentasse uma baixa autoestima. Os dois se relacionaram de maneira escondida no tempo em que estiveram no navio. Um fato de destaque foi quando Baden-Powell entregou a ela um distintivo de agradecimento em forma de suástica, ela explica que naquele período o símbolo era usado no Escotismo e foi abandonado pelo movimento quando foi adotado pelo nazismo anos à frente.

He gave me a Scout 'Thanks Badge' in the form of a swastika with the Scout fleur-de-lys superimposed. The right-handed broken cross or swastika (so-called from the Sanskrit word for 'well-being') was an ancient sign of good fortune that had appeared in many civilisations even as far back as the Bronze Age. Later, when the Nazis adopted the left-handed broken cross as their symbol and it became synonymous with evil and oppression, the Scout Movement abandoned the use of the swastika as a Thanks Badge, but in 1912 it was still a symbol of good. I was touched that he should

*give me this token of thanks and I wore it on a fine gold chain around my neck - but underneath my dress!*²⁴ (Lady Baden-Powell, 1977, p. 80).

Logo após se conhecerem, Olave e Baden-Powell se casaram e de acordo com a Federação de Bandeirantes do Brasil (2008), entre os cuidados da casa, educação dos três filhos e cuidados com o esposo, Olave assumiu o trabalho de secretária de Baden-Powell e assim foi se aproximando e atuando cada vez mais no *Boys Scouts* e *Girls Guides*. Ela foi a responsável por manter o contato com pessoas de diferentes locais do mundo que trocavam correspondências com seu esposo.

Conforme sua atuação no movimento das *Girls Guides* foi se consolidando, ela foi ganhando mais reconhecimento. Dessa maneira, no ano de 1916 ela foi nomeada como Comissária Chefe. Porém, nesse período estava acontecendo a Primeira Guerra Mundial e por isso a Inglaterra estava passando por um momento difícil que impossibilitava a realização de muitas atividades do movimento. As *Girls Guides*, nos poucos grupos ativos que havia, se dedicavam aos serviços de primeiros socorros e emergências. Segundo a Federação de Bandeirantes do Brasil (2008, p. 53),

à frente do Movimento, Olave orientou o trabalho das *Girls Guides* durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O Movimento teve importante tarefa, principalmente junto aos doentes, feridos e refugiados. A Associação *Girl Guides* trabalhou também nos serviços de telégrafo, correio, na distribuição de alimentos e creches.

É possível observar nesse trecho a diferença de “estar na guerra” entre os *Boys Scout* e as *Girls Guides*. Os escoteiros do movimento inglês se alistaram e os próprios aprendizados aprendidos com Baden-Powell serviram na guerra. Por outro lado, as mulheres que estavam no recente movimento feminino se disponibilizaram para trabalharem na guerra mediante o serviço, ajudando e dando assistência aos doentes, feridos e refugiados.

Compreendendo os costumes e cultura do período analisado, cabe destacar que o período vitoriano, apesar de ter terminado com o reinado da Rainha Vitória, deixou marcas na sociedade. Em relação ao feminino, o “ser mulher”, o que era ou não permitido para mulheres e os comportamentos, no início do século XX, ainda era atrelado aos valores vitorianos. Pode ser refletido quais eram esses valores e como refletiam na figura de Olave Baden-Powell como

²⁴ “Ele me deu um ‘Distintivo de Agradecimento’ do Escoteiro na forma de uma suástica com a flor de lis do Escoteiro sobreposta. A cruz quebrada para a direita ou suástica (assim chamada a partir da palavra sânscrita para “bem-estar”) era um antigo sinal de boa sorte que apareceu em muitas civilizações já na Idade do Bronze. Mais tarde, quando os nazistas adotaram a cruz quebrada para canhotos como símbolo e ela se tornou sinônimo de mal e opressão, o Movimento Escoteiro abandonou o uso da suástica como distintivo de agradecimento, mas em 1912 ainda era um símbolo do bem. Fiquei emocionada por ele me dar esse sinal de agradecimento e usei-o em uma fina corrente de ouro em volta do pescoço - mas por baixo do vestido!” (Tradução própria).

chefe de um movimento de mulheres. Sendo um período de contradições, a era vitoriana caracterizou-se pelos avanços tecnológicos e industriais, porém teve o acirramento de desigualdades sociais, violências e doenças, como já mencionado.

Os valores relacionados às mulheres no período vitoriano estavam ligados ao controle dos corpos, papéis sexuais definidos ao que era esperado para homens e para mulheres, além do espaço do lar ser aquele em que a mulher era responsável por cuidar. A era vitoriana, segundo Santana e Senko (2016, p. 191)

Foi também um período quando se exerceu um forte controle sobre o comportamento sexual de homens e mulheres. Mais especialmente sobre as mulheres. Apesar de a monarca representar a ideia de uma mulher chefe de Estado, os papéis sexuais eram rigidamente definidos. A mulher deveria reinar no lar e nele somente. A própria Vitória, triste contradição, era uma feroz defensora da submissão feminina e dos limites a serem impostos à atuação das mulheres na sociedade. O período posterior à Revolução Francesa marcou uma época de crescente confinamento das mulheres ao reduto doméstico, que iria se prolongar por todo o século XIX. Ela se torna o símbolo da fragilidade que deveria ser protegido do mundo exterior, público.

A mulher do lar simbolizava uma mulher frágil, cuidadora e que estava mais próxima da vida privada do que da vida pública. Pensar na figura de Olave Baden-Powell é em certo ponto identificar que em relação aos cuidados, ela poderia corresponder a esses valores da época, porém, ela não estava apenas no espaço do lar. Ela foi uma das mulheres responsáveis pelo movimento feminino *Girls Guides* e isso fazia com que ela estivesse em outros locais, ainda que estivesse acompanhada do esposo. Em relação à presença feminina no movimento inglês, é importante relembrar que Mrs. Van Realte, já mencionada neste capítulo, foi a mulher responsável por ceder a ilha à Baden-Powell para que o primeiro acampamento experimental acontecesse em Brownsea. Nas fontes consultadas não há informações sobre quem foi essa mulher. Diante do período pesquisado, é discutível o fato de uma mulher ter cedido um território e ela ter tido tão pouco protagonismo na origem do *Boys Scouts*. Pensar que devido a essa disponibilidade de uma ilha para o acampamento ter sido por uma mulher é identificar a importância de uma figura feminina na origem de um movimento que, inicialmente, era direcionado apenas para jovens do sexo masculino.

Retomando à trajetória de Olave no *Girls Guides*, após se casar, ela recebeu o título de Lady e foi mantendo contato com os grupos ativos na Inglaterra naquele período de guerra. Em 1918, foi nomeada Chefe no movimento e recebeu o “*Gold Fish*”, a mais alta condecoração do movimento inglês. Conforme foi acontecendo a expansão, houve a necessidade de criar um Comitê para que a comunicação entre os países fosse efetiva e possível para manter trocas permanentes. Lady Olave Baden-Powell aceitou ser a primeira presidente desse Comitê e em

pouco tempo houve a necessidade de formação de outro Comitê para se encarregar de grupos de meninas e jovens em que os pais residiam em outros continentes. Sendo assim, a partir da criação desses órgãos foram criados os *Girl Guides World Bureau*²⁵ e a *WAGGGS*.

Havia uma proximidade entre os movimentos ingleses, *Boys Scouts* e *Girls Guides*, à medida que Robert Baden-Powell foi ficando com sua saúde mais fragilizada, Olave Baden-Powell foi se responsabilizando por ambos os movimentos. E assim como o movimento masculino recebeu auxílio do império britânico, o movimento feminino também recebeu.

No ano de 1924, ocorreu o Primeiro Acampamento Mundial de Girl Guides, em Foxlease, Inglaterra. **A Associação havia comprado um grande terreno em 1922, com patrocínio da então princesa Mary, mãe da futura rainha Elizabeth II.** Foxlease foi aberto como Centro de Treinamento da Girl Guides, e ali ocorreria a III Conferência Internacional e o I Acampamento Mundial de Treinadoras Bandeirantes. No ano de 1927 houve um Jamboree²⁶ na Suécia, e B-P já estava adoentado, mas tendo melhorado, compareceu às atividades, “*ultrapassando seus obstáculos pessoais, como exemplo aos dois Movimentos*” (Rodrigues, 2016, p. 20, grifo próprio).

No ano de 1937, a saúde do esposo de Olave, Lord Baden-Powell, começou a enfraquecer ainda mais. Dessa forma, eles decidiram se mudar para o Quênia, local onde eles já haviam vivido e onde Baden-Powell já havia cumprido carreira militar. Nos anos em que lá estiveram, receberam visitas de familiares e amigos, Olave se dedicou as recepções e aos cuidados com o esposo. Em 8 de janeiro de 1941, Robert Smith Baden-Powell faleceu e foi enterrado naquele mesmo local onde eles estavam vivendo. Lady Olave Baden-Powell passou por um período difícil não tendo mais a companhia do esposo, porém, ficou responsável pelas correspondências com outros países, além de organizar o legado deixado pelo marido. No ano de 1942, ela decidiu voltar para Londres e retomar as responsabilidades com o movimento *Girls Guides* e passou a colaborar com o *Boys Scouts*. Nesse período, a Inglaterra passava por mais uma guerra, a Segunda Guerra Mundial e mais uma vez, as mulheres do movimento inglês trabalharam servindo e atendendo pessoas diante do contexto de guerra.

Ao fim da guerra no ano de 1945, Lady Olave Baden-Powell decidiu visitar todos os países que sofreram com os danos e consequências da guerra. Esse momento em que ela viajou por diversos locais, foi possível para ela ver a criação dos Centros Mundiais: *Our Chalet*, na Suíça, *Nuestra Cabaña*, no México, *Sangam*, na Índia e a casa que levou seu nome, *Olave House*, sediada em Londres. O Centro Mundial com o nome de Olave, foi o segundo centro do Reino Unido. O primeiro chamado de *Our Ark* foi criado oficialmente no ano de 1939 e

²⁵ Traduzido para o português “Sede Mundial”.

²⁶ Jamboree são acampamentos nacionais e internacionais de *scouts/escoteiros* e *guides/bandeirantes*.

funcionou durante a Segunda Guerra Mundial, recebendo *guides* (guias) e *scouts* (escoteiros). Em 1963, foi renomeado para homenagear Olave. No ano de 1988 foi fundado um novo Centro e nomeado de “*Pax Lodge*” como forma de homenagem à Família Baden-Powell. “*Pax*” em latim significa paz e esteve presente no nome das casas que a família teve na Inglaterra e no Quênia. Além disso, foi uma forma de destacar a importância da união entre as *Girl Guiding* (Bandeirantes) e as *Girl Scouting* (Escoteiras).

Olave visitou mais de cem países entre os anos de 1947 e 1970, assim assistiu à muitas conferências mundiais. Em seus últimos dias de vida, estava na cidade de Londres, onde recebeu muitas visitas, não apenas de participantes dos movimentos *Girls Guides* e *Boys Scouts*, mas de representantes de governos e organizações mundiais. Devido à sua saúde debilitada, ela não conseguiu comparecer à Conferência Mundial que ocorreu em Londres no ano de 1975. Porém, ela gravou uma mensagem em uma fita transmitida na abertura da Conferência para todas as mulheres representantes de seus países que participaram do evento. Ela faleceu em 25 de junho de 1977.²⁷

Em relação ao Brasil, entre as suas visitas pelos países, no ano de 1959 ela veio em solo brasileiro, quarenta anos após à criação do Movimento Bandeirante originado pelo *Girls Guides* da Inglaterra. Dessa maneira, é importante destacar que foi por Lady Olave Baden-Powell que surgiu o movimento brasileiro, o seu contato com mulheres de outros países e desejo de ampliação mundial do movimento inglês proporcionou a chegada ao Brasil. Diante do que foi apresentado sobre os movimentos ingleses, na próxima seção será apresentado o movimento brasileiro, o Movimento Bandeirante.

1.2 De *Girls Guides* ao Bandeirantismo: fundação e estabelecimento na cidade do Rio de Janeiro

Ao ler o nome Bandeirantes, é provável que você associe ao nome dos bandeirantes paulistas. Quando iniciei a pesquisa sobre a temática, no ano de 2016, tive dificuldade para localizar informações sobre o movimento de mulheres escoteiras e localizava muitas informações sobre os bandeirantes paulistas e Movimento Escoteiro. Porém, no decorrer da pesquisa e no amadurecimento como pesquisadora, aprendi a filtrar a busca, sendo mais

²⁷ As informações relacionadas à vida de Olave e detalhes sobre os Centros Mundiais podem ser encontradas em: World, @2021.

específica para localizar o que eu precisava, além de mais trabalhos acadêmicos terem sido escritos desde aquele período inicial.

O Movimento Bandeirante no Brasil, foi fundado em 13 de agosto de 1919. Olave Baden-Powell, uma das mulheres que estavam à frente do movimento inglês, *Girls Guides*, foi responsável pela carta que chegou ao Brasil e originou o movimento brasileiro. No ano de 1919, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, por meio de um amigo que viajava de Londres para o Rio de Janeiro, o Sr. Willian Barclay, Olave Baden-Powell enviou uma carta para o Brasil aos cuidados de May e Alexander Mackenzie propondo a fundação do movimento *Girls Guides* no Brasil (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008).

Sendo assim, uma cerimônia foi realizada na casa de May Mackenzie, em Copacabana, bairro da cidade do Rio de Janeiro. Nesta cerimônia foi realizada a Promessa com as 11 primeiras brasileiras Bandeirantes: Clara Santos, Gasparina Santos, Ivonne Masset, Zaíra Lisboa, Solange Ramos, Kate Bulhões de Carvalho, Phyllis Saville, Heloisa Graça Couto, Maria Elisa Silva Costa, Rosita Sampaio Bahiana e Edel Ramos (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008). As pessoas mencionadas faziam parte de famílias abastadas, assim eram pertencentes da elite da sociedade carioca na época conforme as fontes de pesquisa. A Sra. Adéle Lynch no dia 30 de maio de 1919 promoveu uma reunião em sua casa com a presença da Sra. May Mackenzie, que já havia participado do movimento inglês e Jerônima Mesquita, que conheceu o movimento escoteiro na Europa e trabalhou como enfermeira na Primeira Guerra Mundial. Além de contemplar também a presença nessa reunião de autoridades e demais senhoras interessadas no movimento. Após esse primeiro momento de organização do movimento brasileiro, foi criado o I Conselho Diretor da Associação *Girls Guides* do Brasil.

A bandeirante chefe desse primeiro grupo foi Jerônima Mesquita e através dela foi solicitado ao professor Jonathas Serrano um nome brasileiro para o movimento que será explicado de maneira mais aprofundada na próxima seção deste trabalho. O primeiro nome do movimento brasileiro foi Associação *Girls Guides* do Brasil, o segundo foi Federação Brasileira da *Girl Guide* (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008) e por fim, após a escolha pelo professor Jonathas Serrano, o nome Federação das Bandeirantes do Brasil.

Entre as 11 primeiras bandeirantes, Rosita Sampaio Bahiana foi uma das mulheres que se destacou e por meio de relatos dela que estão registrados no capítulo 2 de Rodrigues (2016), *Movimento Bandeirante no Brasil - uma luta social de gênero*, é possível compreender como o Movimento Bandeirante foi sendo construído e organizado em seus primeiros anos. A autora do livro obteve essas informações de uma entrevista de Rosita Sampaio por meio de pesquisa

na Biblioteca Aracy Muniz Freire na Federação de Bandeirantes do Brasil na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Rodrigues (2016), Rosita chegou ao Brasil após a fundação do Movimento Bandeirante, nascida em Paris no ano de 1901, era filha de diplomatas brasileiros. Conforme as leis do Brasil, ela era considerada brasileira e tinha muito orgulho de sua nacionalidade. A bandeirante casou-se no ano de 1923. Ela teve importantes participações no movimento, além de ter sido uma das primeiras chefes, participou do Comitê do Hemisfério Ocidental, Mundial e foi membro da Equipe Internacional da Federação de Bandeirantes do Brasil e da Conferência Internacional Católica de Guaidismo e membro honorário do colegiado nacional (Rodrigues, 2016).

Assim como outras mulheres que fizeram parte do primeiro grupo de Bandeirantes, Rosita também transitava entre a Europa e o Brasil. Dessa forma, fica evidente como os costumes e ideias europeias eram importadas por essas mulheres que pertenciam à elite brasileira. Rosita em sua entrevista compartilhou muitas informações relacionadas ao Movimento Bandeirante naqueles primeiros anos de existência. Conforme mencionado, ela destaca a data de fundação do Movimento Bandeirante que foi no dia 30 de maio de 1919 em uma reunião em que teve a nomeação do Primeiro Conselho e registro em ata, de maneira inicial, o movimento se chamou Associação *Girl Guides of Brasil*. Em 11 de julho daquele ano, Rosita contou que foi com sua mãe se inscrever na Companhia I Rio de Janeiro, essa que foi a primeira companhia de Cadetes que seriam as futuras chefes.

Três pessoas foram importantes nesse início do Movimento Bandeirante para que as mulheres do primeiro grupo tivessem uma formação para serem bandeirantes: Murray MacCrimmon, instrutor, Mrs. Smith, enfermeira e Miss Violet Atkinson Grimshaw. De acordo com Rosita, havia reuniões todas as quartas e sextas-feiras e sobre o seu primeiro dia de participação ela narrou:

Naquele primeiro dia, fizemos exercício para combater incêndios. ‘the fire drill.’ Tínhamos um instrutor canadense, o sobrinho de May Mackenzie e ex-integrante das forças britânicas Murray MacCrimmon e uma enfermeira Mrs. Smith que nos davam aulas de primeiros socorros e higiene infantil. Lembro-me de Murray como um rapaz muito tímido e que levava a sério a incumbência de ensinar ‘aquelas mocinhas’ a marchar e fazer os exercícios descritos no livro de B-P (Rodrigues, 2016, p. 43).

Pode ser observado diante do trecho em que Rosita menciona quem eram as pessoas que estavam responsáveis por formar ela e as outras bandeirantes, é o direcionamento para o cuidado, aspectos não identificados na formação dos rapazes que participavam do Movimento

Escoteiro. As diferenças de gênero ficam em destaque. Outro ponto relevante é o fato de um homem ter instruído o grupo de mulheres, demonstrando assim que apesar do grupo ser só de mulheres, havia a presença masculina. Em relação à Promessa Bandeirante, Rosita escreveu:

Depois escrevi no meu diário sobre a Promessa. Foi em Copacabana na praia, mais para o Leme, na casa de May e no dia 13 de agosto. Chegamos antes e fizemos um ensaio dos exercícios de incêndio, combinando todo o programa da Promessa. Às 16 horas chegaram os convidados e eram muitos... Do porão onde estávamos, víamos ‘milhares de pés’ descendo as escadas de Mackenzie, Murray MacCrimmon como nosso instrutor deu as primeiras Ordens! Estava bem nervosa, mas começada a cerimônia o susto passou... (Rodrigues, 2016, p. 44).

A Promessa, conforme é possível observar através do relato de Rosita, era uma cerimônia em que, além das bandeirantes, havia convidados e participação indispensável das chefes. Rosita mencionou as duas primeiras chefes de Patrulha: Clara Santos e Edél Ramos. A partir da Promessa, na semana seguinte foi dada continuidade à formação das bandeirantes com à enfermeira Mrs. Smith, mais 12 moças se inscreveram e assim surgiu o 1º grupo de novas bandeirantes. Ao narrar esse momento, Rosita destaca a participação de uma amiga sua: “Na semana seguinte mais doze moças se inscreveram como 1º Grupo de novas bandeirantes, incluindo minha amiga **Eulina Pimenta de Macedo, a primeira Bandeirante de cor negra (dita ‘moreninha’)** (Rodrigues, 2016, p. 45, grifo próprio).

É importante destacar que este foi o primeiro trecho mencionando a participação de uma mulher negra no Movimento Bandeirante identificado na pesquisa. Além disso, ao mencionar “moreninha” é utilizado, mesmo que de maneira não intencional, o eufemismo para não dar ênfase ao fato de que Eulina Pimenta Macedo era uma mulher negra. Por que não foi mencionado que ela era uma mulher negra? Qual foi a intencionalidade do uso do termo “moreninha”? É importante refletir a partir do uso do termo a ausência de comentários por parte da autora sobre a participação da primeira mulher negra do Bandeirantismo.

Neste período as ideias eugenistas estavam em voga no mundo, conforme mencionado na seção anterior, o que pode de alguma maneira ter influenciado o Movimento Bandeirante, assim como esteve presente nos objetivos do Movimento Escoteiro. A defesa de ideias eugenistas no Brasil estavam relacionadas à modernização daquela sociedade em constante transformação entre as décadas de 1920 e 1930, em que a importação do que era europeu foi algo evidente na cidade.

Tudo no Brasil sempre foi muito atrasado. Imagine-se que, em 1920, propunham que as moças deveriam “respeitar os cuidados com as misturas de raças” e “a eugenia de parentesco entre tios e primos”, além de outras dificuldades que eram interpostas ao

casamento sem dados médicos mais estudados, e de muitas crendices. Já havia Bandeirantes de outras etnias vistas pelos retratos em 1922, e onde se vê a Promessa de umas três ou quatro negras. Será que a identidade social do Bandeirantismo, sem credos, etnias e raças, não pressupôs simultaneamente uma transformação mais profunda naquela sociedade brasileira? Crê-se que sim ao falar de uma identidade social como um todo crítico ou uma categoria nova para o gênero (Rodrigues, 2016, p. 69).

Atrelado ao eugenismo, podemos refletir sobre o mito da democracia racial como um fator complementar para a época em relação às questões ligadas à raça. A ex-integrante do movimento e autora do livro, que é uma das fontes privilegiadas neste trabalho, escreveu sobre uma identidade social do Bandeirantismo. Em relação a essa identidade social bandeirante, será aprofundado no próximo capítulo. Não foi possível identificar em pesquisa se houve uma preocupação efetiva entre todo o grupo e seus subgrupos em relação à inclusão social, conforme a autora pontua. Apesar de ela reconhecer o erro “ideopolítico” do Bandeirantismo, não é apresentada uma contraposição diante do que é narrado. Ela menciona o erro do movimento ter criado companhias separadas para meninas e jovens de núcleos pobres e de outras religiões. Como era possível considerar uma identidade/inclusão social se o movimento segregou meninas e moças de acordo com sua raça e religião?

Por meio de Rodrigues (2016), que narra em sua obra de maneira aprofundada a história do Movimento Bandeirante, é possível associar como as disputas de narrativas e ideias refletiam no movimento diante da ebulição de informações e transformações sociais na virada do século XIX para o século XX. Havia crenças que reforçavam diferenças sociais, com destaque para o racismo, antissemitismo e a possibilidade de alguma anomalia relacionada ao casamento entre primos, tais crenças eram reforçadas pela ciência médica (Rodrigues, p. 69).

A autora compartilha sua opinião, demonstrando tristeza pelos acontecimentos no Movimento Bandeirante, apontando discriminações que ocorreram.

Diziam que as primeiras precisavam ‘era de educação de base!’ Foram as chamadas Cias. ‘Joaninhas’, ‘Margaridas’ e ‘Estrelinhas’ As outras separadas eram Cias. Israelitas, até os anos 1950 e 1960! E o pior que as Cias. Bandeirantes ‘mais riquinhas’, iam prestar ali o seu ‘Servir’, como uma ‘caridade’ misturada ao desconhecimento de uma ‘Boa Ação’ (B.A), ou não era... Também aconteceu, antes da II Grande Guerra, que não sabiam o que fazer com as Cias. de meninas estrangeiras. **Foram muitos os momentos tristes. E só sanados, para o bem de todos, após a II Grande Guerra. Por servir que fosse, não deixaram de ser discriminações** (Rodrigues, 2016, p. 70, grifo próprio).

Houve diversas influências na criação do Movimento Bandeirante diante de tantas transformações na virada do século XIX para o século XX. O Movimento Bandeirante foi criado na cidade do Rio de Janeiro diante da influência e contato que mulheres que estiveram à

frente na origem tinham com mulheres do movimento inglês. O contato com Olave Baden-Powell ocorreu por esse motivo, assim como as experiências de troca entre os movimentos a partir das viagens de Adely Linch e Jerônima Mesquita, por exemplo. Curiosamente, Jerônima auxiliou na criação do movimento escoteiro na cidade de São Paulo. Deixando assim, perceptível a influência dessa mulher em diferentes frentes e grupo naquela época.

O principal ponto de destaque e diferença entre o Movimento Bandeirante e o *Girls Guides* é que em relação à religião, o movimento inglês seguia o anglicanismo. Aqui no Brasil o Movimento Bandeirante incorporou o catolicismo, uma das religiões de maior influência no país naquele período. De acordo com Rodrigues (2016), foi feito um pedido que fosse enviada uma treinadora católica para que o movimento fosse aceito em um país extremamente católico como era o Brasil. Dessa forma, uma das apropriações do movimento brasileiro em relação ao movimento inglês se deu pelo viés religioso.

Segundo a obra de Lúcia Rodrigues, o Movimento Bandeirante sofreu pressões para se estabelecer no Brasil de duas maneiras: através da imprensa e do catolicismo. Além disso, houve desconfiança dos pais para autorizarem suas filhas a participarem do movimento. Nos primeiros anos de existência do Movimento Bandeirante muitas dificuldades ocorreram para que o movimento conseguisse se estabelecer no Brasil. Dessa maneira, foi necessário abrir espaço para que a religião católica ficasse mais presente, assim justifica-se a participação de padres apoiadores como uma forma de fortalecimento do movimento.

Houve uma mistura entre o Bandeirantismo e o Escotismo. Os dois grupos dividiram espaços na Igreja Sagrado Coração de Jesus, além do Padre Leovigildo Franca ter sido um escoteiro que conheceu Baden-Powell e em um trecho de reportagem no livro de Lúcia Rodrigues, Jerônima Mesquita foi mencionada, porém, como se fosse participante do Escotismo. Na década de 1930, em Vitória, no Espírito Santo, por exemplo, existiram Companhias de Bandeirantes que se juntaram aos Escoteiros. Porém, no Rio de Janeiro havia incômodos em relação à possibilidade de acontecer a junção entre Bandeirantismo e Escotismo.

Além dos cruzamentos entre os dois movimentos, como o Bandeirantismo surgiu do Escotismo, certamente há muitas proximidades entre ambos. Durante muitos anos houve a diferença em relação à participação pelo gênero de seus integrantes. Porém, no decorrer dos anos, tanto um movimento quanto o outro passou a receber meninos e meninas. Em relação às meninas bandeirantes, ainda na época que o Bandeirantismo era direcionado exclusivamente para o público feminino, havia uma expectativa de comportamento para elas. De acordo com trecho da coluna do Jornal Correio da Manhã de abril de 1957, escrito pela bandeirante Elza Bebiano: “Escotismo e Bandeirantismo têm base idêntica no que se refere à formação da

adolescência e o método empregado é o mesmo. Diferem, apenas, nos meios utilizados para o desenvolvimento das aptidões próprias de cada sexo” (Correio da Manhã, 1957, p. 51).

Ao mencionar as aptidões próprias de cada sexo, questiono o que seriam as aptidões próprias de cada sexo? A diferenciação a partir do gênero deixa em evidência um caráter sexista que era construído socialmente no período estudado. Havia uma expectativa de correspondência feminina a comportamentos e ações que eram esperados pela sociedade. Afazeres domésticos, assistencialismo e ensino eram comuns serem designados para mulheres e essa educação feminina era aprendida desde criança. Seriam essas as aptidões próprias do sexo feminino? A educação não formal do Movimento Bandeirante iniciava com as meninas que ingressavam e o objetivo era que elas seguissem se desenvolvendo no movimento conforme o seu crescimento etário e assim ocupando outros grupos e funções.

De acordo com Nascimento (2008, p. 243), “em dezembro de 1914, a ABE (Associação Brasileira de Escoteiros) implantou o escotismo para mulheres em São Paulo, criando um Departamento Feminino”. Em 1915 esse grupo fundou a Associação Brasileira de Escoteiras (ABE). As escoteiras trocavam correspondências com a *Girl Guide Association* de Londres que era liderada por Olave Baden-Powell. Dessa forma, a líder inglesa compartilhou publicações técnicas com as escoteiras brasileiras (Nascimento, 2008). Porém, apesar da comunicação de Olave com as escoteiras, a fundação do Movimento Bandeirante ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. A sede regional de São Paulo foi criada efetivamente só no ano de 1942.

Havia divergências entre escoteiras e bandeirantes. Nascimento (2008) abordou essas divergências com destaque para o posicionamento contrário da Organização Paulista de Escoteiras (OPE) que foi criada após a ABE em relação ao Bandeirantismo:

Logo depois, foi criada a Organização Paulista das Escoteiras - OPE, que disputou o controle do movimento em São Paulo com a Federação Paulista das Bandeirantes, que representava a Federação das Bandeirantes do Brasil - FBB no Estado. As dirigentes da OPE consideravam os uniformes adotados pelas bandeirantes inadequados para atividade no campo e muito caros. A FBB era frequentada, predominantemente, por meninas e moças mais abastadas economicamente, enquanto as escoteiras e os escoteiros, geralmente, eram pessoas de menor poder aquisitivo. Dentre as muitas divergências entre os dois agrupamentos se colocava também o fato de que a OPE considerava indispensável manter a denominação que adotara originalmente: escoteiras, que se estabelecera desde 1917, quando foram iniciadas as atividades do escotismo feminino no Brasil (Nascimento, 2008, p. 244).

E para além do gênero, foi possível observar a discordância da OPE em relação ao ingresso de meninas de qualquer condição financeira. Ademais, na OPE havia posicionamento contrário no que se referia a religião católica ser quase obrigatória e a não aceitação de junção dos movimentos por ambos. De maneira breve, foi possível observar que a região de São Paulo não foi tão receptiva para a criação de companhias bandeirantes nesse período entre as décadas

de 1920 e 1930. Na cidade do Rio de Janeiro, a presença de personalidades femininas ligadas ao *Girls Guides* na Inglaterra foram fundamentais para o Movimento Bandeirante ter sido fundado.

A imprensa periódica da época descrevia o Bandeirantismo como similar ao movimento inglês, *Girls Guides*, mas destacava as características brasileiras. Porém, havia críticas em relação ao gênero. O período de governo do prefeito Arthur Bernardes na cidade do Rio de Janeiro, foi um dos momentos mais difíceis para as Bandeirantes por conta da falta de apoio do prefeito. Após os anos iniciais, houve esse período de dificuldade e Maria de Lourdes Lima da Rocha, conhecida como Chefe Lourdes, foi uma figura importante para contrariar essa onda de dificuldades. Ela deu um novo gás para o movimento, resgatando-o, consolidando-o e impulsionando a expansão dele. Não foi possível afirmar se chefe Lourdes estava em acordo ou não com ideias feministas da época.

Chefe Lourdes ao integrar-se ao Bandeirantismo em 1921, dedicou grande parte de sua vida ao estudo das questões de gênero e da ética. Tinha bom conhecimento dos movimentos feministas na Europa e da situação política no Brasil. Era uma educadora consciente (Rodrigues, 2016, p.114).

Outra apropriação do movimento brasileiro foi o uniforme porque “os uniformes tinham suas diferenças, dependendo dos costumes e usos de cada país. Acompanhavam o tempo frio ou do calor, e suas exigências culturais” Rodrigues, 2016, p. 31). Diante do clima no Brasil, mais quente em comparação com a Inglaterra, os modelos de uniforme foram sendo adaptados no decorrer do tempo.

Os primeiros uniformes Bandeirantes brasileiros foram cópias do modelo inglês. Mas era brim branco devido ao calor do país. Ofereciam mais liberdade de movimentação ao corpo que o inglês. Entretanto usavam a saia muito larga e sobre combinações ou anáguas grossas ou calções largos e frouxos para quando aquelas saias levantassem! E a saia ia até “as canelas”! Para esconder as pernas, usavam meias compridas com sapatos brancos. Só Fadinhas tinham uniformes curtos ou nos joelhos. Para Chefes o primeiro uniforme copiava o azul marinho inglês em gabardine de lã, saias compridas na altura das canelas e casacos cintados com “modeladores” da época. As blusas eram brancas e o paletó azul fechado, luvas e chapéu em feltro ou couro escuro. De 1920 a 1922, as saias de Chefes eram em maior comprimento e o pano marinho de lã por demais calorento (Rodrigues, 2016, p. 59).

A participação do público masculino de maneira oficial no movimento também foi uma apropriação, sendo consolidada anos a frente com a coedução. Apesar de ser direcionado para mulheres em sua fundação, houve presença de diversos homens, inclusive o primeiro instrutor. Essa participação masculina no Bandeirantismo será abordada no próximo capítulo.

Os desafios na década de 1920 foram sendo superados de acordo com influências de figuras públicas e políticas que defenderam o Bandeirantismo. Chefe Lourdes foi uma figura importante no renascimento do movimento e foi a responsável pela criação do impresso *Bandeirante*, que faz todo sentido de ter sido criado naquela época em que o movimento precisava de aceitação da sociedade. Estratégias foram criadas para que não houvesse mais reprovação do movimento na sociedade, uma delas foi a existência de madrinhas e padrinhos visando atrair simpatia pelo movimento.

Naquela época, havia um Grupo de Madrinhas e Padrinhos com o fim de atrair a simpatia do público pelo MB e prestar-lhe o apoio necessário. Deveriam assistir às reuniões, cujos programas eram antes divulgados. Insistiam na conveniente vinda para que o público não condenasse o MB, antes de saber o motivo, daí os Programas. Havia palestras para as Madrinhas e os Padrinhos (Rodrigues, 2016, p. 124).

Uma das atividades do Bandeirantismo no fim da década de 1920 era a Competição de Companhias, sendo assim, foi criado um distintivo para essa competição. Além dessa criação, também foram criadas regras para a entrada de meninas com menos de 13 anos no movimento. O ponto problemático fora essas regras, a autora Lúcia Rodrigues mencionou o problema, porém, justificou o possível motivo para que essas regras fossem criadas.

Criaram um Escudeto (escudo, distintivo) para as Competições de Cias. e com regras para a admissão de meninas com menos de 13 anos (as depois chamadas B1). Tinham que saber ler, escrever e pertencer à religião católica! Sabiam Chefe Lourdes e Jeronyma “*que era um erro aquela última regra frente ao disposto por B-P*”! No entanto, por causa das condições da sociedade tumultuada por politicagens e para sobrevivência da Associação, não quiseram entrar em polêmicas, enquanto não estivessem bem fortalecidas, conforme suas cartas (op. cit. 14). A situação política era tão ruim, que as Competições para quaisquer meninas, podiam não ser entendidas. Imaginam-se as excursões e os acampamentos... Tiveram um medo muito claro! (Rodrigues, 2016, p. 124).

A apropriação brasileira do movimento inglês se deu em alguns aspectos conforme explicados, porém a religiosidade relacionada ao catolicismo foi a apropriação com mais destaque diante do quanto a religião esteve presente no movimento causando até mesmo discussões teóricas para definir se o movimento foi ou não religioso. Dessa maneira, fica evidente que houve um processo de negociação para que o movimento pudesse ser aceito e desenvolvido no país. Além disso, foi possível observar que o Movimento Bandeirante não teve apenas representações e participações de mulheres. Desde a sua fundação, participações masculinas foram se destacando. Além de religiosos, o historiador Jonathas Serrano teve grande importância para o Bandeirantismo.

1.3 Jonathas Serrano, um professor católico e a escolha do nome: por que Movimento Bandeirante?

Jonathas Arcanjo da Silveira Serrano, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 8 de maio de 1885. Seus pais eram Ignez da Silveira Serrano e Frederico Guilherme de Souza Serrano, este era capitão-de-mar-e-guerra e senador da República pelo Estado de Pernambuco. Ele ficou órfão do pai aos sete anos e foi criado por sua mãe e sua avó materna, Ignez Martins da Silveira (Dibrarq, [1967]). Sobre a mãe e avó de Jônatas, não foi possível localizar mais informações além de seus nomes. Assim como Robert Baden-Powell, o historiador católico também foi criado por uma mulher, em seu caso, duas mulheres. Dessa maneira, é importante refletir sobre a importância e influência dessas mulheres na vida dele que não foram destacadas nas bibliografias pesquisadas sobre Jonathas. Ele casou com Maria Celeste Duprat, filha do segundo Visconde de Duprat. Jonathas e Maria Celeste tiveram quatro filhos: Luiz Duprat Serrano, Celeste Duprat Serrano, Paulo Duprat Serrano e Flávio Duprat Serrano.

Jonathas foi importante para o ensino da disciplina de história, tendo diversas obras de referência. O seu interesse por conhecimento histórico aconteceu a partir do seio familiar. Ele foi sobrinho neto de Domingos José Martins que fez parte do governo revolucionário de Pernambuco no ano de 1817. A partir da identificação da atuação de seu tio na chamada Revolução Pernambucana, ele passou a se dedicar ao aprofundamento de pesquisas relacionadas aos acontecimentos desse período. Em relação a sua personalidade, ele era reconhecido como uma pessoa serena, de caráter conciliador e diplomático. Era católico, foi professor do Pedro II onde fora aluno também. Além disso, fez parte do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

Ele cursou o externato no Pedro II, chamado na época de Ginásio Nacional. Formou-se bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, hoje integrante da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Obteve o grau de doutor por defender teses nos concursos de Direito Romano e Filosofia do Direito na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro. Tornou-se professor no externato Pedro II e lecionou a disciplina: História da Civilização nessa instituição e na antiga Escola Normal (atual Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro). “O professor católico, militante, historiador e pedagogo” (Freitas, 2008, p. 54) teve uma extensa vida profissional, além da docência nas instituições mencionadas, ele foi subdiretor técnico de Instrução Pública no (antigo) Distrito Federal de 1928 a 1930.

Serrano foi integrante do Conselho Nacional de Educação e da Comissão Nacional do Livro Didático, membro do Conselho de Instrução Pública do Estado do Rio de Janeiro e do Conselho de Educação do Distrito Federal. Pertenceu a organizações e instituições de diversos estados do Brasil. Por ser católico, Jônatas fez parte de organizações/associações ligada ao catolicismo. Ele participou da Associação dos Jornalistas Católicos, ao Centro Dom Vital, uma associação de leigos católicos do Rio de Janeiro, da Associação dos Professores Católicos, membro do Conselho Arquidiocesano da Ação Católica e presidiu o Secretariado de Cinema da Ação Católica. Ele representou o Ministério da Educação e Saúde Pública como membro da Comissão Nacional de Censura Cinematográfica que existiu de 1931 a 1935, nestes anos, o Brasil já estava na Era Vargas, período em que Getúlio Vargas, presidente da república presidiu o país de maneira ininterrupta de 1930 a 1945. Era de responsabilidade desta Comissão examinar todos os filmes propostos para exibição ao público em território nacional. Cabia-lhe informar se o filme poderia ser exibido de maneira integral, se haveria possibilidade de cortes, analisava se era educativo ou impróprio para algum segmento social, podendo ser até interdita a exibição de todo o filme.

Ademais, foi membro e participou da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em sua dedicação ao magistério direcionou seu foco para o ensino de História, principalmente nos locais que deu aula. Dessa forma deixou como legado diversas obras de referência na área do ensino de História.

Sua atuação pautou-se na busca da conciliação entre os princípios fundamentais da fé católica e as novas idéias científicas da pedagogia., como ele expõe em seu livro *Escola Nova* (1932). De modo geral, a sua obra é resultado das experiências desenvolvidas na prática escolar, como professor do Colégio D. Pedro II ou como professor de futuras mestras, na Escola Normal do antigo Distrito Federal (Schmidt, 2004, p. 48).

Entre as suas obras, uma de grande destaque e importância foi *Como se ensina a História*, foi a única escrita por um dos mestres do Colégio Pedro II. Nesta obra, Jonathas Serrano propôs formas de “ensinar a ensinar” História (Serrano, 1935 *apud* Freixo; Coelho, 2015, p. 11). Teve formato tratado e foi direcionado especificamente para os professores de História. Serrano defendia outra forma de ensinar História, diferente do que era habitual naquele período.

Serrano defendia que a história deveria ser uma disciplina lecionada a partir de uma perspectiva científica, pois só assim seria capaz de formar cidadãos dotados de uma consciência nacional. Para esse intelectual, os maiores equívocos a serem superados em nossas salas de aula eram a corrupção pelo sentimento patriótico, a imposição de pontos de vista e a tentativa de reconstrução dos fatos do passado. No entanto, o

método para o ensino adequado de história deveria articular essa ciência à arte: o fato seria exposto a partir de formas artísticas e literárias, o que não o corromperia em sua essência (Serrano, 1935, p. 13 *apud* Freixo; Coelho, 2015, p. 15).

Dessa maneira, diante do extenso currículo de Jonathas Serrano, sua importância no ensino de História como disciplina e sua ligação com a Igreja Católica, é coerente que Jerônima Mesquita, uma das principais mulheres que fizeram parte da fundação do Movimento Bandeirante, tenha pedido que ele escolhesse o nome para o movimento que até então era chamado de *Girls Guides* do Brasil, já que havia grande influência católica no Movimento Bandeirante. Segundo Brasil (2008), “este buscou na história do Brasil o sentido dos pioneiros, isto é, dos desbravadores, daqueles que vão à frente e abrem caminhos. Assim, o nome escolhido estaria adequado à ideia original de Baden-Powell.” Bandeirantes foi o nome escolhido por significar “aqueles que abrem caminhos” sendo mencionada uma associação com os desbravadores brasileiros. Cabe destacar que a menção à nomenclatura “desbravadores” foi dada aos Bandeirantes Paulistas ou Sertanistas, a associação dos nomes foi algo mencionado pelo próprio movimento. No impresso *Bandeirantes* de fevereiro do ano de 1932, uma coluna assinada por M. L. de Vasconcellos explica sobre o nome do grupo:

As pioneiras das “Girl Guides” no Brasil, desejando evidenciar a perfeita adaptação do movimento ao nosso meio, procuraram pelo nome dar um cunho o mais nacional possível, e também significativo. Dahi lembrarem-se dos Bandeirantes da nossa história, que symbolisambem os fins da “Girl Guides” pelos ideais que os levaram a tão grande empreendimento. (...) As celebres “bandeiras” do nosso tempo de colonia, eram grupos de homens armados, que se embrenhavam pelos sertões bravios, educando os nativos e descobrindo thesouros escondidos no seio da terra. Qual o nosso fim? Embrenhar-nos, em todos os lares, para educar as moças na vida pratica, tornal-as conscias dos sesu deveres para com Deus. sua Patria, e o proximo; ensinar á praticar o bem, procurando desenvolver as qualidades de cada uma em suma fazer de cada brasileira uma joia mais preciosa do que as esmeraldas de Fernão Dias Paes Leme. Eis ahí a origem do nosso nome. E’ de esperar que imitemos os nossos irmãos, com coragem, emprhendimento, ambição, mas que não tenhamos o mesmo fim. Isso depende de todas nós (Bandeirantes, set. 1932, p. 24).

É importante refletir sobre o que foi o movimento dos bandeirantes paulistas, na história do Brasil e a associação com o Movimento Bandeirante. Uma das faces da colonização no Brasil se deu através desse grupo e não foi um processo amistoso. Pensar na ideia de comparação com o Movimento Bandeirante nos leva a pensar na intencionalidade da escolha do nome e como as características de organização e existência dos sertanistas podem ter influenciado não somente no nome do grupo de mulheres escoteiras, mas em sua organização. Seria possível comparar a ampliação do Movimento Bandeirante em diferentes locais do Brasil e do mundo com a conquista de territórios dos Bandeirantes Paulistas?

As bandeiras foram grandes expedições exploratórias do século XVII, uma marca que os paulistas deixaram na colonização do país, que reunia milhares de pessoas que iam para o interior do Brasil em busca de indígenas escravizados, escravos fugidos e riquezas. Eram formadas por homens brancos, portugueses e os chamados mamelucos que eram indivíduos com ascendência indígena e portuguesa e indígenas que já eram escravizados. Os bandeirantes paulistas, até um certo período, não apareciam na história do Brasil. O motivo para essa ausência era porque a expansão territorial feita por esse grupo, ocorria de maneira violenta, tendo como objetivo a escravização de indígenas. Dessa maneira, era como se a história da forma que acontecia não pudesse ser contada. No fim do século XIX, início do século XX eles começaram a aparecer como Bandeirantes e o processo de expansão territorial passou a ser narrado como se os principais líderes bandeirantes fossem verdadeiros heróis. Os bandeirantes fizeram parte da fundação e expansão da cidade de São Paulo, por isso para a história da cidade há um destaque do grupo em si, assim como de líderes bandeirantes como Domingos Jorge Velho e Borba Gato.

No artigo de Souza (2007), *A mitologia bandeirante: construção e sentidos* é apresentada as duas faces dessa mitologia bandeirante que durante muitos anos foi sendo representada com destaque para os líderes bandeirantes. Essa mitologia, de maneira inicial, foi construída de maneira positiva. Intelectuais e escritores brasileiros exaltaram as ações das bandeiras paulistas. Na década de 1930 foi o auge do enaltecimento, indo conforme o fato de que a cidade de São Paulo estava buscando hegemonia política no país. Esse é o mesmo período em que o Bandeirantismo estava se consolidando e se expandindo pelo país. É curioso observar que o destaque para uma narrativa de heroísmo e conquista foi construída de maneira aprofundada na cidade de São Paulo por ser parte da história dessa cidade. Porém, o Bandeirantismo surgiu na cidade do Rio de Janeiro, mas o nome foi de um acontecimento que fez parte da história da cidade de São Paulo.

A representação dos bandeirantes paulistas atualmente já é questionada, a literatura passou a trazer outras interpretações e debates sobre as estátuas e monumentos que homenageiam líderes bandeirantes começaram a ser levantados. Eduardo Bueno, em sua obra: *Brasil: uma história - cinco séculos de um país em construção*, os descreve como

Eles eram os piratas do sertão. Perambulavam pelos atalhos, pelos planaltos e pelas planícies armados até os dentes, com seus sons de guerra e suas bandeiras desfraldadas. Eram grupos paramilitares rasgando a mata e caçando homens – para além da lei e das fronteiras; para aquém da ética. À sua passagem, restava apenas um rastro de aldeias e vilas devastadas; velhos, mulheres e crianças passados a fio de espada; altares profanados, sangue, lágrimas e chamas. Incendiados pela ganância e

em nome do avanço da civilização, escravizaram indígenas aos milhares. Alguns historiadores paulistas os definiram como uma “raça de gigantes” – e não restam dúvidas de que eles foram sujeitos intrépidos e indomáveis. São tidos como os principais responsáveis pela expansão territorial do Brasil – e com certeza o foram. Embora tenham sido heróis brasileiros, tornaram-se também os maiores criminosos de seu tempo (Bueno, 2012, p. 112).

No ano de 2019, a escola de samba do Rio de Janeiro, Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, trouxe em seu desfile a alegoria “O sangue retinto por trás do herói emoldurado” que representou o genocídio indígena pelos bandeirantes. Para ilustrar a crítica, o carro alegórico fez uma remontagem do monumento às bandeiras com a representação de indígenas amordaçados escrito “ladrões” e “assassinos” na cor vermelha, além da remontagem, ter tinta vermelha espalhada dando a ideia de sangue e morte. O Monumento às bandeiras está localizado na cidade de São Paulo, foi feito pelo escultor Vítor Brecheret. A obra começou a ser desenhada na década de 1920, período, conforme já mencionado em que houve um ápice de enaltecimento dos bandeirantes. Porém, só foi concluída no ano de 1953, às vésperas do quarto centenário da cidade de São Paulo. A obra possui cerca de 11 metros de altura total por 8,40 metros de largura e 43,80 metros de profundidade. Um fato importante para também ser destacado em relação aos questionamentos sobre a representação dos bandeirantes paulistas foi o incêndio, em forma de protesto, que atingiu a estátua de Borba Gato na cidade de São Paulo no ano de 2021. O monumento é uma homenagem a um dos principais líderes bandeirantes. Tais acontecimentos demonstram que hoje há questionamentos e interesse em saber sobre a “história que a história não conta” (História [...], 2019).

Figura 2 – Monumento às bandeiras



Fonte: O sangue [...], 2019.

Figura 3 – “O sangue retinto por trás do herói emoldurado”



Fonte: O sangue [...], 2019.

De acordo com uma coluna do impresso *Bandeirantes* de fevereiro do ano de 1934, assinada por “Donalice”²⁸, foi possível confirmar a inspiração que as mulheres bandeirantes tiveram no movimento dos bandeirantes paulistas. Ela escreveu uma explicação sobre o que foram as bandeiras e quem foram os bandeirantes paulistas, descrevendo como foi o processo de conquista territorial e destacando-os de maneira positiva.

Os homens que formavam as bandeiras, verdadeiros heróis, receberam o nome de Bandeirantes. Andavam eles em grupos e embrenhavam-se pelos sertões. A sua

²⁸ Não há informações no impresso sobre quem era Donalice, apenas o nome assinado ao fim do texto da coluna.

vestimenta era de couro, o chapéu de abas largas, também de couro; às costas levavam uma sacola com roupas e alguns mantimentos indispensáveis. De resto, os Bandeirantes se alimentavam de caça, pesca e frutos que encontravam pelo caminho. Andavam sempre bem armados e municiados. (...) Aos bandeirantes deve o Brasil a sua grandeza territorial e a descoberta das suas riquezas. Eles aumentavam o território e conquistavam novas populações, chamando ao convívio as tribus selvagens (Bandeirantes, 1934, p. 15).

Indo de encontro com a ideia de enaltecimento aos bandeirantes paulistas, nesta coluna, a autora finaliza aconselhando as bandeirantes a lerem sobre as bandeiras e suas conquistas na história do Brasil porque é “uma linda página da História do Brasil” (Bandeirantes, 1934, p. 16).

Em relação à ligação de Jonathas Serrano com o Movimento Bandeirante, apesar da interpretação feita nesta presente pesquisa sobre a escolha do nome para o Bandeirantismo, não localizei nas referências bibliográficas informações sobre sua participação no movimento. Porém, nos impressos *Bandeirantes* de setembro e outubro do ano de 1932, há colunas assinadas por Celeste Serrano. Não obtive informações para ser possível afirmar se foi a esposa de Jonathas, Maria Celeste ou sua filha, Celeste Serrano, que assinou a coluna.

Apesar de não ter sido possível, até o momento, ter conhecimento sobre a participação de Jonathas Serrano no Movimento Bandeirante, outros homens tiveram alguma participação no movimento, principalmente personalidades católicas. O padre Leonel Franca foi identificado em pesquisa porque ele assinou algumas colunas do impresso *Bandeirantes*. A participação dele e de outros homens no Movimento Bandeirante, o que era ser uma mulher bandeirante através do Código, Promessa e Lema, a importância do impresso *Bandeirantes* e as viagens no movimento, foram aprofundados no capítulo 2.

2 IMPRESSO *BANDEIRANTES*: CÓDIGO, LEMA, PROMESSA E AS IDEIAS DO BANDEIRANTISMO EM MOVIMENTO DE AMPLIAÇÃO

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios (Perrot, 2007, p. 21).

A escrita da história das mulheres, conforme epígrafe, é permeada por dificuldades dado ao fato da não preservação de vestígios, da desfeita em relação à participação das mulheres em documentos históricos, até mesmo da ausência, de uma maneira paradoxal, a presença apagada e silenciada da mulher antes mesmo da própria existência dela nos documentos e fontes²⁹. Porém, historicamente, as mulheres subverteram aquilo que era esperado para elas e conseguiram buscar fontes, documentos e vestígios de suas histórias, assim como produzi-los. Em relação às mulheres bandeirantes não foi diferente, já que a história do Movimento Bandeirante está presente no impresso do movimento que é fonte privilegiada de pesquisa da presente dissertação.

O impresso *Bandeirantes*³⁰ da Federação das Bandeirantes do Brasil (FBB), teve um papel fundamental na disseminação das ideias do Bandeirantismo porque trazia artigos de orientações, informações, doutrina Bandeirante, entre outras diversidade de temas, além de apresentar aos leitores as atividades que aconteciam no movimento. Houve uma mudança no formato desse impresso. Ele foi criado, inicialmente, para circulação em formato de jornal no ano de 1927 e passou a circular como revista a partir do mês de abril de 1932, tornando-se órgão oficial da FBB.

Dessa forma, o objetivo deste capítulo é analisar o que era ser uma mulher Bandeirante segundo as orientações da Federação das Bandeirantes do Brasil, tendo como norteadores a Promessa, o Código e o lema. Além disso, objetiva-se discutir a educação feminina das mulheres Bandeirantes, considerando as formações para especialidades que existiram no movimento, com ênfase naquelas ligadas aos cuidados, a vivência bandeirante conforme o Código reforçado com recorrência no impresso. E também propor reflexões sobre os papéis sociais femininos, o impresso como fonte de pesquisa, imprensa feminina e participação

²⁹ Segundo Luca (2022), cabe esclarecer que os termos “documento” e “fonte” não são propriamente sinônimos, pois o primeiro recobre todo e qualquer elemento proveniente do passado, longínquo ou muito próximo, seja qual for sua natureza e suporte, enquanto o segundo é reservado para o conjunto selecionado e utilizado pelo investigador numa pesquisa específica. As fontes são o que foi mobilizado para o estudo de um dado tema e que se constitui, portanto, nas escolhas do pesquisador para a construção da sua argumentação.

³⁰ A escolha do nome do impresso em itálico é para fins de diferenciação ao mencionar o impresso e não haver conflito de entendimento se está sendo mencionado o impresso ou o Movimento Bandeirante.

masculina no Movimento Bandeirante. Todos os objetivos propostos estão relacionados a análise todo impresso, sendo este a fonte privilegiada de pesquisa, porém, utilizei outras referências bibliográficas sobre as temáticas desenvolvidas no capítulo

As indagações que nortearam o capítulo e que busquei responder propondo reflexões e discussões foram: O que foi o impresso *Bandeirantes* e qual foi a sua importância para o Movimento Bandeirante? Como se caracterizou a identidade bandeirante, conceito definido por Rodrigues (2016)? O que era ser uma bandeirante a partir da Promessa, Código e Lema? Quais representações/papéis sociais para mulheres eram esperadas a partir da vivência do Bandeirantismo? Por que houve participação ativa de homens no movimento e quem foram esses homens?

O Movimento Bandeirante se define, desde sua fundação até os dias atuais, como um movimento de educação não formal. Penso que para que essa educação não formal acontecesse, o movimento teve outras contribuições educativas, por exemplo, a educação católica. Uma apropriação do Movimento Bandeirante no Brasil foi a forte influência da Igreja Católica. Além disso, houve reflexos de um tipo de educação feminina, ligada aos cuidados, matrimônio e ao lar, que estava de acordo com aquele período entre as décadas de 1920 e 1930, período inicial do movimento.

Todos os atravessamentos diante do contexto histórico, político e social do período de pesquisa em que foi feita a análise crítica do Movimento Bandeirante, de alguma maneira esteve presente no impresso *Bandeirantes*. O veículo de comunicação do movimento foi além de apenas disseminar as ideias, foi um meio de fortalecer o movimento diante das desconfianças e pressões que este sofreu em seus anos iniciais na sociedade carioca. O modo de vida bandeirante era apresentado através das colunas do impresso como meio de atrair mais meninas, moças e mulheres para participarem do movimento.

Para auxiliar na discussão teórica do presente capítulo, utilizei os conceitos de identidade bandeirante, papel social de gênero e educação do corpo a partir das obras: *Movimento Bandeirante no Brasil - uma luta social de gênero* de Rodrigues (2016), *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* de Joan Scott (2019), *Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva de gênero* de Guacira Lopes Louro (2012) e *O corpo educado - pedagogias da sexualidade organizado* por Guacira Lopes Louro (2018). Além disso, complementei com a abordagem da história das mulheres a partir das teorias de Michelle Perrot (2007), considerando a discussão abrangente da história das mulheres defendida pela autora.

2. 1 Promessa, código e lema: o que era ser uma Bandeirante?

O que significava ser uma bandeirante? Diante do percurso de pesquisa e através do conhecimento sobre a temática, posso dizer que, sob minha interpretação de pesquisadora do tema, que ser uma mulher bandeirante era, sobretudo, seguir e obedecer às orientações/regras do Movimento Bandeirante para assim vivenciá-lo efetivamente. Era viver conforme o modo de vida esperado de uma bandeirante. Assim como o nome que faz alusão, uma bandeirante “levantava” a bandeira do movimento e sua missão era de serviço: ao movimento, a Deus, a Pátria e ao próximo. Além disso, levavam a vivência bandeirante para conhecimento de futuras integrantes e se organizavam para criação de novas companhias.

Um dos objetivos, mesmo que não estivesse descrito no código, era de expandir o movimento. Foi através da ideia de expansão que o movimento atravessou os muros da Inglaterra e se espalhou entre diferentes partes do continente, originado pelo *Girls Guides* na Inglaterra. Uma bandeirante deveria ser uma mulher com as características apresentadas no Código e que o vivenciasse efetivamente.

O Código, a Promessa e o Lema formavam a tríade das regras para participação no movimento. A Promessa era como um rito inicial. Acontecia uma celebração no dia da Promessa, através dela, a Bandeirante assumia um compromisso com o Movimento. Para ser feita a Promessa, a Bandeirante deveria conhecer o modo de vida bandeirante até chegar o momento do convite para a Promessa Bandeirante. A Promessa teve palavras modificadas em alguns países. Segundo Rodrigues (2016, p. 31)

As palavras da Promessa, sofreram modificações em alguns países como ‘a minha religião’ ou ‘a minha igreja’ ao invés de ‘a Deus e a minha pátria’ e em outros ao ‘ao Rei ou a sua importante autoridade’. Em alguns países, chegaram a incluir a ‘minha família’ e outras variações. BP³¹ não gostou nada disso, porque modificava o ideal que criara, e que devia permanecer o mesmo para todos!

Promessa Bandeirante

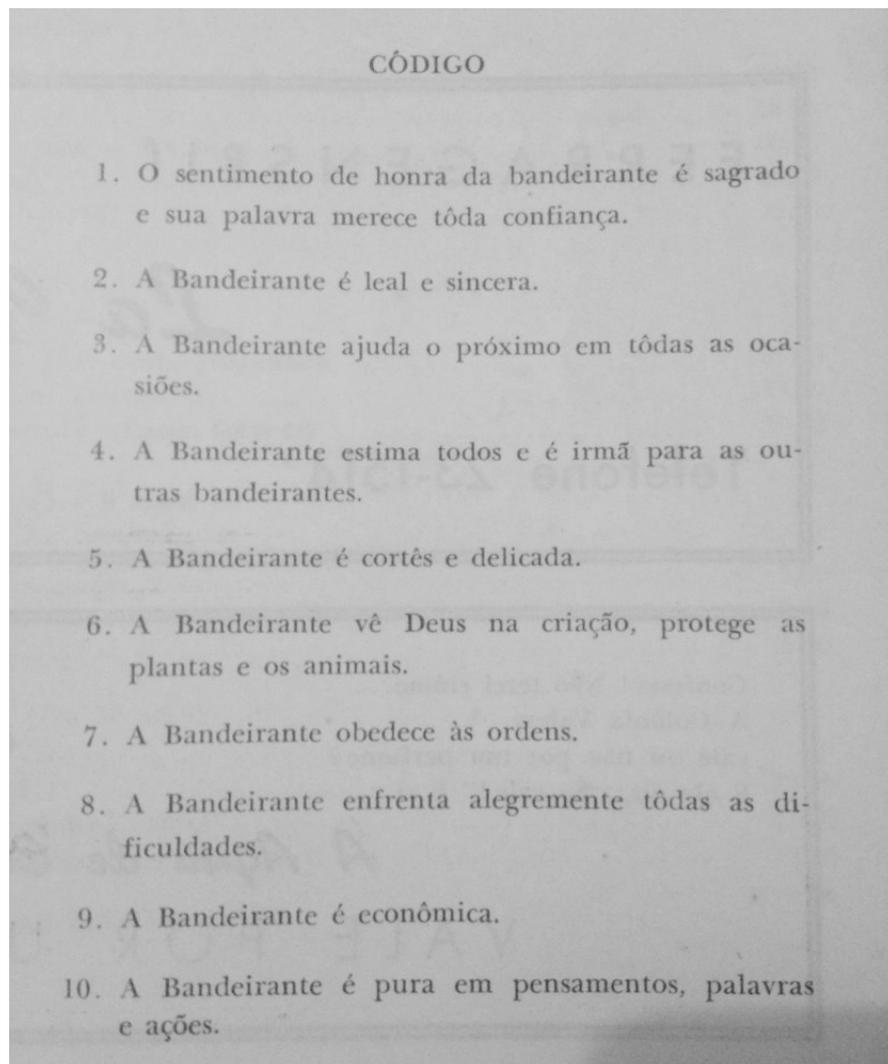
“Prometo, sob minha palavra de honra, que farei o melhor possível para: ser leal a Deus e à minha Pátria. Ajudar ao próximo em todas as ocasiões e obedecer ao código bandeirante” (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008, p. 25).

A partir da Promessa, a Bandeirante iniciava no Movimento e a partir daí deveria seguir o Código Bandeirante para que vivenciasse efetivamente o Bandeirantismo. Os valores do

³¹ Robert Smith Baden-Powell.

movimento estavam resumidos no Código e quem fazia parte do movimento precisava estar atenta e obediente ao código, não apenas para cumprir o que era esperado de uma bandeirante, mas também para ser exemplo para outras participantes. O impresso *Bandeirantes* trazia com recorrência o Código Bandeirante (Figura 4) em suas páginas e por meio das colunas havia uma orientação de como poderia ser ensinado o Código pelas Chefes e também poderia ser uma forma de orientar as outras Bandeirantes mesmo ainda não sendo Chefes. (Figura 5)

Figura 4 – Código Bandeirante

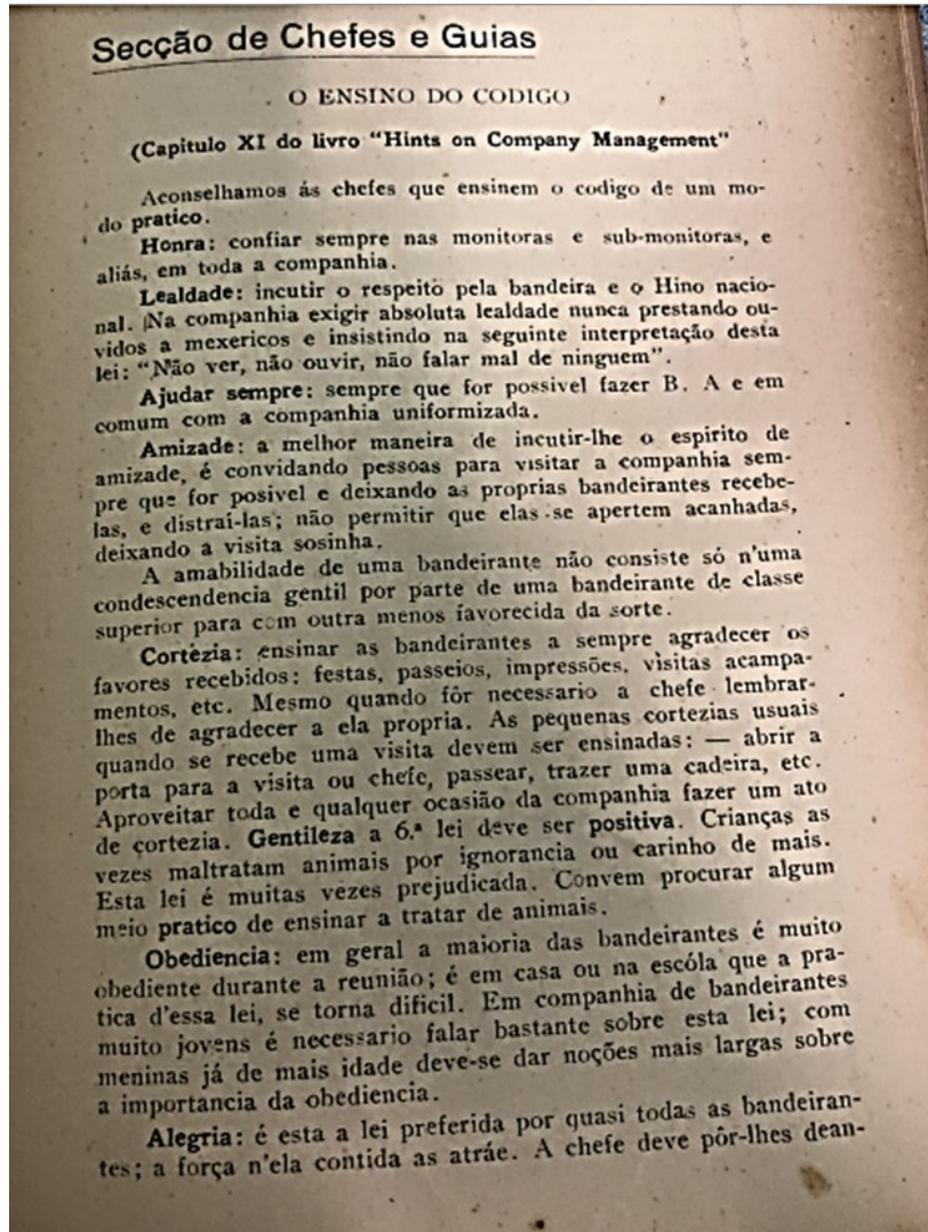


Fonte: *Bandeirantes*, 1947, p. 167.

Foi possível identificar que havia uma forma de ensinar o Código e isso ocorria através das Chefes. No impresso do ano de 1933, a coluna *Seccção de Chefes e Guias* traz um texto intitulado de *O ensino do código* de aconselhamento para as chefes bandeirantes ensinarem o código de uma forma prática. São listadas as palavras: honra, lealdade, amizade, cortesia,

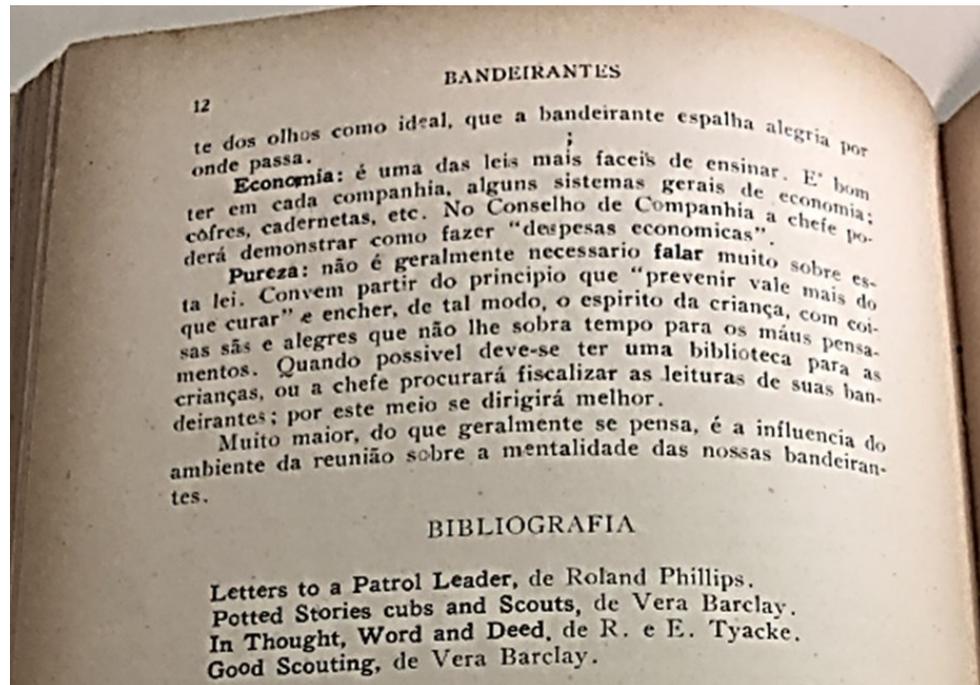
gentileza, obediência, alegria, economia e pureza; e uma frase: “ajudar sempre”. A partir das palavras e frases destacadas são descritas as orientações de ensinamento do código para as bandeirantes (Bandeirantes, 1933).

Figura 5 – Secção de Chefes e Guias: o ensino do Código 1



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 11.

Figura 6 – Secção de Chefes e Guias: o ensino do Código 2



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 12.

Complementando a Promessa e o Código, havia o lema do Movimento, *Semper Parata*. A expressão, originada do latim, significa sempre pronto (a). Dessa maneira, o lema orientava como deveria ser a postura e espírito Bandeirantes. Quem era parte do movimento deveria estar sempre pronta para servir, ajudar e viver o modo de vida bandeirante a partir do comprometimento com a Promessa e obediência ao Código.

Semper parata! A partir deste código de conduta moral e ritos o movimento bandeirante procurava educar meninas e moças para serem e permanecerem bandeirantes. O impresso *Bandeirantes* era parte do projeto de expansão do bandeirantismo no Brasil, pois garantia a circulação das ideias e valores do movimento de norte a sul do país (Orlando; Silva, 2019, p. 1514).

A Promessa, o Código e Lema eram reforçados e orientados através das colunas do impresso *Bandeirantes*. O impresso foi um meio importante de comunicação e de divulgação do Movimento Bandeirante. Dessa maneira, cabe descrever como ele era e como foi elaborado. O *Bandeirantes* foi um meio fundamental para disseminação das ideias do Movimento Bandeirante, além de ter sido uma maneira de fortalecer o Bandeirantismo que passou por dificuldades que chegaram a pôr em risco a própria existência do movimento. O Bandeirantismo enfrentou dificuldades para se manter na sociedade e ser fortalecido, em seus anos iniciais de existência. Arthur Bernardes governou o Brasil no período de 1922 a 1926, esse período foi

apresentado por Rodrigues (2016) como um período de grande dificuldade de estabelecimento do Movimento Bandeirante. Segundo a autora,

nos anos 1920, 21 e 22, houve um pequeno auge do Bandeirantismo na cidade. A partir daí, sofreu com a situação política que ocorreu no governo Arthur Bernardes, até 1926. O efetivo baixara muito e estava a situação bem crítica com muitos abandonos quando Chefe Lourdes a levantou (Rodrigues, 2016, p. 58).

Mulheres bandeirantes importantes na fase inicial do movimento, como Jerônima Mesquita, Clara Fagundes e Violet Grimshaw que estava no Brasil, tentaram dialogar com o então presidente da república. Elas solicitaram que a Associação, como ainda era chamada naquele período, fosse considerada “utilidade pública”, apesar de Arthur Bernardes ter recebido as bandeirantes, essa declaração não foi concedida. Somente anos à frente, no governo de Getúlio Vargas, foi concedida. “Ora, o momento político bernardista de 1922 a 1926, foi o pior possível para qualquer Associação, filantrópica ou não, face às perseguições e cartas anônimas. Dizem que algumas dessas eram dele próprio...”, de acordo com Rodrigues (2016, p. 107).

Nos anos iniciais, o Movimento Bandeirante passou por dificuldades de sobrevivência na sociedade brasileira. As bandeirantes receberam cartas anônimas, sobretudo no tempo do governo bernardista, abordado com mais detalhes na última seção deste capítulo. Os atravessamentos políticos e como o movimento se designava como apolítico também complementaram esse momento conturbado que o Bandeirantismo vivenciou. Entretanto, o Movimento Bandeirante se restabeleceu a partir do trabalho de Maria de Lourdes Neiva da Lima Rocha, uma das mais importantes chefes do movimento, com apoio do Padre Leovigildo Franca (Rodrigues, 2016).

Chefe Lourdes, como ficou conhecida no movimento, foi a responsável pela iniciativa de fundar o impresso *Bandeirantes*, em formato de revista. Conforme a pesquisa realizada na Federação de Bandeirantes do Brasil, foi possível obter informações e registros de todos os impressos das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960, além de dois números da década de 1970. Porém, o recorte temporal se ateve ao período das décadas de 1919 a 1949, tendo em vista o vasto material registrado e o tempo para análise.

Um impresso feminino, escrito por mulheres e voltado para elas. Essa foi a imagem projetada pelo periódico *Bandeirantes*. Publicação oficial da Confederação das Bandeirantes do Brasil, a análise do impresso em sua materialidade evidencia um ambicioso projeto de difusão do bandeirantismo no Brasil, tendo como objetivo principal promover a educação feminina por meio de valores como civismo, defesa da pátria e da família. Era um ‘projeto feminino’, o que não significava uma defesa da emancipação da mulher (Silva; Brito, 2020, p. 2).

O primeiro número em formato de revista destaca-se porque há explicações sobre a mudança no formato e como seria a partir dali a distribuição/venda do impresso. Apresento aqui algumas informações importantes sobre esse primeiro número. A partir do momento que passou a ser em formato de revista, o impresso também passou a ser um órgão oficial da Federação de Bandeirantes do Brasil. A redação e impressão estavam localizadas na Rua 13 de maio, n.º 33/35 – 3º andar – sala 93, no centro do Rio de Janeiro. O preço que aparece era de 1\$000 (mil réis), moeda brasileira da época. A fundação do impresso foi pela Companhia do sagrado coração de Jesus e a sede era no bairro da Glória, no Rio de Janeiro, na Rua Benjamin Constant, 42.

Na primeira página do impresso do ano de 1932, é apresentado o novo formato do que é chamado naquela coluna de “periódico.” As primeiras informações apresentadas são sobre o *Bandeirantes* ser órgão oficial da FBB e sobre as dificuldades enfrentadas até aquele momento de mudança. É informado que o *Bandeirantes* dali em diante seguiria nesse novo formato de revista, a quantidade média de páginas que passaria a ter e a frequência de distribuição dele.

Com cinco anos de existencia, este pequeno periodico, que é orgão official da “Federação das Bandeirantes do Brasil”, apesar das multiplas dificuldades que enfrentou tem prestado grandes serviços á causa do bandeirantismo nacional. Fez ao seu alcance a propaganda dos ideais bandeirantes e entreteve, atravez das suas paginas, o espirito de cooperação intellectual entre os varios nucleos, que combatem pela implantação e triumpho das ideás que norteiam a nossa campanha. Cumpriu assim rigorosamente o programa idealizado pelas suas fundadoras. Agora o “Bandeirantes” entra numa nova phase, transformando-se numa revista, que terá sempre um minimo de vinte paginas e sahirá regularmente, todos os mezes. O dia escolhido para o aparecimento do “Bandeirantes”, a partir de Maio, é o quinto do mez.

Com a sua nova feição, o orgão official da “Federação das Bandeirantes do Brasil” estará mais apto a desempenhar-se da missão importante que lhe cabe na grande obra, ha tanto tempo encetada no nosso paiz. Além dos artigos de doutrina, de caracter tecnico, para o aprendizado das bandeirantes, o “Bandeirantes” publicará resenha das actividades mensaes dos diversos grupos e uma parte litteraria, além de secções de interesse domestico, inclusive as magistraes lições do professor Martinho da Rocha, para ensinamento das jovens que serão futuras mães de familia. Desejamos, ao iniciarmos esta phase mais promissora, corresponder inteiramente, ao pensamento constructivo do bandeirantismo. Esta revista será o repositorio e o reflexo de todas as nobres ideás que animam as bandeirantes do Brasil e servirá de ligação com as suas congengeres do estrangeiro (Bandeirantes, 1932, p. 3).

É possível observar a expectativa do que seria o periódico nesse novo formato. Os aspectos educativos e formativos ficaram em evidência ao serem listadas as seções que teriam no impresso: parte literária, interesse doméstico, formação pelo Padre Leonel Franca e do professor Martinho da Rocha. Na última seção deste capítulo escrevi de maneira mais aprofundada sobre Leonel Franca e Martinho da Rocha. Ao escrever que havia um desejo de corresponder a construção do Bandeirantismo nessa coluna, conforme citação acima, é

demonstrada a intencionalidade do impacto que era esperado que esse impresso tivesse na disseminação do Movimento Bandeirante, além de criar uma ligação com as bandeirantes dos outros países.

Na página 4 desse mesmo exemplar, há uma mensagem direcionada aos assinantes do *Bandeirantes* informando que os mesmos precisavam renovar as assinaturas para que seguissem recebendo os exemplares de maneira regular. É informado que o preço da assinatura seria modificado por conta do aumento do número de páginas e do desenvolvimento da revista. O valor atualizado era de doze mil réis por ano (12\$000). O impresso era dividido por seções, podendo ser percebido conforme o sumário. No decorrer dos anos toda a estrutura e estética foi sendo modificada, correspondendo aos interesses do Movimento em cada período. Na década de 1920, quando o movimento surgiu, o impresso era feito em formato de jornal, considerando que o Movimento deveria atrair mais meninas, moças e mulheres, ter um meio de comunicação exclusivo era um meio de atrair mais participantes e a imprensa feminina da época teve um “boom” de exemplares femininos.

É importante destacar que a imprensa feminina, apesar de ter sido também um meio de fortalecer papéis sociais esperados para mulheres na virada do século XIX para o século XX, foi uma forma de romper o silêncio feminino nesse período. Refletir sobre a imprensa feminina leva a refletir também sobre a História das mulheres. Historicamente, foi esperado o silêncio das mulheres, tendo em vista que até o século XX não existia uma história propriamente das mulheres. Cabe refletir até onde esse silêncio não estava sendo impulsionado no Bandeirantismo, mesmo que as bandeirantes tivessem um meio de comunicação sobre o movimento. Mas o que era efetivamente comunicado? O que era silenciado? O que não deveria ser falado por uma bandeirante?

Apesar disso, o que foi escrito, e há um extenso acervo bandeirante, quebrou o silêncio histórico feminino. As Bandeirantes falaram e escreveram suas histórias. A História das mulheres bandeirantes foi escrita a partir dos vestígios históricos deixados por elas, principalmente a partir do *Bandeirantes* e de todo o arquivo presente na Biblioteca Aracy Muniz na sede da FBB. No período estudado na presente pesquisa aconteceu a descoberta sobre as mulheres terem uma história e acrescento que mulheres têm diferentes histórias, sobretudo pelas diferenças de classe, raça e gênero.

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la

nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita (Pinsky, 2007, p. 11).

A história das mulheres Bandeirantes leva a reflexão sobre a diversidade de movimentos femininos e como as questões de luta por direitos das mulheres foram atravessadas conforme os interesses da época e de cada grupo de mulheres, pois os interesses não eram os mesmos. Não há como afirmar homogeneidade entre as mulheres Bandeirantes, mas na disputa de narrativa para que o movimento fosse fortalecido e ampliado, seguir apoiado pelo catolicismo e sustentando a figura de mulher que era esperada na época, foi o que prevaleceu. Interrogar esse passado é trazer para o presente reflexões e discussões sobre as mulheres na sociedade e ao longo da história.

Os movimentos de emancipação das mulheres não foi algo defendido, talvez, não de maneira explícita, pelo Movimento Bandeirante. Porém, cabe refletir se não houve, realmente, em algum nível, projeções de emancipação por algumas mulheres dentro do grupo, tendo em vista a liberdade que havia, por exemplo, para que elas viajassem acompanhadas apenas de outras bandeirantes. Há uma certa complexidade na análise do Movimento Bandeirante no que diz respeito ao seu aspecto político, tendo em vista que o movimento se considerava apolítico. Entretanto, como desconsiderar as ações em grupo que essas mulheres construíram em prol da existência do Movimento Bandeirante? Entendendo que todo ser humano é também um ser político, interpreto que houve sim uma política bandeirante para que o movimento de fato se consolidasse na sociedade por meio de organização própria, buscando ampliar e levar o conhecimento sobre o movimento para outras mulheres.

De acordo com Rodrigues (2016, p. 71), “não há como negar que fatos e atos políticos estiveram presentes na história da criação do MB brasileiro. Mesmo que a Associação tenha tido todo o cuidado para atravessar os momentos políticos e sem se macular ou errar e dizendo-se ‘apolítica’”. A autora, em seu livro, apontou sobre sua discordância em relação ao Movimento Bandeirante se apresentar como apolítico tendo em vista que as questões políticas e sociais atravessavam o movimento, além disso, ela destacou também que o avanço da FBB em relação às questões de gênero e de política social não foi desenvolvido, mas sim abafado pelo fato da Federação se dizer apolítica (Rodrigues, 2016).

Como suporte do novo discurso social de 1930, as Bandeirantes usaram-no como um *discurso novo*, e às vezes, justificando-se, outras retardando o processo e em outras relatando avanços sobre esse discurso e quando ficava muito atrasado em relação a WAGGGS, ou ao mundo do bandeirantismo que, no mais das vezes, não servia para a interpretação do que as mulheres brasileiras queriam dizer e fazer de suas vidas. Outras vezes, não puderam adiantá-lo por questão da própria ética e valores do seu

tempo e no que acreditavam ser um *discurso mais próprio*. Poder-se-á ver isso em uma carta, adiante, onde um Grupo Diretor escreve para um alto religioso católico. **Aqui se afirma que a FBB não foi ou é uma entidade factual ou apolítica no sentido lato da palavra, como diziam. Foi e é política, sim!**

Isso se vê nos conceitos ideológicos e políticos que vão sendo utilizados por aquelas mulheres, construindo-se, desconstruindo-se e reconstruindo-se em seus Planos de Ação (hoje PANS). E a Missão já se mostrava diferente, entre as instituições semelhantes, no Brasil. A FBB não fez apenas uma firmeza na construção de uma linguagem própria. Refletiu uma visão de mundo como grupo determinado, específico e dentro de um grupo determinante mundial para o gênero. Não se deixou levar num papel de subordinação e momentos históricos, mesmo que necessitasse de uma manutenção material e especial (Rodrigues, 2016, p.74-75, grifo próprio).

Rodrigues (2016) escreveu sobre a ausência de estudos de gênero e feministas no movimento, ela mencionou em seu livro, uma reportagem do Jornal do Comércio de agosto de 1919 na coluna *Femine* em que há a apresentação do movimento que até aquele momento era chamado de Meninas Guias, seguindo a tradução na língua portuguesa. Porém, nesta coluna, a pessoa que escreveu apontou, com discriminatório, algumas características do movimento. Primeiro destacou a diferença de brasileiras para anglo-saxônicas, dizendo que a indolência natural da raça refletia nos exercícios ao ar livre que poderia ser por conta da temperatura ou pelo que foi chamado de herança de atavismo, ou seja, uma hereditariedade de dificuldade por conta da raça. E que raça seria essa? Em outra parte, foi apontado o sexo feminino como “desgraçado sexo” em relação à união, diferente da grande força do “sexo forte”, ou seja, do masculino.

As discussões que envolvem o conceito de gênero são diversas. Nesta presente pesquisa optei por analisar o Movimento Bandeirante por meio de uma leitura das mulheres na história da educação a partir da perspectiva de gênero. Apoiando-me em Louro (2012), visualizo conceitos de gênero, tendo em vista que essa categoria perpassa diferentes áreas do conhecimento e, sendo assim, está inserida em um campo interdisciplinar. Ao escrever sobre sexo e gênero no Dicionário crítico feminista, Nicole-Claude Mathieu (2009, p. 222), diz: “De modo geral, opomos o sexo, que é biológico, ao gênero (*gender*, em inglês), que é social.” E complementa descrevendo como as sociedades humanas construíram uma diferenciação biológica e define gênero:

As sociedades humanas, com uma notável monotonia, *sobrevalorizam* a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes (divididas, separadas e geralmente hierarquizadas) no corpo social como um todo. Elas lhe aplicam uma ‘gramática’: um gênero (um tipo) ‘feminino’ é culturalmente imposto à fêmea para que se torne uma mulher social, e um gênero ‘masculino’ ao macho, para que se torne um homem social (Mathieu, 2009, p. 223).

Observa-se assim que gênero está relacionado a construções sociais que ocorrem a partir da cultura, sendo assim, podemos refletir que de uma cultura para outra, papéis e identidades de gênero podem variar. Gayle Rubin destaca gênero como “uma divisão dos sexos imposta socialmente” (2017, p. 27). Em seu ensaio *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo* (2017), Rubin busca definir de maneira mais completa o “sistema sexo/gênero” através da Antropologia e da Psicanálise e coloca em reflexão se é ou não realista pensar em uma sociedade sexualmente igualitária e aponta a importância da análise das causas da opressão feminina como base para mudanças e construção de uma sociedade sem hierarquia de gênero.

No campo da História, Scott (2019) coloca em discussão como os historiadores ao longo da história se propuseram a teorizar sobre gênero, defendendo que a abordagem histórica sobre gênero depende de como o conceito é desenvolvido como categoria de análise. Ela rememora como o conceito foi sendo utilizado, o que a palavra gênero indicava e sobre a mudança de perspectiva em relação ao estudo sobre gênero, considerando que era necessário ter uma noção relacional e não estudar gênero isolando as mulheres. A autora menciona sobre o que a historiadora Nathalie Davis escreveu em 1975 sobre a história passar a se interessar em estudar mulheres e homens e não apenas olhar somente para o sexo oprimido.

‘Gênero’ era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente (Scott, 2019, p. 47).

Dessa maneira, nesse período da década 1970, surge o que Scott (2019) chama de nova história e ela aponta como esse estudo a partir da perspectiva dessa nova história que iria incluir e apresentar a experiência das mulheres dependendo da maneira como o gênero fosse desenvolvido como categoria de análise. A partir daí surge o interesse, a partir do estudo da fala dos oprimidos, o interesse nas categorias de classe, raça e gênero. Scott destaca que os três termos sugerem uma paridade que não existe diante da complexidade dos estudos que dão base para o conceito de “classe” que são diferentes das bases teóricas de “raça” e “gênero.” Segundo a autora, “no caso de “gênero”, o seu uso comporta um elenco tanto de posições teóricas quanto de simples referências às relações entre os sexos (Scott, 2019).

Em relação à abordagem pelos historiadores do período em questão, considerando que seu texto foi escrito na década de 1980, ela destaca duas categorias distintas: essencialmente descritiva e de ordem causal. A primeira se refere à existência de fenômenos ou realidades sem

interpretar, explicar ou lhes atribuir uma causalidade e a segunda é referente à elaboração de teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando entender como e por que tomam a forma que eles têm (Scott, 2019). É apontado que as preocupações teóricas sobre gênero como categoria de análise é algo mais recente diante da perspectiva histórica, pois começou a aparecer a partir do fim do século XX, porém, ressalto que as discussões acerca do tema, mesmo que não sendo utilizado o conceito “gênero” antecedeu o século XX como já foi possível observar nesta pesquisa.

Scott (2019) argumenta sobre a importância do gênero como categoria de análise a partir de uma revisão histórica sobre o conceito, as discussões e abordagens pelos historiadores no decorrer do tempo até o período da escrita de seu trabalho. E assim, apresenta a sua definição sobre gênero e versa sobre a explicação dos quatro aspectos do gênero relacionados entre si.

Minha **definição de gênero** tem duas partes e várias subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. **O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.** As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro aspectos relacionados entre si (Scott, 2019, p. 63, grifo próprio).

Esses quatro aspectos³² são: o primeiro relacionado aos símbolos culturais, o segundo referente aos conceitos normativos, o terceiro que corresponde à noção do político e o quarto é relacionado a identidade subjetiva. Dessa forma, a autora explica que o esboço de análise proposto em relação ao gênero pode ser utilizado para analisar outros processos sociais.

A primeira parte de minha definição de gênero é, portanto, composta desses quatro aspectos e nenhum deles pode operar sem os outros. No entanto, eles não operam simultaneamente como se um fosse o simples reflexo do outro. Com efeito, é uma questão para a pesquisa histórica saber quais são as relações entre eles. O esboço que propus do processo de construção das relações de gênero poderia ser utilizado para examinar a classe, a raça, a etnia ou, por assim dizer, qualquer processo social. (Scott, 2019, p. 65).

Louro (2012) complementa a discussão sobre gênero a partir de Joan Scott, assim defendendo gênero como uma construção social e histórica dos sexos, destacando o caráter social e relacional dos dois sexos: feminino e masculino. A partir dessa perspectiva, em seu

³² Para aprofundamento dos quatro aspectos destacados por Joan Scott, ler o texto integral: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise, 1986. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista - conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 46-76.

texto *Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero* (2012), a autora examina a história da educação.

Penso que é importante notar, ainda, o plural empregado, ou seja, venho me referindo sempre aos conceitos de gênero. Se, como vimos antes, quando falamos em gênero estamos nos referindo a uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos, então é imprescindível entender que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade - construções estas que se fazem de acordo com diferentes modelos, ideais, imagens que têm as diferentes classes, raças, religiões, etc., sobre mulher e sobre homem. Creio que devemos lembrar também que há diferentes construções de gênero numa dada sociedade em contextos históricos diferentes (o que por sua vez supõe dizer que o gênero tem história, que o feminino e o masculino se transformam histórica e socialmente). Por fim, em todos esses processos, ao se pensar na construção, parece-me que está implicada a idéia de socialização, de formação, de educação. Dessa perspectiva decorre, no meu entender, as possibilidades - e as potencialidades — de uma leitura histórica da educação sob a perspectiva do gênero (Louro, 2012, p. 35).

A análise crítica realizada sobre o Movimento Bandeirante, principalmente em relação às mulheres bandeirantes, apoia-se na definição da categoria de gênero defendidas por Guacira Lopes Louro. Rodrigues (2016), demonstra em sua obra, aproximação com essa conceituação de gênero, tanto que o livro traz o conceito no título: *Movimento Bandeirante no Brasil: uma luta social de gênero*, mesmo diante da ausência desse debate no interior do movimento bandeirante por se dizer um movimento apolítico conforme mencionado acima. Segundo Rodrigues (2016, p. 87), “sobre os estudos de gênero e da diferença dos gêneros, esses foram campos fechados e não produzidos ou escrito no Bandeirantismo.”

É evidente que por mais que houvesse resistência para que não fosse levantada discussões de gênero por parte das mulheres bandeirantes, a questão era presente e se faz presente hoje diante das transformações sociais e novos debates teóricos sobre o conceito. Assim se justifica a importância da compreensão e conhecimento sobre o passado para ser refletido o tempo presente. Os estudos de mulheres na história, sobretudo na história da educação, ainda são recentes, isso demonstra os desafios dentro dos debates de gênero nesse campo de estudo e a importância desse debate se fazer presente nessa pesquisa.

Esse certo impasse entre se dizer apolítica, mas, ao mesmo tempo, atravessar questões políticas demonstra a dificuldade que movimentos femininos no início do século XX tiveram para se estabelecer e se firmar na sociedade. Considerando que o Bandeirantismo foi um movimento burguês de mulheres brancas, tendo mais mobilidade na sociedade, até mesmo aceitação do que outros movimentos femininos que se posicionavam politicamente e defendiam direitos femininos como o movimento negro e movimento comunista, por exemplo. Entretanto, conforme já mencionado, também passou por dificuldades. O atravessamento dessas

dificuldades que foram enfrentadas pelas mulheres bandeirantes teve o *Bandeirantes* como um meio de fortalecimentos e das mulheres bandeirantes apresentarem o movimento para a sociedade como um espaço feminino de educação não formal.

O aspecto educativo do *Bandeirantes* estava diretamente ligado a educação feminina para cuidados e tarefas domésticas, a partir do que era ensinado como “especialidades” para as bandeirantes e da religião católica. Ser uma bandeirante, além de vivenciar o código, era ser educada com base nessa educação feminina. O Movimento Bandeirante em seu caráter formativo designava-se como um sistema educativo não formal. Segundo Libâneo (2002), educação não formal refere-se a organizações políticas, agências formativas para grupos sociais etc., com caráter intencional. Pensando sobre o que o autor aponta sobre educação não formal tendo caráter intencional, é perceptível, diante do que já foi exposto, a intencionalidade do Movimento Bandeirante, exemplificada, principalmente, através das discussões propostas a partir da análise dos impressos. No *Bandeirantes* referente aos meses de outubro e novembro do ano de 1933 foi destacado o aspecto educativo, na seção *O Bandeirantismo sistema educativo*, o movimento foi apresentado como um sistema educativo e com metodologia própria:

Educar é desenvolver as faculdades da criança, ensinar-lhe a pensar, julgar, querer sentir, agir dar-lhe boas disposições, bons hábitos e aptidões exigidos pelo seu estudo.

Em geral as gerações jovens são pouco formadas. Pode-se culpar os educadores? Absorvidos pelos trabalhos esmagadores do ensino, eles não podem se interessar pelo aluno em particular nem o seguir fora da classe. Seus esforços devem se limitar a conselhos e advertências que pouca influencia terão sobre a mentalidade de uma espécie toda diferente de pequenos seres incompletos, vivendo em outro nível social.

Si fosse possível interessar a criança na sua própria formação, poder-se-ia esperar o êxito, porque o estímulo seria interior e não mais proviria de um agente exterior e distante por ser superior e de diferente mentalidade. Mas como fazê-lo?

Um homem genial, Sir Robert Baden-Powell, sentindo a insuficiência dos métodos clássicos, iniciou um sistema de educação, o escotismo para os meninos e o bandeirantismo para as meninas, que resolve este delicado problema. Partindo da ideia de que o jogo, acessório no adulto, é o modo porque se exerce a atividade natural da criança e seu campo de experiência da vida, ele a faz pensar, julgar, querer, sentir e agir por meio de jogos. A criança torna-se assim o agente principal de sua formação.

Baden-Powell quer aprofundar e completar pela prática a obra educadora dos professores. Seu programa estende-se a todos os ramos da educação, e vai além do estritamente necessário. Mais que os deveres comuns, ele propõe à mocidade um ideal que deve formar uma elite.

Os católicos não deixaram de reconhecer os méritos deste sistema e o adaptaram ao pensamento da Igreja (*Bandeirantes*, 1933, p. 2).

Ao pensar sobre uma educação do corpo através do Movimento Bandeirante, pode ser refletido que essa educação era voltada para que as meninas fossem gentis, cuidadosas, dóceis, ao mesmo tempo que deveriam fazer atividades que meninos faziam através do Movimento

Escoteiro. Louro (2018) aborda a educação do corpo e as pedagogias da sexualidade. A autora defende dois pontos para sustentar indagações propostas por ela: o primeiro, a compreensão que a sexualidade é uma questão social e política, não é pessoal. O segundo de que a sexualidade é construída ao longo da vida de diferentes maneiras e por todos na sociedade. Além disso, para ela “os corpos ganham sentido socialmente” (Lopes, 2022, p. 12) e identidades sociais se definem através da cultura e da história.

Relaciono a teoria de Guacira Lopes Louro para refletir sobre a educação do corpo feminino no Movimento Bandeirante e como essa educação do corpo pode estar ligada à construção de papéis sociais de gênero. Segundo Louro (2018, p. 13), “reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”. Cabe pensar, a partir da afirmação da autora, como as bandeirantes se afirmavam através da identidade bandeirante, como era o sentimento de pertencimento que por vezes foi possível ser observado/interpretado em pesquisa através das fontes utilizadas. Existia uma exaltação e espírito de lealdade pregado pelo movimento que fortalecia a identidade bandeirante. Rodrigues (2016) desenvolveu o conceito de identidade social bandeirante que se relaciona com essa ideia de pertencimento de grupo, que será apresentado adiante neste capítulo.

De acordo com Carlos Harold Júnior e Alexandre Fernandez Vaz (2013), através da educação do corpo, tanto no Escotismo, quanto no Bandeirantismo, papéis sociais ligados aos gêneros masculino e feminino foram fortalecidos. Os autores baseiam-se em livros escritos por Roberth Smith Baden-Powell (1860-1927) e Juliette Gordon Low, intitulada como defensora do feminino no interior do Movimento Escoteiro dos Estados Unidos³³, o qual ela foi importante divulgadora, para apresentarem a defesa da participação de meninas nos movimentos escoteiros e posteriormente nos movimento de meninas (guias, bandeirantes). É discutida as formas que as meninas e mulheres foram aceitas a participarem e a terem um movimento direcionado de maneira exclusiva para elas, o Bandeirantismo.

Conforme visto no capítulo 1, Baden-Powell quis sim a existência de um movimento direcionado para as meninas, porém com diferenciação de organização, estrutura e até mesmo atividades, em relação ao *Boys Scouts*, mantendo assim o público masculino e feminino correspondendo aos papéis sociais direcionados a eles. Foi necessário que o Bandeirantismo atendesse ao que era esperado das mulheres naquele período em que surgiu. Sendo assim,

³³ Boy Scouts of America (BSA)

ao conviver com essa dificuldade organizacional e ideológica relacionada aos papéis assumidos por meninas e meninos, o Bandeirantismo proporcionou as condições para que o movimento atingisse uma variada gama de interesses sociais, políticos e de classe (Harold Júnior; Vaz, 2013, p. 918).

É perceptível a existência de ajustes culturais³⁴ correspondentes às sociedades em que os movimentos foram sendo fundados. A vivência em grupo evidenciou o que incluía a educação não formal nos movimentos, sobretudo, a educação do corpo. Assim, aproximando-se da teoria de Guacira Louro, segundo a autora, “de acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos (o corpo) de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos, a que pertencemos” (Louro, 2018, p. 17). Houve uma construção de educação do corpo bandeirante para corresponder às expectativas sociais da época.

A autora se apoia em Foucault e sua obra *História da Sexualidade* (1988) para ampliar a discussão proposta sobre o corpo feminino, porém não foi pertinente para a presente pesquisa, abordar e discutir o conceito de sexualidade no Movimento Bandeirante, aqui utilizei o conceito de educação do corpo de Guacira Lopes Louro para discutir e refletir o corpo e os papéis sociais no Movimento Bandeirante. A reflexão se deu em como a educação do corpo se fez presente no Bandeirantismo. Guacira relaciona a educação do corpo com a escola pública em como a escola determinou a forma do corpo dela por meio de uma escolarização do corpo e de uma pedagogia da sexualidade.

Direcionando essa ideia da escolarização, mas modificando para uma educação corporal bandeirante. Pode ser refletido em relação a essa educação do corpo feminino bandeirante em como o Movimento Bandeirante determinou a forma do corpo de suas participantes. Guacira Lopes Louro escreveu sobre como a escola deixou marcas expressivas em seu corpo, “ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas” (Louro, 2018, p. 21). Dessa maneira, é possível relacionar tais ensinamentos escolares com ensinamentos do Bandeirantismo, porém, referente aos ensinamentos bandeirantes, estes são complementados pelas práticas religiosas católicas e sobretudo, pelas orientações do Código Bandeirante. Além disso, o corpo feminino bandeirante deveria estar uniformizado de maneira padronizada, pois o Movimento Bandeirante possuía uniforme próprio para as participantes.

Retomando as características do Bandeirantismo, a organização do movimento era de grupos com nomenclaturas específicas segundo a idade e hierarquia no movimento. Nos

³⁴ Utilizo o termo “ajuste cultural” para definir como o Movimento Bandeirante precisou se ajustar às expectativas sociais da época, segundo a cultura, primeiro da cultura inglesa e depois dos outros países em que os movimentos foram sendo fundados. Essas expectativas estavam relacionadas aos papéis sociais direcionados às mulheres conforme as culturas e ao que era “ser mulher” nas sociedades da época.

impressos havia até colunas específicas para cada ramo. Conforme a análise realizada, o movimento era dividido entre fadas, lobinhos, corujas (chefes), bandeirantes e guias. Fadas ou também chamada de fadinhas eram para as meninas a partir de cinco anos até os dez anos. Lobinhos era um grupo somente de meninos, também pequenos, e que as orientações sobre eles eram divididas entre o Movimento Bandeirante e o Movimento Escoteiro. De início, nos impressos da década de 1930 havia seções específicas para cada grupo: fadas, lobinhos, guias e chefes. Nessas seções era possível identificar as características das participantes e dos participantes, no caso dos Lobinhos, além de ter especificações de formações e ações no Movimento sob a responsabilidade de cada grupo.

Foi possível identificar o fortalecimento da apresentação de quem eram as Bandeirantes nos impressos iniciais em formato de revista. Nos volumes dos anos de 1932 e 1933 apareceram algumas seções explicativas sobre as Bandeirantes. Na seção *As Bandeirantes* do número correspondente aos meses de junho, julho e agosto³⁵ do ano de 1932, o texto da seção inicia questionando ao leitor: “*Qual a missão do bandeirantismo? O que fazem estas moças vestidas de branco, que andam pelas ruas em grupos, alegres e felizes?*” (Bandeirantes, 1932, p. 19). A partir dessa pergunta é descrito o fim do Bandeirantismo, explicado como a bandeirante deveria ser tendo o código como base e como era o programa de vida da bandeirante.

O fim do bandeirantismo é formar jovens sans, equilibradas, boas e energicas, capazes de cumprir todos os deveres de **filha, esposa, mãe, irmã e amiga**.

A bandeirante cultiva em alto gráo o sentimento da honra; a sua palavra merece confiança. Ella é leal e sincera; ajuda o proximo em todas as ocasiões; é cortez, obediente, economica e pura de pensamentos, palavras e acções. E, de todas as regras do Codigo, que à bandeirante observa religiosamente, ela destaca para sua norma aquella que manda enfrentar com alegria todas difficuldades. A bandeirante é, pois, alegre e comunicativa.

O programa de vida da bandeirante encerra tudo o que é necessario ao desenvolvimento completo de uma jovem moral, intellectual e physicamente.

(...) A convivencia com as irmãs menos favorecidas pela sorte cultiva no coração da bandeirante altruismo. Alegre, optimista e altruista, a bandeirante percorre a estrada da vida servindo a Deus, a Patria e a Familia, procurando ser util ao proximo em todas as ocasiões e obedecer o seu Codigo.

(...) O movimento bandeirante no Brasil nasceu em 1919 e tem tomado regular impulso nestes ultimos annos. Além das diversas companhias existentes na Capital Federal foram fundadas outras em diversos Estados da União.

A Federação das Bandeirantes do Brasil faz um apello a todos os amigos da mocidade para que deem ás bandeirantes a sua sympathia, o seu apoio e o seu auxilio. Ajudae-as a viver e a desenvolver o seu nobre programa (Bandeirantes, 1932, p. 19, grifo próprio).

³⁵ Em alguns números do *Bandeirantes*, havia a junção de meses ao invés de ser um exemplar equivalente a um único mês.

As reflexões possíveis diante do que era ser uma bandeirante a partir do Código, Lema e Promessa, fortalecidos no impresso *Bandeirantes*, está ligada a alguns aspectos. O primeiro relacionado à educação não-formal direcionada para o público feminino pautada nos ensinamentos da Família Baden-Powell, com forte influência do catolicismo. A ligação com a religião católica foi algo característico do movimento brasileiro. O segundo aspecto que cabe ser destacado, foi sobre a quais meninas e mulheres era destinado o movimento. Nos princípios da Família Baden-Powell, já mencionado neste trabalho, o movimento deveria ser para todos sem distinções de classe e raça. Porém, houve divergência em relação a isso. A autora Lúcia Rodrigues (2016), que era bandeirante, mencionou em sua obra as desigualdades que existiram em relação às companhias.

Mas cometeria um grande erro ideopolítico, anos mais tarde, criando Cias. separadas para meninas e jovens de núcleos pobres, ou de outra origem religiosa como foi com as judias. Diziam que as primeiras precisavam “era de educação de base”! Foram as chamadas Cias. ‘Joaninhas’, ‘Margaridas’ e ‘Estrelinhas’. As outras separadas eram Cias. israelitas, até os anos 1950 e 1960! E o pior foi que as Cias. Bandeirantes ‘mais riquinhas’ iam prestar ali o seu ‘Servir’, como uma ‘caridade’ misturada ao desconhecimento de uma ‘Boa Ação’ (B.A), ou não era... Também aconteceu, antes da II Grande Guerra, que não sabiam o que fazer com as Cias. de meninas estrangeiras. Foram os momentos tristes. E só sanados, para o bem de todos, após a II Grande Guerra. Por servir que fosse, não deixaram de ser discriminações (Rodrigues, 2016, p. 69-70).

Na seção *Relatórios da FBB*, que esteve presente nos impressos pesquisados consoante o recorte temporal, eram apresentadas informações de todas as companhias. O impresso de janeiro de 1933, nesta seção, em relação à Região do Rio de Janeiro, foi apresentado o primeiro relatório anual da companhia Bandeirantes do sagrado coração de Jesus. Nesse relatório foi apresentado o que ocorreu de importante naquela companhia no ano de 1932. Ao descrever sobre a dinâmica dos dias de domingo no movimento, Sylvia Pereira de Sousa, chefe da companhia que assinou o relatório, mencionou sobre a quantia de 2\$000 (dois mil réis) que era o valor da mensalidade paga no 2º domingo do mês e naquele ano diante da dificuldade que o movimento estava enfrentando, essa mensalidade aumentou para o valor de 5\$000 (cinco mil réis). Não há explicação se essa mensalidade era por participação no movimento ou referente ao impresso *Bandeirantes*.

Todavia, se existia um valor a ser pago, isso já fazia com que houvesse limitação de participação, considerando que nem todas as meninas e mulheres poderiam pagar tais valores. Os impressos dos anos de 1932 e 1933 apresentavam relatórios de todas as companhias vigentes, inclusive as companhias fora do Rio de Janeiro. Dessa forma, o impresso também era um meio comum de comunicação e de conhecimento sobre o que estava acontecendo em cada

companhia existente. Outro aspecto a ser considerado que fortalece a afirmação de que as bandeirantes foram mulheres de classe mais abastada, eram os valores dos uniformes e demais acessórios que eram pagos pelas próprias bandeirantes ou seus familiares. Mesmo com adaptações dos uniformes para o clima brasileiro, seguiu sendo um uniforme que exigia outros acessórios para compor, como, por exemplo, os cordões de especialidades e os distintivos. E para cada ramo havia diferenciação nos uniformes e acessórios. Isso foi destacado por Rodrigues (2016, p. 90-91):

O material Bandeirante era caro. Os distintivos de especialidades (proficiências) exigidas, eram usados na manga esquerda entre o ombro e o cotovelo. Todos os outros, eram usados na manga do braço direito, dois a dois, desde o punho ou meio braço e caíram quando as mangas ficaram curtas. As Estrelas de ano eram usadas acima do distintivo de Patrulha. Tendo 13 especialidades, as sete exigidas e as seis que quisessem, podiam usar o Cordão Dourado e Azul duplo, passando pela ombreira e preso ao bolso direito. Depois foi cruzado nas gravatas. Era o chic... Mas, antes o Cordão de Proficiências também foi em azul e branco para as Bandeirantes que tinha a 1ª Classe! Criaram o dourado, que passou para a 2ª Classe. Caiu no esquecimento. Ao passar para o Ramo Guia, a Bandeirante podia usar o cordão se tivesse aquelas 13 (proficiências) especialidades com um apito. As Condecorações a partir da criação do Sagrado, foram a Cruz de Bronze, com fita vermelha, para recompensar *Atos de Bravura*; A Cruz de Prata com fita azul, concedida *por risco de Vida*; a Medalha de Mérito com fita branca, *por grande serviço prestado ao MB*. O Distintivo de Agradecimento já era um Trevo Bandeirante em feltro, só que bem maior que o atual Broche da Amizade em metal. A Estrela de Prata de cinco pontas com fita azul marinho surgiu mais ou menos em 1940, e foi criada para as Bandeirantes “*que prestavam relevantes serviços a FBB*”. Os Membros dos Conselhos usavam um uniforme tipo *tailleur* clássico que em 1919 era da tal lã, a casemira azul marinho. O chapéu preto ou marrom, de aba caída ao lado e que tinha uma peninha, foi caído em desuso, antes dos anos 1930. Depois, passaram a usar um chapéu menor, como a época pedia. Chegou em 1940 a ser uma boina azul marinho, como as usadas pelos maquis franceses. Logo depois um chapéu igual branco com fita azul marinho foi adotado para todas as Bandeirantes, inclusive Chefes, mas que podiam ter sapatos com salto de 4 cm, no máximo. A meia era comprida, fina na cor da pele. O casaco do *tailleur* tinha um modelo oficial com um apito em corda transpassada na gravata. Depois esse passou a ser usado em um mosquetão no cinto. O Broche da Promessa dos Membros do Conselho continuou na gravata, mas o nó era de tipos masculinos. Pelas fotos, deixaram muitas coisas que usaram e, hoje em dia, são bem diferentes.

Figura 7 – Tabela de preços da secção de uniformes da F.B.B

TABELA DE PREÇOS DA SECÇÃO DE UNIFORMES DA F. B. B. — Julho de 1932	
Proposta (cada)	\$100
Ficha (10)	1\$500
Folha de chamada (4)	1\$000
Folha de exames (3)	\$300
Livro de adexramento	1\$000
Livro de exercicios e cerimoniais	2\$000
Brim melhor (metro)	4\$000
Brim (metro)	2\$600
Gravata de chefe (bandeirante; fada, lobo)	7\$000
Gravata de bandeirante e fada	1\$700
Gravata de lobo	3\$000
Cinto de bandeirante	7\$000 e 8\$000
Fita de chapéo (bandeirante, fada, lobo)	1\$200
Argola para gravata de lobo	\$400
Cabeça de lobo	1\$000
Cabeça de lobo dourada	1\$500
Broche dourado	2\$000
Broche prateado	2\$000
Broche de fada	1\$500
Bolsa (2 divisões)	3\$500
Bolsa (1 divisão)	2\$500
Mosquetão	\$500 3\$000
Cabo	1\$000
Apito	2\$000
Cordão de apito	2\$000
Estrela de 1 ano	\$600 e \$300
Fita monitora (cada pedaço)	\$200
Distintivo de patrulha	\$500
Distintivo de 1.ª classe (bandeirante)	6\$000
Distintivo de 2.ª classe (bandeirante)	1\$000
Distintivo de proficiencia	\$600
Distintivo de interprete	1\$000
Distintivo de 2.ª classe (bandeirante)	1\$000

(Continúa no proximo numero)

N. B. — De acordo com a decisão do Conselho Central, não vendemos mais a crédito. As encomendas devem vir acompanhadas da respetiva quantia.

Zaira R. L. dos Santos
(Secção de uniformes da F. B. B.)

Fonte: Bandeirantes, 1932, p. 36.

Assim como a formação estava representada pelos acessórios no uniforme bandeirante, o carácter formativo das seções do *Bandeirantes* era apresentado, principalmente em relação às chamadas especialidades. A formação para especialidade aparecia como parte do movimento desde a sua fundação, onde foi possível ter conhecimento através das fontes de pesquisa, a vinda de pessoas que tiveram participação importante na formação das *Girls Guides* e/ou dos *Boys Scouts* e vieram participar da formação das bandeirantes brasileiras. Violet Atkinson Grimshaw foi uma mulher e figura importante nos primeiros anos de existência do Movimento Bandeirante. Violet Grimshaw teve aproximação com o Movimento Bandeirante por meio de May Mackenzie, que a conheceu em uma de suas viagens para a Inglaterra. A escolha de Violet

como primeira treinadora no Brasil teve um motivo importante diante do contexto social do país, ela era católica apostólica romana. Algo que fazia muita diferença pela apropriação brasileira do movimento, tendo em vista a ligação direta com a Igreja Católica.

As chamadas especialidades direcionadas às mulheres bandeirantes, não foi algo exclusivo do movimento brasileiro. De acordo com Rodrigues (2016), diante do contexto de início do século XX na Inglaterra, de onde vieram os movimentos fundadores (*Boys Scouts* e *Girls Guides*), havia na época uma expectativa em relação ao papel social da mulher inglesa que fosse de uma pessoa recatada, maternal e do lar. Ao mesmo tempo, havia a movimentação de mulheres que iam contra esse padrão determinado. Mas ainda assim, havia diferenciação e separação entre os sexos, as escolas eram exemplos dessa separação. Dessa maneira, Baden-Powell não foi na contramão daquilo que era a expectativa de grande parte da sociedade. A opinião de Baden-Powell em relação a essa imagem feminina tradicional refletiu sobre as finalidades das primeiras especialidades das *Girls Guides*: cozinhar, higiene e saúde infantil (Rodrigues, 2016). Essas três finalidades fizeram parte de colunas do *Bandeirantes* em todo o recorte temporal de análise realizada na presente pesquisa.

Para exemplificar, no impresso do ano de 1932 destaco três seções nas quais foram apresentados conteúdos relacionados às finalidades que deveriam ser aprendidas pelas mulheres bandeirantes: *O lar doméstico*, por O.S. Marden, *Programa escola de cozinheiras* e *Curso de ginástica feminina*, por Sylvia Accioly (Bandeirantes, 1932). Na seção *O lar doméstico*, é descrita a importância da educação do lar como forma primeira de educação de uma criança. Entretanto, é destacada que a inteira responsabilidade da educação do lar é dada pela mãe. Afirma-se que é na infância que o ser humano recebe de maneira mais eficaz e intensa as impressões físicas, mentais e morais e sendo o lar o primeiro local que ocorre o desenvolvimento da primeira infância, o lar é a primeira escola e a mãe a primeira mestra. Dessa maneira, era necessário que a mulher fosse educada, sobretudo para ser mãe de família (Bandeirantes, 1932). É apresentada uma crítica em relação à educação que algumas mulheres davam aos seus filhos, responsabilizando-as pelo desvio de caráter futuro que um homem pode ter caso não seja devidamente educado por sua mãe:

Basta observar a conducta que uma enorme maioria de mães seguem para com seus filhos na infancia, para nos convencemos de que, em vez de lhes aperfeiçoar o character lh'o estragam de fôrma tal, que é muito difficil mais tarde reformat-o, obrigando-o, quando homem, a ter grande força de vontade para rectificar os seus defeitos, suprir as deficiencias e emendar os erros da má educação que recebêra no lar domestico (Bandeirantes, 1932, p. 12).

No ano de 1983, foi organizado o Projeto Memória pela FBB. A autora Lúcia Rodrigues utilizou trechos de entrevistas que foram parte desse projeto em seu livro. Dessa forma, em um trecho de entrevista com Rosita Sampaio, importante bandeirante que fez parte do grupo das 11 primeiras bandeirantes, ela explica como foi aquele momento de iniciação no Movimento Bandeirante, destacando momentos importantes, sobretudo o momento da primeira Promessa.

Então May nos chamou, uma por uma, para fazer a Promessa.

As duas Chefes de Patrulha, Clara Santos e Edél Ramos, foram as primeiras. Nós ficamos em posição de descanso e quando nosso nome era chamado, marchávamos até May Mackenzie, acompanhada de nossa Chefe de Patrulha, Clara ou Edél. Perguntava em português: “Sabe o que significa sua Honra?” Ao que respondíamos, “Sim”. Dizíamos a Promessa, fazendo a saudação enquanto apertava nossa mão esquerda.

Fazíamos a saudação que era com a nossa mão direita e dávamos meia-volta saudando a Cia, e voltávamos ao lugar. As que tinham feito a Promessa já podiam fazer a saudação, três dedos no chapéu. Mas é preciso dizer que, todo mundo errava alguma coisinha... Terminada a cerimônia houve uma saudação à Bandeira Nacional. Então, ouvimos um grito: ‘FOGO’! (Rodrigues, 2016, p. 44).

É possível observar que esse momento da Promessa, para efetivamente a futura bandeirante iniciar no movimento, necessitava de uma estrutura para esse acontecimento e uma forma de ser feita essa promessa. Havia frases a serem respondidas nos momentos específicos, além de ser feita uma saudação com a mão. Além do momento da Promessa, em trechos da entrevista esteve presente falas sobre as chamadas Especialidades e foi destacado um momento em que Rosita expôs sobre a oportunidade que surgiam às vezes por conta da especialidade de cozinheira:

Entre as primeiras Especialidades (chamadas então de Proficiências) que fizemos, estava a de Cozinheira. E era muito concorrida, não só porque pretendêssemos ser boas donas de casa, mas porque podíamos ir sozinhas das casas em Botafogo e Flamengo, fazer compras dos ingredientes no Mercado da Praça XV, no Centro da cidade! Íamos uniformizadas e aproveitávamos para passear, ver os prédios novos ou ir rapidinho aos museus existentes na Avenida Rio Branco; sempre dando um jeitinho para que as Chefes (Coordenadoras de então) não brigassem pelos atrasos gerais na busca de ingredientes (Rodrigues, 2016, p. 55-56).

De acordo com Rodrigues (2016, p. 136), “as provas de Classes e Especialidades (Proficiências) deveriam manter o interesse, buscar e conservar novos talentos”. Para que não houvesse esquecimento sobre as especialidades, sendo também um exemplo de manter o interesse e simbolizar as especialidades, havia acessórios que as representavam, os distintivos de especialidades (proficiências). Estes distintivos eram usados na manga esquerda do uniforme. Eram 13 especialidades, 7 obrigatórias e 6 de livre escolha de cada bandeirante. Ademais, Rosita contou também em entrevista que acontecia aula de enfermagem e curso de

primeiros socorros, higiene infantil e enfermagem que foram dados por Sra. Smith, que ela descreve como enfermeira-chefe do Hospital dos Estrangeiros na cidade do Rio de Janeiro. Esses cursos, segundo Rosita, eram necessários para a prova de 1ª classe. Para realização das especialidades, os locais eram cedidos pelas chefes bandeirantes, mas por um tempo (não delimitado pela autora), segundo Rodrigues (2016), foram utilizadas para a realização de especialidade as salas e cozinha da Fundação Osório, instituição federal de ensino público que teve ligação com o Movimento Bandeirante. Outro destaque que a autora fez em relação às especialidades foi sobre as bandeirantes mostrarem que se sentiam bem de exercitar essas atividades, além da expectativa social. Para elas poder escolher em realizar as especialidades era uma forma de liberdade de escolha.

As jovens do MB no Brasil, mostraram que as Especialidades ‘não as afastava de seus deveres, ditos femininos’, ao contrário, ‘davam-lhes um estímulo ao aperfeiçoamento de certas obrigações femininas que a sociedade ainda exigia e não eram só isso o que representavam para elas. Eram suas as condições de liberdade de escolhas’ (Rodrigues, 2016, p. 134).

Existia uma estrutura de exames e provas para que as participantes do Movimento Bandeirante estivessem separadas pela idade e pelos conhecimentos exigidos pelo bandeirantismo que elas iam adquirindo. Havia provas de classe e adestramento, a hipótese é que as provas iniciais de adestramento eram as especialidades e que de acordo com que iam avançando nessas provas faziam os exames de 1ª e 2ª classe, essas informações não foram identificadas para entendimento de como era a dinâmica para as bandeirantes estarem em 1ª ou 2ª classe. Conforme o subgrupo que estavam inseridas, faziam exames e provas específicas. Os subgrupos identificados em pesquisa foram: fadas, lobinhos, guias, bandeirantes, subchefes e chefes.

O impresso de janeiro do ano de 1933, na seção de relatórios, são apresentadas essas dinâmicas de organização do bandeirantismo, mencionando sobre as Guias, Promessa, exame de adestramento e prova de 2ª classe:

Afinal chegou o mês de Abril em que começamos as reuniões seriamente. Depois de uma faxina em regra, e bem arrumada a Séde, procurei bandeirantes e só encontrei apenas uns quatro ou cinco elementos. Inacreditavel, não? mas esperem minha explicação. A maior parte da Companhia por questão de idade passara para Guias (...). Maio, Junho e Julho foram meses de reorganização. Pouco a pouco iam chegando novas meninas, que imediatamente se entusiasmaram com o movimento bandeirante, procurando cada qual preparar o melhor possível o exame de adextramento. Afinal em Agosto realizou-se a primeira promessa do ano, no dia 7, num Domingo, às 10 1/2, na presença de D. Jeronyma Mesquita, D. Alice Carvalho de Mendonça,

nossa Presidente, Lourdes Lima Rocha com a Companhia de Guias do Sagrado e Maria José Lynch com a Companhia S. Luiz de Gonzaga. Eramos nesta época 10 bandeirantes. Assim pouco a pouco fomos revivendo; as reuniões tornando-se cada vez mais interessantes, enchiam as bandeirantes de ardor e boa vontade, e enquanto as novas aspirantes se preparavam em adexramento, as outras já entravam na 2ª classe (Bandeirantes, 1933, p. 27).

Segundo a *Seção de Guias* do impresso *Bandeirantes*, dos meses de junho, julho e agosto do ano de 1932, em relação às provas de 2ª classe, é apresentado tópicos em que as Guias precisavam responder, a Guia respondendo oito pontos correspondentes a dois de cada tópico apresentado, seria aprovada. “Toda guia deve submeter-se às provas que damos a seguir, correspondentes ao exame de segunda classe para Bandeirante” (Bandeirantes, 1932, p. 20). Os tópicos apresentados no impresso foram:

I - INTELLIGENCIA

- Transmitir e receber mensagens simples em Morse; ou
- Demonstrar algum conhecimento de um dos livros da lista que daremos no proximo Jornal; ou
- Ter visitado seis lugares interessantes na vizinhança e saber da sua história; ou
- Cultivar uma planta (flôr ou legume) desde a semente ou batata, num vaso ou jardim.
- Trazer a planta para ser examinada e anotações sobre seu crescimento com datas; ou
- Ser capaz de apontar e saber o nome de seis constellações pelo menos.

II - HABILIDADES

- Fazer sete nós; ou
- Fazer uma guarnição ou qualquer objecto util para casa ou para séde (um cesto para costura, um trabalho de carpintaria, um bordado, etc); ou
- Ser capaz de serzir e remendar; ou
- Saber limpar metaes e tirar nodoas de roupa; ou
- Fazer uma pinha com um cabo

III - SAUDE

- Saber arrumar um quarto de doente, e fazer uma cama com o doente deitado; ou
 - Saber tres danças regionais, ou nadar 25 metros, ou fazer um passeio de cinco kilometros, e descreve-lo cuidadosamente
 - Executar pelo menos tres exercicios physicos e saber seu valor
- N.B. - os exercicios physicos devem ser retirados do Livro do Escoteiro, ou de qualquer outro livro, indicado pela chefe da Companhia

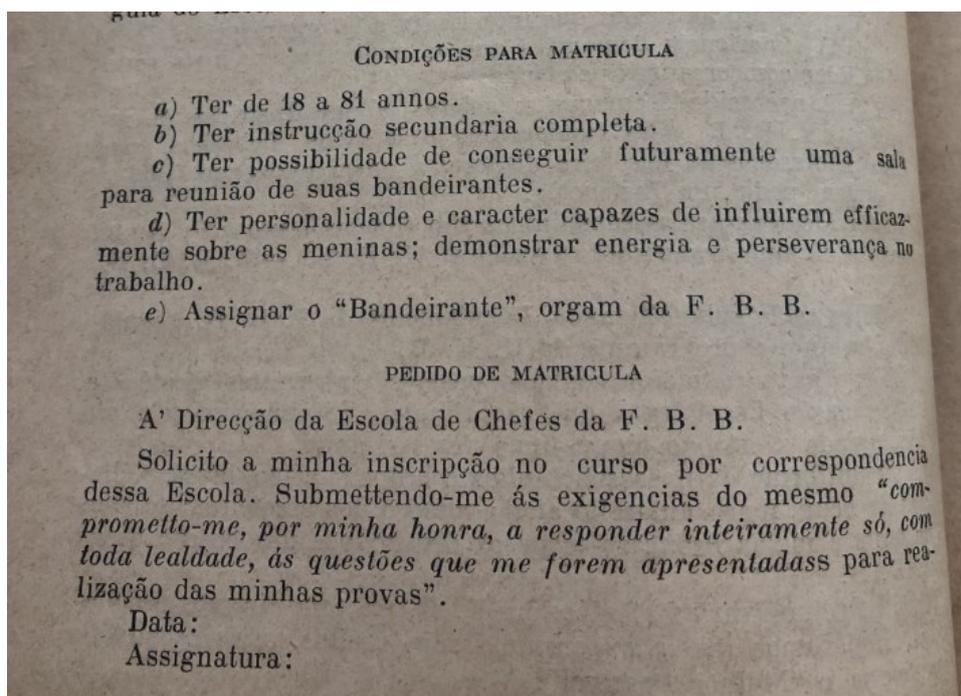
IV - SERVIÇOS

- Conhecer a maneira de alimentar, dar banho e vestir um bebê de nove mezes e fazer a descrição de um dia da vida de uma criança sadia de tres annos de idade; ou
- Saber as regras geraes do tratamento de desmaios, queimaduras e cortes, e sabe estancar uma hemorragia; ou
- Organizar um jogo de equipe (Bandeirantes, 1932, p. 20 e 21).

Outra maneira de formação para as Bandeirantes foi a Escola de Chefes por Correspondência. A informação sobre essa formação por correspondência esteve presente no impresso do mês de maio do ano de 1932. Para ser realizada a inscrição, existiam normas. O primeiro passo era realizar a escrita de próprio punho do pedido de inscrição em uma folha de

papel almaço com informações pessoais. Junto do pedido da inscrição deveria ter a quantia de 10\$000 (dez mil réis). Essa quantia dava o direito da candidata à formação de receber: um regulamento da FBB, folheto de provas de adestramento Bandeirante, livro de exercícios e cerimônias, guia escoteiro e caderno para chefe (Bandeirantes, 1932).

Figura 8 – Escola de chefes por correspondência



Fonte: Bandeirantes, 1932, p. 10.

As formações no Bandeirantismo estavam baseadas em seus quatro fins: formação de caráter, saúde, serviço e trabalhos manuais (Bandeirantes, 1933). O impresso trazia todas essas informações através da descrição de modelos de programas pertinentes para cada subgrupo. Na seção de chefes do mês de janeiro do ano de 1933, é apresentada sobre como as chefes deveriam ministrar suas reuniões, mostrando modelos de programas que funcionavam como se fossem planejamentos para as reuniões. É apresentado um modelo de programa geral e um modelo de programa surpresa. Esse programa surpresa, também chamado de espontâneo na coluna, para exemplificar quando uma chefe decidia modificar o programa de última hora diante da indisposição de alguma companhia para trabalhar em algum dia.

Assim como havia direcionamentos nas seções de guias e chefes, existiam também formações e orientações específicas para as crianças que participavam do Movimento Bandeirante. Conforme mencionado, as meninas faziam parte do subgrupo nomeado de Fadas e os meninos de Lobinhos. A análise dos números do impresso do ano de 1932 foi possível

identificar uma série de orientações de como o *Bandeirantes* passaria a funcionar, contendo explicações sobre os subgrupos e como eram as dinâmicas, formações direcionadas para cada subgrupo. Em relação às Fadas, na primeira *Seção de Fadas* do mês de abril do ano de 1932, é descrito que atendendo a conselhos recebidos, a seção seria ampliada para acompanhar o novo formato do impresso (Bandeirantes, 1932). É explicado que a Chefe é a “Coruja” que orienta as Fadas e é feito um pedido:

Qualquer pessoa que tenha alguma cousa de interessante para contar ás fadas - seja jogo, historia, noticia de companhia etc., - fará o favor de enviar o artigo escripto a tinta, de um lado só da folha de papel, endereçado à ‘Coruja disse’, 42, Benjamin Constant, Rio de Janeiro (Bandeirantes, 1932, p. 18).

A assinatura da seção foi feita por M. C. Carey. Dessa forma, não foi possível identificar se era uma forma de codinome ou apenas abreviação do nome todo. M. C. Carey escreveu sobre o que desejava para a seção das Fadas, além de compartilhar um jogo chamado *O Toque da fada* visando ser um teste de “domínio sobre si” por cada Fada e promoveria um momento mais enérgico; e um texto intitulado de *A lenda do amor perfeito*.

Pensei, nesta secção, publicar sempre: um artigo para *Corujas* sobre algum ponto tecnico de organização de companhia; uma instrução technica (provas de adexramento, de 2.^a Classe, 1.^a Classe, Especialidades); um jogo; uma historia e noticias do Movimento de Fadas. - Que tal? Approvam a idéa? Então, avante Fadas, com a collaboração. “Fada ajuda sempre” e a Coruja conta com vocês (Bandeirantes, 1932, p. 18).

E assim seguiram a seções das fadas no decorrer do ano de 1932. No mês seguinte ao do primeiro exemplar em novo formato, correspondente aos meses de junho, julho e agosto de 1932, é apresentada a prova de adestramento específica para Fadas. No texto aparece a idade que meninas podiam passar a fazer parte do grupo: entre cinco e dez anos. É destacado que mesmo que a menina estivesse matriculada, ela seguiria sendo aspirante até que conseguisse passar por algumas provas para se tornar Fada. As provas eram: (1) Conhecer a Promessa e o Código da Fada; (2) A Saudação e o Lema; (3) O grito das Fadas e de sua Sextilha; e (4) Saber contar a Historia das Fadas (Bandeirantes, 1932).

Lobinhos era um dos ramos do Movimento Escoteiro, concebido por Robert Smith Baden-Powell. O Movimento Bandeirante passou a compartilhar esse ramo com o Movimento Escoteiro. É importante destacar que apesar da separação que acontecia e segue acontecendo até os dias atuais entre Bandeirantes e Escoteiros, as relações entre os movimentos se

atravessavam, além de partilharem colaborações de algumas pessoas importantes para ambos os movimentos.

Nascimento (2008), ao escrever sobre os Lobinhos no Escotismo, menciona sobre as mudanças ocorridas na sociedade britânica após o início da Primeira Guerra Mundial, apontando sobre o fato de muitos jovens escoteiros terem se afastado do movimento para seguirem nas frentes de batalha da Guerra. Dessa maneira, algumas mulheres foram ocupando os lugares desses jovens que foram para a guerra e se interessaram em fazer parte da formação dos escoteiros (Nascimento, 2018). O autor menciona que uma colaboradora fundamental para que Baden-Powell organizasse o ramo dos Lobinhos foi Vera Barclay, ela colaborou diretamente para elaboração do manual do Lobinho junta de Baden-Powell no ano de 1916.

Apesar de não ter sido possível identificar a familiaridade, Vera Barclay possuía o mesmo sobrenome do Sr. Barclay, pessoa fundamental para que o *Girls Guides* chegasse ao Brasil, pois foi ele quem levou a carta de Olave Baden-Powell para a residência da Família Mackenzie na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, é possível a existência de algum grau de parentesco entre Vera Barclay e o Sr. Barclay, corroborando assim para o que mencionei sobre os atravessamentos e colaborações comuns que acontecia no Movimento Bandeirante.

Em relação à existência dos Lobinhos no Movimento Bandeirante, a autora Lúcia Rodrigues (2016) escreveu sobre o período da década de 1920 em como o movimento era estruturado conforme os subgrupos (ramos):

Na época, existiram os Lobinhos no MB. Grupos de meninos de 7 a 10 anos em muitos Distritos Bandeirantes. Na época, as meninas pequenas do Coração de Jesus, depois O Sagrado, chamavam-se Cias Bandeirantes I e II de Fadas e a de meninos a Lobinhos I, e separadas.

Havia Guias Auxiliares no Distrito Coração de Jesus para ajudar as Corujas. Os demais Distritos da cidade do Rio de Janeiro ficariam em diferentes Bairros.. Na época, 1926 e 1928, falava-se de Cias Isoladas no Espírito Santo, uma na Bahia e outra no Pará. Em São Paulo só havia a Cia. inglesa Bandeirante. No mais eram Cias Escoteiras, com preparação de Akelás. Até o ano de 1933, quando vai sendo aberto o MB em dois outros estados, os anais do Conselho Central mostraram que na sua maioria eram de classes média e alta, e poucas de baixa renda. As jovens Bandeirantes eram das religiões católica e protestante anglicana. Essas características não foram obstáculos para andarem juntas e aos poucos ultrapassando o fato, pelos princípios e valores que a Missão exigia (Rodrigues, 2016, p. 58 e 59).

A *Seção de Lobinhos* não apareceu no primeiro exemplar do ano de 1932, teve apenas uma seção explicativa do motivo de ter um ramo/subgrupo de Lobinhos na FBB. Uma das explicações apresentadas nessa seção era a de que mulheres têm mais jeito de lidar com crianças pequenas. Mesmo não estando exposto, a hipótese interpretativa é de comparação com os

homens, tendo em vista que meninos escoteiros deveriam estar apenas no Movimento Escoteiro, pelo menos era o que se esperava.

Talvez haja alguém que se espante de vêr uma Secção de Lobinhos neste Jornal; é que, com certeza, ignora que a F.B.B. aceita nas suas fileiras estas prometedoras alcatéas de ‘escoteirinhos’.

Duas foram as razões que motivaram esta organização:

1) A experiência demonstra que as mulheres têm mais jeito para lidar com crianças pequenas;

2) A necessidade da F.B.B. para fundar Alcatéa de Lobinhos, por falta de Associação Escoteira no local a quem pudessem filial-a, e a quem pedir um Instructor. (Bandeirantes, 1932, p. 9, grifo próprio)

A influência religiosa estava presente nas formações e no dia a dia do Movimento Bandeirante. Na seção de relatórios do mês de maio do ano de 1933, foi apresentado o relatório da Alcateia de Lobinhos do Sagrado Coração. Havia a descrição de nomes e idades dos meninos que passaram a integrar o ramo no ano de 1932 e as observações sobre eles a partir do olhar das Chefes. Segundo a informação que o impresso apresentou, Padre Franca e D. Ninha Moreira da Fonseca organizavam aulas de catecismo para esse grupo que aconteciam por meia hora em todos os domingos (Bandeirantes, 1933, p. 33).

Essa formação religiosa não era exclusiva do ramo de Lobinhos. Por exemplo, no impresso referente aos meses de junho, julho e agosto do ano de 1932, é apresentada uma seção de Curso de Liturgia. As principais informações sobre esse curso aparece no início do texto sendo o curso dado por Monsenhor Joaquim Nabuco, toda quinta-feira das 10 às 10:30 na Paróquia Sagrado Coração de Jesus. A entrada era franca e o objetivo era preparar as Guias para o exame da especialidade de Liturgia (Bandeirantes, 1932). Além disso, existia certa rigorosidade relacionada a participação e conhecimento sobre a doutrina católica pelas bandeirantes.

Houve no início de 1928, uma chamada de atenção ‘*para a falta de frequência às reuniões*’. Acontecia incluírem o programa Recrutas que ‘as outras que não precisavam de todo o catecismo, mas as católicas tinham que saber o Credo para a 2ª Classe; precisavam saber os Mandamentos para a 1ª Classe e ainda os Sacramentos e as Virtudes! E não eram todas ‘tão católicas’ num Movimento que se dizia leigo. Havia “as reações em faltas’ nos dias daquelas provas! A partir dos anos 1940, passaram a não exigir ‘aqueles conhecimentos’, voltando atrás nos programas e nas exigências de frequências mais religiosas. Diziam que as católicas já não precisavam, ‘*por que tinham aulas à respeito nos seus colégios, e não eram tão necessárias no MB*’ (id., ano, p. 22). Para lembrar quem tiver interesse, o documento original de 28 de março de 1927, com a Bênção do cardeal Dom Sebastião Leme e dada à ‘Cia. do Coração de Jesus’ na sua abertura ou ‘refundação do MB’, está no Arquivo Central. Em 1931, o jornal Bandeirantes passava a ser ‘*Órgão Oficial da FBB*’, fato que merece ser analisado com muito cuidado e segundo o autor Luis Bardin ‘*pelo que foi*

discursado pelas Bandeirantes na época' (op. cit., ano, p. 32) (Rodrigues, 2016, p. 126-127).

Além do próprio impresso, era comum ter notícias e informações sobre o Bandeirantismo em jornais daquele período, desde a fundação do movimento no ano de 1919. O impresso foi se modificando com o decorrer dos anos, tanto nos conteúdos, quanto na estrutura (capa e páginas). Ademais, foi acompanhando as mudanças na sociedade, tendo em vista que foram quatro décadas de impressos obtidos na presente dissertação. O primeiro número em formato de revista destaca-se porque há explicações sobre a mudança no formato e como seria a partir dali em relação à distribuição/venda do impresso.

Com cinco annos de existencia, este pequeno periodico, que é orgão official da 'Federação das Bandeirantes do Brasil', apezar das multiplas dificuldades que enfrentou tem prestado grandes serviços á causa do bandeirantismo nacional. Fez ao seu alcance a propaganda dos ideais bandeirantes e entreteve, atravez das suas paginas, o espirito de cooperação intellectual entre os varios nucleos, que combatem pela implantação e triumpho das idéas que norteiam a nossa campanha. Cumpriu assim rigorosamente o programa idealizado pelas suas fundadoras. Agora o 'Bandeirantes' entra numa nova phase, transformando-se numa revista, que terá sempre um minimo de vinte paginas e sahirá regularmente, todos os mezes. O dia escolhido para o aparecimento do 'Bandeirantes', a partir de Maio, é o quinto do mez.

Com a sua nova feição, o orgão official da "Federação das Bandeirantes do Brasil" estará mais apto a desempenhar-se da missão importante que lhe cabe na grande obra, ha tanto tempo encetada no nosso paiz. Além dos artigos de doutrina, de character tecnico, para o aprendizado das bandeirantes, o "Bandeirantes" publicará resenha das actividades mensaes dos diversos grupos e uma parte litteraria, além de secções de interesse domestico, inclusive as magistraes lições do professor Martinho da Rocha, para ensinamento das jovens que serão futuras mães de familia. Desejamos, ao iniciarmos esta phase mais promissora, corresponder inteiramente, ao pensamento constructivo do bandeirantismo. Esta revista será o repositório e o reflexo de todas as nobres idéas que animam as bandeirantes do Brasil e servirá de ligação com as suas congêneres do estrangeiro (Bandeirantes, 1932, p. 3).

Diante do que foi apresentado sobre o que era ser uma bandeirante, tudo o que compreendia ser uma participante do movimento, fez parte da construção de uma identidade social bandeirante, conceito utilizado por Lúcia Rodrigues que se justifica como uma identificação social e voluntária comum desse grupo. A autora utiliza o conceito de identidade social bandeirante para dar base ao que era ser uma bandeirante. É interessante que no decorrer de todo o seu livro, ela menciona o que caracterizava essa identidade, assim como essa identidade foi sendo modificada conforme o passar do tempo, somando mudanças e transformações no Movimento Bandeirante. Havia um movimento entre as mulheres para que essa identidade social bandeirante fosse honrada e fortalecida. Toda a estrutura e dinâmicas do grupo estavam ligadas à identidade social bandeirante. Essa identidade bandeirante surgiu com base no método de Baden-Powell, na criação do movimento inglês *Girls Guides*. Dessa forma,

foi criado um grupo e criou-se uma ideia de pertença a esse grupo mediante uma forma de ser bandeirante e identidades individuais foram construindo e fortalecendo a vivência em grupo, influenciando ações e comportamentos, sendo tudo isso a identidade social bandeirante.

O conceito de identidade social é estudado por diferentes áreas de estudo. Lúcia Rodrigues era assistente social e em seu livro é destacada como sartreana por defender as ideias do filósofo Jean-Paul Sartre, que pode ter influenciado em suas referências teóricas para a pesquisa do livro, porém ela não teorizou sobre a qual campo ela embasou o conceito de identidade social bandeirante e nem se teve alguma relação com as ideias do filósofo. Porém, os diferentes campos de estudos e seus teóricos sobre identidade social, pesquisados neste presente trabalho, dão sustentação teórica para o que Lúcia Rodrigues escreveu sobre identidade social bandeirante.

No campo da psicologia social, o psicólogo Henri Tajfel tem um trabalho, pioneiro no campo, sobre Teoria da Identidade Social que começou a ser desenvolvido na década de 1950 e incluiu os estudos sobre estereótipos sociais e discriminação, dessa maneira, Henri Tajfel se tornou um marco nos estudos sobre relações intergrupais na Europa (Fernandes; Pereira, 2018). Fernandes e Pereira (2018), escreveram sobre o papel da identidade social em relações intergrupais e para Tajfel, segundo os autores: “a identidade social pode ser definida como o conjunto formado pelo autoconceito do indivíduo, sua pertença grupal e a valoração atribuída a esta pertença” (Tajfel, 1982 *apud* Fernandes; Pereira, 2018, p. 35).

Michael Pollack, sociólogo e historiador, escreveu sobre identidade social relacionada à memória no campo da História Oral. O estudo de Pollack auxilia em entender essa relação entre memória e construção de identidade, complementando os estudos do campo da psicologia social. Para o autor, a memória é construída de maneira individual e social, de maneira herdada conforme os acontecimentos vivenciados também coletivamente e/ou individualmente. Dessa maneira,

tal relação surge na medida em que a memória é um elemento constituinte da identidade, pois é a memória que cria as condições para o desenvolvimento do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no seu processo de construção de identidade (Amorim, 2012, p. 109).

Aproximando-se dos estudos de Pollack, a identidade social bandeirante foi sendo constituída ao longo dos anos a partir do fortalecimento de memórias das experiências de vida de mulheres bandeirantes atuando em grupo, cultivando o sentimento de pertença. O conceito de identidade social perpassa diferentes campos de estudos nas ciências humanas, nesta presente pesquisa foi pertinente relacionar o conceito de identidade social bandeirante aos campos da psicologia social e história oral. Tendo em vista a busca pela complexa compreensão

das identidades sociais, considerando o estudo de como pessoas e grupos se identificam, são identificadas pelo “o outro”, ao longo do tempo e como as identidades influenciam e são influenciadas por aspectos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos.

Podemos, portanto, dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fato extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollack, 1992, p. 5).

O processo histórico analisado na presente pesquisa em relação ao Movimento Bandeirante foi atravessado por acontecimentos importantes na sociedade no período de 1919 a 1949, conforme já mencionado, as lutas por direitos das mulheres, o auge da imprensa feminina e as grandes guerras perpassaram de alguma forma pelo Bandeirantismo. Dessa maneira, a identidade social bandeirante foi sendo transformada ao longo das mudanças e acontecimentos que ocorreram na sociedade. A identidade social do Movimento Bandeirante constituiu-se de diversas maneiras a partir das vivências no movimento. A expansão internacional, que teve Olave Baden-Powell como protagonista diante de contatos e movimentações feitas por ela para levar o *Girls Guides* para outros países, está intrinsecamente ligada a caracterização de uma identidade social bandeirante, iniciando na origem no movimento, a partir do que o movimento inglês e aquela sociedade da época estavam inseridos.

Cabe destacar que é perceptível que mudanças e transformações aconteceram no interior do movimento, dessa maneira, a estrutura, nomenclaturas e dinâmicas são diferentes em relação às décadas de 1919 a 1949, assim como a identidade social bandeirante. Apesar de não ser o foco da análise, atualmente, o Movimento Bandeirante trabalha com a coeducação, recebendo participantes do sexo feminino e masculino, uma demonstração de mudança estrutural. Porém, a essência do Bandeirantismo tendo como base e direcionamento o código, promessa e lema segue existindo.

A obra *Chama Acesa* destaca que “o Código e a Promessa são a porta de entrada para o Bandeirantismo. E é somente através da vivência cotidiana deles que podemos ter o orgulho de dizer que somos verdadeiramente bandeirantes” (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008, p. 24). E, além da base que segue sendo a mesma de quando não existia coeducação no movimento, o modo de ser bandeirante também segue tendo as mesmas características do passado em que o movimento era exclusivo para o sexo feminino.

Quando entramos no **Movimento Bandeirante**, vamos nos aproximando aos pouquinhos de outros bandeirantes e vamos conhecendo o **modo de ser bandeirante**.

A gente vai se envolvendo, vai se deixando cativar por este jeito simples e alegre de viver a vida.

Até que chega um momento especial... o **momento em que ficamos prontos e aceitamos ser bandeirante**. Neste momento, somos convidados a fazer a **Promessa Bandeirante** (Federação de Bandeirantes do Brasil, 2008, p. 24, grifo próprio).

Apesar das mudanças que ocorreram, lembrar as bases da construção e consolidação do Movimento Bandeirante é importante para a compreensão de sua história. O Código Bandeirante foi fundamental para o fortalecimento do movimento, funcionando como diretrizes para uma vivência efetiva do modo de vida Bandeirante. Através dos registros das páginas do impresso foi possível relacionar seções com cada lei do código e discutir sobre o impresso como fonte de pesquisa, imprensa feminina na História da Educação e dar continuidade as discussões relacionadas aos papéis sociais das mulheres no início do século XX.

2.2 *Bandeirantes* na imprensa feminina do início do século XX e a relação com Código Bandeirante em seus artigos

Através do impresso *Bandeirantes* foi possível afirmar o quanto este meio de comunicação foi fundamental para a consolidação do movimento no Brasil, construção e fortalecimento de uma identidade social bandeirante. O código bandeirante foi uma base para a vivência em grupo, tendo seções regulares nos impressos com descrições e orientações de todo o código ou somente de algumas leis. A hipótese é de que havia recorrência em lembrar o Código para que as bandeirantes estivessem *semper parata*, como diz o lema, para vivenciar o Bandeirantismo.

Tendo em vista o vasto material coletado em pesquisa e a impossibilidade de tempo de curso para a análise de todo o material que registrei nas idas à Federação de Bandeirantes do Brasil, foi necessário fazer escolhas e por isso optei pela seleção de algumas seções do impresso em que aparecesse explicitamente ou não, no artigo, informações sobre alguma lei ou de todo o código das décadas de 1930 e 1940; e por uma série de artigos dos anos de 1942 e 1943 em que foram publicadas seções nos impressos que traziam uma lei do Código ao fim de cada artigo. Importante ressaltar que não necessariamente a seção estava relacionada ao código. Entre os anos de 1942 e 1943, alguns números do código se repetiram e apenas a lei número 7 não teve menção na série de artigos que finalizavam com cada lei do código. O objetivo é propor reflexões a partir da relação direta ou indireta do conteúdo do artigo com o Código Bandeirante, através da imagem registrada das seções

Na seção anterior foi apresentado o que era ser uma mulher bandeirante através da vivência da Promessa, Código e Lema e como a vivência dessa tríade era orientada a partir das seções do *Bandeirantes*. O impresso foi fundamental para que a educação não-formal, proposta pelo movimento, fosse efetiva. Sendo assim, refletir sobre tudo o que o impresso foi e representou é dar continuidade as questões das mulheres bandeirantes relacionadas à imprensa. Dessa maneira, para dar continuidade à discussão teórica iniciada na seção anterior, é importante destacar o impresso como fonte de pesquisa no campo da História da Educação e a imprensa feminina naquele período entre as décadas de 1920 a 1930, em que existiram diversos periódicos dedicados de maneira exclusiva às mulheres e estes foram importantes meios de comunicação nas primeiras décadas do século XX.

De acordo com Luca (2008, p. 111), “na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil.” Com o decorrer do tempo, esse cenário de pesquisa foi se modificando diante de debates e discussões sobre abordagens e problemas de pesquisa. Em relação ao impresso em formato de revista, este teve uma espécie de “boom” a partir dos anos 1900. As transformações sociais da virada do século XIX para o século XX acelerou o modo de vida urbana e a imprensa, por ser um local de privilégio de informações e da difusão destas, tomou parte ativa nesse processo de aceleração (Luca, 2008, p. 137). Em relação à materialidade do impresso, é algo a ser destacado como intencional tendo em vista o que Tânia Regina de Luca aponta:

Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É óbvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos (Luca, 2008, p. 131).

A autora Juliana da Costa Feliz (2022), em sua tese *A história da educação da mulher no Brasil contada pelos impressos: uma análise comparada do discurso das revistas femininas e de informação geral (1827-1997)*, analisou, de maneira comparativa e histórica, o discurso da imprensa sobre educação da mulher. A autora apresentou o caráter documental e histórico do impresso a partir de textos diversos que foram utilizadas por ela, entre jornais e revistas. De maneira inicial, ela destaca a intencionalidade e o caráter documental, considerando importante a explicação sobre esses dois aspectos.

(...) Considerou-se importante explicar, mesmo que de forma concisa, sobre o caráter documental e histórico do impresso. O ponto de partida foi a percepção do seu valor

enquanto registro da memória dos periódicos, mas também o de investigar quais eram as características dos discursos e como foram modificados no atravessar das décadas. Debruçar-se sobre textos de quase dois séculos pode ser entendido como um exercício de avaliar de que modo a imprensa de cada recorte temporal noticiava os fatos e, também, identificar como era estabelecida a agenda midiática brasileira perante o tema investigado (Feliz, 2022, p. 33).

É interessante que a autora aponta sobre o valor de um periódico como registro de memórias. Relaciono tal afirmação com o acervo da Biblioteca Aracy Muniz Freire da Federação de Bandeirantes do Brasil, no qual eu consegui ter acesso e fazer os registros que pude compartilhar nesta presente dissertação. Esse acervo foi organizado por mulheres bandeirantes, inclusive isso é mencionado por Rodrigues (2016). O acervo da FBB é uma forma de registro das memórias do Bandeirantismo que possibilita pesquisadores sobre a temática acessarem o acervo e utilizarem os documentos em pesquisa como fonte documental e histórica. Segundo Juliana da Costa Feliz (2022, p. 35),

Um fator elementar, mas não menos importante, que difere o impresso das outras mídias, é a questão do valor documental do registro. O que está escrito no papel carrega em si a materialidade documental, o contrário da palavra pronunciada, da oralidade, que pode se dissipar mais facilmente e demanda ferramentas mais complexas para o seu resgate memorial.

No percurso de pesquisa, nesse momento de visita ao acervo da FBB, foi necessário me ater aos impressos em formato de revista, porém no acervo há uma variedade de documentação que também são outras formas de registros de memórias. Para Feliz (2022, p. 37), “o documento é índice e vestígio de algo que pode indicar presença ou ausência, seja do passado ou do presente.” Em análise dos impressos registrados para a presente pesquisa, foi possível identificar os vestígios de aspectos que estiveram tanto presentes quanto ausentes no *Bandeirantes*, conforme destacado, principalmente neste capítulo. Sobretudo, “é importante ressaltar que os olhos do presente não conseguem capturar todas as nuances, fatos e motivações que envolvem um momento histórico” (Feliz, 2022, p. 45).

Outro aspecto relacionado ao impresso *Bandeirantes* que cabe destacar é a questão da imprensa feminina entre as décadas de 1920 a 1930. Além de escrever sobre o caráter documental e histórico de periódicos, Feliz (2022) apresentou panoramas de alguns periódicos conforme o recorte temporal de sua pesquisa. Aqui destaco, de maneira breve, a análise qualitativa de dois textos (um de cada impresso) publicados na década de 1934, na revista semanal *O Cruzeiro* e no *Jornal das moças*, também semanal, por corresponderem ao período de pesquisa da presente dissertação e assim ter a possibilidade de relacionar tal análise desses impressos feita pela autora, com o *Bandeirantes*.

A revista *O Cruzeiro* não foi direcionada de maneira exclusiva para mulheres, assim como foram o *Bandeirantes* e o *Jornal das moças: revista semanal ilustrada*, porém foi um periódico brasileiro de grande relevância na época e trazia algumas seções direcionada às mulheres. Segundo a autora, Feliz (2022), *O Cruzeiro* teve grande impacto na sociedade. Foi lançada no ano de 1928 com publicações semanais e logo depois, passou a fazer parte do grupo de Assis Chateaubriand, os Diários Associados e tornou-se pioneira na imprensa periódica da época devido, principalmente, a circulação nacional que teve. A autora em sua tese analisou alguns artigos da revista. Entre eles, o primeiro artigo chamado de *Educação da mulher* na seção *Páginas Esquecidas*, publicado em 22 de abril de 1933. Este artigo reproduziu trechos de autoria de um romancista português, Almeida Garrett, que escreveu 104 anos antes daquela data em que foi publicado na revista, por esse motivo, a autora destacou que:

O texto veiculado na revista *O Cruzeiro* em 1933 havia sido publicado 104 anos antes, seguindo os preceitos da realidade daquela época. O nome dado à seção *Páginas esquecidas* pode ter relação com a lacuna temporal entre ambos. A realidade educacional da mulher havia se transformado durante o último século, mas, talvez, por se estar diante de um autor consagrado da Literatura Portuguesa, o trecho tenha sido reproduzido no periódico sem considerar tais diferenças históricas e sociais. Em contraponto, é possível que houvesse elementos simbólicos que ainda fizessem parte da realidade feminina daquele período, ou que o teor da carta tivesse sinergia com o ideal discursivo proposto pela revista (Feliz, 2022, p. 179).

Dessa maneira, é importante reforçar que “o conhecimento histórico é dinâmico e cada geração relê, reinterpreta e reescreve o passado, que é marcado pela transitoriedade” (Luca, 2022, p. 27). O texto tem caráter conciliatório, direcionando-o para leitoras, para o público feminino. Partindo da interpretação feita por Feliz (2022), a compreensão sobre o texto foi de que o assunto versa sobre a beleza feminina, que nem todas as mulheres possuem e como as mães de filhas que não possuem beleza podem investir em sua educação para que essas se tornem mais belas. No período em questão, apesar de mudanças sociais referentes às mulheres, ainda era esperado socialmente que as mulheres casassem, se tornassem donas de casa e estivessem preparadas para assumir as responsabilidades domésticas e cuidados com a família.

Por essa perspectiva histórica e cultural, a beleza física seria o atributo mais valioso para a conquista de um bom marido. As meninas consideradas feias estariam em desvantagem na disputa matrimonial, como uma condenação injusta desde o nascimento, e que fariam sofrer as mães, que precisariam se esforçar para deixar as filhas mais interessantes perante a sociedade. Assim, a instrução feminina seria um fator complementar e compensador para a falta da beleza natural, mas ainda sim precisaria de cuidados no aspecto físico para que a jovem se tornasse minimamente atraente para conseguir se casar (Feliz, 2022, p. 181-182).

No que se refere ao *Jornal das moças: revista semanal ilustrada*, esse impresso circulou semanalmente e “assim como outras revistas ilustradas da 1ª metade do século XX, inspirava-se nos magazines ilustrados ou nas revistas de variedades do século XIX, os quais, por sua vez, copiavam modelos europeus, sobretudo os franceses” (Almeida, 2006, p. 5). Juliana Feliz (2022) seguiu com análises qualitativas em relação a este impresso, assim como fez com o anterior apresentado acima. Entre os textos, o primeiro analisado foi publicado em 13 de julho de 1933, intitulado de “Às mães”, sem assinatura. O texto tem por objetivo, conforme as interpretações da autora, de apresentar a importância da mãe na vida de um filho, sendo ela a responsável pela educação, caráter e humor de seus filhos (Feliz, 2022). Algo que cabe ser destacado no texto é sobre a instrução da mãe, segundo a autora, “o artigo deixa evidente que, se a mãe for estudiosa e tiver amor pelos livros, o filho poderá vir a ser um ‘escritor, orador ou sábio’. Por outro lado, a mãe ignorante entregará à sociedade ‘seres medíocres e parasitas’” (Feliz, 2022, p. 206).

Nesse aspecto sobre a instrução, comparado ao artigo da revista *O Cruzeiro*, já há uma diferença pelo fato de apontar o estudo como algo importante para a vida da mulher, porém não somente por ela, mas para que ela fosse “uma mãe melhor” para a criação de seus filhos. E dessa forma, pode ser pensada sobre uma certa responsabilização da mulher como mãe, seja por ela ser estudiosa e isso ser positivo ou pelo fato dela não estudar e seus filhos serem futuros “medíocres e parasitas”.

Nesse contexto, o papel da educação feminina é ser exemplo para os filhos, é ser meio e não fim para a participação da mulher na cena política, científica ou acadêmica. O discurso do texto tem como objetivo demonstrar que a mãe instruída e que bem educa os filhos seria uma peça-chave para um projeto mais nobre, praticamente missionário, do que o deleite do aprendizado, da leitura, do conhecimento e dos títulos acadêmicos em favor de si mesma. Além disso, a mulher deve também ser o apoio do marido nas dificuldades, que enquanto pai, não teria tal responsabilidade por estar submetido às circunstâncias da vida que o impedem de ser presente como a mãe (Feliz, 2022, p. 207).

Em relação a essa responsabilização da mulher, os artigos dos dois impressos apresentam convergência, pois no primeiro também ficou destacada a responsabilidade da mulher como mãe no que se referia à educação da filha, que se não fosse bela, a educação seria uma maneira da filha se tornar mais bonita. Da mesma maneira, seções do impresso *Bandeirantes* apresentam aproximações com esses artigos. Na seção anterior deste trabalho de pesquisa foi possível observar as características das formações que eram realizadas pelas mulheres bandeirantes, havia sim o estímulo para que essas mulheres saíssem do que era um “lugar mais comum”, como a participação em eventos, acampamentos e viagens (como veremos

no próximo capítulo), porém as formações, como as especialidades, por exemplo, eram direcionadas aos cuidados do lar, supondo-se futuros papéis de mãe e esposa que essas mulheres exerceriam.

Cabe ressaltar que os exemplos dos artigos apresentados podem ser refletidos como amostragens sobre a imprensa feminina, tendo atenção para que generalizações interpretativas não ocorram, tendo em vista que para além dos impressos apresentados e o *Bandeirantes*, existiram diversos impressos. Assim como diversas narrativas femininas estiverem em disputa na sociedade, relacionadas ao papel social da mulher naquele período entre as décadas de 1920 e 1930, em que muitas transformações sociais, culturais e políticas estavam ocorrendo. Sendo assim, a imprensa periódica também se tornou esse espaço de disputa de narrativa e de reflexos das transformações que estavam ocorrendo.

E quais foram os papéis sociais exercidos pelas mulheres naquele período, que seguem sendo modificados através das mudanças sociais ocorridas a partir do movimento e lutas das mulheres? Papel social é um conceito amplo, desenvolvido e discutido por vários teóricos, sobretudo do campo da Sociologia, mas outros campos de estudo contribuem para as reflexões e discussões que atravessam tal conceito. Émile Durkheim, considerado um dos fundadores da sociologia moderna, em seu livro *Divisão do Trabalho Social* (Durkheim, 1999), abordou o conceito de papel social a partir da análise de como a divisão do trabalho afeta a sociedade em relação à coesão social e integração dos indivíduos.

O sociólogo em sua análise apresenta como os papéis sociais são essenciais na sociedade para que esta seja coesa, mantenha-se estável e para manutenção da ordem social. Esses papéis não são desempenhados apenas de maneira individual, mas também exercitados a partir das normas, crenças e valores que unem grupos na sociedade. Dessa maneira, Durkheim apresenta um certo dinamismo do papel social, pois este, para ele, não é estático, mas vai se diferenciando conforme os grupos e sociedades, sendo crucial para a estrutura da sociedade.

A antropóloga Margaret Mead também escreveu sobre papel social, porém com foco específico em papel social de gênero. Margaret escreveu várias obras com este enfoque, desafiando as ideias ocidentais porque mostrou que os papéis direcionados ao masculino e ao feminino se modifica conforme as culturas. Na obra *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*³⁶ (Mead, 1963), a autora explorou como os papéis de gênero e temperamentos variam de uma cultura para a outra através de estudo etnográfico com três povos da Nova Guiné. Foi

³⁶ “Sexo e temperamento” - traduzido para o português.

uma obra pioneira em relação à discussão sobre gênero e em como as culturas moldam comportamentos e papéis sociais.

Judith Butler em *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*³⁷ (Butler, 2018), traz a discussão sobre gênero para a contemporaneidade, introduzindo a sua teoria da performatividade de gênero como forma de questionar os papéis e identidades sociais de gênero, tendo em vista que para ela o gênero é uma construção social que vai sendo reforçada conforme as práticas sociais e culturais da vida em sociedade. A filósofa com essa obra influenciou significativamente as discussões sobre gênero por romper com a ideia de gênero como categoria fixa e defender essa performatividade de gênero que vai se repetindo e se reforçando conforme as experiências individuais e coletivas.

A historiadora Joan Scott, como já citado, escreveu sobre gênero como categoria de análise histórica. Seu ensaio não tem como enfoque papéis sociais de gênero, porém, a partir da discussão proposta sobre o conceito de gênero, há contribuições que levam a reflexões em relação a uma compreensão mais ampla sobre o que é esperado como papel social designado para homens e para mulheres, sobretudo como essas expectativas sociais vão se modificando de acordo com tempo conforme contextos históricos e culturais diversos.

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Scott, 2019, p. 51).

E a ideia de que os papéis sociais vão se modificando e se moldando conforme as mudanças da sociedade também é defendida pela historiadora Cristina Spengler Azambuja em seu texto, síntese da pesquisa de sua monografia, *O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista O Cruzeiro* (Azambuja, 2006). A autora utiliza o estudo imagético por meio de imagens da revista *O Cruzeiro* direcionadas ao público feminino para buscar maior entendimento do papel social da mulher ao longo do tempo. O fio condutor da pesquisa é a mudança em relação ao papel social de “mulher vitoriana” da década de 1930 para “mulher revigorada” da década de 1960 através da propaganda.

³⁷ “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade” - traduzido para o português.

Cristina Azambuja faz um percurso de pesquisa que cabe destacar aqui por estar relacionado a década de 1930 e a importância do contexto histórico-social da época, além de possibilitar reflexões sobre possíveis relações entre a revista *O Cruzeiro* e o *Bandeirantes*. A autora contextualiza a alteração dos hábitos e valores femininos a partir da influência da Europa do século XIX e que no início do século XX havia uma preocupação sobre essa mudança de valores, “o perigo iminente era de que as mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas caso trabalhassem fora do lar e que rapidamente se desinteressariam pela maternidade e casamento” (Azambuja, 2006, p. 85).

Através da análise sobre o Movimento Bandeirante no capítulo da presente dissertação, ficou evidente que o Brasil seguia a influência europeia desde os tempos da colonização. Azambuja (2006), corrobora com essa afirmação ao apontar as mudanças relacionadas às mulheres da classe urbana superior brasileira no século XIX.

No caso brasileiro, torna-se importante perceber que, na segunda metade do século XIX, ocorre uma série de mudanças decisivas nessa sociedade que iriam afetar diretamente as mulheres da classe superior urbana. Pode-se utilizar como exemplo a remodelação e saneamento do Rio de Janeiro, que trouxe maiores oportunidades para que elas expandissem seus horizontes, uma vez que a cidade se preparava para receber um maior número de pessoas de diferentes lugares (Azambuja, 2006, p. 85).

O contexto de mudanças nesse período, que não foi exclusivo da sociedade brasileira, foi influenciando as questões relacionadas ao feminino, sobretudo os papéis sociais das mulheres. Mesmo diante de mudanças, nesse período de virada do século XIX para o século XX, no Brasil, a mulher seguia ocupando um papel secundário em relação ao homem (Azambuja, 2006). Conforme a modernização foi ocorrendo, novas formas de trabalho e interação social foram sendo criadas e as mulheres ocupando mais espaços, entretanto, é importante ressaltar que os espaços na sociedade foram sendo ocupados por diferentes grupos de mulheres, aqui destacam-se mulheres das classes médias e altas. Os acontecimentos históricos, políticos e sociais também foram influenciando a vida das mulheres em sociedade.

No início do século XX, as mulheres começavam a preencher funções no comércio e nos escritórios. A maior participação feminina no mercado de trabalho, no entanto, não diminuiu a importância nem a responsabilidade da mulher na manutenção do lar, na educação dos filhos, tampouco passou a ser vista como fonte de realização pessoal e/ou fonte de autonomia econômica. O período pós-guerra refletiu uma profunda transformação na sociedade brasileira. O intervalo entre as duas grandes guerras foi marcado por um intenso intercâmbio de idéias. O feminismo conquistava adeptos e se espalhava por outros centros urbanos, além do Rio de Janeiro e São Paulo (Azambuja, 2006, p. 85).

Em relação à questão do trabalho, não foi possível observar na trajetória de pesquisa, a relação das bandeirantes com o mercado de trabalho. A mulher bandeirante, conforme a análise dos impressos, era estimulada a fazer parte do movimento seguindo a doutrina bandeirante, dessa maneira ela viaja, acampava, participava de ações, atividades e eventos, mas, ao mesmo tempo, participava de formações direcionadas ao desenvolvimento de tarefas domésticas, de cuidados e higiene pessoal. Sendo assim, indo de encontro com o que Azambuja (2006) destacou na citação acima sobre a não diminuição da responsabilidade feminina para a manutenção das tarefas domésticas/do lar.

A revista *O Cruzeiro* foi uma inovação em relação ao jornalismo da época e a fotografia era algo que chamava atenção dos leitores, sendo assim atingindo o objetivo de consumo que era o esperado através das propagandas que continham nas páginas da revista. O *Bandeirantes*, nos impressos na década de 1930, não apresentou muitas fotografias em suas páginas e nem nas capas. A partir da década de 1940 que foi possível observar a mudança em relação à editoração do impresso porque passou a ter mais páginas, conter mais fotografias e as meninas, moças e mulheres bandeirantes passaram a fazer parte das capas.

Diante do exposto, foi possível refletir sobre os papéis sociais direcionados às mulheres entre as décadas de 1920 e 1930, além de ser perceptível que apesar dos impressos se diferenciarem, em suas características de editoração e recorrência, tanto *O Cruzeiro*, *O Jornal das Moças* e o *Bandeirantes*, através de suas páginas apresentavam o papel social da mulher ainda com características da “mulher vitoriana”, cuidadora de seus filhos, boa esposa e responsável pelos afazeres domésticos, mesmo que por outros aspectos houvesse o destaque sobre a importância da inserção da mulher no mercado de trabalho e da luta por seus direitos, os outros papéis deveriam ser preservados. Ademais, é necessária compreensão de que os papéis sociais direcionados às mulheres transformaram-se consoante o tempo e seguem em transformação.

Retomando especificamente ao impresso *Bandeirantes*, não obtive informações em pesquisa sobre como os volumes eram rodados, assim como o custo envolvido nesse processo, porém, o impresso era vendido, conforme já mencionado sobre os valores relativos à moeda da época, e essa informação estava presente em todos os volumes analisados para este trabalho. Foi possível observar sobre a materialidade e editoração do impresso, porém, por escolha de pesquisa, não foi possível mais desdobramentos para aprofundamento desses aspectos. Sendo assim, serão apresentados alguns artigos de seções do impresso que se relacionam direta ou indiretamente com o Código Bandeirante e como os papéis sociais apresentados eram

direcionados por esses artigos, para propor reflexões através dos registros das imagens das seções.

Todos os registros feitos em pesquisa foram autorizados pela Federação de Bandeirantes do Brasil para serem utilizados nessa presente dissertação, dessa maneira, diante do destaque para o impresso nesta seção e para introduzir os artigos selecionados, apresento a capa e sumário do impresso de abril do ano de 1933 e as seções relacionadas ao Código Bandeirante.

Figuras 9 e 10 – Capa e sumário - Abril de 1933

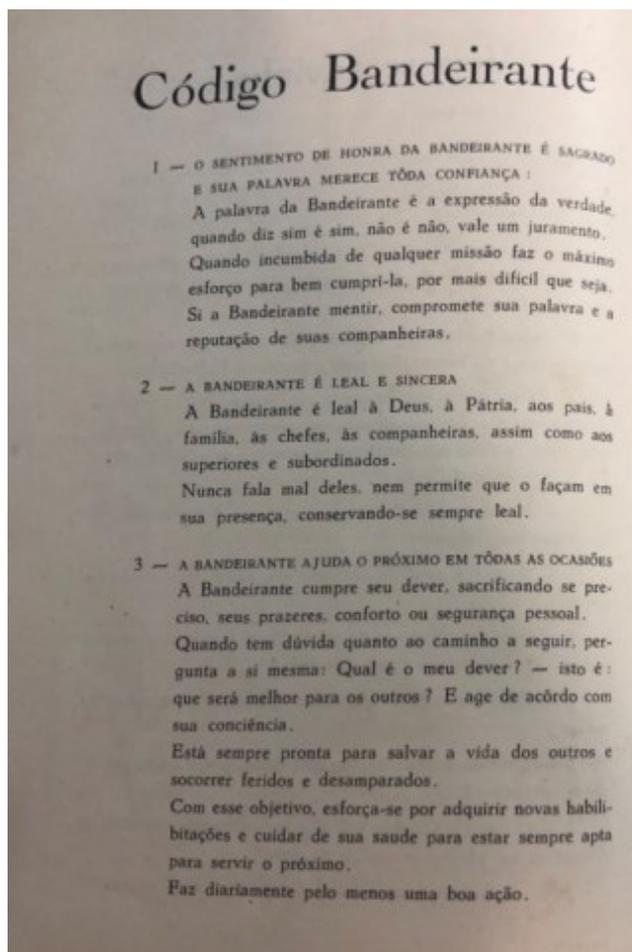


Fonte: Bandeirantes, 1933.

O impresso era dividido por seções, podendo ser percebido conforme o sumário. No decorrer dos anos toda a estrutura e estética foi sendo modificada, demonstrando as mudanças na sociedade e como o Movimento Bandeirante foi seguindo diante dessas mudanças. Na década de 1920, quando o movimento surgiu, o impresso era feito em formato de jornal. Considerando que o Movimento deveria atrair mais meninas, moças e mulheres e a imprensa feminina da época que teve um “boom” de exemplares femininos, conforme já vimos, o impresso a partir do ano de 1933 passou a ser vendido em formato de revista. A partir da análise dos impressos do ano de 1933, ficou perceptível o enfoque de apresentação do movimento, como o movimento se organizava e como eram as experiências vivenciadas por meninas, moças e mulheres no Bandeirantismo. Era uma forma de chamar mais o público feminino e se afirmar na sociedade carioca.

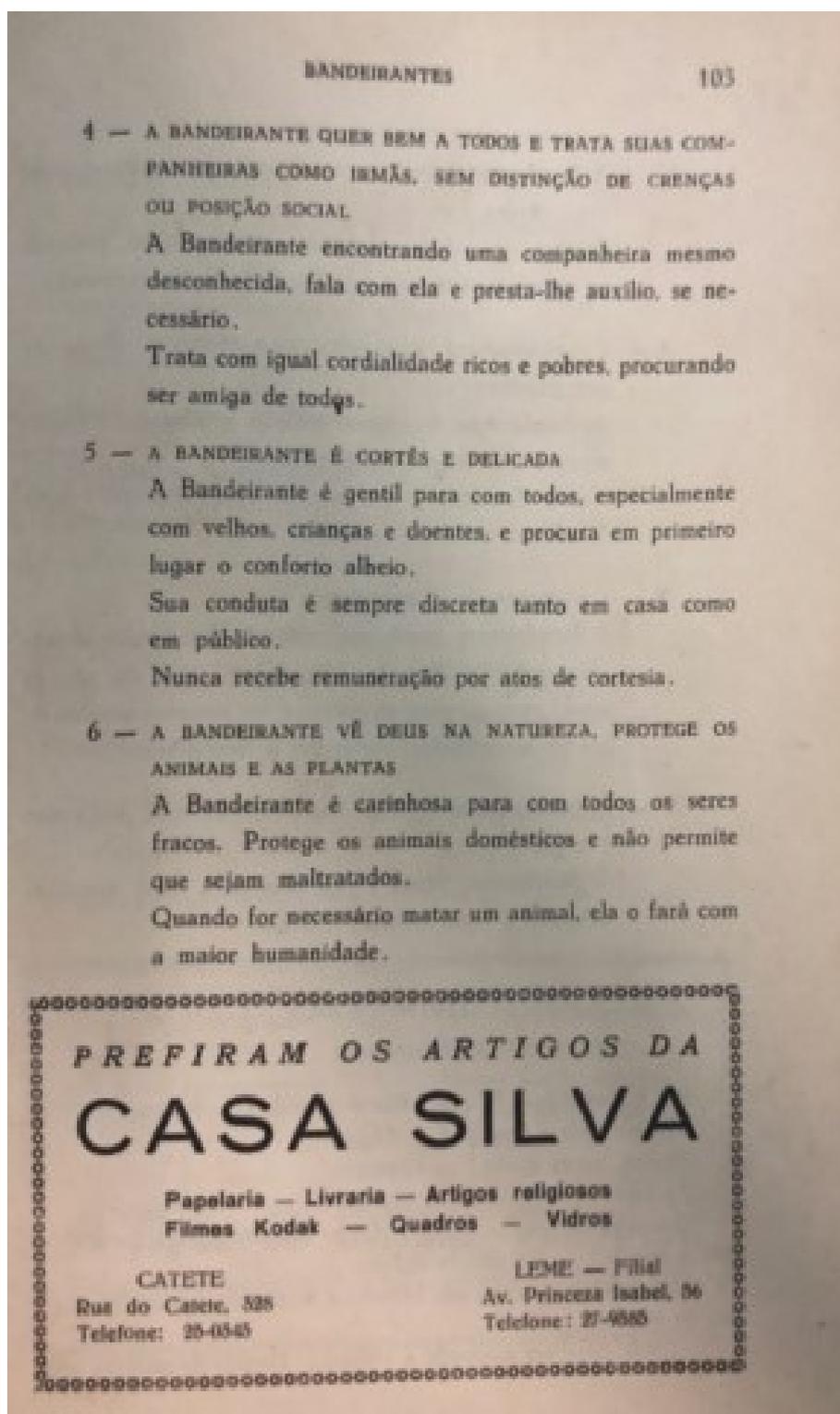
O Código Bandeirante se fazia presente nas páginas do impresso como uma forma de fortalecimento da vivência dele pelas meninas, moças e mulheres bandeirantes. Desse modo, há uma exemplificação sobre esse reforço da vivência do Código no impresso do mês de maio do ano de 1943, o código foi explicado em uma seção específica apenas para isso para que o leitor entendesse a descrição de cada lei.

Figura 10 – Código - Leis, 1, 2 e 3 - Maio de 1943



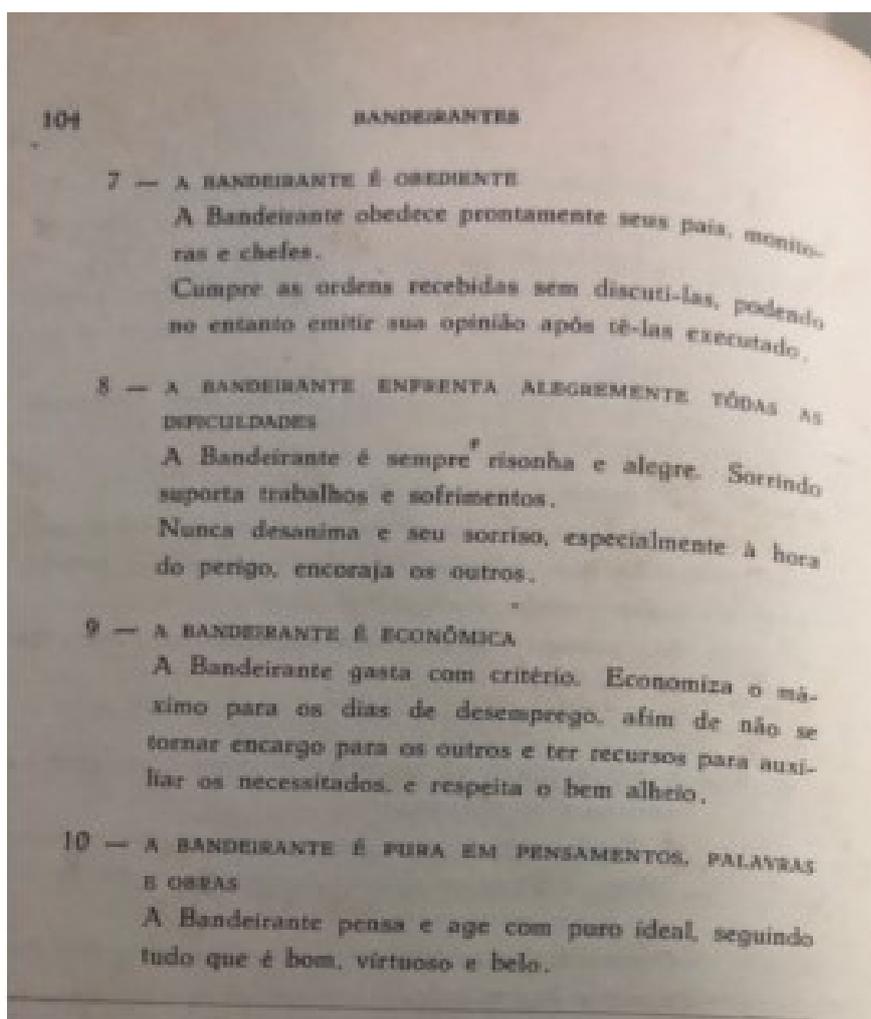
Fonte: Bandeirantes, 1943, p. 102.

Figura 11 – Código - Leis, 4, 5 e 6 - Maio de 1943



Fonte: Bandeirantes, 1943, p. 103.

Figura 12 – Código - Leis, 7, 8, 9 e 10 - Maio de 1943

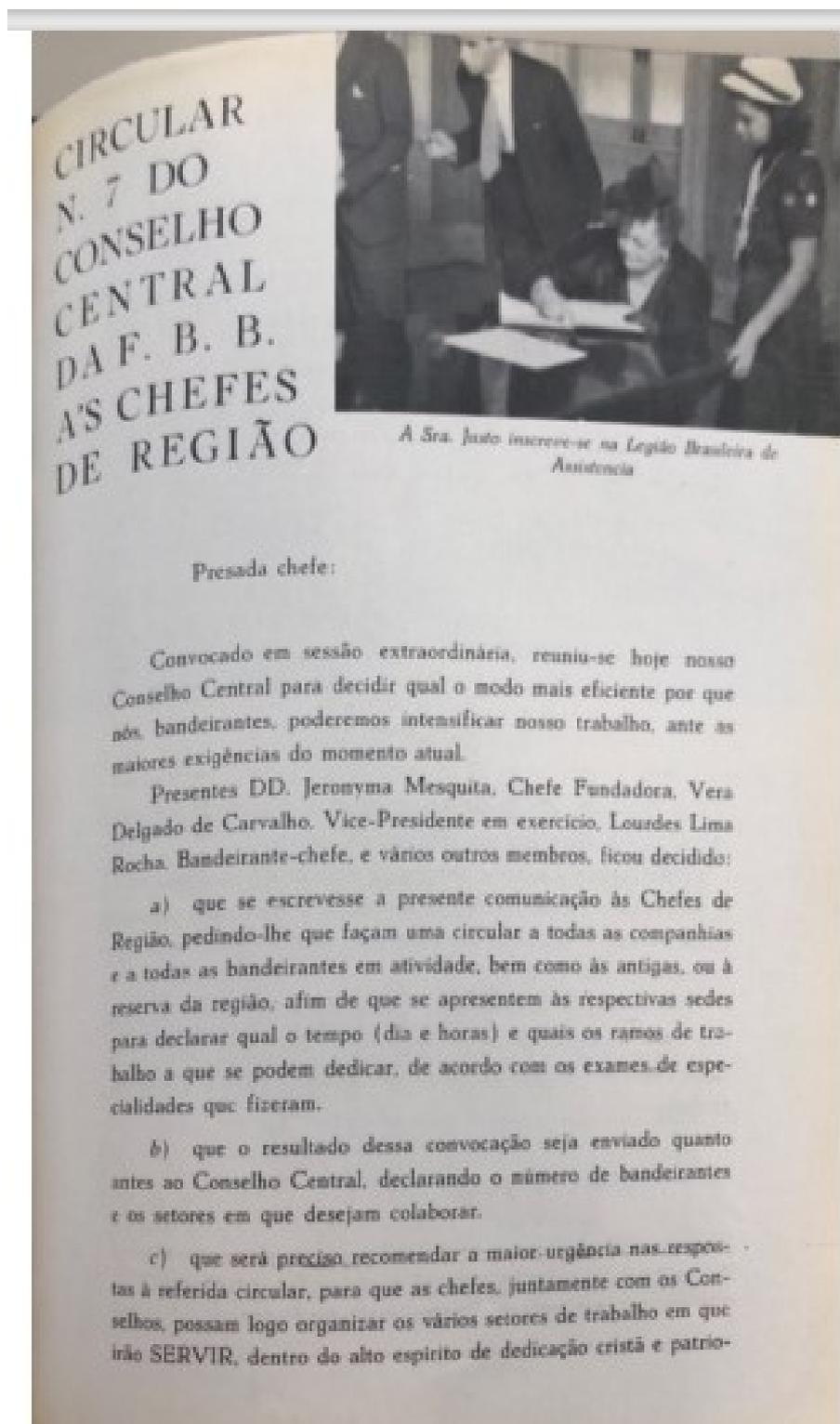


Fonte: *Bandeirantes*, 1943, p. 104.

A seguir estão os artigos de seções dos impressos da década de 1930 a 1940, selecionados por mim para elucidar como o Código Bandeirante era reforçado direta ou indiretamente nas páginas do impresso *Bandeirantes*. O objetivo é refletir sobre o que os registros dessas seções apresentam e observar como os papéis sociais esperados por aquela sociedade da época e, conseqüentemente, pelo Movimento Bandeirante também foram corroborados através do impresso. E por fim, é apresentado um quadro com informações referentes aos artigos e breves descrições.

1 – O sentimento de honra da Bandeirante é sagrado e sua palavra merece toda a confiança

Figura 13 – Lei 1



A Sra. Justo inscreve-se na Legião Brasileira de Assistência

**CIRCULAR
N. 7 DO
CONSELHO
CENTRAL
DA F. B. B.
AS CHEFES
DE REGIÃO**

Presada chefe:

Convocado em sessão extraordinária, reuniu-se hoje nosso Conselho Central para decidir qual o modo mais eficiente por que nós, bandeirantes, poderemos intensificar nosso trabalho, ante as maiores exigências do momento atual.

Presentes DD. Jeronyma Mesquita, Chefe Fundadora, Vera Delgado de Carvalho, Vice-Presidente em exercício, Lourdes Lima Rocha, Bandeirante-chefe, e vários outros membros, ficou decidido:

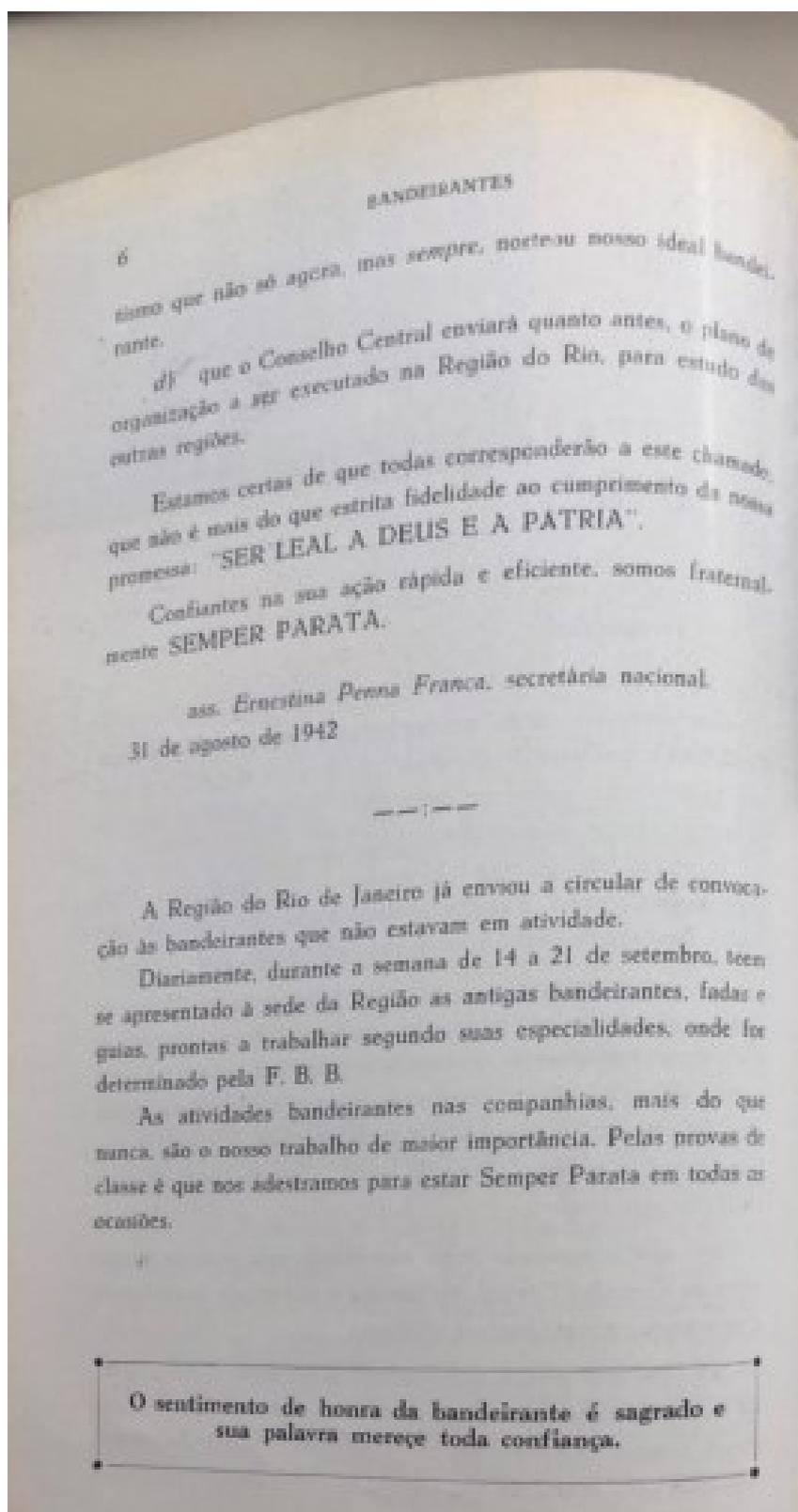
a) que se escrevesse a presente comunicação às Chefes de Região, pedindo-lhe que façam uma circular a todas as companhias e a todas as bandeirantes em atividade, bem como às antigas, ou à reserva da região, afim de que se apresentem às respectivas sedes para declarar qual o tempo (dia e horas) e quais os ramos de trabalho a que se podem dedicar, de acordo com os exames de especialidades que fizeram.

b) que o resultado dessa convocação seja enviado quanto antes ao Conselho Central, declarando o número de bandeirantes e os setores em que desejam colaborar.

c) que será preciso recomendar a maior urgência nas respostas à referida circular, para que as chefes, juntamente com os Conselhos, possam logo organizar os vários setores de trabalho em que irão SERVIR, dentro do alto espírito de dedicação cristã e patrio-

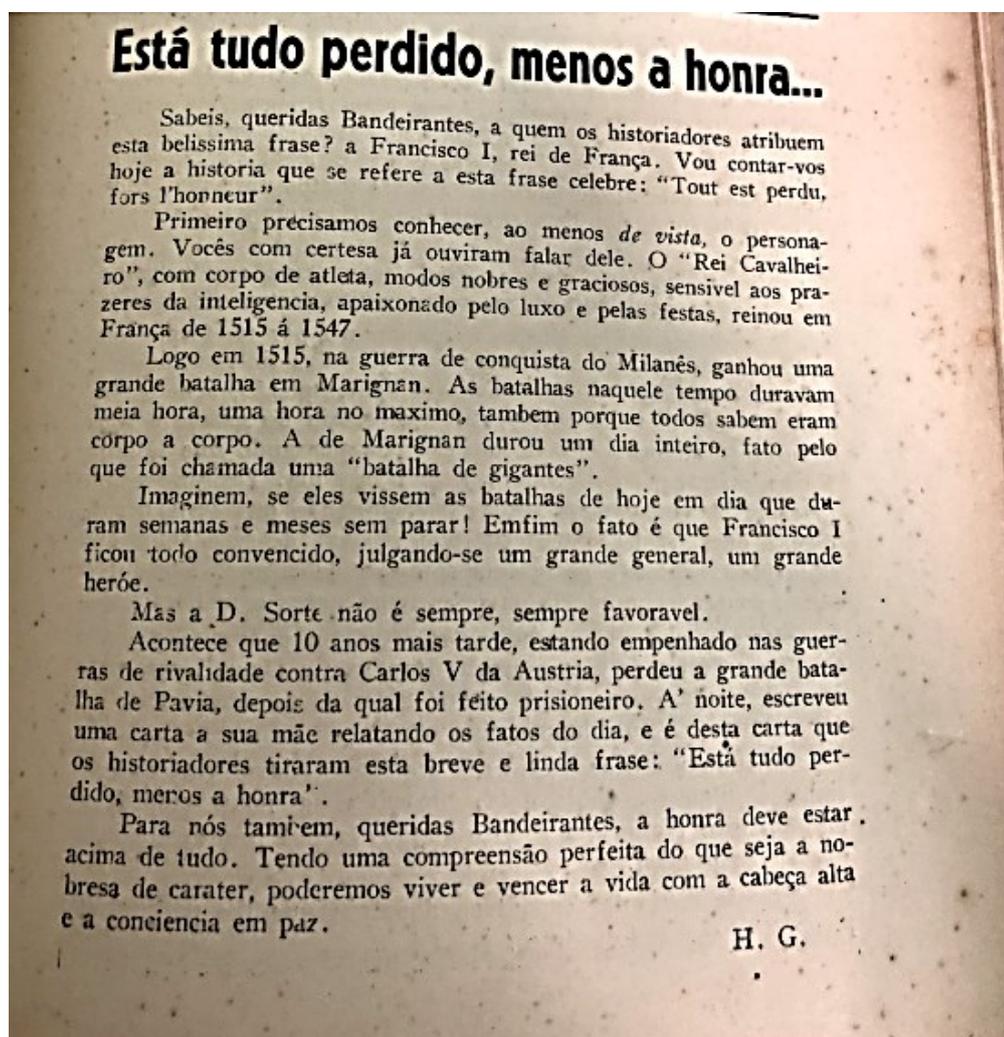
Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 5.

Figura 14 – Lei 1 (2)



Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 6.

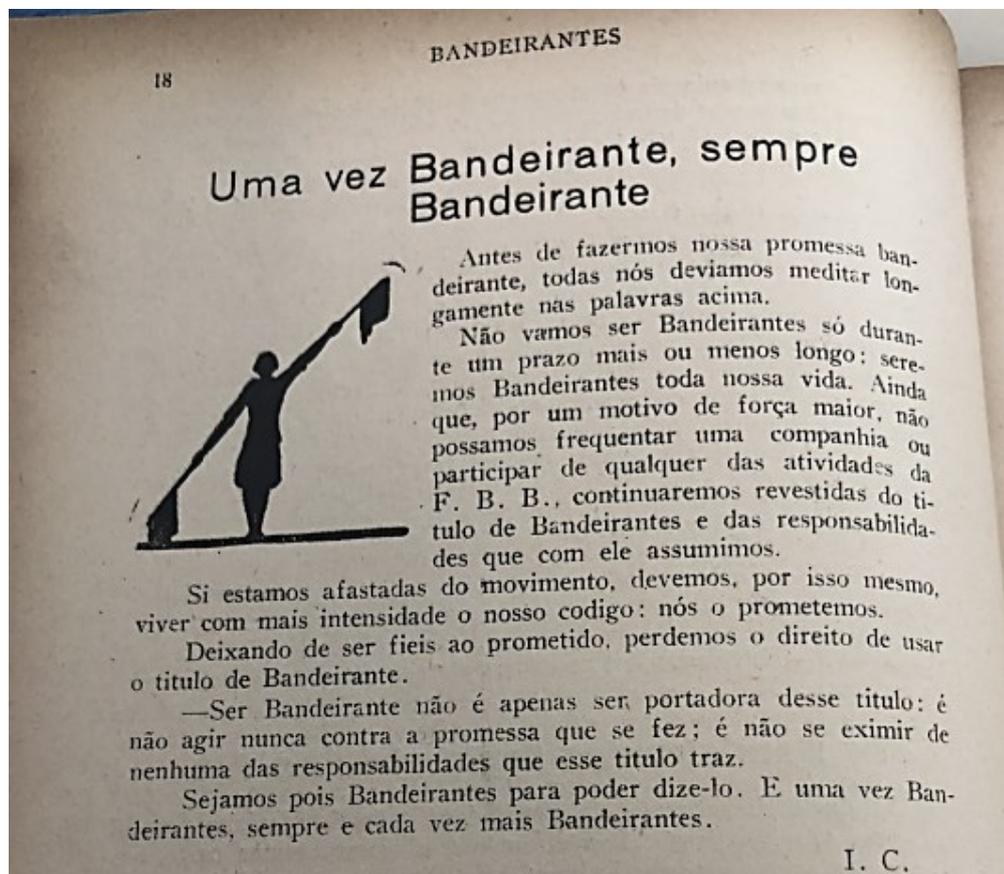
Figura 15 – Lei 1 “Está tudo perdido, menos a honra”



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 21.

2 – A Bandeirante é leal e sincera

Figura 16 – Lei 2 “Uma vez Bandeirante, sempre Bandeirante”



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 18.

Figura 17 – Lei 2 “Encantamento”

Encantamento

Corujas, nunca é cedo de mais para habitar uma menina aos trabalhos caseiros. O programa das fadas está cheio de provas que tem por fim desenvolver esta modalidade do “ajuda sempre”.

Seria interessante, entretanto, fazer uma reunião em que tudo girasse em volta dessa idéia. Que tal se encantássemos a sede em uma cozinha ?

A reunião poderia ser feita antes da merenda e as fadinhas teriam que executar bolinhos simples, sanduiches, torradas com queijo, laranjada, café ou mate. Coisas bem simples mas que como tudo neste mundo, podem ser bem feitas ou mal feitas. A coruja velaria para que as fadinhas tivessem uma clara noção de como fazê-las bem.

Depois de saboreados os petiscos, viria a arrumação, devendo tudo ficar, é natural tratando-se de fadas, como um brinco.

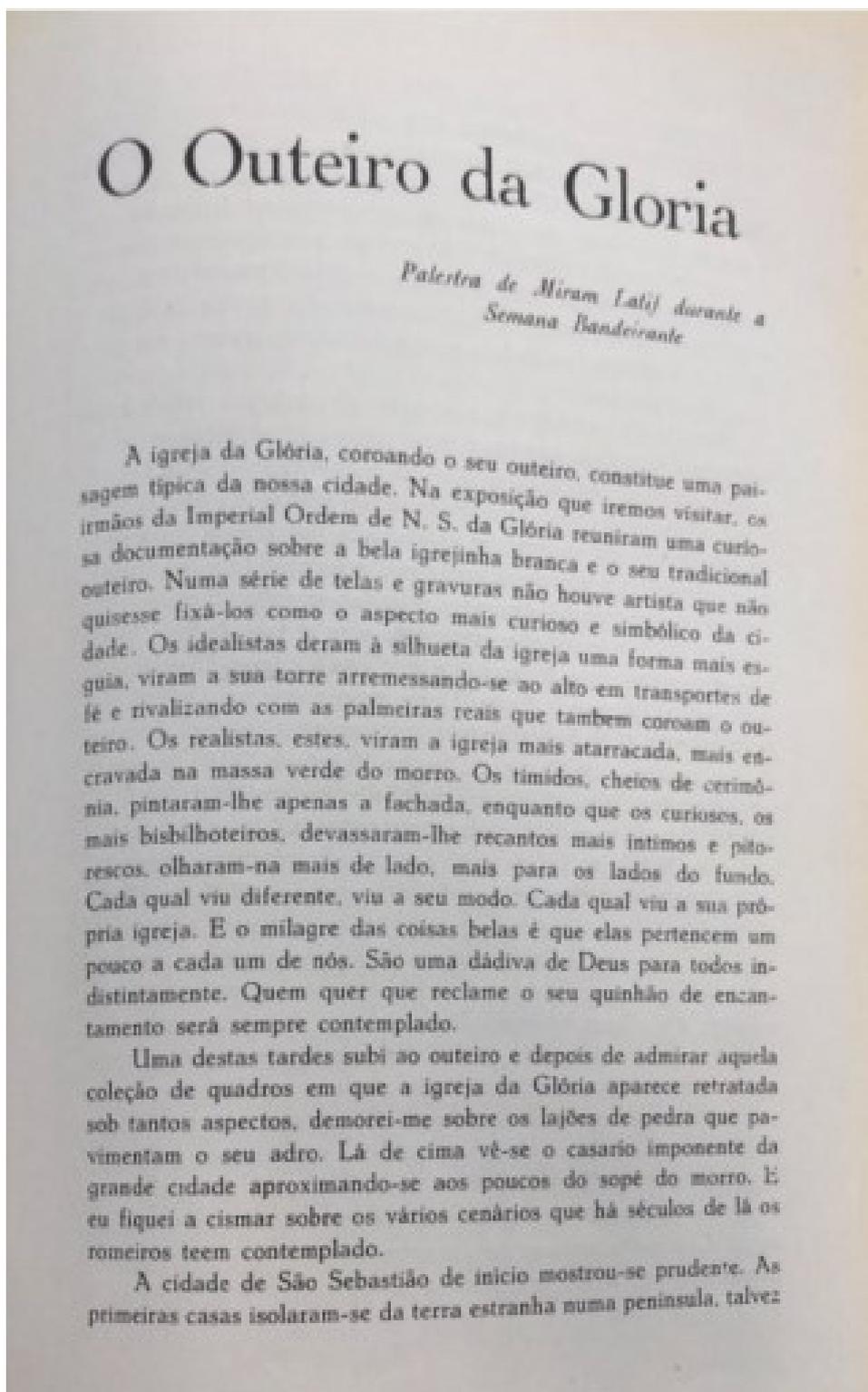
Se não houver fogão na sede pode-se utilizar um fogareiro. Conservar, nesse caso, a garrafa de álcool bem longe do fogo. As explosões são causa comum de acidentes nas cozinhas.

Que as fadinhas aprendam bem cedo uma prudência inteligente, sem dispensar, entretanto, a fiscalização da coruja.

A bandeirante é leal e sincera

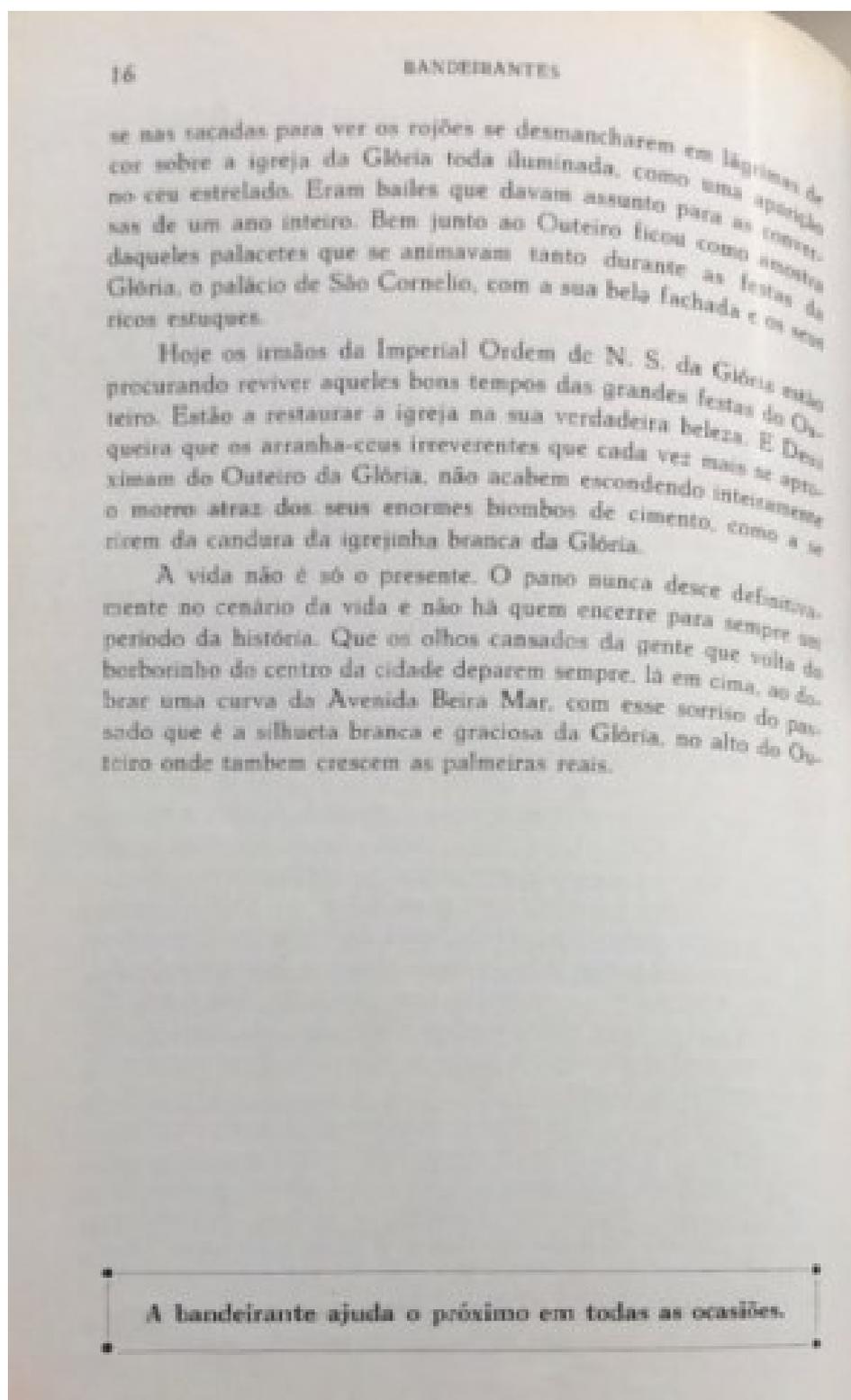
3 – A Bandeirante ajuda o próximo em toda a ocasião

Figura 18 – Lei 3 “O Outeiro da Glória 1”



Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 13.

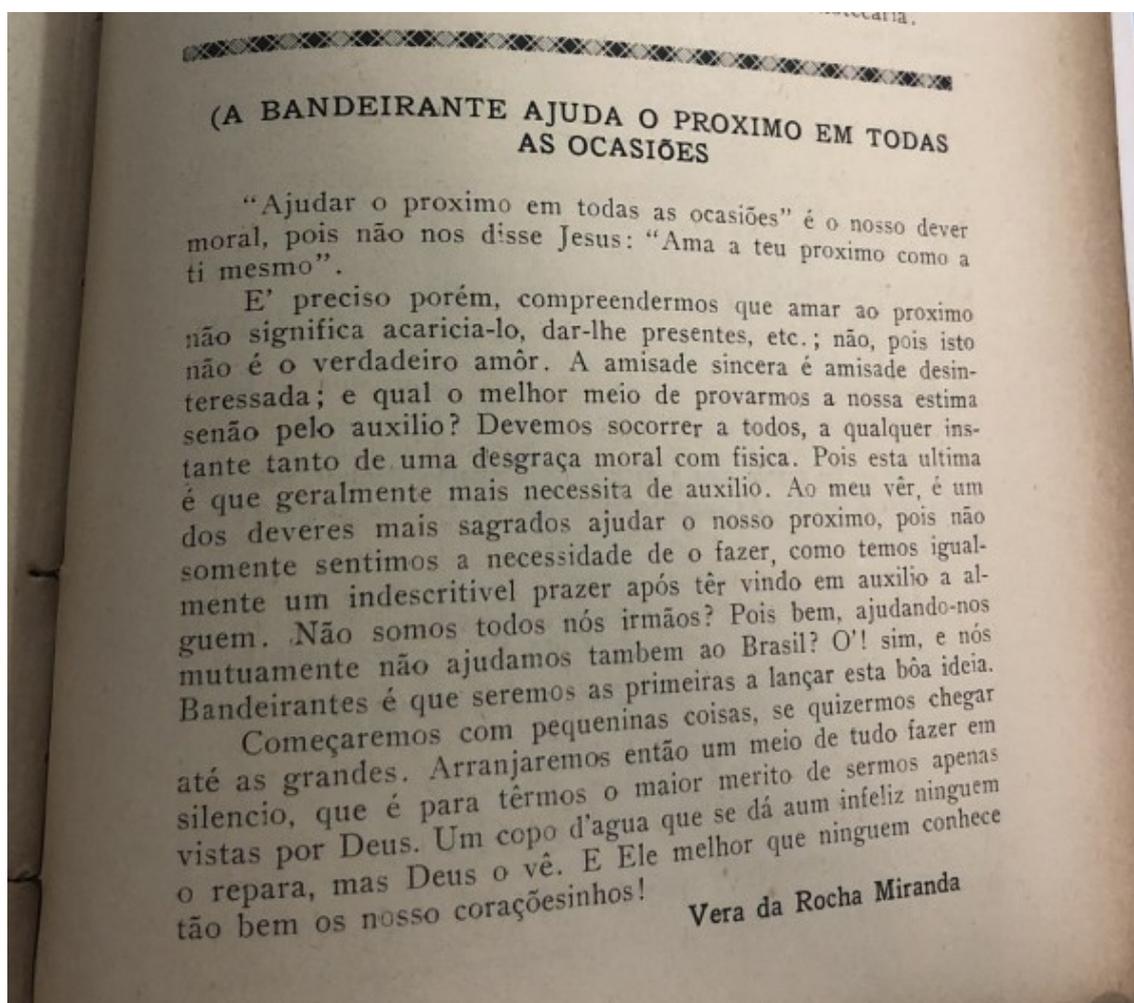
Figura 19 – Lei 3 “O Outeiro da Glória 2”



Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 16. ³⁸

³⁸ Por ser um artigo longo, nesta seção foi escolhida a primeira e a última página.

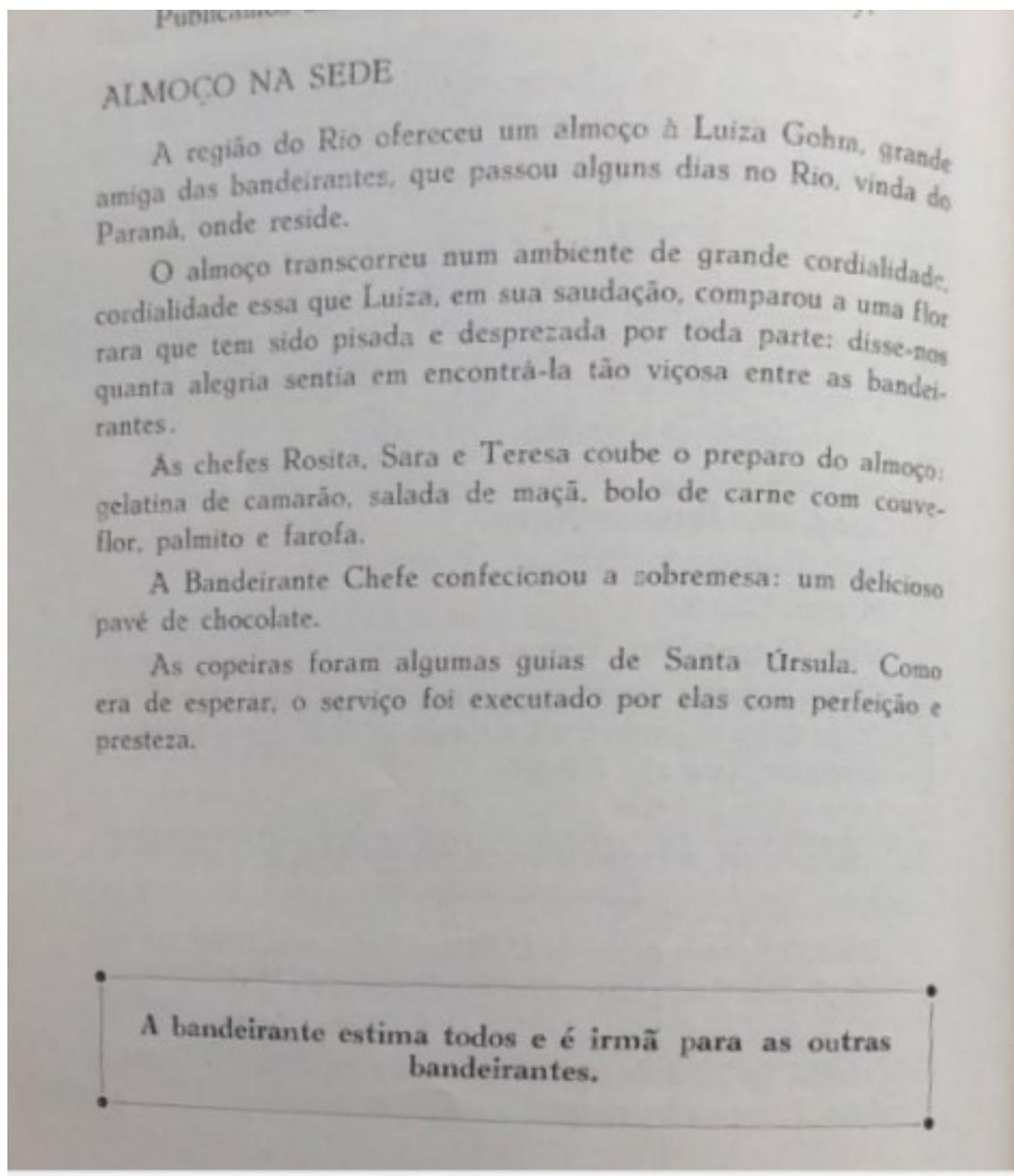
Figura 20 – Lei 3 “A bandeirante ajuda o próximo em todas as ocasiões”



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 33.

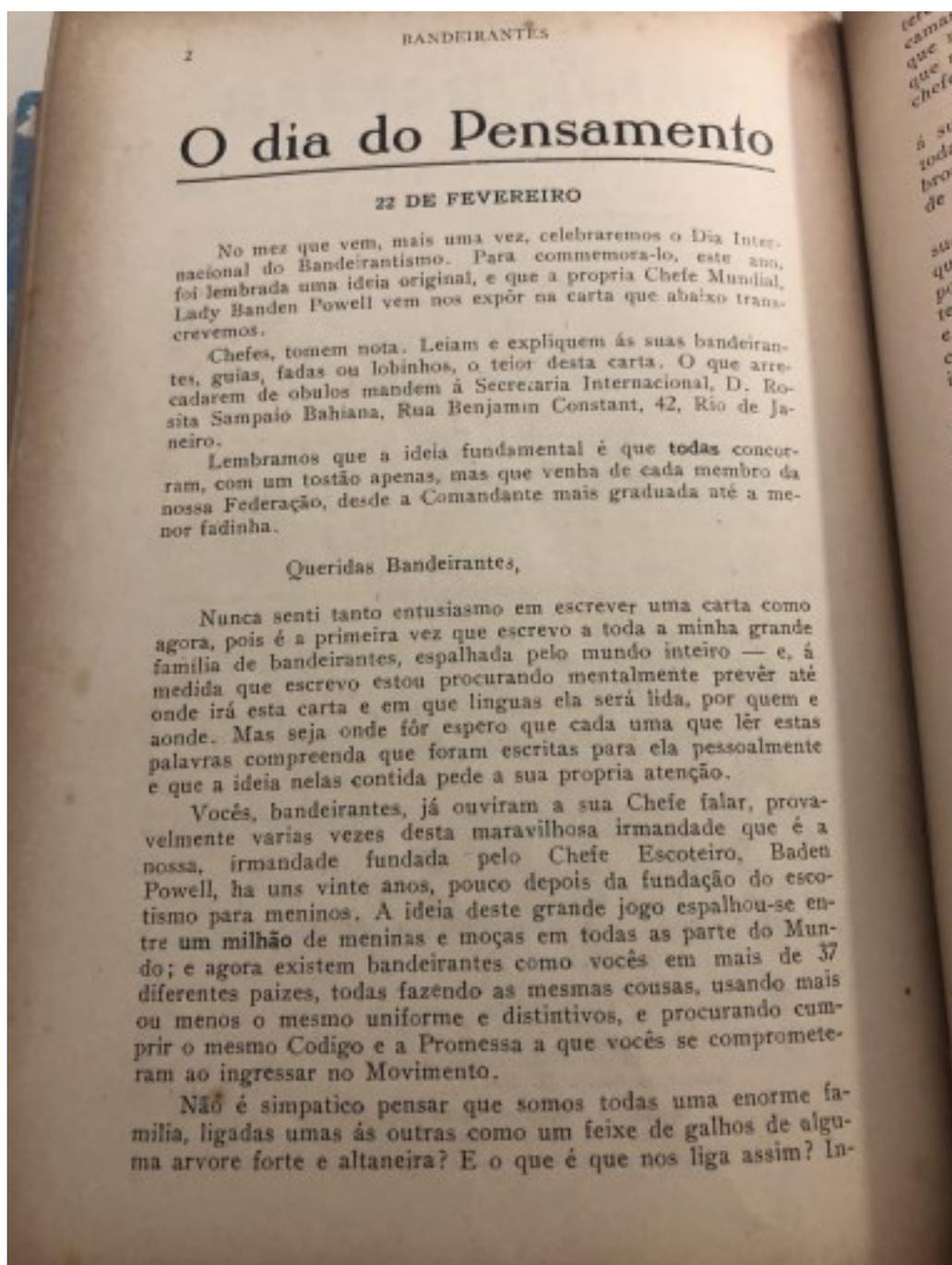
4 – A Bandeirante estima todos e é irmã para as outras bandeirantes

Figura 21 – Lei 4 “Almoço na sede”



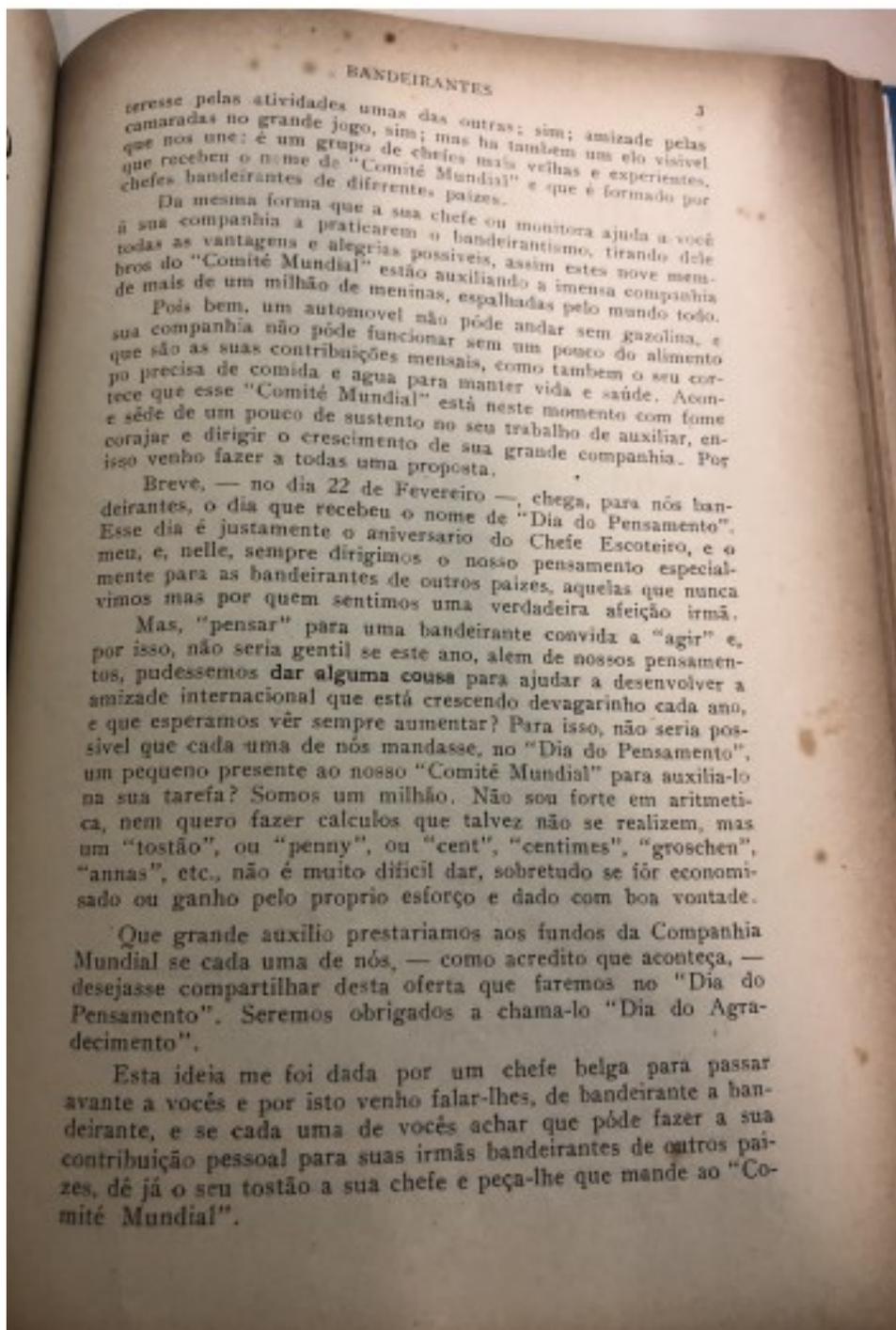
Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 24.

Figura 22 – Lei 4 “O dia do pensamento 1”



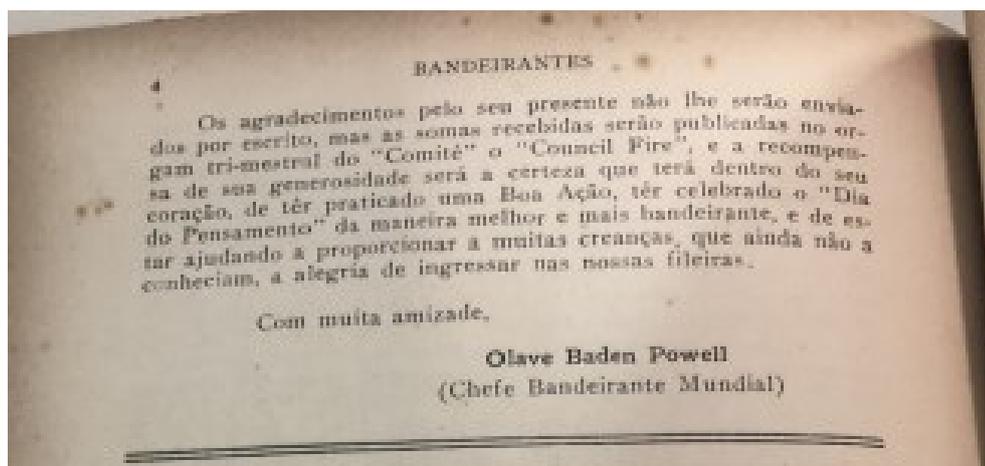
Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 2.

Figura 23 – Lei 4 “O dia do pensamento 2”



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 3.

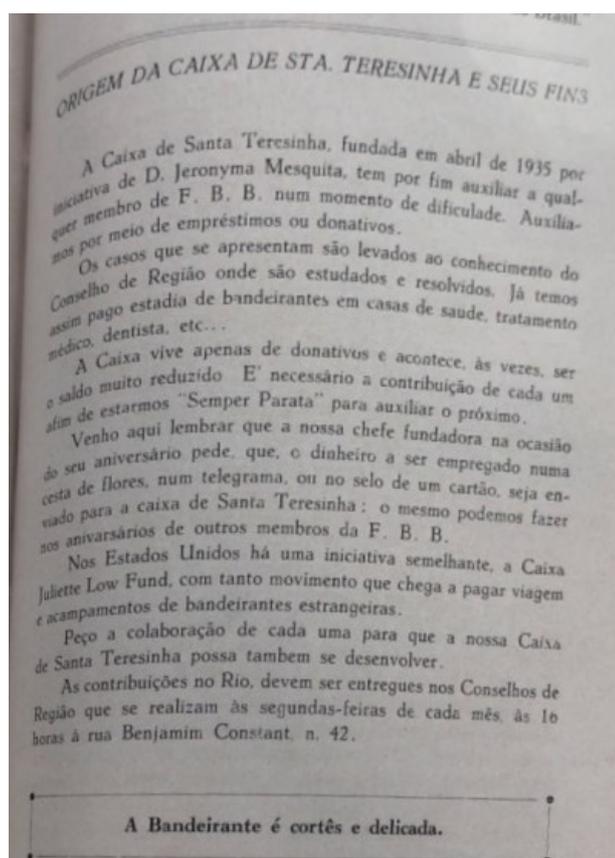
Figura 24 – Lei 4 “O dia do pensamento 3”



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 3.

5 - A bandeirante é cortês e delicada

Figura 25 – Lei 5 “Origem da caixa de Sta. Teresinha e seus fins”



Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 55.

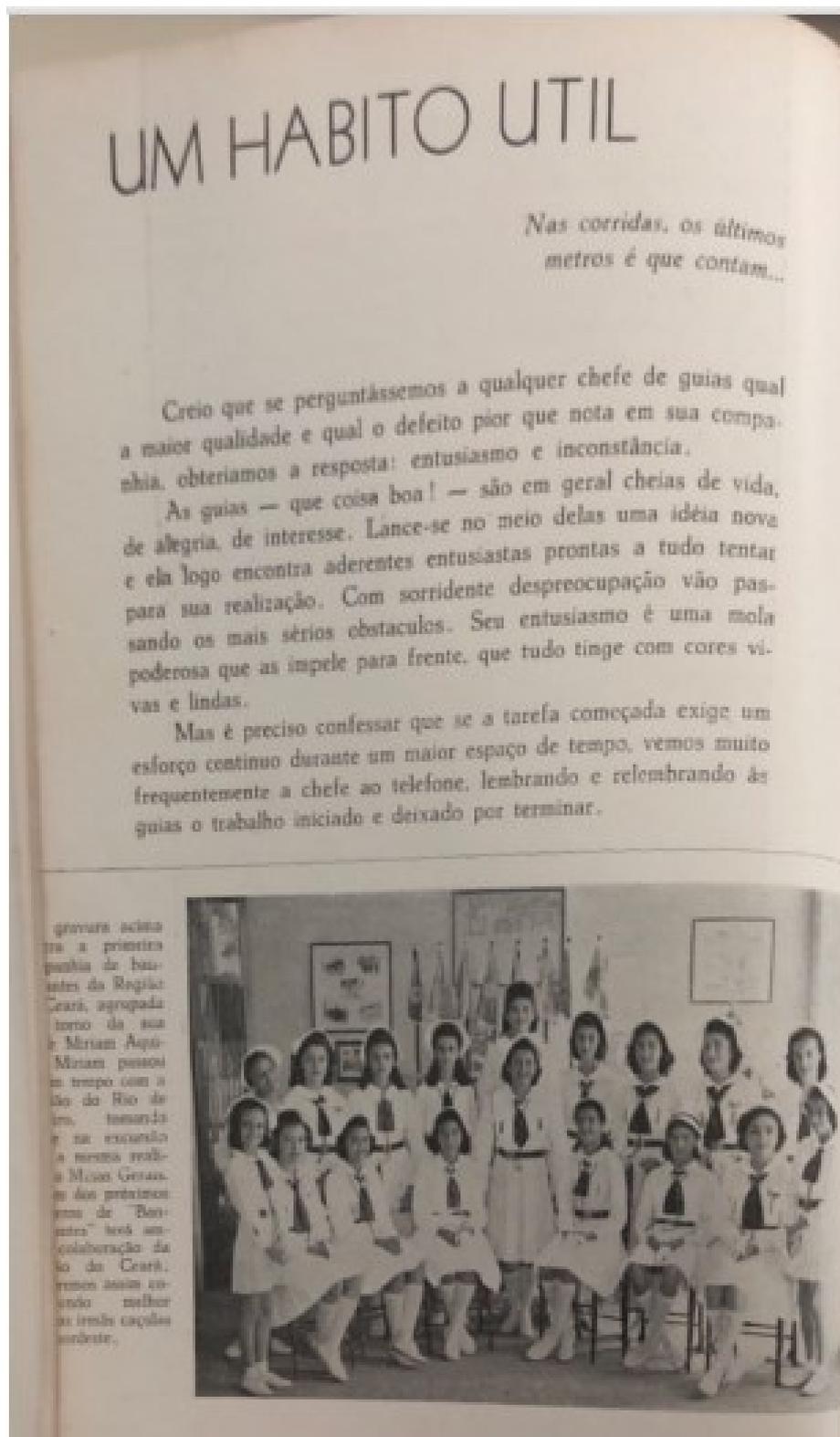
Figura 26 – Lei 5 “Assim, sim! Assim, não!”



Fonte: Bandeirantes, 1945, p. 203.

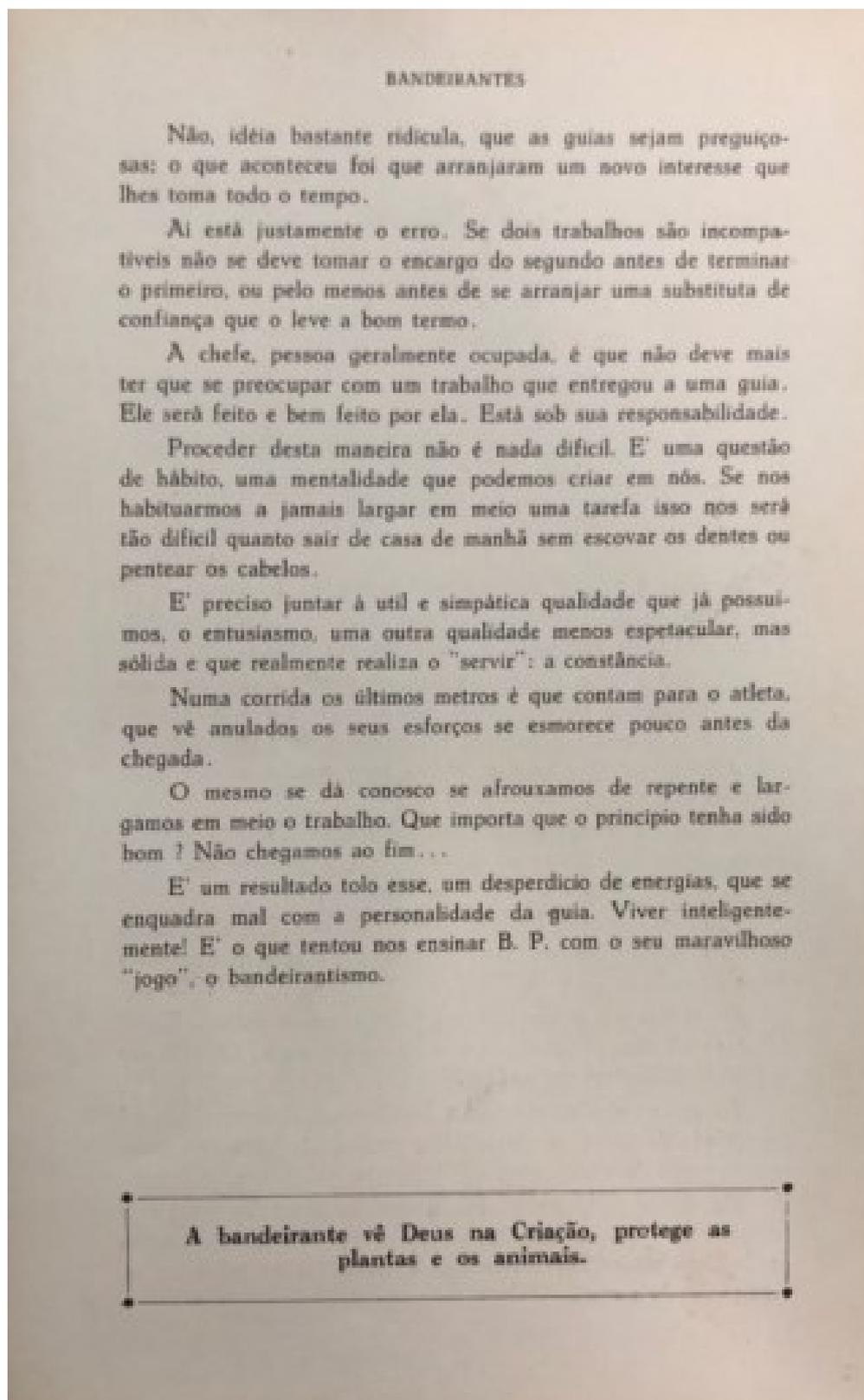
6 - A Bandeirante vê Deus na criação, protege as plantas e os animais

Figura 27 – Lei 6 “Um hábito útil 1”



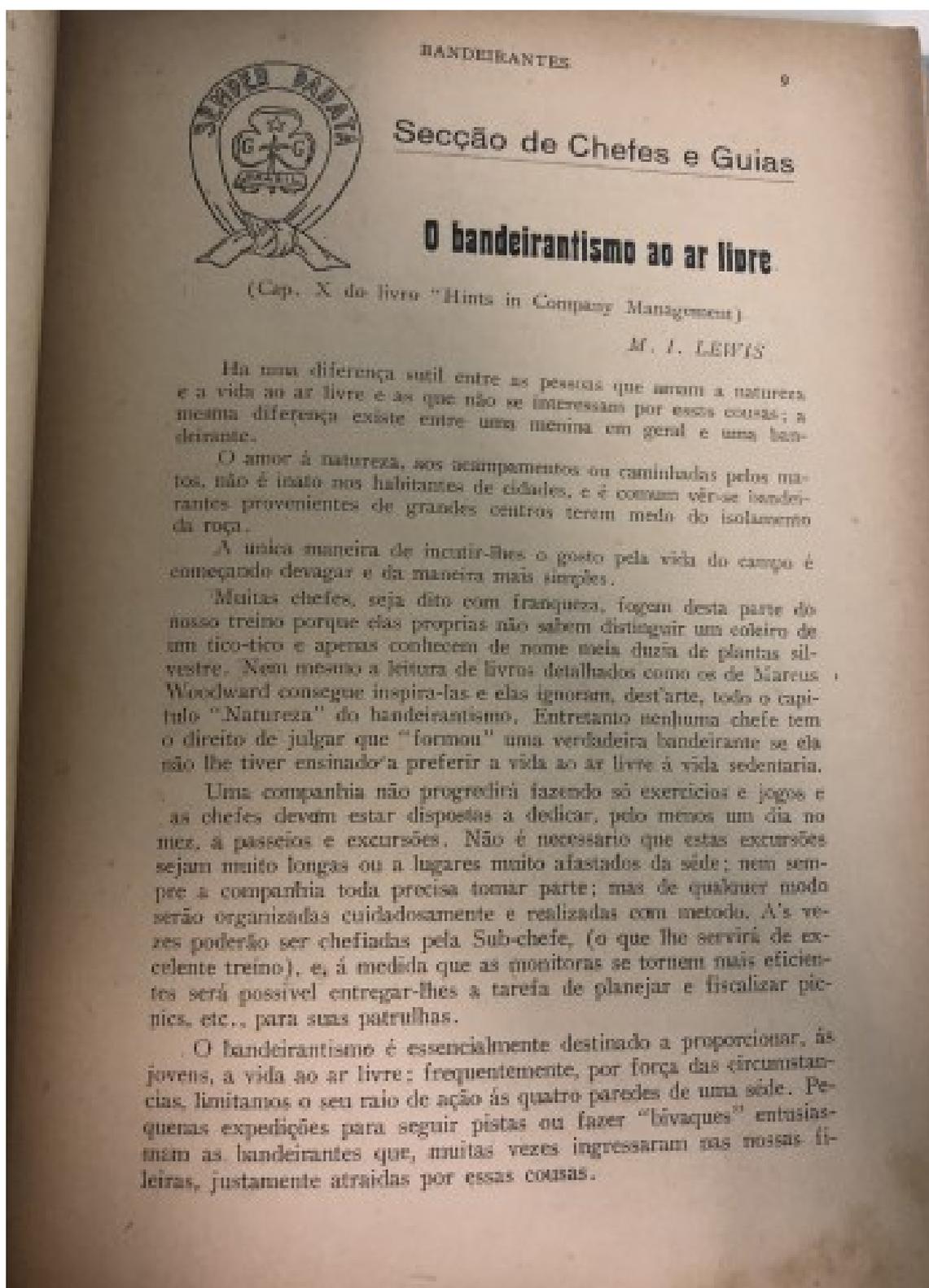
Fonte: Bandeirantes, 1943.

Figura 28 – Lei 6 “Um hábito útil 2”



Fonte: Bandeirantes, 1943.

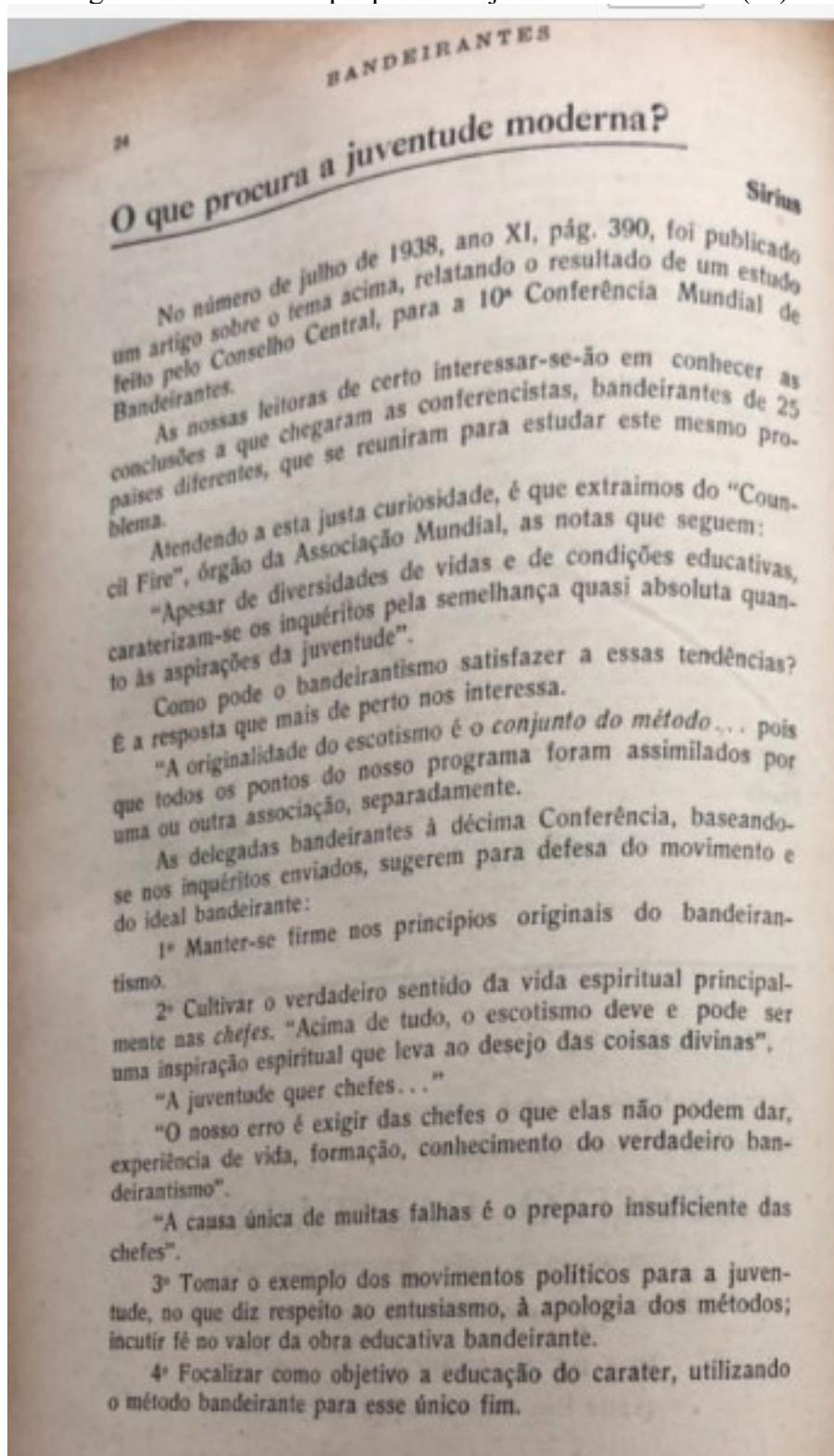
Figura 29 – Lei 6 “O bandeirantismo ao ar livre”



Fonte: Bandeirantes, 1933, p. 9.

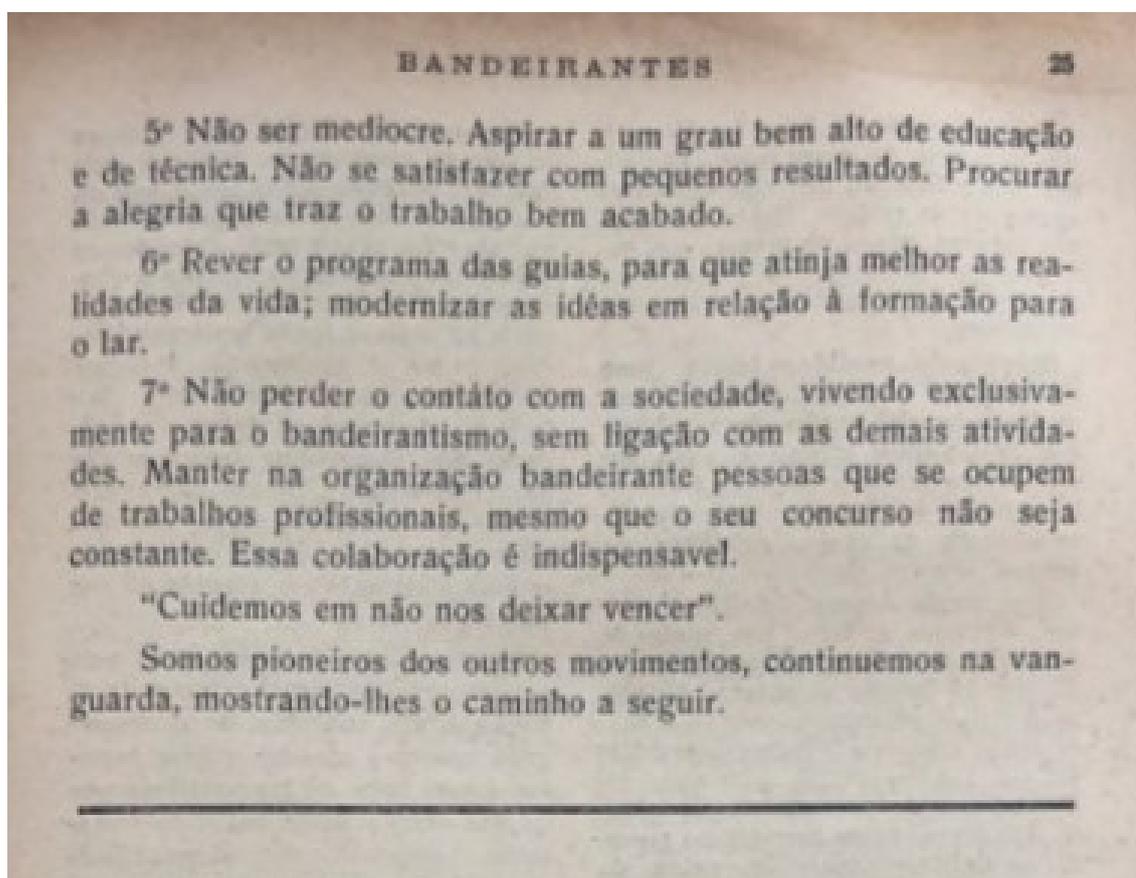
7 – A Bandeirante obedece às ordens

Figura 30 – Lei 7 “O que procura a juventude moderna? (1)”



Fonte: Bandeirantes, 1939, p. 24.

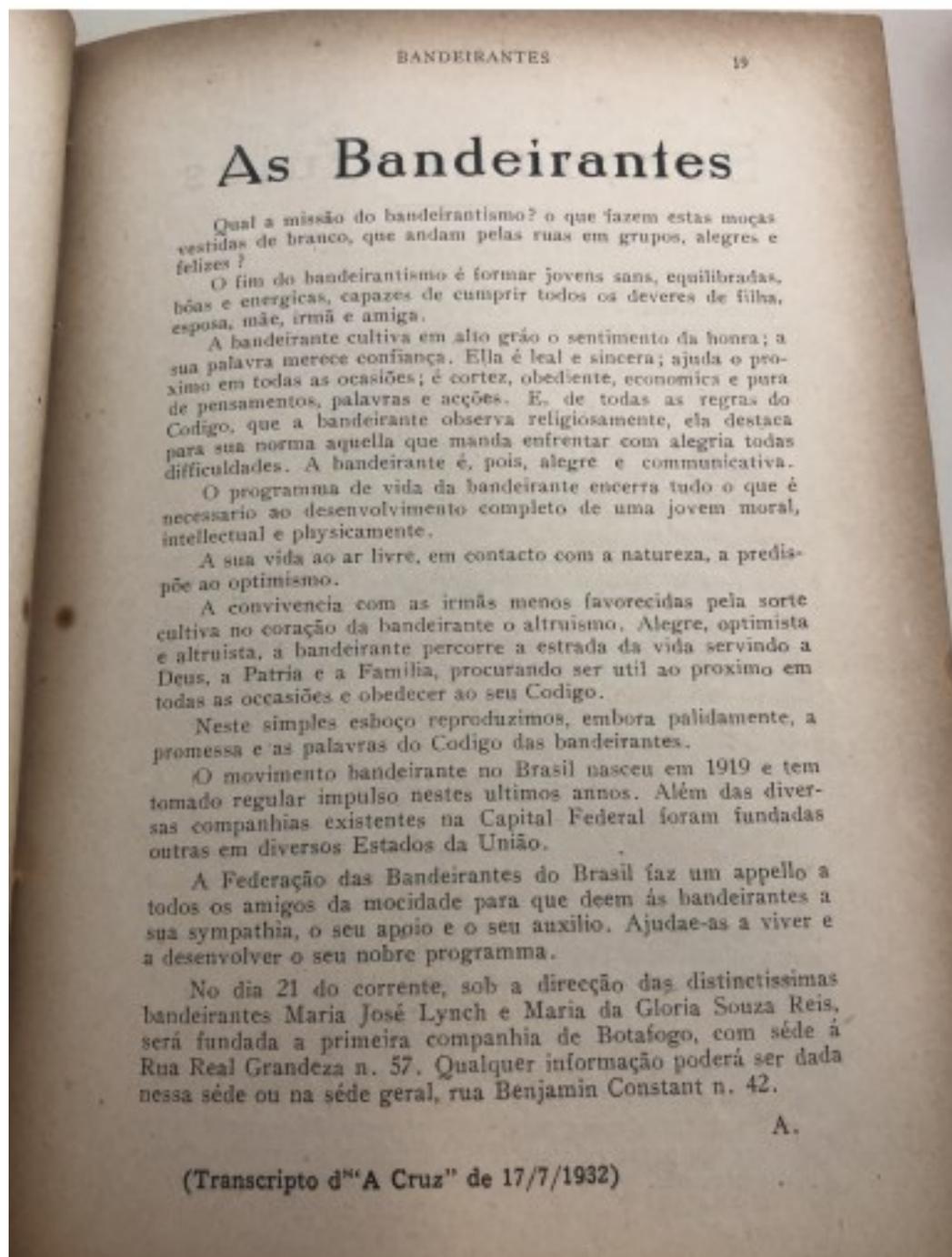
Figura 31 – Lei 7 “O que procura a juventude moderna? (2)”



Fonte: Bandeirantes, 1939, p. 25.

8 - A bandeirante enfrenta alegremente todas as dificuldades

Figura 32 – Lei 8 “As Bandeirantes”



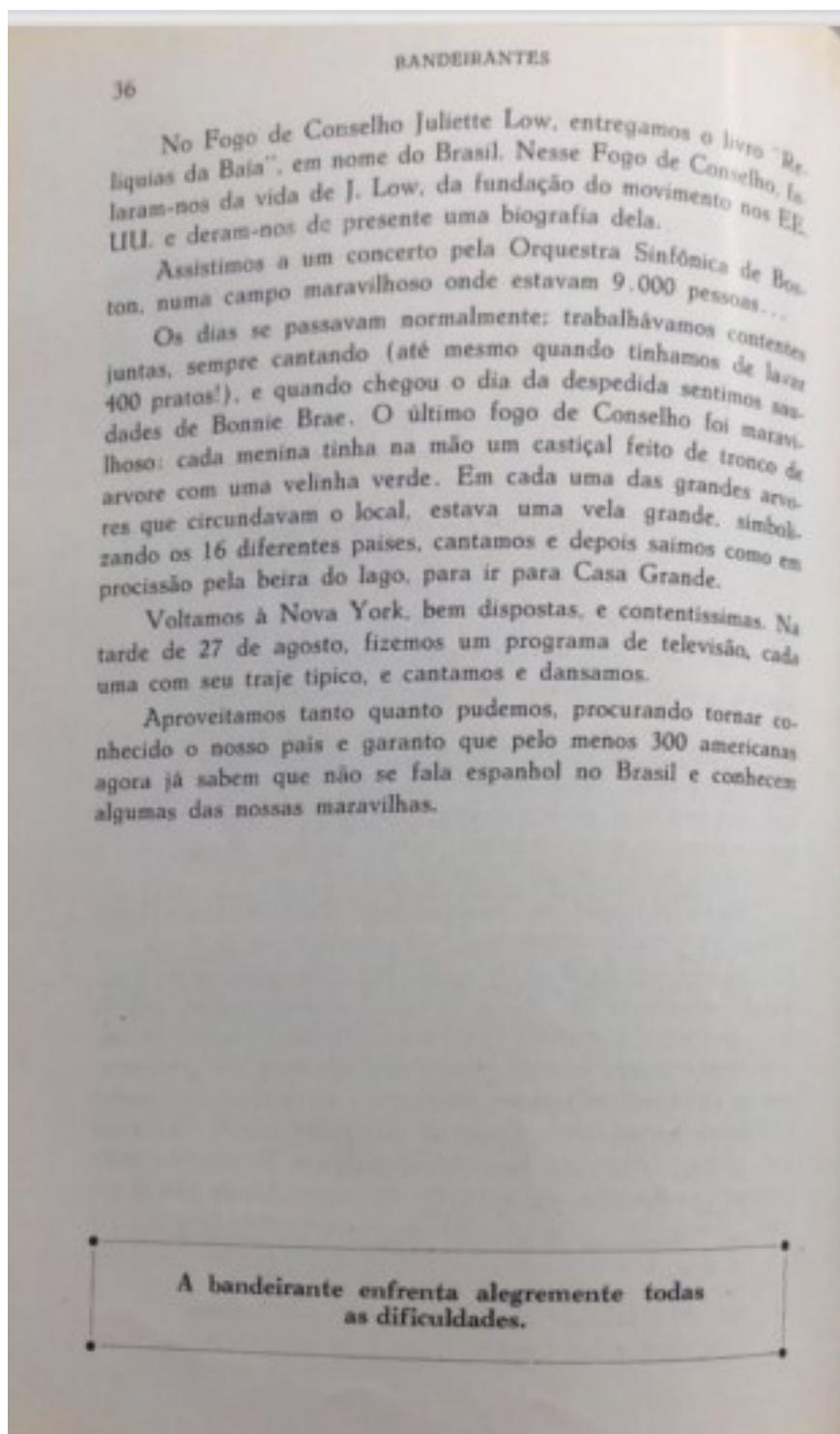
Fonte: Bandeirantes, 1932, p. 19.

Figura 33 – Lei 8 “Acampamento na América do Norte 1”



Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 33.

Figura 34 – Lei 8 “Acampamento na América do Norte 2”

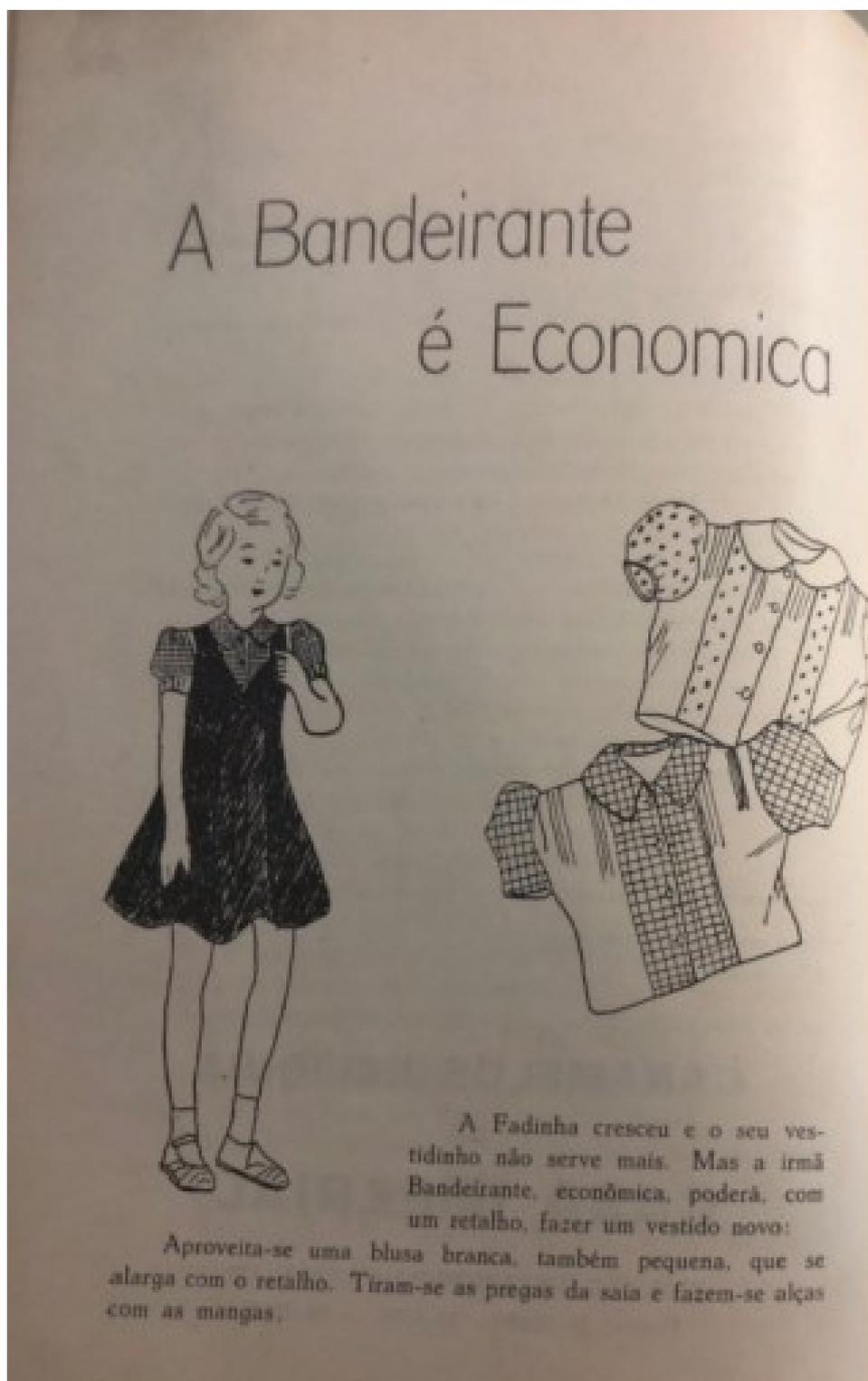


Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 36.³⁹

³⁹ Por ser um artigo longo, nessa seção foi escolhida a primeira e a última página.

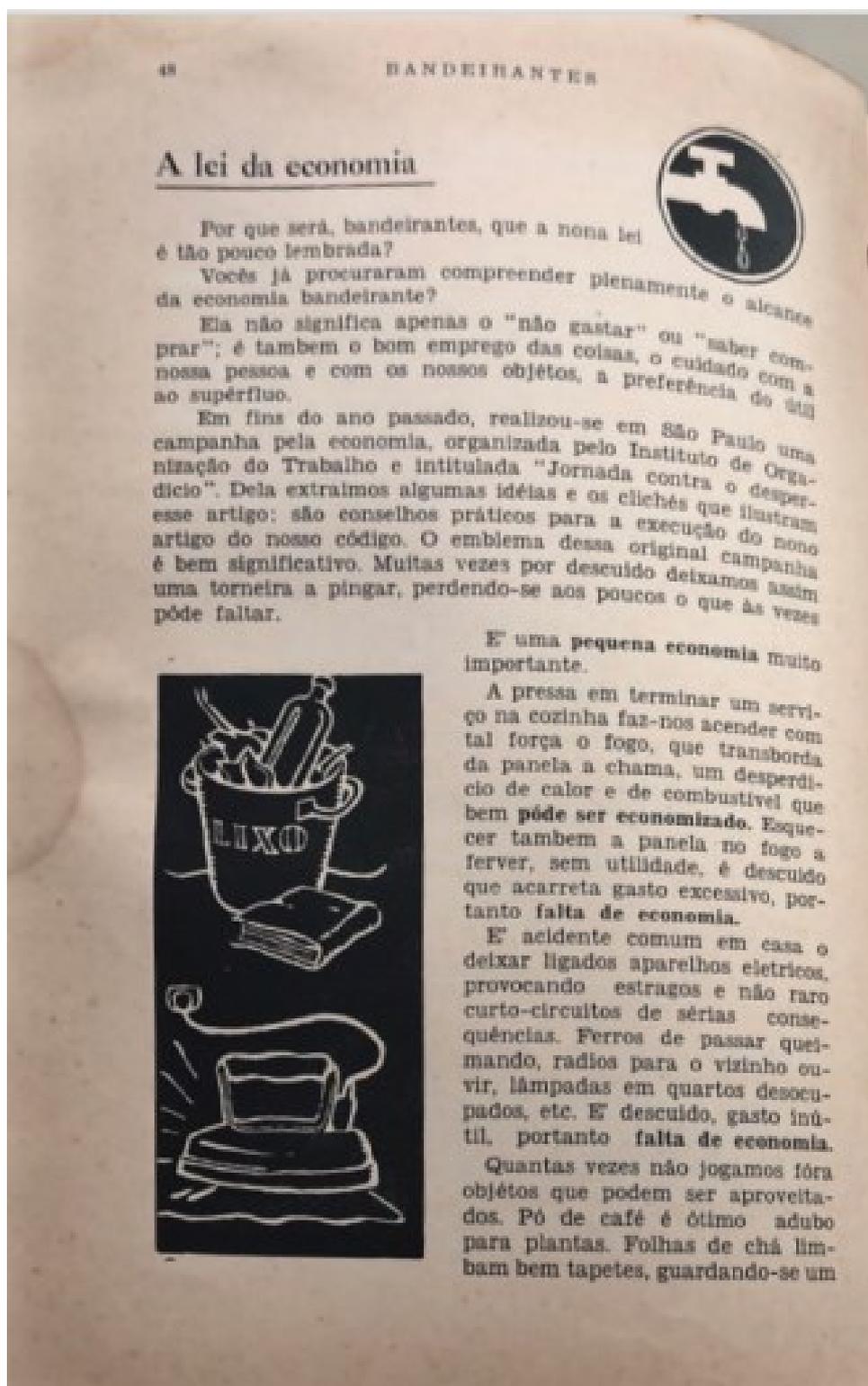
9 – A Bandeirante é econômica

Figura 35 – Lei 9 “A Bandeirante é econômica”



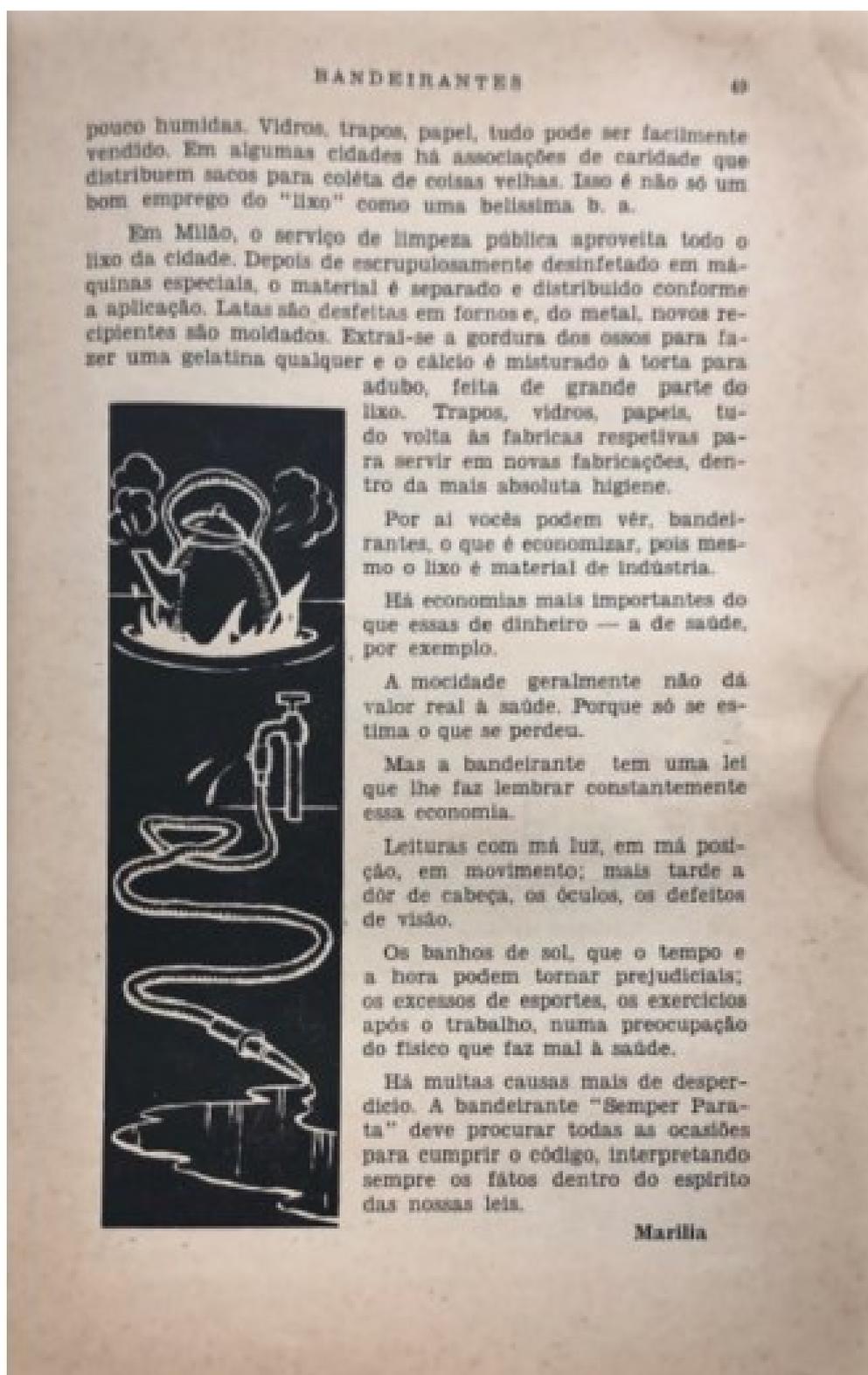
Fonte: Bandeirantes, 1943, p. 94.

Figura 36 – Lei 9 “A lei da economia 1”



Fonte: Bandeirantes, 1939, p. 48.

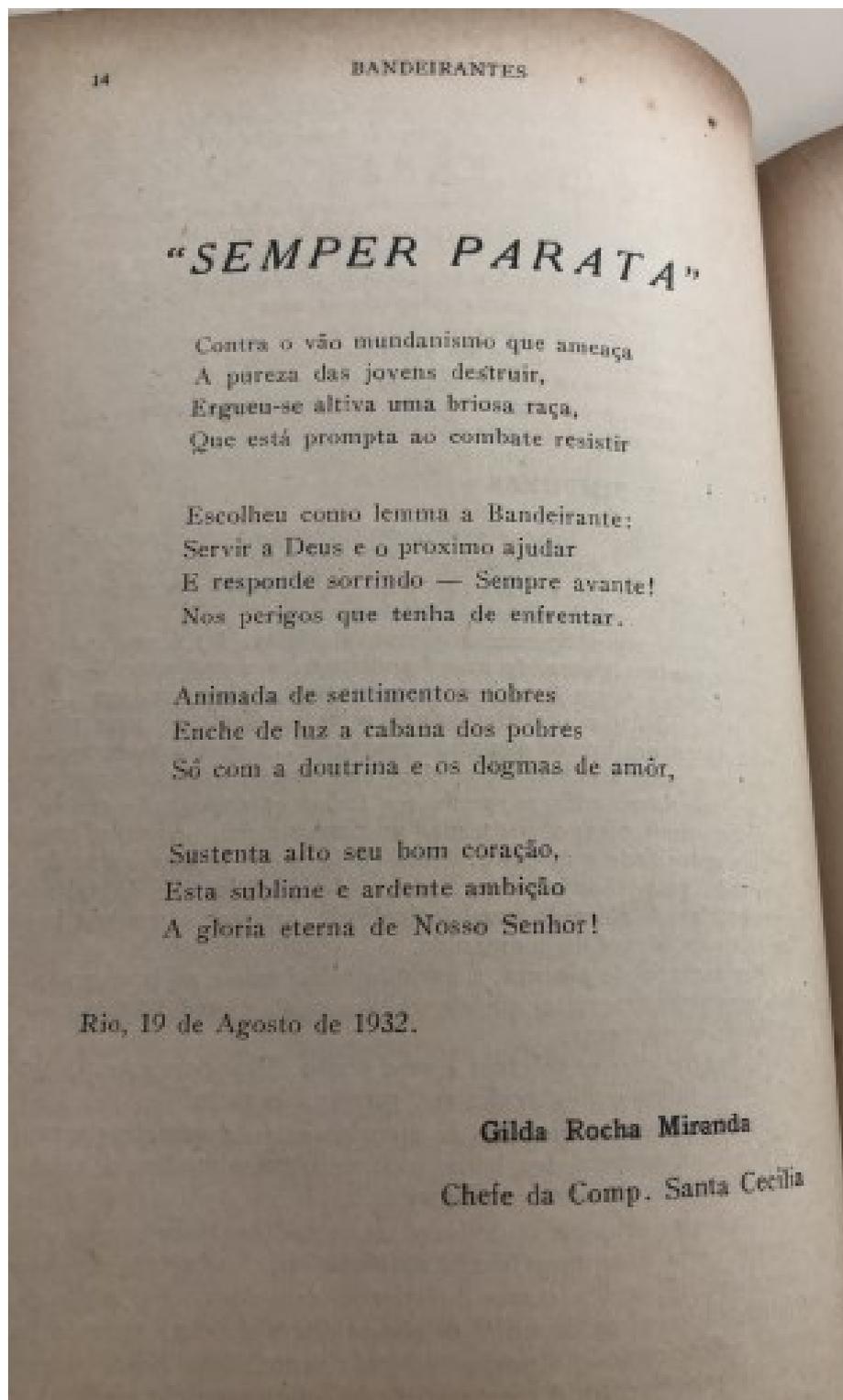
Figura 37 – Lei 9 “A lei da economia 2”



Fonte: Bandeirantes, 1939, p. 49.

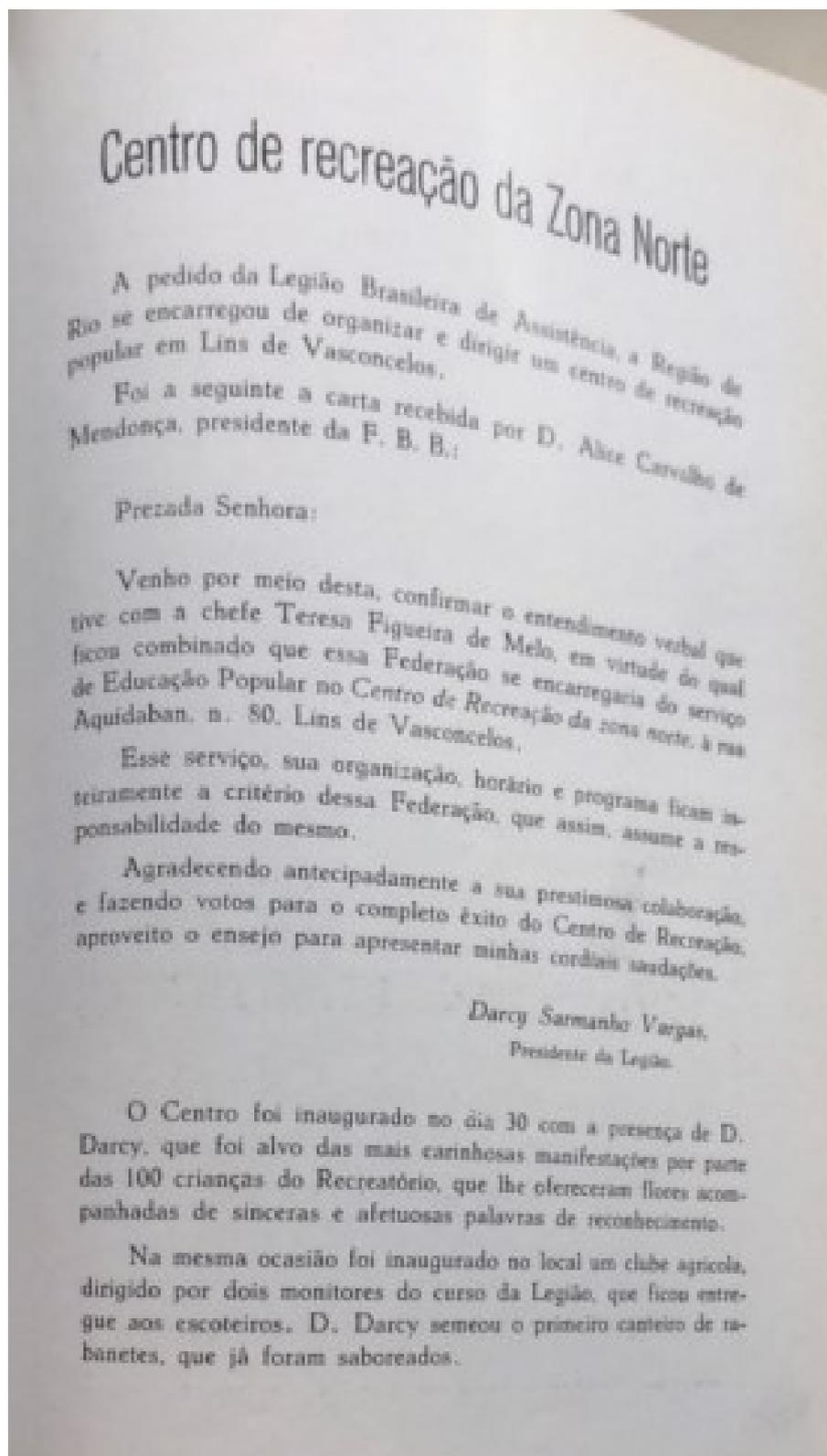
10 – A Bandeirante é pura em pensamentos, palavras e ações

Figura 38 – Lei 10 “Semper Parata”



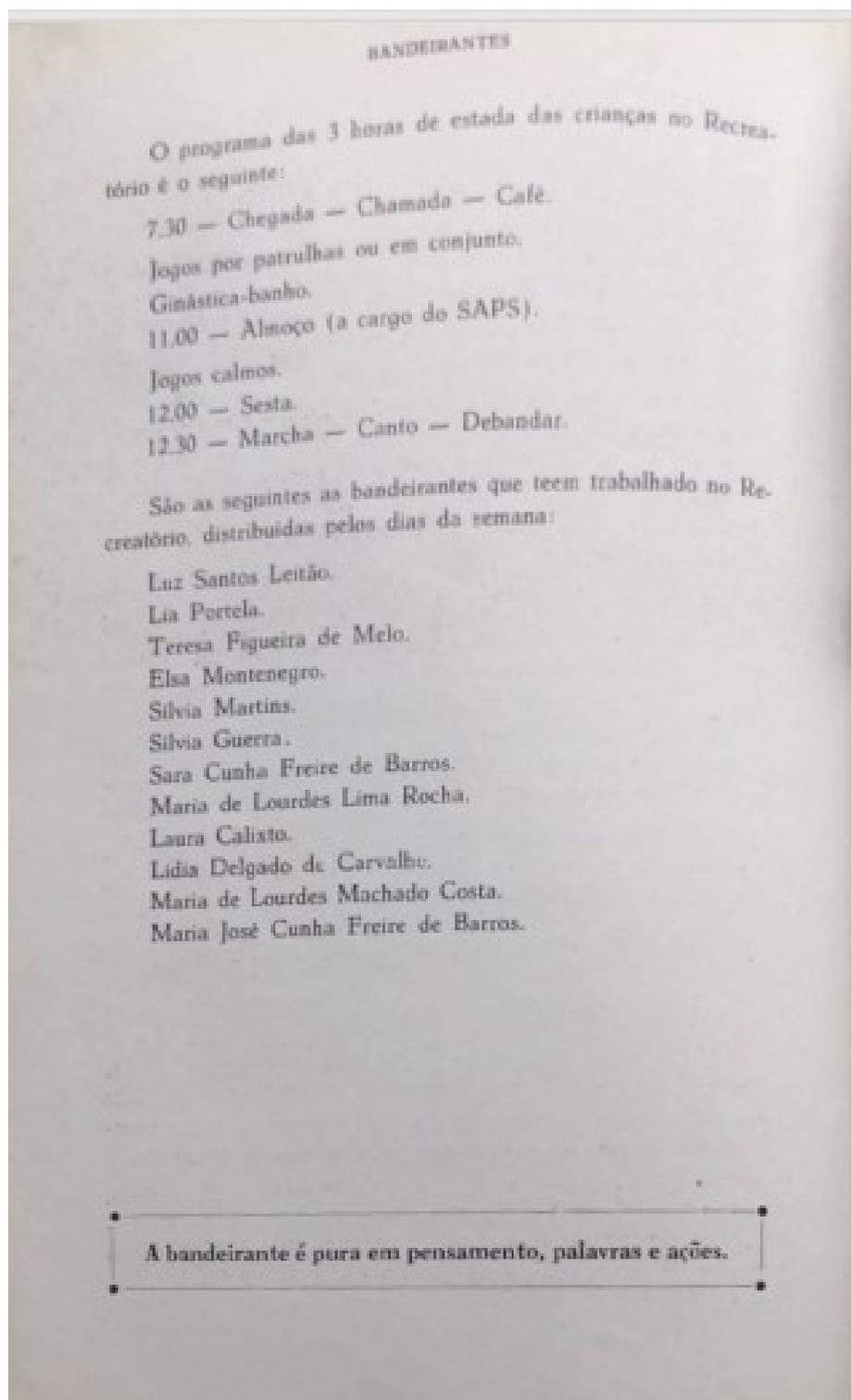
Fonte: Bandeirantes, 1932, p. 14.

Figura 39 – Lei 10 “Centro de recreação da Zona Norte 1”



Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 15.

Figura 40 – Lei 10 “Centro de recreação da Zona Norte 2”



Fonte: Bandeirantes, 1942, p. 16.

Quadro 1 – Informações e descrições-Artigos relacionados ao Código Bandeirante

Lei	Título	Mês/Ano	Assinado	Descrição
1- O sentimento de honra da Bandeirante é sagrado e sua palavra merece toda a confiança	Circular n. 7 do Conselho Central da F.B.B às chefes da região	Outubro/1942	Ernestina Penna Franca - secretária nacional	É uma carta de convocação, decidida em Conselho para ser divulgada. As decisões versaram sobre: comunicação pelas Chefes, fazendo uma circular para todas as companhias e bandeirantes em atividade; resultado de a convocação ser enviado com rapidez ao Conselho Central; urgência nas respostas para que o trabalho seja organizado e o Conselho Central enviará o plano de organização a ser executado na região do Rio de Janeiro. A Promessa e o Lema são utilizados no fim do artigo para afirmar que todas as bandeirantes estarão <i>semper parata</i> e cumprirão o chamado de convocação como maneira de cumprimento da Promessa.
1- O sentimento de honra da Bandeirante é sagrado e sua palavra merece toda a confiança	Está tudo perdido, menos a honra...	Julho /1933	H.G	Conta-se a história de Francisco I, rei da França (1515-1547) com destaque para a frase dita por ele: “Está tudo perdido, menos a honra”. Afirma-se que para as Bandeirantes a honra também deve estar acima de tudo e dessa maneira, terão compreensão da nobreza de caráter e poderão viver uma vida com cabeça alta e consciência de paz.

2- A bandeirante é leal e sincera	Uma vez bandeirante, sempre bandeirante	Agosto/1933	I.C	É sugerida reflexão diante do título do artigo para ser pensado pela bandeirante o compromisso e a responsabilidade de se dizer Bandeirante a partir do cumprimento da Promessa. “- Ser bandeirante não é apenas ser portadora desse título: é não agir nunca contra a promessa que se fez.” (Bandeirantes, 1933)
2- A bandeirante é leal e sincera	Encantamento	Março/1943	sem assinatura	Orientação de atividade de trabalho caseiro para as Corujas (Chefes) fazerem com o grupo de fadinhas, ressaltando que as fadas deveriam aprender a fazer comidas simples (bolo, sanduíche...) de maneira bem-feita e tivessem noção disso. A atividade estava conforme o Programa das fadas com o fim de desenvolver a modalidade: “ajudar sempre.”
3 - A bandeirante ajuda o próximo em toda a ocasião	O Outeiro da Glória	Outubro/1942	Miram Latif	Texto retirado da palestra de Miram Latif na semana bandeirante. É uma escrita de destaque ao Outeiro da Glória, a Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro, fundada no ano de 1937.
3 - A bandeirante ajuda o próximo em toda a ocasião	A bandeirante ajuda o próximo em todas as ocasiões	Fevereiro-Março/1942	Vera da Rocha Miranda	A 3ª lei é exemplificada mediante ações de ajuda ao próximo orientada pela autora do artigo. Há uma relação da 3ª lei com a frase bíblica cristã: “ama a teu próximo como a ti mesmo” para destacar o dever moral das

				bandeirantes de ajudarem a todos porque assim estarão ajudando também o Brasil. Inicia-se com pequenas coisas para chegarem até as grandes, exemplificando com a ação de dar um copo de água para alguém necessitado.
4 - A bandeirante estima a todos e é irmã para as outras bandeirantes	Almoço na sede	Outubro /1942	sem assinatura	É descrito um almoço preparado para Luiza Gohra, intitulada como amiga das Bandeirantes. O almoço e sobremesa foram feitos pelas chefes bandeirantes e algumas guias foram as copeiras, destacando que o serviço foi realizado com perfeição e presteza.
4 - A bandeirante estima a todos e é irmã para as outras bandeirantes	O dia do pensamento	Março/1933	Olave Baden-Powell (Chefe Bandeirante Mundial)	Texto traduzido para o português pelo Movimento Bandeirante de uma carta da Chefe Mundial, Olave Baden-Powell. Na carta, ela pede auxílio financeiro para ajudar o Comitê Mundial, que ela descreve como um auxiliador das companhias de todo o mundo. É destacado o senso de grupo/família entre os grupos internacionalmente: “Não é simpático pensar que somos todas uma enorme família, ligadas umas às outras como um feixe de galhos de alguma árvore forte e altaneira?” (Bandeirantes, 1933) Essa contribuição é solicitada, mesmo que seja de um tostão (moeda extinta), e orientada a ser feita no dia 22 de

				fevereiro, o dia do pensamento e de celebração do movimento.
5 - A bandeirante é cortês e delicada	Origem da caixa de Sta. Teresinha e seus fins	Novembro/1942	sem assinatura	Nesse artigo é explicado sobre a caixa de Santa Teresinha. Foi fundada por Jerônima Mesquita, bandeirante chefe naquele ano de 1935 e o objetivo era auxiliar membros da FBB em momentos de dificuldade. Destaca-se a importância de todas as bandeirantes contribuírem para que elas estejam “semper parata” para ajudar o próximo. É orientado que as contribuições do Rio de Janeiro devem ser entregues nos Conselhos de Região.
5 - A bandeirante é cortês e delicada	Assim, sim! Assim, não!	Junho/1945	sem assinatura	Artigo sem texto, apenas com imagens e frases direcionadas para cada imagem orientando a forma correta e a forma errada, supõe-se que referente à roupa e anotações em um caderno. Dessa maneira, assim, sim, é a maneira correta e assim, não é a maneira errada.
6 - A bandeirante vê Deus na criação, protege as plantas e os animais	Um hábito útil	Março/1943	sem assinatura	Um texto que orienta sobre a continuidade dos trabalhos no Movimento Bandeirante. É iniciado apontando a maior qualidade e o defeito pior que uma Chefe pode notar em sua companhia, a qualidade é o entusiasmo e o defeito é a inconstância. Chama-se atenção para a

				organização que a bandeirante precisa ter se estiver envolvida em dois trabalhos, terminar um para iniciar outro. É destacada a importância de finalizar os trabalhos porque mesmo que tenha iniciado de uma boa maneira, se não finalizar não tem valor.
6 - A bandeirante vê Deus na criação, protege as plantas e os animais	O bandeirantismo ao ar livre	Abril/1933	Trecho retirado de <i>Scouting Games: What to Expect in Camp</i> - M.I. Lewis	Neste texto é destacada a importância do contato com a natureza, principalmente através das atividades ao ar livre do Bandeirantismo. É feita uma comparação entre pessoas que amam a natureza e pessoas que não se interessam, assim como uma menina em geral e uma bandeirante. Assim é apontado que a vida ao ar livre precisa ser exercitada no movimento por meio de passeios, excursões e atividades, pois o movimento é destinado essencialmente destinado a proporcionar vida ao ar livre para as suas participantes.
7 - A bandeirante obedece às ordens	O que procura a juventude moderna?	Março/1939	Sirius	O artigo é o resultado de conclusões de conferencistas bandeirantes de 25 países diferentes que estudaram sobre o tema do título da seção. É informado que o número de julho de 1938 do Bandeirantes foi publicado um artigo sobre esse tema com relato de um estudo realizado pelo Conselho Central para 10ª Conferência Mundial de Bandeirantes. O resultado

				foi a defesa do ideal bandeirante a partir de 7 tópicos e que por fim é reforçado que o movimento deve cuidar para não ser vencido, pois é pioneiro de outros movimentos e que seguirá em vanguarda, mostrando o caminho que os outros movimentos devem seguir.
8 - A bandeirante enfrenta alegremente todas as dificuldades	As Bandeirantes	Junho-Julho-Agosto/1932	A.	É descrito o que é o Movimento Bandeirante a partir da menção às leis do Código bandeirante, é informado a data da fundação do movimento e é feito um chamado de apoio às bandeirantes. A 8ª lei do Código é destacada entre todas as regras, sendo a que a bandeirante observa religiosamente, pois ela é alegre e comunicativa.
8 - A bandeirante enfrenta alegremente todas as dificuldades	Acampamento na América do Norte	Outubro/1942	sem assinatura	O texto apresenta o acampamento que ocorreu nos Estados Unidos no ano de 194 em memória à Juliet Low. Quatro bandeirantes brasileiras participaram e três bandeirantes que estavam nos EUA estudando também participaram. É apresentada as impressões que a bandeirante brasileira Laura Tarquínio teve sobre o acampamento. Destaca-se o quanto as bandeirantes do acampamento trabalharam juntas e contentes, o quanto foi aproveitado para tornar o Brasil conhecido entre as bandeirantes americanas e

				que a partir daquela experiência as americanas não tinham mais dúvidas que no Brasil não se fala espanhol e conheceram algumas maravilhas brasileiras.
9 - A bandeirante é econômica	A bandeirante é econômica	Maio/1943	sem assinatura	Artigo com um pequeno texto e o desenho de uma menina para ilustrar uma fadinha. No texto é mencionado que a fadinha cresceu e por isso seu vestido não serve mais. Porém, para economizar, a irmã da fadinha usa retalho para fazer um vestido novo.
9 - A bandeirante é econômica	A lei da economia	Abril/1939	Marília	A 9ª lei é reforçada nesse artigo que é iniciado questionando porque essa lei é tão pouco lembrada. Dessa maneira, é descrito todos os tipos de economia que a bandeirante deve exercitar que não se aplica apenas em “não gastar” ou “saber comprar” (Bandeirantes, 1939). É exemplificado o gasto de energia, de água, de cuidado com a saúde... assim existindo muitas maneiras de desperdício. Chama-se atenção para que a bandeirante esteja “semper parata” para cumprir o código em todas as ocasiões, sabendo interpretá-lo diante de cada situação.
10 - A bandeirante é pura em	“Semper Parata”	Setembro/1932	Gilda Rocha Miranda	Um texto em formato de poema em que é dado destaque as bandeirantes como prontas para o combate, a partir do lema,

pensamentos, palavras e ações				servem a Deus e ao próximo, são animadas de sentimentos nobres e sustentam bons corações.
10 - A bandeirante é pura em pensamentos, palavras e ações	Centro de recreação da Zona Norte	Dezembro/1942	sem assinatura	Apresentação da inauguração do serviço de educação popular no Centro de recreação da zona norte localizado no bairro Lins de Vasconcellos, no Rio de Janeiro. A presidente da Legião Brasileira de Assistência, Darcy Sarmanho Vargas agradeceu à FBB e todo o programa e horários foi definido pela Federação. Às 3 horas de programa foi apresentada com um cronograma no artigo e os nomes das bandeirantes que fizeram parte desse trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As imagens referentes aos artigos e o quadro apresentados consolidam a importância do *Bandeirantes* como um impresso educativo e formativo para as meninas, moças e mulheres que faziam parte do movimento. Segundo Silva e Brito (2020, p. 21),

O impresso *Bandeirantes* possuía diferentes estratégias de ação. Procurava educar, de forma recreativa, por meio de jogos e tarefas consideradas leves e divertidas. Mas também procurava difundir os valores do movimento bandeirante, por meio da divulgação de notícias e outros êxitos do movimento no Brasil e no mundo.

Além de ter sido uma ferramenta fortalecedora dos ideais do Bandeirantismo e fundamental para sua ampliação, assim como para comunicação entre as companhias existentes no Brasil e os grupos internacionais. A vida bandeirante era orientada essencialmente pelo seguimento do Código Bandeirante, que aparecia com recorrência nos artigos, mesmo não relacionando necessariamente a lei exposta ao conteúdo do artigo.

No entanto, o Código Bandeirante em si, por meio de cada lei, reforçava papéis sociais femininos correspondentes ao período em questão (décadas de 1930 a 1940) e ao que era ser

uma bandeirante. A partir do Código, uma bandeirante deveria ter o sentimento de honra como sagrado (1^a), ser leal e sincera (2^a), ajudar ao próximo em todas as ocasiões (3^a), ser irmã das outras bandeirantes (4^a), ser cortês e delicada (5^a), ver Deus na criação, proteger as plantas e os animais (6^a), obedecer às ordens (7^a), enfrentar alegremente todas as dificuldades (8^a), ser econômica (9^a) e ser pura em palavra, sentimentos e ações (10^a). Não há menções no Código relacionadas a emancipação, direitos femininos, estudo e mercado de trabalho, sendo assim não havia direcionamento aos papéis sociais das bandeirantes relacionados a esses aspectos que estavam em voga na sociedade do período pesquisado.

O impresso *Bandeirantes* como uma das fontes privilegiadas da presente dissertação possibilitou diversos desdobramentos de pesquisa, assim sendo possível levantar reflexões e discussões a partir das seções, artigos e fotografias, deixando caminhos para futuras análises. Um destaque necessário é para a participação de alguns homens no Movimento Bandeirante, identificados através da assinatura deles em artigos do impresso. Por essa razão, na próxima seção foram apresentados alguns desses homens e as motivações para as suas participações.

2.3 A presença masculina no Bandeirantismo: Irmãos Franca e José Martinho da Rocha

A participação de homens no Bandeirantismo ocorreu desde a fundação do movimento na cidade do Rio de Janeiro, conforme já foi apresentado nesta presente dissertação. O movimento no Brasil teve características próprias que corresponderam a apropriação feita em relação ao movimento inglês. A presença do catolicismo através do próprio Código e formação religiosa foram apropriações brasileiras. Dessa maneira, a participação de alguns homens que tiveram grande importância também está relacionada a questão religiosa e das chamadas especialidades que era parte da formação. Sendo assim, é possível refletir que a participação masculina esteve ligada ao aspecto formativo, educacional e religioso no Bandeirantismo. Para discorrer sobre tal afirmativa, apresento nessa seção homens que participaram ativamente do movimento e salientar essas participações através da presença deles no impresso *Bandeirantes*. Estes homens foram: Leovigildo Franca e Leonel Franca, os irmãos Franca e José Martinho da Rocha.

Os irmãos Franca estavam ligados a Companhia de Jesus, da qual os membros são chamados de jesuítas. Cabe destacar, que os jesuítas foram imprescindíveis no processo de colonização do Brasil. A ordem religiosa de característica evangelizadora foi fundada no ano de 1534 por Inácio de Loyola e chegou ao Brasil no ano de 1549, liderados por Manuel da

Nóbrega. Foram criadas diversas missões jesuíticas em vários locais do território brasileiro, o principal objetivo, além de expandir seus domínios, foi catequizar os povos originários, algo que foi feito com êxito por eles que conseguiram adaptar o catolicismo à cultura brasileira local (Schwarcz; Starling, 2015).

Os jesuítas atuaram na educação católica no tempo em que estiveram no Brasil e essa ordem religiosa tem como característica a relação com a educação, tanto que existiram e existem escolas que foram fundadas por eles. Dessa maneira, pode-se refletir sobre a relação com característica formativa dos irmãos Franca com o Movimento Bandeirante, além de Leovigildo Franca ter sido também escoteiro. O Bandeirantismo, considerando o período pesquisado, foi um movimento de educação não formal com práticas católicas. Segundo Silva (2017, p. 37) “as chefes bandeirantes foram protagonistas na difusão do Bandeirantismo no Brasil, em práticas recheadas de valores morais e de práticas e liturgias da Igreja Católica”.

Além dessa característica que se aproximava dos jesuítas, o Movimento Bandeirante objetivava uma conversão das participantes e buscava ser ampliado, levado para mais e mais lugares a partir da obediência à Promessa, Código e Lema. Tais práticas são similares àquelas utilizadas pelos jesuítas de conversão dos povos indígenas para religião católica. Assim sendo, em virtude dessa participação masculina, apresento a seguir os irmãos Franca e o médico Martinho da Rocha e a participação dos três no Movimento Bandeirante.

Leovigildo José da Silveira Franca nasceu em 27 de fevereiro de 1897, na cidade de Santo Amaro da Purificação, na Bahia. Estudou com os jesuítas na cidade de Friburgo. No Rio de Janeiro, deu continuidade a sua formação religiosa em Roma, na Universidade Gregoriana. Foi ordenado a Sacerdote no ano de 1920. Na cidade do Rio de Janeiro, viveu seus sessenta e um anos de sacerdócio: vinte anos na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, vinte anos na Paróquia Santa Terezinha do Túnel Novo, esta construída por ele, e vinte e um anos na Paróquia Nossa Senhora da Glória.⁴⁰

Na seção, *Na matriz de nossa senhora da Glória, o Mons. Leovigildo Franca comemora seu jubileu de ouro sacerdotal* do jornal *A Cruz*, de abril de 1970, foi possível identificar mais informações sobre cargos ocupados por ele até aquele momento da reportagem.

Se aqui fôssemos contar tôdas as obras do Mons. Franca ocuparíamos por certo várias páginas por isso daremos alguns dos cargos por êle ocupados e apenas algumas de suas obras como Assistente Eclesiástico das Senhoras da Ação Católica, da Federação

⁴⁰ MONSENHOR Leovigildo Franca. Nsdagloria, Rio de Janeiro, 1 jan. [19...]. Disponível em: <https://www.nsdagloria.com.br/single-post/1958/01/01/monsenhor-leovigildo-franca>. Acesso em: 20 out. 2024.

das Bandeirantes, dos Escoteiros católicos, Diretor das Filhas de Maria, Capelão das Forças Expedicionária Brasileira e Capelão chefe do Serviço de Assistência Religiosa às Forças Armadas, Conego honorario do Cabido Metropolitano, Camareiro Secreto do Santo Padre Pio XII, Prelado Doméstico de Sua Santidade, tendo representado o nosso país em diversos países como Suíça, Dinamarca, Argentina e pelo Brasil chefiando Peregrinos a diversos estados (Na Matriz [...], 1970, p. 1).

A participação de Leovigildo Franca na FBB foi ativa. Ele exerceu funções importantes, foi um dos participantes do Conselho geral do Bandeirantismo, esteve junto da bandeirante Maria de Lourdes da Rocha (Chefe Lourdes) na reestruturação e fortalecimento do movimento em um período de dificuldade na década de 1920 e a partir do ano de 1933 ele se tornou consultor moral da FBB. Lúcia Rodrigues (2016), em diversos trechos de seu livro, escreveu sobre as ações de Leovigildo no movimento bandeirante, em um desses trechos, ela menciona sobre um discurso que ele gostava de utilizar e que era de seu irmão, Leonel Franca.

Padre Leovigildo Franca gostava muito desse discurso de mons. Leonel Franca, e sempre que podia citava trechos do discurso ao início as reuniões como aparecem nas Atas do Conselho de 1928 em diante (id. 22).

Haveria outro padre de mesmo sobrenome, Edgar Franca, no futuro nas atividades eclesiais na FFB até os anos 1970.

Monsenhor Leonel Franca foi grande incentivador dos estudos ‘sobre e para as mulheres’. Criou o ‘Instituto Social’ nos anos 40, no Bairro do Humaitá e era ali, inicialmente, um pensionato para as jovens que vinham estudar na cidade.

Ali foram criadas por ele, a Faculdade de Serviço Social e que mais tarde iria para a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (S.S./PUC-RJ); e pelos anos 1950, uma Escola Familiar de Atividades Domésticas para noivas ou não, que acabou nos anos 1980. O Instituto Social ainda existe e houve lá por algum tempo Cias. cariocas (Rodrigues, 2016, p. 122-123).

Ele era chamado de monsenhor e cônego, o primeiro é um título eclesiástico dado pelo Papa a sacerdotes que prestam serviços para a igreja e o segundo é uma posição religiosa de um religioso que participa do colegiado de uma catedral. Por esse motivo, ora ele era mencionado como cônego, ora como monsenhor nas fontes consultadas. Porém, apesar de sua participação e trabalho em diferentes espaços, principalmente na FBB, houve dificuldade de obter mais informações sobre ele, diferente de seu irmão, que teve sua participação no Bandeirantismo presente nas páginas de vários volumes do impresso *Bandeirantes*, por exemplo.

Leonel Edgar da Silveira Franca nasceu no dia 6 de janeiro de 1893 na cidade de Rio Grande do Sul, foi um importante sacerdote católico e professor no Brasil. Era de uma família baiana, seu pai era engenheiro ferroviário e sobre a mãe não foi possível obter informações. Ele teve oito irmãos e na juventude estudou no Colégio Anchieta em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Quando a família retornou para a cidade de Salvador, Leonel estudou no Colégio Vieira, um colégio jesuíta e aos treze anos foi transferido para o Colégio Anchieta. Aos 14 anos,

Leonel teve sua primeira crise cardíaca, a partir daí essa questão de saúde lhe acompanhou durante toda a vida.

No ano de 1908 ele ingressou em seu noviciado, período de formação que antecedeu seus votos religiosos. Estudou em Roma, na Universidade Gregoriana entre os anos de 1912 e 1915. Quando voltou para o Brasil, lecionou diversas disciplinas, entre elas, religião e filosofia. Finalizou seus estudos de teologia e filosofia em Roma entre os anos de 1920 e 1923. Ministrou aula de História da Filosofia em um curso novo na Casa de Formação da Província do Brasil Central, o antigo Colégio Anchieta, na cidade Nova de Friburgo, no Rio de Janeiro, no ano de 1926.

Leonel Franca foi uma pessoa importante para o catolicismo em relação à ligação da Igreja Católica com a área educacional. Além disso, ele era próximo do Arcebispo da cidade do Rio de Janeiro naquele período da década de 1920, o Cardeal Dom Sebastião Leme, uma liderança católica importante da época. Padre Franca e Dom Sebastião Leme dedicaram-se juntos à questão educacional na Igreja Católica. A partir do ano de 1932, Leonel Franca atuou no Conselho Nacional da Educação, publicou artigos em jornais e revistas e atuou no corpo administrativo e como docente do Instituto Católico de Estudos Superiores.

Esse instituto teve origem a partir do movimento de lideranças católicas que acreditavam ser importante a existência de uma Universidade Católica. Sendo assim, em maio do ano de 1932 foi fundado por Alceu Amoroso Lima e dirigido por Sobral Pinto, ambos líderes católicos. A cerimônia de inauguração foi presidida por Dom Sebastião Leme. Alceu Amoroso Lima e Leonel Franca atuavam juntos na defesa da educação católica, dessa forma, juntos redigiram um documento chamado *Reivindicações Católicas* que foi entregue na Assembleia Constituinte para a elaboração de uma nova constituição, isso ocorreu quando ele era Assistente eclesiástico da Confederação Católica Brasileira de Educação em torno do ano de 1933.

Conforme a autorização do governo para o funcionamento de Faculdades Católicas, no ano de 1940, Leonel Franca foi nomeado reitor e dedicou-se profundamente a construção física e acadêmica da Universidade Católica. O espaço que abrigava a Universidade foi sendo ampliado e transformado, por fim no ano de 1947 a Santa Sé concedeu o título de Universidade Pontifícia e no mesmo ano ela ficou pronta. Porém, quando enfim a Pontifícia Universidade Católica (PUC) teve seu campus fixado no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, no ano de 1955, o Padre Franca já havia falecido e não conseguiu ver o seu sonho realizado de um campus adequado para a Universidade.

Tanto Leovigildo Franca, quanto Leonel Franca participaram ativamente do Movimento Bandeirante, porém Leovigildo teve maior e mais intensa participação. Segundo a autora Lúcia

Rodrigues (2016), o padre Leovigildo Franca foi importante para sustentar a existência do Movimento Bandeirante ao lado da bandeirante Maria de Lourdes da Rocha.

O MB como que ‘submergia’ e voltou a reaparecer, efetivamente, em 1926, com a ajuda do padre Leovigildo Franca e Chefe Lourdes, para alegria de Jeronyma! Ambos fundavam uma Cia. ‘Coração de Jesus’ na Matriz do Sagrado Coração de Jesus em 10//01/1926, quando houve a Promessa de 18 novas Bandeirantes. Suas Patrulhas ainda incompletas, eram ‘a Violeta, Amor Perfeito e Margarida’. A Subchefe era Edina Fernandes e a Direção Eclesiástica de padre Leovigildo. Só depois apareceu nas atas como Cia Coração de Jesus, seu nome real, bem mais tarde foi conhecida como ‘O Sagrado’ (Rodrigues, 2016, p.116).

A autora também destaca sobre a importância da participação do padre no Movimento Bandeirante como uma forma de desmistificar o papel social feminino que era esperado das mulheres naquele início da década de 1920.

Essa desmistificação do papel feminino e suas possibilidades no MB, vão ficar muito clara quando recebem ajuda do padre Leovigildo Franca em 1926, que afirmou a respeito do MB ‘ser esse um bom caminho **de liberdade para a mulher**, para que forme desde joventinha um **caráter mais adequado, novo e moderno** em seus direitos e que possa se estender para outras meninas e moças...’ (op cit 22). E ele era um escoteiro! (Rodrigues, 2016, p. 67, grifo próprio).

Figura 41 – Leovigildo Franca



Fonte: Bandeirantes, 1934/1935.

Em análise dos números dos impressos *Bandeirantes* de 1932 a 1935, foi possível identificar a participação dos irmãos através das assinaturas de seções e trechos extraídos de

conferências, tudo relacionado à formação católica no movimento. A recorrência de seções ocorreu nos anos de 1932 e 1933 relacionadas às conferências, cursos de liturgia, assuntos relacionados à Pedagogia, Psicologia aplicada, ação católica e educação e discursos pós-missa ou evento religioso, transcritos para o impresso. As seções sobre psicologia eram assinadas por Leovigildo Franca e as de Pedagogia por Leonel Franca. No exemplar referente aos meses de agosto e setembro do ano de 1933, na seção *O ensino do catecismo nas Companhias*, é apresentado um programa de catequese feito para as bandeirantes por Padre Leonel Franca, demonstrando assim como a apropriação ao catolicismo foi algo imprescindível no movimento brasileiro.

O programa de ação traçado pelo querido Padre Franca, para nosso decimo quarto ano de existencia, aponta como ‘questão capital da qual depende a afirmação do Bandeirantismo em nossa patria, a da *formação interior da alma*, da elevação moral de nós mesmas, do trabalho pessoal e sério de uma renovação continuada e perseverante de nossas disposições interiores.’
 ‘Neste trabalho de formação moral só chegaremos a um resultado eficiente pela pratica da religião’, foi o que então se nos assegurou (Bandeirantes, 1933, p.10).

Em relação ao Doutor Martinho da Rocha, segundo a Academia Brasileira de Pediatria,⁴¹ José Martinho da Rocha nasceu na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, no dia 11 de fevereiro de 1899. Em sua cidade natal ele iniciou o curso secundário de humanidades e deu continuidade em Berlim, na Alemanha. No ano de 1917, matriculou-se na Escola Nacional de Farmácia, na cidade do Rio de Janeiro. Não deu continuidade ao curso de Farmácia, pois se transferiu para o curso de Medicina e se graduou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Após formado, retornou para a sua cidade natal onde deu aulas de História Natural em um colégio secundário, de Biologia e Higiene em uma Escola Normal e assumiu a direção do Serviço de Pediatria do Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Juiz de Fora.

Ao se transferir para a cidade do Rio de Janeiro foi tendo cada vez mais atuação na área da saúde. No ano de 1931 trabalhou no Departamento Nacional de Saúde que estava recém-criado. Em sua carreira esteve envolvido tanto com o sanitarismo quanto com a pediatria. Nesse período de retorno ao Rio de Janeiro, foi nomeado chefe da seção de pediatria do Hospital São Sebastião, vinculado ao órgão do Governo Federal, Departamento Nacional de Saúde Pública e se associou de maneira efetiva à Sociedade Brasileira de Pediatria, tornou-se o primeiro

⁴¹ JOSÉ Martinho da Rocha (1899-1977). **Academia Brasileira de Pediatria**, [20--?]. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/academia-brasileira-de-pediatria/patronos-e-titulares/jose-martinho-da-rocha/>. Acesso em: 20 out. 2024.

secretário da Sociedade no ano seguinte e em 1937 foi eleito presidente. Nessa mesma época deu aula de Pediatria no curso superior da Divisão do Amparo à Maternidade e a Infância e era servidor do Ministério da Educação e Saúde.

Na década de 1940, Martinho da Rocha foi intitulado como professor de Clínica Pediátrica Médica da Faculdade Nacional de Medicina e tornou-se diretor do serviço de Pediatria e Puericultura da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Nesse período, o médico já era respeitado em sua área de atuação e participava de associações pediátricas em diversos países, entre eles, Estados Unidos e Portugal. Ele teve participação importante na regulamentação da vacina antipoliomielítica e no ano de 1966, representou o Brasil na Organização Mundial de Saúde (OMS) nas comissões de campanhas de vacinação em massa e da poliomielite.

Além dessas representações em eventos internacionais, José Martinho participou de comissões organizadoras de diversos congressos no Brasil e em outros países, e teve muitos artigos científicos publicados em português e traduzidos para outros idiomas. No periódico *Brasil Médico*, ele foi redator-chefe. Uma importante obra chamada de *Guia para criar o bebê* foi publicada no ano de 1946 para divulgação científica e, no ano seguinte, 1947, teve outra obra publicada que foi considerada de grande importância em sua área de atuação, *Introdução à história da puericultura e pediatria no Brasil*.

José Martinho da Rocha teve uma carreira acadêmica sólida, formou gerações de pediatras e até o fim da sua vida se dedicou à sua área de estudo, pois com 70 anos, tornou-se responsável pela disciplina de Pediatria na Escola de Medicina de Vassouras. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro no ano 1977. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria no ano 1937 e por esse motivo foi indicado como patrono da cadeira 9 da Academia Brasileira de Pediatria como uma forma de homenagem.

Na descrição sobre sua trajetória de vida apresentada aqui, de acordo com informações da Academia Brasileira de Pediatria,⁴² é mencionada sua participação em periódicos. E essa participação se estendeu para o impresso *Bandeirantes*, especificamente no ano de 1932 e no mês de abril do ano de 1933. A primeira seção assinada pelo médico fez parte do primeiro impresso em formato de revista do mês de abril do ano de 1932, intitulada de *Como dar remédio ao filho doente?*. Na epígrafe desse primeiro artigo, é feita uma apresentação e agradecimento

⁴² JOSÉ Martinho da Rocha (1899-1977). **Academia Brasileira de Pediatria**, [20--?]. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/academia-brasileira-de-pediatria/patronos-e-titulares/jose-martinho-da-rocha/>. Acesso em: 20 out. 2024.

ao médico, além de informar que será o primeiro de uma série de artigos. Não há assinatura de quem escreveu essa epígrafe.

O seguinte artigo é de autoria do dr. Martinho da Rocha, um dos nomes mais notáveis da pediatria no Brasil. Pela clareza e vivacidade da exposição da exposição, o illustre mestre comunica às suas leitoras uma somma apreciável de conhecimentos praticos, muito uteis às futuras mães de família. Graças... dedicação com que o dr. Martinho da Rocha ensina, de publico, pelo jornais às futuras nubentes e às jovens mães a maneira scientifica de cuidar dos seus filhinhos, póde-se dizer sem exagero que centenas de creancinhas teem sido salvas e muitos corações teem sido tranquilizados. “Bandeirantes” publicando a serie de lições, que com esta se inicia, agradece vivamente ao illustre mestre a bondade com que as forneceu e acredita prestar às suas leitoras um serviço de grande utilidade (Bandeirantes, 1932, p. 5).

O objetivo dos artigos da série assinada pelo médico José Martinho da Rocha eram de orientar as mulheres, fossem elas mães ou futuras mães, conforme epígrafe acima. Através dos conhecimentos sobre puericultura, especialidade da pediatria em que o objetivo é promover e proteger à saúde e desenvolvimento da criança a partir da atenção integral. Os artigos seguintes da série foram: *Qual o valor dos dentes de leite?* (2), *A tuberculose nas crianças* (3), *Disenteria nas crianças* (4). Essas orientações destacam mais um aspecto formativo do Movimento Bandeirante e como essa educação bandeirante esteve presente no impresso, relacionando-se com as especialidades e reforçando o papel social da mulher responsável pelos cuidados com os filhos.

As participações dos três homens apresentados nessa seção, foram apenas algumas entre participações de outros homens no Movimento Bandeirante. Dessa maneira, fica evidente que houve intencionalidade em ter a presença masculina, não só como uma apropriação brasileira, mas como uma forma de aceitação e permissão para a existência do Bandeirantismo. A autora Lúcia Rodrigues (2016) corrobora com essa afirmação destacando a existência de um discurso masculino que de alguma maneira pode ter impactado na falta de espaço para discussões sobre gênero no movimento.

Na fundação existiu dentro da Associação “o masculino discursado” pelos assessores eclesiásticos, conselheiros jurídicos e vários outros com títulos de doutores e *Sir*, como Edmund Lynch e Alexander Mackenzie.

Nada contra homens, mas um grande espaço do discurso de gênero poderia ter sido mais aberto na FBB. Entretanto e devagar, criaram uma *identidade social* democraticamente democrática na defesa do gênero, sem violentar a vida cotidiana com o outro gênero. Só não foi reconhecida de modo explícito por muitos dos grupos feministas de então. Isso foi, e profissionais ligados ao estudo da mulher brasileira não o puderam ou fazer. As questões políticas foram mais claras. Sabe-se que a FBB nunca se preocupou com esse reconhecimento. Lutou a boa luta e isso lhe bastou! (Rodrigues, 2016, p. 75-76).

Em uma extensa explicação sobre o momento político vivido pelo Movimento Bandeirante que foi nos anos do governo de Arthur Bernardes na presidência do Brasil, Rodrigues (2016), apresenta informações importantes sobre o Bandeirantismo naquele período, destaca momentos de insegurança em relação à sobrevivência do movimento, apontando para a necessidade da Associação, naquele momento ainda não era Federação, ter se tornado católica e se definir como apolítica.

O momento político bernardista de 1922 a 1926, foi o pior possível para qualquer associação filantrópica ou não, face às perseguições, cartas anônimas. Dizem que algumas dessas eram dele próprio... ou de seu entourage. O que se depreende das questões que a Associação sofreu para sobreviver naquela sociedade? Primeiro precisou dizer-se católica, e isso constar em seu primeiro Estatuto (e o Drill), e que a proposta de B-P era de ‘uma Associação apolítica e sem fins lucrativos, sem distinção de credos, raças ou classe social’. De qualquer modo, essa Associação de mulheres pareceu ter assustado aos propósitos teológicos e políticos da sociedade elitista, de seu presidente e os governistas. Em um país, eminentemente em crise política, colocavam ‘sua defesa sobre os ombros da igreja católica’, como se a meta da igreja não fosse só a pastoral... Confundiram os seus objetivos, com ‘a primazia do tratar melhor os pobres que sofrem com os males econômicos e os sem direitos sociais. A sociedade sofreu um incomum regime de prisões e ‘medos de um estado de sítio sob o comando daquele presidente, com as ameaças que fazia’ ... (op. cit. 27). Outra circular anônima apareceu. Tinha como objetivo ‘denunciar, na verdade criminalizar o apolítico educacional da Associação, com a sua aceitação de todos os credos, raças e níveis sociais’! A denúncia era permeada de desserviços aos que lutavam para ter um bom desenvolvimento para meninas e jovens. Uma pena não se ter o original das circulares anônimas de que falavam os jornais, para uma análise mais detalhada, e visualizar melhor nos desmentidos que as Comissões de Bandeirantes faziam. Estariam entre os documentos que foram jogados fora? O que será mais os medos políticos das antigas Bandeirantes fizeram com esses e outras cartas? Aliás, outros documentos daquele princípio, foram ‘extraviados’ de propósito, como quando a própria Jeronyma acusava em ata, ‘o sumiço do primeiro Livro de Atas’ e até hoje desaparecido. Esperança é esse ou alguns, estejam na ‘Cápsula do Tempo’. Nada pode ser certo pelo que informou uma ata de 1927, onde “novo livro de Atas foi aberto”. Ou seria que, na época algo poderia incriminar de alguma forma a Associação? Entretanto, a defesa das Dirigentes por intermédio da mídia jornalística registrou suas posições, contra o que pareceu ser ‘reação a uma luta real e avassaladora que poderia ter acabado com a Associação antes de ter uma firme estrutura’ (op cit 14) . Daquele momento, há inúmeras dúvidas! Tratar-se-ia de um possível recrudescimento da questão de gênero na sociedade? É que, mesma época apareciam operárias em luta por seus direitos em São Paulo e outras questões sociais surgiam na FBB, por exemplo, como aceitar qualquer menina de classes sociais e etnia, o que para alguns, era “um absurdo misturá-las na educação e suas distâncias sociais’... (op cit 16). Certas defesas escritas aparecem nas atas do então Conselho Geral do DF e de 1927: ‘o reino de Deus é reino da boa semente...’ querendo dizer às Bandeirantes sem nenhum constrangimento imediato, que no seu meio havia um inimigo oculto no anonimato de classe, ‘é uma ameaça, é jogar o joio no meio da plantação de trigo’ (id. 16) (Rodrigues, 2016, p. 107-108, grifo próprio).

Pode-se depreender da citação acima alguns pontos importantes em que foi pertinente ser grifado para serem refletidos. Sobre as apropriações do Movimento Bandeirante brasileiro em relação ao movimento inglês, terem sido através da participação masculina e da necessidade

de se tornar um movimento católico, mesmo que não oficial, essas informações são fortalecidas através do que escreve a autora. Essas apropriações foram atravessadas pelo governo do então presidente da época Arthur Bernardes. Nesse período, a autora narra sobre o recebimento de cartas anônimas na Associação e destaca uma que teve o objetivo de criticar o fato de o movimento aceitar meninas de todos os credos, raças e níveis sociais. E conforme foi apresentado, o Bandeirantismo foi majoritariamente direcionado para meninas, moças e mulheres brancas e de classes abastadas, além de ter a religião católica como base do movimento, estando presente na doutrina bandeirante.

A pluralidade de informações descritas pela autora demonstra os diferentes atravessamentos que o Movimento Bandeirante teve e como todos esses apontamentos se relacionaram com o estabelecimento do Bandeirantismo na sociedade carioca daquele período. Havia muitas dúvidas que inclusive a autora põe em questionamento o motivo para que as cartas anônimas não tenham sido guardadas, assim como o sumiço do primeiro livro de atas. Seria uma maneira de proteger o movimento? Estarão essas cartas na cápsula do tempo⁴³? E por fim, ela apresenta questões sociais que perpassaram o movimento, como a luta de mulheres operárias de São Paulo por direitos e o impasse que existia na aceitação de meninas de qualquer classe ou raça no movimento.

Em suma, apesar das representações masculinas no Bandeirantismo, as mulheres foram as reais protagonistas. Por esse protagonismo feminino, o Movimento Bandeirante foi exclusivo para o público feminino até o ano de 1969, quando houve reformulação e o movimento passou a aderir à coeducação. Entre diversas mulheres bandeirantes que foram fundamentais para a fundação, estabelecimento e ampliação do movimento, Jerônima Mesquita se destaca. No capítulo a seguir é apresentada a importância de Jerônima no Bandeirantismo, de suas relações e participações em outros grupos, e associações. Além disto, é apresentado o movimento das mulheres bandeirantes através das viagens e foram propostas reflexões iniciais sobre gênero, raça e classe.

⁴³ No ano de 1969 foi comemorado 50 anos do Movimento Bandeirante no Brasil e como uma das formas de comemoração dessa data, foi colocado um cilindro em um marco de pedra na frente da sede da Federação de Bandeirantes do Brasil no Rio de Janeiro. Esse cilindro foi doado pela Marinha do Brasil e nele foram guardados documentos, mensagens e diversas informações sobre o Bandeirantismo da época. A cápsula foi aberta no ano de 2019, quando o movimento comemorou 100 anos. Tudo o que foi recolhido da cápsula passará por análise de uma equipe do Arquivo Nacional para poder ser aberto ao público para conhecimento, porém, até o último contato que tive na sede sobre esses objetos que estavam na cápsula, ainda não estavam disponíveis para conhecimento do público.

A HISTÓRIA do Movimento Bandeirante. **Movimento Bandeirante Brasil**, [20--]. Disponível em: <https://www.bandeirantes.org.br/hist%C3%B3ria#:~:text=Sob%20esta%20pedra%20est%C3%A1%20a,do%20Movimento%20Bandeirante%20no%20Brasil>. Acesso em: 20 out. 2024.

3 MULHERES E MOVIMENTOS: JERÔNIMA MESQUITA, VIAGENS E REFLEXÕES INICIAIS SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (Carneiro, 2003, p. 118).

Conforme as discussões e reflexões apresentadas nesta presente dissertação, foi possível observar o quanto a pesquisa sobre o Movimento Bandeirante é abrangente. Entre as temáticas relacionadas ao movimento, se destaca de maneira específica sobre as mulheres bandeirantes e suas contribuições para a História da Educação. As mulheres bandeirantes se colocaram na sociedade como um movimento feminino e não feminista. Porém, assim como o movimento feminista brasileiro, o bandeirantismo também adotou a visão eurocêntrica e universalizante da mulher conforme epígrafe acima. Diante disso, o reconhecimento de diferenças e desigualdade no interior do Movimento Bandeirante foi algo discutível pelo fato de ter ocorrido até diferenciação de companhias conforme a classe social das bandeirantes.

Dessa forma, o objetivo deste capítulo é apresentar quem foi Jerônima Mesquita, uma bandeirante fundamental para a origem do Movimento Bandeirante no Brasil. Conhecer a história de vida desta bandeirante é complementar o conhecimento sobre o Bandeirantismo, tendo em vista sua vasta contribuição no movimento. Para além do Movimento Bandeirante, Jerônima Mesquita participou e integrou outras frentes e organizações, e construiu relações com diversas pessoas que, em seu período de vida, foram pessoas que se destacaram social e politicamente. Ademais, objetiva-se analisar as viagens no movimento e a relação do Bandeirantismo com os movimentos de outros países, principalmente da Inglaterra, onde o movimento originou-se com as *Girls Guides*. Tendo em vista que, tanto Jerônima Mesquita quanto outras bandeirantes importantes no movimento, viajaram com certa frequência para a Europa e foram um meio relacional entre o Brasil e países da Europa.

Por fim, considerando as problemáticas identificadas em pesquisa em relação à participação de meninas negras e a ausência de informações da bandeirante, Eulina Pimenta Macedo, uma bandeirante negra que fez parte dos primeiros grupos de bandeirantes, o objetivo é analisar as relações entre mulheres brancas e mulheres negras, além de propor reflexões sobre gênero, raça e classe no Movimento Bandeirante. A proposta é, a partir da discussão desenvolvida por Gonzalez (2020) sobre o mito da democracia racial e condição da mulher

negra por Carneiro (2019), problematizar as relações ou a ausência dessas relações no referido movimento, bem como propor reflexões iniciais sobre gênero, classe e raça. O problema é apresentado pela característica do grupo ter sido de maneira predominante de e para mulheres brancas, com a falta de destaque e representação de mulheres negras no movimento.

Diante dos objetivos evidenciados, busquei responder aos questionamentos que nortearam o presente capítulo: Quem foi Jerônima Mesquita e qual é a sua importância para o Movimento Bandeirante? Quem foram as bandeirantes que participaram e tiveram papéis importantes nos anos iniciais do movimento ao lado de Jerônima? Qual era a relação de Jerônima com a Federação pelo Progresso Feminino? Como eram organizadas as viagens no Bandeirantismo? Quem eram as bandeirantes permitidas a viajarem? Quais foram as relações existentes entre bandeirantes brancas e negras e de que maneira se deram essas relações? Quais caminhos de pesquisa são possíveis de percorrer a partir das questões de gênero, raça e classe no Movimento Bandeirante?

A escrita deste capítulo amparou-se no suporte teórico da tese de Alexandra Padilha Bueno (2019), *Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: a pedagogia feminista em disputa (1910-1940)*, para refletir sobre as relações de Jerônima Mesquita na sociedade entre as décadas de 1920 e 1930, principalmente sua relação com Bertha Lutz e os movimentos femininos e feministas da época, além da continuidade da discussão sobre papel social feminino. Na busca de referências de mulheres viajantes na história da educação para relacionar as experiências com as viagens no Movimento Bandeirante, busquei suporte teórico no livro *Mulheres em trânsito - intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas* de Silva, Orlando e Dantas (2015). E, por fim, para propor reflexões iniciais de gênero, raça e classe em relação as possíveis relações entre mulheres brancas e negras no Movimento Bandeirante, propus discussões a partir dos conceitos do mito da democracia racial por Gonzalez (2020) e da condição da mulher negra por Carneiro (2019).

3.1 Jerônima Mesquita - diferentes faces da primeira bandeirante chefe e a importância de suas relações

Jerônima Mesquita nasceu no dia 30 de abril de 1880 na Fazenda Paraíso, cidade de Leopoldina, no estado de Minas Gerais. No Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado, há um verbete de Jerônima que a caracteriza como sufragista, feminista e assistencialista. Filha de Maria José Vilas Boas de Siqueira Mesquita e José

Jerônimo de Mesquita, a mãe era filha de Josefina Vilas Boas de Siqueira e de Antônio Antunes Siqueira, Josefina era de uma família de fazendeiros e Antônio, um rico cafeicultor. O pai de Jerônima era um dos maiores comerciantes de pedras preciosas do Império e ao casar-se com Maria José, recebeu a Fazenda Paraíso de presente do avô que era o marquês de Bonfim. Jerônima Mesquita fazia parte de uma família de barões, sendo assim de origem abastada.

Figura 42 – Jerônima Mesquita



Fonte: Movimento [...], [21--].

Ela teve quatro irmãos: Francisca de Paula Lynch, Jerônimo Mesquita, Maria José e Antônio José de Mesquita e Bonfim, era a mais velha entre eles. Sua instrução ocorreu por meio de tutores que eram chamados por seu pai, vindos da cidade do Rio de Janeiro e de outros centros urbanos. Conforme as fontes, não foi possível identificar como acontecia essa educação via tutores, mas é importante destacar que no século XIX distintas formas de ensino e aprendizagem coexistiram no Brasil (Limeira, 2011). No espaço particular, havia formas específicas de ensino, é possível que uma dessas contemple o que foram os tutores de Jerônima Mesquita quando iniciou sua instrução.

Entre modelos de ensino particular do espaço doméstico daquele tempo havia preceptorado (mestres contratados para morar nas residências das famílias e ministrar educação aos jovens da casa), professores particulares (mestres pagos pela própria família, atuavam na suas casas ou nas dos alunos particulares) e aulas domésticas (ministradas no espaço da casa por membros da própria família, ou por religiosos como padres, clérigos) (Vasconcelos, 2005, p. xx).

As aulas que se davam fora do espaço domiciliar do aluno (mas, que poderiam acontecer na casa do professor), na maioria das vezes, eram coletivas, como a de alguns colégios particulares, que recebiam alunos externos, meio-pensionistas ou pensionistas. Nos termos da lei é possível identificar o reconhecimento do poder público diante das diferentes experiências educativas (Limeira, 2011, p. 132).

Tanto Jerônima, quanto os irmãos deram continuidade aos estudos na Europa. Ela cursou o secundário, equivalente ao que hoje é o ensino médio na França, dessa maneira, ela pode ter aproximação com as lutas por direitos das mulheres que estavam acontecendo naquele período no país europeu. Jerônima casou-se com 17 anos. Em relação ao seu casamento, as fontes não apresentam informações consoantes, tendo em vista que segundo a descrição do livro infantil de Natália Montes, em sua segunda edição lançada em abril deste ano de 2024, é informado que ela se casou com essa idade e o marido era abusivo, informação que se aproxima do que Natania Nogueira (c2024) menciona como um casamento que não foi bem-sucedido ao escrever sobre o casamento de Jerônima. Porém, Amanda de Oliveira Almeida, em seu discurso de posse da cadeira número 25 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes, cadeira ocupada anteriormente por Jerônima, mencionou que o casamento não deu certo, mas que ocorreu uma separação amigável.

Diante das fontes consultadas, Jerônima se casou por imposição da família com seu primo Manoel Miguel Mesquita em 10 de novembro de 1896 na cidade do Rio de Janeiro e no ano seguinte, em 16 de agosto de 1897, nasceu o único filho que foi fruto do breve casamento, Mário Mesquita. Após três anos de casamento, aconteceu a separação decretada de maneira consensual entre eles e assim, em 16 de agosto de 1900, o divórcio foi confirmado pela Corte de Apelação e o filho do casal ficou sob a guarda da mãe.

Jerônima morou na Europa por um tempo, principalmente na França e Suíça. Nesse período morando na França, ela teve contato com obras importantes dos *Boys Scouts*, movimento que deu origem ao Escotismo aqui no Brasil. Por conta disso, ela traduziu o código e a promessa do movimento escoteiro para o português, entre outros textos de Robert Smith Baden-Powell. Decidiu imprimir folhetos que continham ensinamentos sobre ensinamentos escoteiros e encaminhou para Dr. Ascânio Cerqueira, um dos fundadores da Associação Brasileiras de Escoteiros.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, Jerônima trabalhou como enfermeira de guerra, ingressando como voluntária da Cruz Vermelha de Paris e depois na Cruz Vermelha da Suíça. Em Rodrigues (2016), livro utilizado como uma das fontes privilegiadas desta pesquisa, a autora discorre sobre a importância de Jerônima no Movimento Bandeirante e destacou seu trabalho como enfermeira na Primeira Guerra.

Notadamente, para a história da FBB ficou claro que, antes da Primeira Grande Guerra, em 1913, a jovem mulher Jeronyma Mesquita esteve na Europa, o que contou em sua entrevista gravada por Ricardo Albin, *'e ajudava os soldados em hospitais do sul da França, à eclosão da Primeira Guerra'*. Há na FBB um significativo retrato da época em que Jeronyma aparece vestida de enfermeira ao lado de dois soldados. O retrato pertence ao Arquivo Audiovisual da FBB. Ainda que histórico, é pouco conhecido dos Bandeirantes hoje. Jeronyma acompanhou o crescimento da Associação Girl Guides na Inglaterra e na França (Eclereuses) e quando com sua mãe e outras mulheres criam a Associação da Girl Guides do Brasil já tinha uma noção do que iria precisaria e de como manter em separado aqueles dois Movimentos. Rosamund Carlota Sampaio Bahiana (chamada na FBB até hoje, de Chefe Rosita) e outras adolescentes brasileiras, que estavam na Europa naquela época, eram muito jovens e não puderam trabalhar nos hospitais como Jeronyma (Rodrigues, 2016, p. 24-25).

Ao retornar para o Brasil, Jerônima Mesquita esteve à frente da criação de grupos e associações direcionados para mulheres. Sendo assim, apresento conforme as referências localizadas, em ordem cronológica, informações sobre cada grupo/iniciativa e a participação dela em cada um desses grupos, dando destaque para o Movimento Bandeirante (FBB) e para a Federação pelo Progresso Feminino, ambas federações em que Jerônima teve funções importantes.

Quadro 2 – Participações de Jerônima Mesquita

1918	Associação Filantrópica Damas da Cruz Verde
1918	Associação Pró-Matré
1919	Liga para Emancipação Intelectual da Mulher
1919	Federação das Bandeirantes do Brasil
1922	Federação pelo Progresso Feminino

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Através do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)⁴⁴, da Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas, foi possível localizar um artigo escrito por Hildete Pereira de Melo e Teresa Cristina de Novaes Marques com informações sobre a Associação Filantrópica Damas da Cruz Verde, esta foi criada no ano de 1918 na cidade do Rio de Janeiro e a partir dela foi fundada a maternidade Pro Matre.

Os debates em torno da pobreza, doenças e mortes foi algo presente no mundo desde o período da colonização e assim seguiu no decorrer dos séculos. Na virada do século XIX para

⁴⁴ FGV SB. FGV CPDOC – Escola de Ciências Sociais, c2012-2014. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/communities/a9a4b73c-9976-4fe5-889c-69f3f9be8281>. Acesso em: 20 out. 2024.

o século XX, esse debate persistiu e teve maior ênfase a partir da pandemia de gripe espanhola que ocorreu entre os anos de 1918 e 1919. Em consonância com o início da Primeira Guerra Mundial, a gripe espanhola espalhou-se mundialmente.

Calcula-se que a pandemia afetou, direta ou indiretamente cerca de 50% da população mundial, tendo matado de 20 a 40 milhões de pessoas – mais do que a própria Primeira Guerra (cerca de 15 milhões de vítimas) –, razão pela qual foi qualificada como o mais grave conflito epidêmico de todos os tempos (Lamarão; Urbinati, c2023, p. 1).

No Brasil, apesar da descrença da população, a pandemia penetrou no país em setembro de 1918 no retorno de uma divisão naval enviada do Brasil para Dacar, capital do Senegal, como forma de participação do patrulhamento do Atlântico Sul na participação do Brasil junto dos Aliados na guerra. O número de mortos no país foi de mais de 35 mil mortes. Em relação ao Rio de Janeiro, “maior núcleo urbano do país, apresentou o número de óbitos mais elevado. Em dois meses faleceram cerca de 12.700 pessoas, cerca de 1/3 do total registrado no país, para uma população de quase um milhão de habitantes” (Lamarão; Urbinati, c2023)⁴⁵.

Dessa maneira, as mulheres estiveram à frente de associações filantrópicas que já existiam desde o fim do século XIX, com a eclosão da gripe espanhola, grupos de mulheres de classes abastadas ligados a filantropia também trabalharam pelos cuidados da população mais pobre que contraíram a gripe. Assim, um exemplo desse grupo de mulheres que davam assistência aos mais pobres foram as Damas da Cruz Verde na cidade do Rio de Janeiro, além do destaque para auxílio dos pobres, as mulheres que faziam parte desse grupo, se destacaram também pela profissionalização feminina e por integrarem anos mais tarde a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF).

As Damas da Cruz Verde estavam sensibilizadas com a iniciativa de fundação do Instituto de Assistência e Proteção à Infância pelo médico higienista Carlos Artur Moncorvo Filho. Dessa maneira, Jerônima Mesquita, sua mãe, a baronesa do Bonfim, Maria José Vilas Boas de Siqueira Mesquita e Stella Guerra Duval reuniram-se em abril de 1918 na residência de Stella Duval juntas de outras mulheres de classe média e alta da cidade do Rio de Janeiro. A partir dessa reunião, foi decidido pela fundação de uma instituição com o intuito de proteção às mulheres e infância pobres, assim criada a Associação Pro Matre.

Conforme mencionado, neste mesmo período, estava ocorrendo a pandemia de gripe espanhola e por conta disso, as Damas da Cruz Verde se mobilizaram, para além do trabalho de criação do espaço físico da maternidade, passaram também a prestar ajuda as pessoas vítimas

⁴⁵ A fonte consultada não é paginada.

da pandemia. Cabe destacar que Jerônima Mesquita havia trabalhado como enfermeira de guerra, sendo assim, foi mais um momento em sua vida em que pode, através do seu conhecimento em enfermagem, auxiliar os doentes. Mesmo com a mobilização das Damas da Cruz Verde em prol das vítimas da pandemia, o trabalho pela construção da maternidade seguiu.

A epidemia não esmoreceu a luta pela criação da maternidade. As Damas da Cruz Verde procuraram o presidente da República Venceslau Brás, para solicitar um casarão na avenida Venezuela, número 159, onde pretendiam instalar a instituição. Foram atendidas, e assim, em 9 de fevereiro de 1919, inaugurou-se a maternidade com duas enfermarias, uma de obstetrícia e outra de ginecologia, com 40 leitos. Havia também um consultório para atender as mulheres grávidas, e naquele ano foram dadas cerca de 162 consultas semanais. Em maio de 1919 a epidemia estava debelada, e o grupo levou adiante os planos de ampliar e diversificar a assistência prestada na maternidade. Foi criada uma creche com capacidade para receber 20 crianças, e nos anos seguintes seriam instalados postos de saúde materna e farmácias em outros pontos da cidade. A maternidade foi ampliada para 155 leitos, distribuídos em 15 enfermarias e 31 apartamentos particulares, além de laboratórios médicos e ambulatórios para prestação de serviços à população feminina e à infância carente. Com isso, a Pró-Matre tornou-se um centro de referência na obstetrícia brasileira. As Damas da Cruz Verde continuaram à frente da maternidade nos anos subsequentes, como foi o caso Stela Guerra Duval, que foi tesoureira da instituição por quase 20 anos e depois foi sua presidente perpétua (Melo; Marques, [19--?], p. 2).

Mulheres que estiveram unidas pelas Damas da Cruz Verde seguiram em outras frentes, assim fez Jerônima Mesquita e Stela Duval. As duas foram parceiras também em uma federação que teve grande importância naquele período. Dessa forma, é pertinente aqui apresentar essa federação, a FBPF. A que se propôs essa federação, quem foi a sua fundadora, a importância dessa federação na historiografia em relação à história das mulheres e direitos femininos na década de 1920 e 1930 no Brasil, sobretudo por Jerônima Mesquita ter sido uma das fundadoras da FBPF. A fundadora da federação junto de Jerônima foi Bertha Lutz, uma mulher importante e reconhecida na historiografia sobre direitos femininos. Ela e Jerônima se conheceram na França, conforme as fontes consultadas. Bertha, de acordo com o *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, biográfico e ilustrado (Schumacher; Brazil, 2000), aparece no verbete que a descreve como líder feminista e bióloga. Assim como Jerônima, pertencia à elite sociedade do Rio de Janeiro na década de 1920. Ela completou seus estudos na Europa e mantinha contatos internacionais, principalmente relacionados as causas de defesa dos direitos femininos.

O contexto da virada do século XIX para o século XX e o período inicial do século XX, entre as três primeiras décadas, foram de lutas femininas e transformações sociais. Bueno (2019), em sua tese *Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: a pedagogia feminista em disputa (1910-1940)*, analisou projetos formativos para a

emancipação feminina nesse período especificado e buscou compreender a pedagogia feminista e sua atuação em três grupos, entre eles a FBPF a partir de uma ampla e diversa base documental. Para compreender esses projetos, a autora estudou a trajetória de algumas mulheres, entre elas, Jerônima Mesquita e destacou três mulheres: Bertha Lutz, Maria Lacerda e Leolinda Daltro, estudadas pela autora e que considero que foram importantes por atravessarem a trajetória de Jerônima, além de representarem projetos diferentes de pedagogia feminista e contribuírem para reflexões relacionadas ao Movimento Bandeirante.

Aqui a autora nos auxilia a compreender esse contexto de virada de século e a refletir sobre as nuances que atravessaram as questões femininas e feministas a partir da federação em que Bertha Lutz esteve à frente. Segundo, Bueno (2019, p. 51), “a resistência em considerar a mulher como um indivíduo de direitos, foi um obstáculo para a conquista da igualdade dos mesmos.” Essa conquista de igualdade de direitos que se estende até os dias atuais, com lutas permanentes para que outros direitos possam ser conquistados, atravessou (e atravessa) os papéis sociais que foram historicamente direcionados às mulheres. Como já mencionado aqui nesta presente pesquisa, nesse período de virada de século os papéis sociais designados às mulheres eram ligados ao casamento, cuidados com os filhos, casa e tudo o que envolvia os afazeres domésticos.

A imprensa feminina foi um instrumento de rompimento de silêncio, mas, ao mesmo tempo, um espaço de disputa de narrativas sobre os espaços que as mulheres estavam passando a conquistar. Não havia uma unanimidade de discursos femininos em prol dos direitos das mulheres, assim como existiam as críticas pelo fato de as mulheres estarem buscando os direitos que os homens nunca precisaram exigir que tivessem. Assim também foi com o termo feminismo. Bueno (2019, p. 53), aponta que “no Brasil da virada do século XIX para o século XX, os ecos dos movimentos das mulheres em torno da igualdade de direitos e das mudanças de sentido atribuídas ao termo feminismo podem ser localizados na imprensa periódica”.

Para apresentar essas atribuições ao termo feminismo, Bueno (2019) destaca alguns trechos de como o termo feminismo apareceu em alguns periódicos desse período. Um artigo consultado em sua pesquisa datado de 1898, assinado com o pseudônimo M. Fontclose do periódico *Correio Paulistano* (SP) respondeu ao que era o feminismo. Nessa resposta é apresentado que o feminismo é ao mesmo tempo, doutrina e partido; e Bueno aponta que:

Na sequência do artigo, a autora argumentava que dentro de diferentes grupos de mulheres ligadas ao feminismo haviam variadas opiniões e grupos políticos. Feministas que desejavam a igualdade em todos os aspectos da vida: na política, o direito ao voto, assento na câmara, admissão em todas as carreiras e profissões, chamadas por ela de intransigentes. As moderadas que escolhiam, dizia ela: — não

isto, nem isto, mas isto^l. As feministas tímidas que de seu ponto de vista —não ousam materialmente tirar as deduções ainda que filosoficamente lógicas^l e por fim, aquelas que não se interessavam pelo assunto, fosse por apego aos costumes familiares, religiosos, por estarem demasiadamente preocupadas com a moda e a beleza ou ainda por pertencerem a uma multidão das ignorantes camponesas, jornaleiras^l (Fontclose, M. 1898, p. 1 *apud* Bueno, 2019, p. 55).

Em relação à FBPF, pode-se dizer que as mulheres que faziam parte dessa federação correspondiam as *feministas moderadas* diante da maneira mais conciliadora que buscaram se colocar na sociedade. De acordo com Mônica Karawejczyk (2018), em seu artigo *O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino*, Bertha Lutz, liderança da FBPF, foi identificada no espaço público brasileiro como uma representante do “bom feminismo”. A autora coloca em questão que se havia um feminismo “bom” é porque, possivelmente, havia outros feminismos contrários ao de Bertha, que poderiam ser perigosos e evitados (Karawejczyk, 2018). Por outro lado, tanto Karawejczyk (2018), quanto Soihet (2006) destacam a justificativa desse feminismo mais tático para que essas mulheres conseguissem assumir posições mais estratégicas e levassem suas demandas para serem debatidas no espaço público. Segundo Bueno (2019):

As iniciativas de associativismo feminismo encontradas no Brasil nos anos finais do século XIX, por exemplo, se caracterizaram por um apelo à filantropia e a espaços de sociabilidade como chás literários e saraus, numa perspectiva de bastidores, em que, embora as mulheres pudessem tomar decisões, estas eram comunicadas aos homens, que por sua vez as tornavam públicas (Bueno, 2019, p. 60).

As relações construídas com pessoas influentes na sociedade, como políticos e religiosos, por exemplo, tanto por Bertha Lutz, quanto por Jerônima Mesquita, não foram em vão, havia estratégia. Sobre Bertha,

Ela tinha grande capacidade de articulação, podendo esta ser apreciada na fundação da FBPF e na sua primeira conferência. O grupo formado por ela era composto por mulheres proativas, que tiveram que tomar decisões estratégicas para que sua luta não fosse hostilizada pelos homens que ocupavam os cargos de poder, responsáveis por mudar as leis do país (Karawejczyk, 2018, p. 14).

Bertha e Jerônima, transitaram em diversos espaços, assumindo posturas conciliadoras visando conquistarem aquilo que almejavam. Esse caminho de transitar por espaços fez com que essas mulheres saíssem do ambiente privado e passassem a estar/participar mais ativamente do espaço público. É possível observar que as decisões desses grupos de mulheres aconteciam muitas vezes em suas residências, demonstrando assim como havia um movimento entre público e privado em relação aos movimentos que as mulheres faziam. De maneira inicial, no

espaço privado aconteciam todas as decisões que fariam com que elas estivessem em espaços públicos.

Outro ponto importante é sobre a importação do que estava acontecendo na Europa e Estados Unidos. O Brasil seguiu um fluxo de demandas sociais que já estava ocorrendo em outras partes do mundo. Bertha Lutz licenciou-se em ciências na Universidade de Sorbonne em Paris no ano de 1918. Após o término ela regressou ao Brasil e logo ingressou como bióloga do Museu Nacional por meio de concurso público (Schumacher; Brazil, 2000). Além disso, ao regressar para o Brasil, Bertha se tornou defensora incansável dos direitos femininos e iniciou um movimento de mobilização para a criação de uma associação de mulheres para lutarem por seus direitos. No ano de 1919,

Bertha Lutz representou o Brasil, junto com a paulista Olga de Paiva Meira*, no Conselho Feminino Internacional, órgão da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde foram aprovados os princípios de salário igual para ambos os sexos e a inclusão da mulher no serviço de proteção aos trabalhadores. De volta ao Brasil, Bertha empenhou-se na luta pelo voto feminino e junto com outras mulheres, entre as quais Maria Lacerda de Moura*, criou, em 1919, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que foi o embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* (FBPF) (Schumacher; Brazil, 2000, p. 10).

A Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM) deu origem à FBPF. E em relação à fundação da LEIM, outra mulher importante nesse período que também defendia os direitos femininos, fundou essa liga com Bertha, foi Maria Lacerda de Moura. Maria era anarquista, escritora e considerada uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil (Schumacher; Brazil, 2000). Existia uma relação de amizade entre Bertha e Maria e houve uma convergência de convicções entre ambas de que era necessário unir forças para que fosse construído um movimento feminino nacional, dessa maneira, criou-se a LEIM. Bueno (2019), apresenta em sua tese trechos de cartas trocadas entre Maria e Bertha que foram intensas no período de criação da Liga. Porém,

Conquanto tenha sido essencial para fundação da LEIM, o projeto formativo de Maria Lacerda de Moura se afastou radicalmente da associação Bertha Lutz a ponto de, em 1920, ela escrever que uma das bandeiras fundamentais da associação, a luta pelo direito ao sufrágio feminino, era um elemento desmoralizador da mulher (Bueno, 2019, p. 170).

Assim como houve divergências de projetos entre Maria Lacerda e Bertha Lutz, resultando na cisão de ambas porque as aspirações mais revolucionárias de Maria já não correspondiam as aspirações moderadas de Bertha. Leolinda Daltro também apresentou um projeto divergente daquele representado pela LEIM e posteriormente pela FBPF. Professora,

feminista e indigenista, Leolinda foi fundadora do Grêmio Patriótico Leolinda Daltro que objetivava defender a alfabetização dos povos indígenas sem interferência da Igreja Católica (Schumacher; Brazil, 2000). Em 1910, ela fundou o Partido Republicano Feminino e o objetivo desse partido era a mobilização das mulheres para buscarem seu direito de voto. No ano de 1917, Daltro liderou uma marcha no centro da cidade do Rio de Janeiro em prol do voto feminino.

Por mais de uma década, Leolinda e suas companheiras de militância (...), ocuparam a cena política carioca colocando em evidência a questão do sufrágio feminino. Fazia parte de sua estratégia comparecer a todos os eventos que pudessem causar repercussão na imprensa. O Partido Republicano Feminino foi o movimento precursor na luta das mulheres brasileiras em prol do sufrágio e chegou, em novembro de 1917, a promover uma marcha pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, com a participação de cerca de 90 mulheres (Schumacher; Brazil, 2000, p. 410-411).

Apesar de Leolinda defender o sufrágio feminino, assim como Jerônima Mesquita e Bertha Lutz, ela apresentava, bem como Maria Lacerda, um feminismo nada moderado, pelo contrário, Leolinda se destacava por sua postura combativa, além de defender uma pauta polêmica para aquele período que era a alfabetização dos povos indígenas. Dessa maneira, ela sofreu muitas críticas por parte da imprensa. De acordo com Bueno (2019, p. 86),

Pouco citada pela bibliografia do campo da história das mulheres, Leolinda Daltro participou ativamente da história do associativismo feminista e por sua postura combativa foi motivo de chacotas. —Presidente da Sociedade da Fealdade Femininal, —invertidal, —masculinizadal, —ridículal, —a mulher do diabol, foram alguns dos adjetivos utilizados para defini-la. O tratamento nada gentil que parte da imprensa fluminense deu a Daltro no início do século XX demonstra que não foi fácil para essa mulher participar da cena pública. De personalidade enérgica e engajada em suas crenças, essa intelectual interveio em várias frentes, agregou personalidades diversas e controversas – como é o caso da poetiza Gilka Machado (1893-1980), vice-presidente do Partido Republicano Feminino (PRF) e autora de livros de poesia erótica na década de 1920 – e coube a ela o protagonismo de um projeto formativo voltado às mulheres, que em disputa com o projeto desenvolvido por Bertha Lutz à frente da FBPF, foi visto por seus contemporâneos com bastante desconfiança.

Conforme os apontamentos feitos em relação a essas mulheres, foi possível observar que as narrativas dos movimentos femininos/feministas entraram em disputa, mesmo que houvesse convergência, como foi em relação ao sufrágio feminino, o feminismo mais representativo daquele período foi o das iniciativas em que Jerônima e Bertha estavam a frente. Sendo assim, após a criação da LEIM, mulheres de outros estados logo começaram a se interessar e assim houve a necessidade da Liga ser transformada em uma Federação. Posto isto, no dia 19 de agosto de 1922, após a participação de Bertha Lutz na Conferência Pan-Americana

de Mulheres, que ocorreu nos Estados Unidos, na cidade de Baltimore, passou a ser chamada de Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Nesse mesmo ano foi organizada a Primeira Conferência pelo Progresso Feminino (Bonato, 2005).

Em 1922, então com 28 anos, viajou para os Estados Unidos como delegada oficial do Brasil na I Conferência Pan-Americana de Mulheres. Após três meses de permanência, voltou para o Rio de Janeiro, trazendo consigo a sra. Carrie Chapman Catt, presidente da Associação Americana de Mulheres, Van Lennop, delegada norteamericana, e O'Manys, delegada da Aliança dos Sufrágios da Holanda, para participarem da Conferência pelo Progresso Feminino. Assim, em comemoração ao centenário da Independência, realizou-se no Syllogeu da Ordem do Advogados do Brasil, durante os dias 19 e 23 de dezembro, o I Congresso Internacional Feminista, que consolidou a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Participaram, além das sufragistas, como Jerônima Mesquita, Stella Guerra Duval, Maria Lacerda de Moura, os senadores Lauro Muller e Justo Chermont, que se solidarizavam com a causa das mulheres (Schumacher; Brazil, 2000, p. 140).

O contato de Bertha Lutz com Carrie Chapman Catt, líder do sufrágio feminino americano, e sua participação na I Conferência Pan-Americana de Mulheres foram fundamentais para fortalecer as bases do que seria a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Desde os primeiros dias do mês de janeiro de 1922, a imprensa divulgava matérias sobre a Primeira Conferência Pan-Americana de Mulheres, que ocorreria na cidade de Baltimore (EUA), entre os dias 20 a 23 de julho, patrocinado pela National League of Women Voters, uma divisão da National Woman Suffrage Association (NAWSA), associação estadunidense fundada em 1868, na cidade de New York, vinculada ao movimento abolicionista e sufragista (Rowbotham, 1997, p. 39 *apud* Karawejczyk, 2018, p. 55).

A participação de Bertha Lutz no evento foi um dos fatores que mudaram o rumo do movimento organizado feminino no Brasil. Desde então, ela passou a adequar os propósitos da Liga aos desígnios internacionais e a receber apoio de uma das suas líderes – Carrie Chapman Catt.³ June Hahner salienta que foi nessa visita que Bertha ‘transformou sua visão do movimento feminino. O modelo que lá encontrou pareceu-lhe mais apropriado ao Brasil do que o da Europa, que, vez por outra, resultava em algumas ações violentas’ (Hahner, 2003, p. 297-298 *apud* Karawejczyk, 2018, p. 55).

Após a passagem de Bertha pelos Estados Unidos, ela passou a ser nominada, pelos periódicos, como “a ‘leader’ mais autorizada do feminismo no Brasil” (O imparcial, 1922, p. 3 *apud* Karawejczyk, 2019, p. 55) que viria a conduzir o movimento organizado feminino para ‘uma orientação salutar’ (A noite, 1922, p. 1 *apud* Karawejczyk, 2018, p. 55).

Ela também passou a ser apresentada como a pessoa mais indicada para orientar um “são movimento que visa o progresso feminino” no Brasil (O paiz, 1922, p. 6 *apud* Karawejczyk, 2018, p. 55).

A existência da FBPF apresenta reflexões importantes para os movimentos feministas e femininos brasileiros desse período, sobretudo em relação à conquista de direitos, destacando

o direito feminino ao voto. Utilizo o termo movimentos e diferencio entre feministas e femininos porque foi algo perceptível que não necessariamente movimentos de mulheres foram movimento feministas. Por exemplo, o Movimento Bandeirante não era um movimento feminista mesmo tendo a primeira bandeirante chefe, Jerônima Mesquita, alinhada com movimentos feministas e até sendo reconhecida como tal. Foi possível observar que a FBPF teve participação de diversas mulheres, e no decorrer dos anos, algumas permaneceram unidas e outras se desfiliaram. Por fim, destaco mais uma mulher que fez parte da FBPF, porém, não foi possível obter informações se ela seguiu na federação ou se desfilou também por atuar como dirigente do Partido Socialista Proletário do Brasil. Essa mulher foi Almerinda Farias Gama, advogada, feminista e líder sindical, foi uma das primeiras mulheres negras que esteve na política brasileira. A advogada nascida na cidade de Belém, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1929, logo se inseriu no mercado, passou a ser líder sindical do Sindicato dos Datilógrafos e Taquígrafos e apoiou as iniciativas da FBPF (Schumacher; Brazil, 2000).

E em meio à todas essas mulheres, estava Jerônima Mesquita. Sua participação tornou-se curiosa em pesquisa diante do fato dela representar duas Federações com ideais que por vezes divergiam e convergiam. Apesar do “bom comportamento” da FBPF, as mulheres participantes se posicionavam a favor das causas femininas, em defesa da emancipação de mulheres. Emancipação feminina e feminismo não eram bandeiras levantadas pela FBB. O discurso apresentado no impresso *Bandeirantes* do ano de 1932 aponta para trechos mais conservadores e religiosos, é interesse observar que é feita uma crítica a palavra emancipação, palavra na qual era utilizada de maneira moderada pela FBPF, mas que era uma das bandeiras de defesa, já que Maria Lacerda fez palestra com essa temática da emancipação a partir da organização de Bertha Lutz. Entretanto, na seção do impresso da FBB fica evidente que havia uma defesa da não igualdade e não emancipação da mulher. Porém, ao mesmo tempo, Gilda Rocha Miranda, a bandeirante que assina a seção pontua que o casamento é o principal fim da mulher, mas que ela pode ser além de esposa e mãe. Esse discurso também foi defendido pela FBPF de que a participação da mulher em um movimento organizado de mulheres era um aprimoramento para o seu papel de esposa, mãe e responsável pelos afazeres domésticos.

A moça de hoje tem muito que combater contra as mentiras que a cercam. Modas exigentes escravizam-lhe as acções, preconceitos sociaes lhe tolhem a vida interior e o mundo ironico qualifica essa tyrania de ‘emancipação’ e ‘liberdade’ da mulher. Maldita na verdade é a emancipação que iguala a mulher ao homem e lhe traz todas as desvantagens do sexo masculino, tirando-lhe as considerações que lhe são devidas. Os exemplos sem fim desta funesta ‘liberdade’ ainda não convenceram a mulher e a maior gloria das moças do seculo XX é o ter alcançado a falada igualdade. (...) Deus

disse a Adão e Eva: ‘multiplicae-vos’, mas não ‘igualae-vos’; e é absurdo educar do mesmo modo seres destinados a diferentes missões!

Sem dúvida o casamento é o principal fim da mulher, que foi feita para ser mãe, mas deve desaparecer o preconceito de que ella não póde ser mais nada. O que ella não póde ser é egoista, porque assim deixará de ser mulher, mas ha muitos meios de dedicação ao proximo e nem sempre o papel de mãe é o mais difficil.

A verdadeira educação de uma moça consiste em preparal-a para enfrentar uma vida em que terá grande papel que desempenhar e ensinal-a a fazer brotar as flôres de suas virtudes sob a luz bemfazeja e guiadora da Fé

(Bandeirantes, 1932, seção A).

Figura 43 – Promessa das primeiras bandeirantes do Brasil



Fonte: Movimento [...], [21--].

Jerônima Mesquita foi uma das fundadoras do Movimento Bandeirante no Brasil e designada como a primeira Chefe Bandeirante. Foi possível observar que Jerônima fez parte de iniciativas importantes, conforme quadro apresentado no início desta seção. As iniciativas em que Jerônima Mesquita se envolveu esteve ligada à filantropia e aos direitos femininos. Aqui cabe destacar sua participação e representação para o Movimento Bandeirante. Conforme mencionado no primeiro capítulo da presente dissertação, ela teve papel fundamental na fundação, organização e expansão do Movimento Bandeirante. Apesar da data oficial de criação do Bandeirantismo ser do dia 13 de agosto de 1919, Jerônima Mesquita já estava em comunicação com o movimento inglês anos antes. Seu trânsito pela Europa fez com que ela desse os primeiros passos não oficiais para a criação do movimento, tanto que ela também esteve ligada ao movimento escoteiro. Através dela que panfletos do movimento escoteiro inglês chegou aos fundadores do movimento escoteiro aqui do Brasil. A importância de quem foi Jerônima Para o Movimento Bandeirante foi descrito por Rodrigues (2016):

Jeronyma Mesquita era uma mulher firme, corajosa, de 39 anos na época e casada. Fora uma pioneira do trabalho social no Brasil. Ajudava sempre na fundação de instituições de amparo às crianças e às mulheres, como a própria Cruz Vermelha

Brasileira e com Stella Guerra Duval na criação do hospital Pró-Matre para gestantes pobres, como se viu. Jeronyma nasceu na cidade de Leopoldina em Minas Gerais, no dia 30 de abril de 1880 e era filha do Barão e da Baronesa do Bonfim. Tinham uma grande criação de gado leiteiro, em suas fazendas. Além disso, Jeronyma como uma das Fundadoras do MB no país, foi a principal e primeira Comandante em Chefe. Destacou-se profundamente pelo seu saber sobre voluntariado. Havia participado na França durante a 1ª Guerra Mundial, como enfermeira voluntária. Sempre foi preocupada com as obras de assistência e de educação, numa época em que poucas mulheres da elite brasileira, ousavam sair do âmbito de suas atribuições domésticas. Aquelas só pensavam em pagar ‘espórtulas’ (esmolas), longe dos reais problemas das pessoas pobres e desvalidas. Jeronyma, não! Primeiro se dissera agnóstica, mas com Violet Grimshaw passou ao catolicismo que não mais abandonou, chegando a ser membro de várias confrarias. Além de cargos que assumiu no MB, Jeronyma recebeu a Medalha da Ordem Mérito Nacional ao nível de oficial (a chamada Ordem das Rosas), a de Mérito Bandeirante, a Estrela de Honra e o reconhecimento dos escoteiros com o Tapir de Prata, entre outras. Hoje, suas Medalhas e pequenos objetos, estão expostos no museuzinho da FBB. Seus feitos sociais estão espalhados em quadros por toda a Sede Nacional. Foi considerada um baluarte do MB pela sua alegria e firmeza. Sempre tinha palavras encorajadoras para todas (Rodrigues, 2016, p. 68-69).

Conforme a autora descreve, a aproximação da bandeirante Jerônima com o catolicismo foi através do movimento e fez com que ela estivesse envolvida em iniciativas ligadas à Igreja Católica. Além disso, Jerônima levou para o Bandeirantismo a sua experiência em diferentes momentos em que esteve na Europa, como, por exemplo, com seu trabalho de enfermeira de guerra na Primeira Guerra Mundial.

Foi possível identificar no impresso *Bandeirantes* do mês de novembro do ano de 1932, seção em homenagem à Jerônima, chamada de pioneira do Movimento no Brasil, a ela é destacada três características: nobreza de linhagem, firmeza de caráter e bondade de coração. É mencionado sobre a bandeirante chefe ter sangue puro por ser filha dos Barões de Bonfim e é descrita por suas virtudes e participações em iniciativas de caridade e beneficência (Bandeirantes, 1932).

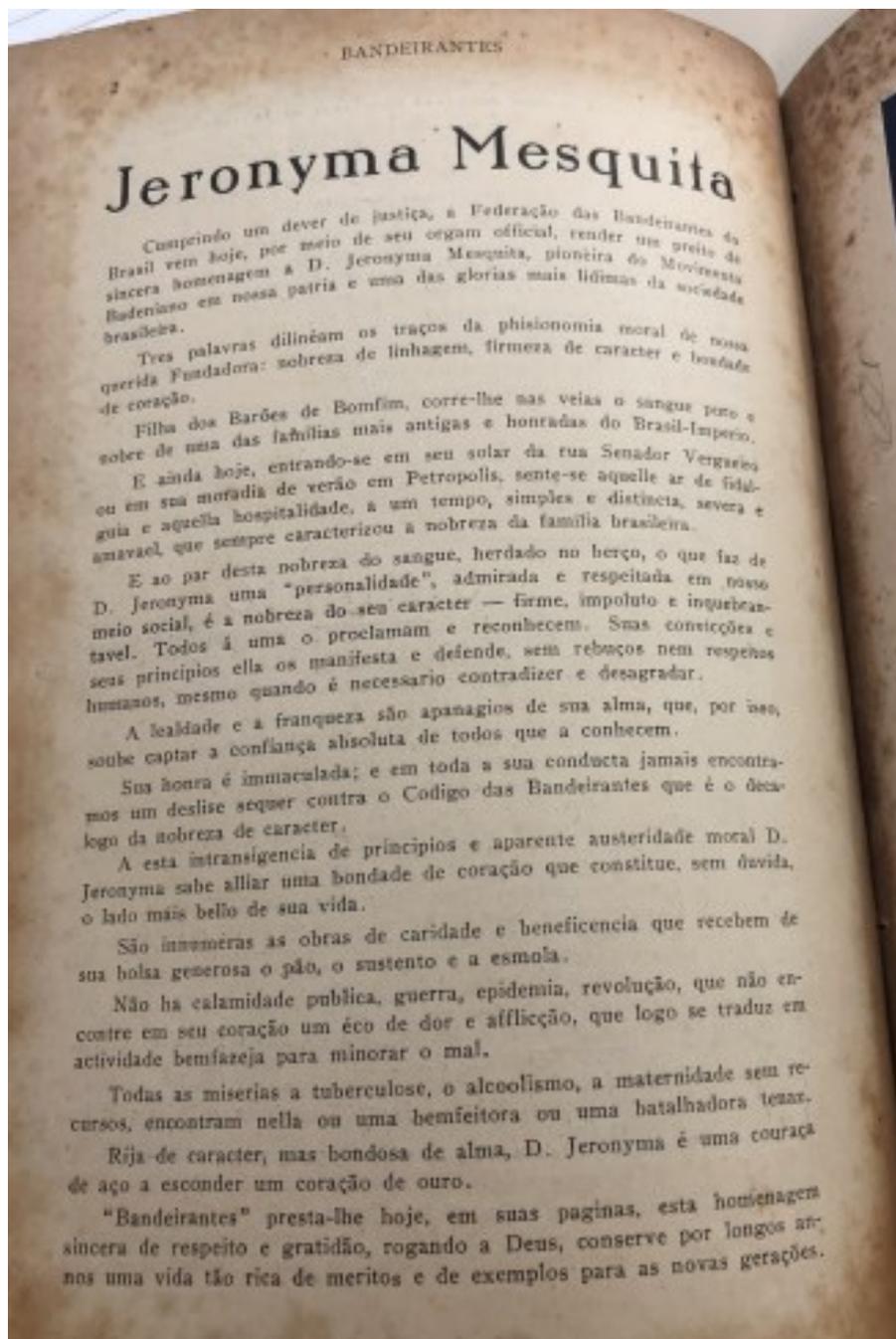
Esse pertencimento de Jerônima a uma família de barões, à uma classe abastada na época, é destacado pela autora Lúcia Rodrigues (2016) de uma maneira em que não era um problema o fato de o Movimento Bandeirante ter como fundadoras mulheres burguesas e que a atuação de Jerônima pela FBB foi de inclusão social de gênero.

Nascer e pertencer à burguesia foi incrível e contraditório, como tudo neste país, mas foi importante naquele momento para a mulher. Foi! E muito! Porque aquelas pessoas, as mulheres burguesas que fundavam o MB aqui, não tinham a mínima culpa de nascerem no meio de famílias da classe média e alta, a dita burguesia da época; como a Baronesa de Bonfim e sua filha Jeronyma Mesquita. Ambas acreditavam no bem comum para todos!

Como mulheres, pensando o gênero, as quase jovens e meninas quiseram uma nova forma mais forte da sua própria inclusão social e direitos para todo um gênero: o feminino em sua melhor educação e liberdade de ação. Teriam ali uma atenção especial para inclusão social e a futura divisão do trabalho em um social que era muito ruim para as questões de várias inclusões sociais.

Esqueça-se o ‘burguês’ imediatamente!
A FBB pensou e pensa a liberdade a igualdade fraterna! O amor ao outro. E não há como negar sua atuação no que foi uma inclusão social de gênero, e o é hoje para gêneros distintos (Rodrigues, 2016, p. 50).

Figura 44 – Foto 2 - Jerônima Mesquita



Fonte: Bandeirantes, 1932, p. 2.

Alguns apontamentos sobre Jerônima são importantes de serem destacados porque é evidente que ela não é tão reconhecida como sufragista e destacada na história da educação. Em pesquisa, foi possível localizar mais informações como, por exemplo, a data em sua homenagem sendo o dia 30 de abril, o Dia Nacional da mulher, comemorado nesta data por ser

a data do nascimento de Jerônima. A data foi instituída através da lei nº 6.791 no dia 9 de junho de 1980 (Brasil, 1980). Localizei o projeto #DonasdaRua da História, da Maurício de Souza Produções que visa dar visibilidade às mulheres notáveis do Brasil e do mundo, com o intuito de inspirar meninas e mulheres a partir da história de algumas mulheres. E neste projeto está Jerônima Mesquita, ela é destacada como mulher importante na luta pelo voto feminino e toda sua história de vida é contada.

Figura 45 – Projeto #DonasdaRua - Maurício de Souza Produções



Fonte: Donas [...], c2024.

No blog História Hoje, há uma matéria da historiadora Natania Nogueira, *Jerônima Mesquita e o voto feminino* (Nogueira, c2024), sobre Jerônima, em que ela inicia o seu texto destacando que Jerônima Mesquita é uma personagem pouco conhecida na história, mas não menos importante. Assim como, Edson Gomes Santos (2024), corrobora sobre o desconhecimento de Jerônima em sua matéria, *Jerônima Mesquita, Mulher Leopoldinense*, de *O Jornal Leopoldinense*. Ele inicia a matéria destacando: “A História às vezes é omissa (ou omitida?) quanto a personagens importantes que através dela existiram, transitaram, criaram e honrosamente nela seus nomes registraram”. Edson Gomes aponta que soube da existência da trajetória política e social de Jerônima Mesquita via publicação desse jornal em que ele escreveu essa matéria.

Em outra matéria de *O Leopoldinense*, de abril de 2024, mais uma informação ligada à Jerônima foi possível obter, o lançamento da 2ª edição do livro paradidático infanto-juvenil da

professora e escritora leopoldinense, Natália Montes, *A Mulher que empoderara mulheres*. No percurso de pesquisa tive a oportunidade de entrar em contato com Natália Montes através da rede social Instagram e obtive a primeira edição do exemplar físico e digital. Ter conversado com Natália via rede social e ter conseguido comprar o livro me fez perceber que havia muitas informações sobre Jerônima Mesquita, além das que eu tinha conhecimento por meio das fontes que até então eram ligadas somente ao Movimento Bandeirante.

Da mesma maneira foi quando notei a aproximação de Jerônima Mesquita e Bertha Lutz. De primeiro momento, pensei sobre a distância de ideias entre as duas, dado ao fato de que eu ainda não havia me aprofundado nas informações sobre a FBPF. Avançando em pesquisa, como foi possível ler nesta seção, penso que a FBPF teve sim divergências com o Movimento Bandeirante, fato que despertou em mim curiosidade por Jerônima Mesquita transitar e ter participações fundamentais tanto na FBPF, quanto na FBB. Porém, consegui identificar não só as divergências, mas também as convergências, justificando a participação ativa de Jerônima em ambas as federações.

É possível afirmar que houve semelhanças entre os movimentos. O fato de receber, de maneira majoritária, mulheres brancas e das classes médias e altas da sociedade carioca, assim como esse trânsito entre o Brasil e a Europa que essas mulheres faziam e importavam as ideias, costumes e cultura de lá para o Brasil foram semelhanças identificadas. Além disso, em ambas as federações era defendido, mesmo que não estivesse sempre evidenciado de forma explícita, um papel feminino da mulher em que a mulher permanecia tendo um papel de complementação ao do homem. As bandeiras defendidas pela FBPF eram de complementação ao papel social da mulher responsável pelos filhos e pela casa, reforçavam que o fato de as mulheres estarem envolvidas no movimento de maneira organizada não prejudicaria o seu papel no seio familiar, sendo assim a participação na federação era um aprimoramento para a mulher em relação às tarefas domésticas (Karawejczyk, 2018).

Segundo Bueno (2019) houve formas de silenciamento e inferiorização de outros movimentos femininos por parte da FBPF, seria essa uma justificativa para que essa bandeira de emancipação e direitos femininos não fosse levantada no Movimento Bandeirante e sustentada por Jerônima Mesquita? Porque apesar das aproximações, inclusive de Bertha Lutz com a Igreja Católica, para que a FBPF conseguisse ser reconhecida publicamente, assim como o Movimento Bandeirante, essa aproximação de Bertha Lutz com o catolicismo fez com que ela tivesse uma relação conciliatória com a Igreja Católica. Dessa maneira, é compreensível a participação de Jerônima Mesquita na FBPF e na FBB em funções de chefia. Poderia ser uma maneira de fortalecimento de relação com a Igreja Católica? Não foi identificado em pesquisa

a defesa do Bandeirantismo em relação aos direitos femininos. Conforme já mencionado, o grupo se caracterizava como apolítico. Sendo assim, pode ser pensado que o Movimento Bandeirante atuou num viés conservador de associativismo feminino (Bueno, 2019). Sobre Jerônima Mesquita ter sido ou não feminista, acredito que a questão segue em aberto dado a complexidade da existência de feminismos, da diversidade de correntes feministas existentes no período em pesquisa, sobretudo face à disputa de narrativas femininas e feministas.

Tudo o que foi narrado nesta seção refletiu no Movimento Bandeirante: a trajetória das mulheres da esfera privada para a esfera pública (Bueno, 2019), a participação das mulheres em seções e colunas de periódicos, a existência de periódicos exclusivos para o público feminino, os associativismos etc. Além de Jerônima Mesquita, outras mulheres bandeirantes foram importantes para a fundação e consolidação do Movimento Bandeirante, conforme quadro abaixo.

Certamente, a articulação e influência que Jerônima Mesquita teve na sociedade, fortalecida pelas participações nesses movimentos apresentados nesta seção, foi importante para o Movimento Bandeirante e a coloca como uma mulher importante para a história da educação. Desde antes da fundação oficial do Bandeirantismo, Jerônima esteve na Europa, aproximando-se de outros movimentos e construindo relações internacionais com outras mulheres, algo que não foi exclusivo para ela no Bandeirantismo, pois as viagens faziam parte da vivência bandeirante. Dessa maneira, as viagens da primeira bandeirante chefe, além de importantes, foram fundamentais para a consolidação e expansão do Movimento Bandeirante, mas as experiências de viagens que foram parte do movimento contribuíram para o estreitamento de laços com os movimentos internacionais. Tais experiências de viagens foram publicadas no impresso *Bandeirantes* possibilitando a análise delas que foi realizada e apresentada na próxima seção.

Quadro 3 – Mulheres Bandeirantes

<p>May Mackenzie, 1ª vice-presidente do Movimento Bandeirante. A carta que deu origem ao movimento foi recebida por ela e seu esposo através de William Barclay. Foi realizada em sua casa, no bairro de Copacabana no Rio de Janeiro, a Primeira Promessa Bandeirante.</p>
<p>Adéle Francisca Lynch, era amiga de May Mackenzie e de seu esposo Alexander Mackenzie. O casal procurou Adéle Lynch para conversar sobre a carta recebida por Olave por conta da influência necessária que ela tinha na sociedade. Sendo assim, em sua mansão no bairro de Botafogo ocorreu a reunião para a fundação do Movimento Bandeirante.</p>
<p>Rosita Sampaio Bahiana, filha de Carlos Sampaio que foi prefeito do Distrito Federal, na época era a cidade do Rio de Janeiro, de 1920 a 1922. Ela fez parte do grupo das 11 primeiras bandeirantes. Nasceu em 1901 na cidade de Paris, porém seus pais eram diplomatas brasileiros e por isso ela foi considerada brasileira de acordo com as leis da época. Casou-se em 1923. Participou do Comitê do Hemisfério Ocidental, Comitê Mundial, foi membro da Equipe Internacional da FBB e da CICG - Conferência Internacional Católica de Guidismo e por fim, foi membro honorário do Colegiado Nacional até 1984, quando faleceu.</p>
<p>Clara Santos, foi a 2ª Secretária no primeiro grupo do movimento. Traduziu junto com a irmã, Gasparina Santos o antigo “Drill”, manual de orientações para o movimento.</p>
<p>Gasparina Santos, traduziu junto com a irmã, Clara Santos o antigo “Drill”, manual de orientações para o movimento.</p>
<p>Maria de Lourdes Neiva Lima da Rocha, nasceu em 1897. Teve participação fundamental na retomada do Movimento Bandeirante que estava perdendo muitas integrantes no ano de 1926. Ficou conhecida como Chefe Lourdes. Seus trabalhos no movimento foram importantes para a consolidação e ampliação do movimento a partir do final da década de 1920.</p>
<p>Gilda Rocha Miranda Sampaio, foi chefe Bandeirante da Companhia Santa Cecília. Na década de 1950 foi Presidente da Comissão da Sede e teve importante participação na organização para a construção da Sede da Federação localizada no Centro do Rio de Janeiro.</p>
<p>Aracy Muniz Freire, em 1939 foi Presidente da Região do Rio de Janeiro. Foi uma educadora importante e publicou o livro “Educação: Orientação Educacional nas Escolas.” Existe uma escola municipal com seu nome no bairro de Magalhães Bastos no Rio de Janeiro.</p>
<p>Eulina Pimenta Macedo, primeira bandeirante chefe negra do Brasil. Participou do 2º grupo de bandeirantes no ano de 1920.</p>
<p>Violet Grimshaw, primeira treinadora da Associação Girl Guides do Brasil, quando ainda não era chamada de Federação das Bandeirantes do Brasil. May Mackenzie a conheceu na Inglaterra, em fins de 1919. Violet chegou ao Brasil em outubro de 1920 e ficou até fins de abril de 1921. Foi importante nos anos iniciais para auxiliar na construção Bandeirantismo nacionalmente. Por alguns anos representou o Movimento Bandeirante em Londres.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

3.2 Mulheres em movimento: viagens e circulação de saberes no Bandeirantismo

As mulheres, enfim, fizeram viagens, em todas as épocas e pelas mais diversas razões. De uma maneira menos gratuita, menos aventureira que os homens porque sempre precisaram de justificativas, de objetivos ou de apoio (Perrot, 2015, p. 138).

Movimento. Movimentar-se. Movimentos. A movimentação é algo intrínseco da condição feminina, do ser mulher em sociedade. Historicamente, as mulheres necessitaram de movimento para que pudessem romper, atravessar e subverter aquilo que, socialmente, era estabelecido para que ela não fosse ou fizesse parte. Para poderem ser e estarem de outras formas na sociedade, ou apenas da maneira que quisessem, foi e é até os dias atuais fruto de lutas coletivas por direitos, considerando mulheres e as disputas de narrativas que não necessariamente são convergentes. Entretanto, em movimentos coletivos, as mulheres se destacaram e se destacam ainda mais. Dessa maneira, os movimentos aqui apresentados são os movimentos de viagens, baseados na multiplicidade de razões que essas viagens ocorreram, conforme a epígrafe acima, destacando as viagens no Movimento Bandeirante.

A origem do Movimento Bandeirante teve viagens como base, tendo em vista que o trânsito de Jerônima Mesquita entre Brasil e Europa, fez com que ela conhecesse as ideias relacionadas aos *Boys Scouts* e trouxesse para o Brasil. Além disso, a carta enviada por Olave Baden-Powell ao Brasil para que ocorresse a fundação oficial do Bandeirantismo, apesar de não ter sido por uma mulher, também chegou a partir de uma viagem. E as viagens faziam parte do Movimento Bandeirante, sendo viagens mais curtas para os acampamentos ou as viagens internacionais que proporcionavam o contato e troca entre os movimentos existentes em diversos países. Essa movimentação das bandeirantes era apresentada no impresso *Bandeirantes*, que chegou a ter seções específicas relacionadas aos movimentos internacionais e viagens realizadas pelas companhias.

Desse modo, recorrendo ao suporte teórico das viagens e mulheres viajantes na história da educação, apresento nesta seção exemplos breves de experiências a partir do livro, *Mulheres em trânsito - intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas* (Silva; Orlando; Dantas, 2015). Conforme as experiências exemplificadas, o objetivo é relacioná-las com as experiências de viagens no Movimento Bandeirante e refletir como tais viagens eram um meio de contato com os movimentos de outros países e discutir sobre quem eram as mulheres viajantes.

Segundo Silva (2013, p. 110), “o deslocamento no tempo e no espaço proporcionado pelas viagens pode levar a uma releitura da própria cultura, como também à ampliação dos horizontes em relação à compreensão do outro, o diferente”. Assim como possibilitar reflexões a partir das experiências para observar as transformações ocorridas, sobretudo em relação às viagens de mulheres no decorrer do tempo. Dessa maneira, apresento de maneira breve algumas experiências de viagens realizadas por mulheres, destacando a importância dessas experiências e os saberes que circularam, a partir dos artigos de autores que compõe o livro *Mulheres em*

trânsito - intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas (Silva; Orlando; Dantas, 2015).

Carla Simone Chamon (2015), em seu artigo, *Itinerários de uma professora em fins do século XIX*, tem o objetivo de interrogar os deslocamentos feitos pela professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Ela nasceu na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, em 1839 e faleceu em 1929, aos 90 anos na cidade do Rio de Janeiro. Advinda de uma família sem muitos recursos financeiros, seguiu os passos da mãe que era professora. No ano de 1850, se estabeleceu com a família na cidade de Vassoura, no Rio de Janeiro. Nessa cidade ela iniciou sua carreira sendo auxiliar de sua mãe e lá abriu um colégio voltado para a instrução feminina no ano de 1864. Em 1868, ela foi para a Corte e abriu outro colégio no ano seguinte, pois o de Vassoura havia sido fechado. O colégio que Guilhermina passou a dirigir, com suas irmãs, era um colégio de ensino primário e secundário, chamado Colégio Andrade.

Maria Guilhermina viveu a maior parte de sua vida na cidade do Rio de Janeiro, onde morreu em 1929, aos 90 anos de idade. Não se casou e também não teve filhos, tendo dedicado mais de 50 anos da sua vida à educação - como professora, tradutora, escritora, conferencista, parecerista de congressos e diretora de escolas - em diferentes cidades brasileiras. Importante na sua trajetória foi o abandono da religião católica e a aproximação e convívio, a partir da década de 1860, com missionários e educadores presbiterianos, oriundos dos Estados Unidos, que vinham para o Brasil pregar a fé reformada (Chamon, 2015, p. 61).

A aproximação de Guilhermina com missionárias e educadoras presbiterianas que viam ao Brasil para dirigir escolas fez com que ela aprendesse a trabalhar com métodos pedagógicos que eram considerados modernos para época, como a coeducação dos sexos, ensino seriado e preferência da mulher no magistério primário, entre outros. Segundo Chamon (2015, p. 110), “Maria Guilhermina se dedicou à formação de professores e à confecção tanto de livros didáticos quanto de livros e artigos em jornais e revistas referentes à teoria pedagógica e à metodologia de ensino.” Por essa razão, ela viajou para cidades que ainda não conhecia para ampliar suas pesquisas, buscar respostas, divulgar aquilo que encontrou. A professora desbravou uma experiência que ainda não era amistosa para as mulheres, pois “os olhos que viam o mundo eram predominantemente masculinos” (Chamon, 2015, p. 110).

Maria Guilhermina viveu em diferentes cidades durante sua vida, inclusive fora no Brasil, na cidade de Nova York. E foi a viagem para os Estados Unidos que Chamon (2015) destacou em seu texto, porque foi a partir dessa viagem que a professora ganhou maior projeção no cenário da educação brasileira. Houve uma interlocução com a pedagogia norte-americana nos estudos e pesquisas de Guilhermina, baseada na pedagogia de Froebel a partir dos princípios

e métodos da escola nova naquele período. Por esse motivo, ela se estabeleceu nos Estados Unidos por quatro anos, acompanhada de sua mãe. A partir daí trouxe para o Brasil a proposta de criar um Jardim de Infância na Corte carioca, além de demonstrar a sua preocupação com a formação ligada à docência para que nesse Jardim as professoras fossem preparadas especificamente para trabalhar a partir dos métodos de Froebel, conforme ela aprendeu em seu tempo nos Estados Unidos.

Os saberes aprendidos durante as viagens de Maria Guilhermina foram compartilhado e isso fez com que sua atuação da educação brasileira fosse ampliada. O saber adquirido foi posto em circulação, principalmente direcionado a outras mulheres, pois a instrução feminina e formação para docência eram pautas defendidas por ela.

Guilhermina desempenhou essa tarefa não só por meio de sua prática de professora e diretora, com a abertura de um jardim da infância - ao qual ela denominou Kindergarten Modelo - e da primeira escola para formação de jardineiras na cidade do Rio de Janeiro, mas também como tradutora e escritora. No mesmo ano em que retornou ao Brasil, ela começou a publicar artigos de jornais divulgando os saberes lá aprendidos, discorrendo sobre a importância da psicologia para a educação, sobre o método intuitivo e as lições sobre objetos. Publicou também livros pedagógicos e didáticos, como um livro sobre história do Brasil, alguns livros de leituras destinados ao ensino primário, um pequeno livro sobre princípios do jardim de infância, outro sobre método de ensino de linguagem escrita. Sua produção contou ainda com a tradução de algumas obras de autores norte-americanos (Chamon, 2015, p. 115).

A professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade rompeu com as expectativas dos papéis sociais direcionados para as mulheres no fim do século XIX. No campo da pesquisa, especialização e estudos técnicos ainda era comum a participação dos homens, assim como as viagens, mas em sua trajetória de vida ela vivenciou tais experiências, fazendo com que seus trabalhos ganhassem projeção no cenário educacional brasileiro. Dessa maneira, fica evidente que o movimento de Guilhermina exemplificou essa subversão ao que era esperado das mulheres porque “as mulheres que teimavam em contrariar (e alterar) essa tendência pareciam recusar o papel de submissão a elas reservado, circunscrito às atividades domésticas” (Chamon, 2015, p. 120). Sendo assim, ela contribuiu para as mudanças que ocorreram, em relação à condição feminina, entre o fim do século XIX e início do século XX.

A pianista Magdalena Tagliaferro também se destacou por suas viagens relacionadas à educação e à música. Ednardo Monteiro Gonzaga de Monti, em seu texto *Quase tudo: educação entre música e emoções nas viagens da pianista Magdalena Tagliaferro* (Monti, 2015), reflete sobre as viagens da pianista a partir da análise dessas viagens tendo como fonte documental principal a autobiografia de Magdalena escrita originalmente em francês, traduzida por Maria Lúcia Pinho e publicada em 1979 no Brasil, *Quase tudo... Memórias de Magdalena Tagliaferro*

(Tagliaferro, 1979). Ela nasceu no ano de 1893, em Petrópolis, cidade imperial naquele período, no estado do Rio de Janeiro e faleceu em 1986 na cidade do Rio de Janeiro.

Reafirmo a importância destas reflexões sobre as viagens da pianista pelo fato de realçar a própria trajetória de Magdalena Tagliaferro. Uma docente brasileira que teve projeção internacional, que atuou como catedrática numa das instituições mais importantes de música do mundo, o Conservatório de Paris. Uma artista que tocou nos principais palcos musicais conhecidos do seu tempo, que foi júri dos mais renomados concursos de piano. Hoje, geralmente conhecida apenas por um pequeno grupo em seu país, formado pelos músicos profissionais que trabalham com repertório pianístico de concerto, que utilizam suas gravações como referência interpretativa e por aqueles que ainda vivos, no século passado, acompanhavam o cenário musical do Brasil e da França (Monti, 2015, p. 181).

Magdalena Tagliaferro nasceu na cidade de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro em janeiro de 1893 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1986. Seus pais não eram brasileiros, eram franceses, sendo assim, no interior da família, Magdalena e os pais falavam francês. Dessa forma, o autor Ednardo Monti levanta reflexões em relação à autobiografia da pianista ter sido escrita no idioma da língua materna de seus pais. Além de ser utilizada em família, nas viagens de Magdalena à Paris, ela também falava francês para se comunicar. A reflexão do autor se dá em pensar essa utilização da língua francesa como uma maneira dela retomar suas memórias, guardas as memórias para o público francês ou apresentar os aprendizados e trânsito na cultura francesa aos brasileiros (Monti, 2015).

O pai de Magdalena, o cantor, Pablo Tagliaferro foi importante em sua carreira pois estudou em Paris, lhe ensinou suas primeiras lições musicais e ela o acompanhou quando ainda era criança em algumas viagens. Em relação a sua formação, quando era adolescente estudou em regime semi-interno no Colégio Sion em São Paulo, um colégio católico. Nesse colégio ela teria a possibilidade de seguir estudando a partir da religiosidade da instituição, porém, seu pai não permitiu e ela deu continuidade aos estudos tendo aulas em sua própria residência, algo comum naquele período. Aos 13 anos ela seguiu com a família para Europa por conta de um tratamento médico que o pai dela precisou fazer. Lá ela prestou exame para o Conservatório Nacional de Música de Paris tocando uma peça complexa de François Chopin e a partir disso ela iniciou uma série de viagens. Nos tempos em que esteve no Conservatório teve contato com músicos renomados, um deles participou ativamente dando suporte à carreira dela, Alfred Cortot.

Vale destacar, que no renomado Conservatório, a pianista brasileira teve contato com alguns dos mais relevantes mestres do campo musical do seu tempo. Dentre os músicos que conviveu na instituição parisiense, destaco neste texto aquele que era a principal referência da musicista – Alfred Cortot –. Professor que pouco se

preocupava com a técnica de Magdalena, por considerar que a sua facilidade digital natural poderia suprir as demandas das músicas. Talvez o experiente professor fizesse isso para evitar embates com a jovem (Monti, 2015, p. 186).

Alfred Cortot, teve importante participação na formação de Magdalena e foi substituído do pai dela ao assumir o posto de acompanhante dela, após o falecimento do pai pois as viagens exigiam essa presença masculina. Ela teve importante carreira internacional com o apoio da família. Porém, foi destacado por Monti (2015), a ausência de menção à mãe em sua autobiografia, demonstrando que apesar da pianista estar à frente de seu tempo diante do intercâmbio proporcionados por suas viagens, ela ressaltava a presença do homem como era comum na época.

Tagliaferro destacou-se em seus tempos de estudo e carreira em Paris. Ela transitou pelo Brasil na década de 1930, mas só no fim dessa década que ela voltou a residir no país porque o Conservatório de Paris fechou diante da Segunda Guerra Mundial. No ano de 1939 retornou ao Brasil. Nesse período o país estava passando por mudanças relacionadas à educação. Por esse motivo, o então diretor do Ministério da Educação na época, Gustavo Capanema, convidou Magdalena para implantar um curso de formação pianística.

Porque os políticos, os gestores da educação e os intelectuais do Brasil entendiam que os brasileiros que possuíam conhecimentos adquiridos no exterior, nos países entendidos como mais “civilizados”, poderiam ser referência para a difusão de novos modelos educativos (Monti, 2015, p. 190).

As aulas do curso elaborado pela pianista foram realizadas em forma de conferência em que ela teve a possibilidade de fazer os saberes trazidos ao Brasil, circularem entre os estados. Suas aulas públicas foram ministradas a partir de todo o conhecimento aprendido no Conservatório de Paris e experiências de carreira e viagens. Magdalena se destacou no Brasil por apresentar uma nova maneira de tocar piano e naquele período proporcionou práticas pedagógicas inovadoras e democráticas possibilitando que estudantes, músicos e professores brasileiros tivessem “contato com um novo modelo musical e pedagógico mais dinâmico e abrangente naquele período” (Monti, 2015, p. 194).

Outra mulher brasileira que se destacou pelas experiências de viagens foi Maria Junqueira Schmidt. No texto *Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt no cenário educacional brasileiro*, Evelyn de Almeida Orlando apresenta Maria Junqueira como uma mulher católica, com expressiva atuação na educação brasileira e tem o objetivo de mostrar outros espaços ocupados por mulheres católicas, além da sala de aula de ensino primário (Orlando, 2015). Segundo a autora, Maria Schmidt

nasceu em setembro de 1900 na cidade de São Paulo, sua família era de origem suíça e fazia parte da elite paulistana. Era uma família extensa pois ela teve 10 irmãos.

Maria ficou no Brasil até os 11 anos de idade e depois foi com a família morar na Suíça onde deu continuidade a sua vida escolar. Em relação aos estudos ela não esteve apenas no Brasil e Suíça, estudou na Bélgica onde conseguiu habilitação para ensino e teve formação religiosa através do Instituto das Normas religiosas da Suíça em seu retorno ao país. Além da formação religiosa, na Suíça estudou pedagogia e psicologia, realizou doutorado nessas áreas. Ainda viajou para Itália e França para fins de estudo antes de retornar ao Brasil. Aqui cabe destacar que não foi mencionado sobre Maria Junqueira Schmidt ter tido companhias em suas viagens para estudo, diferente das mulheres que aqui já foram apresentadas.

No Brasil, Maria trabalhou no Colégio Jacobina, uma instituição privada de ensino para a elite feminina. Ela foi aprovada em concurso público na cidade do Rio de Janeiro para ser professora de francês na Escola Amaro Cavalcante. Além de professora, lá ela também foi diretora e desenvolveu trabalhos importantes. Uma relação que destaquei apresentada pela autora foi a de Maria Junqueira com Aracy Muniz Freire. Maria convidou Aracy para trabalhar na Escola Amaro Cavalcante na Orientação Educacional, área que Maria estudou e teve contribuições importantes. Além da parceria de trabalho das duas, Aracy foi bandeirante. Conforme mencionado, o nome dela foi dado à biblioteca da Federação de Bandeirantes do Brasil como forma de homenagem.

Maria Junqueira seguiu em viagens relacionadas à educação em paralelo com seu trabalho na escola Amaro Cavalcante e teve participações importantes em projetos de governo na década de 1930. Ela fez parte da Comissão de Literatura Infantil do Ministério da Educação, nomeada pelo ministro da época, Gustavo Capanema. Em 1938, fez parte da Comissão para compra de livros escolares sendo designada a participar pelo Secretário Geral da Educação. No ano de 1939, foi membro da Comissão Nacional do Livro Didático. Após uma viagem aos Estados Unidos no ano de 1945, ela iniciou trabalho no campo social.

Orlando (2015) destacou algumas questões relacionadas à historiografia educacional, apresentando tensionamentos relacionados à educação católica e a educação dos pioneiros (escola nova); e as relações de educação com os Estados Unidos. Ao elucidar tais questões, foi apontado por ela que Maria Junqueira Schmidt realizou trabalhos em diferentes espaços com Leonel Franca e Jônatas Serrano. Esses dois homens tiveram relações com o Movimento Bandeirante. Jônatas deu o nome para o movimento brasileiro através de um pedido de Jerônima Mesquita e Leonel Franca participou ativamente das formações religiosas no Bandeirantismo.

É possível refletir se a professora teve alguma relação com o Movimento Bandeirante diante dessas relações com pessoas ligadas ao movimento.

Entre suas viagens, ao retornar da Europa, por volta do fim da década de 1940, deixou a direção da Escola Amaro Cavalcante e se tornou diretora no departamento de Educação Complementar da Prefeitura do Distrito Federal, naquele período era a cidade do Rio de Janeiro. Maria publicou diversas obras em suas áreas de estudo e biografias de mulheres. Segundo Orlando (2015, p. 216), “os primeiros livros publicados por Maria Junqueira Schmidt foram relacionados à área de História e, mais precisamente, biografias de mulheres de elite pouco lembradas pela historiografia”.

A intelectual católica, Maria Junqueira foi uma professora viajante e a partir de sua trajetória, é perceptível observar que assim como outras mulheres advindas de famílias mais abastadas, como Jerônima e Bertha, aqui apresentadas, ela circulou em diferentes espaços. Além disso, ela tinha boas relações com pessoas públicas e influentes da época. Ficou evidente também a independência e autonomia em relação às suas viagens, demonstrando as transformações sociais que ocorreram referente as mulheres em sociedade, tendo em vista que em comparação com as outras mulheres aqui apresentadas, sua trajetória ultrapassou as décadas de 1920 a 1940.

Também professora-viajante do século XX, Maria Junqueira Schmidt realizou inúmeras viagens de formação e erudição, nas quais pôde constatar e ampliar conhecimentos sobre culturas estrangeiras, além de viagens de serviços, a propósito de ministrar trabalhos sociais como o que realizou na Alemanha em 1945, ou participar de congressos.

Tal representação junto a uma elite intelectual permitiu que a professora Maria Junqueira fosse indicada, muitas vezes, para exercer funções que denotavam a confiança que as autoridades governamentais possuíam em seu trabalho e em sua pessoa como representante dos valores morais e pátrios que deveriam permear a educação brasileira (Orlando, 2015, p. 219).

Dessa forma, as experiências de viagens e circulação de saberes, além do vasto trabalho no campo educacional da intelectual católica Maria Junqueira Schmidt são importantes diante do quão significativas foram para a educação brasileira, apesar do pouco conhecimento sobre ela e sua trajetória. E para a presente pesquisa, as relações que Maria teve com Leonel Franca, Jônatas Serrano e com a bandeirante Aracy Muniz Freire possibilita reflexões e futuros caminhos de pesquisa.

Um último exemplo de mulher viajante é da professora rural mexicana, Petra Hernández Martínez da cidade de San Luís Potosí do México. A trajetória de mais uma professora viajante, mesmo sendo de outro país, destaco ser importante para refletir que apesar das diferenças

culturais que tornam sim experiências de mulheres singulares diante das especificidades de cada uma de nós, ao mesmo tempo, as experiências femininas se aproximam, têm similaridades e são atravessadas por descobertas e desafios.

Blanca Susana Vega Martínez, em seu texto, *Encuentros con un mundo rural: historia de una maestra errante* (Vega, 2015) apresenta a história de vida de Petra Martínez como professora rural no México, destacando suas experiências e alertando para as condições difíceis de trabalho que professores rurais passaram em meados do século XX, período em que situou sua pesquisa. A vivência em condições precárias e longas viagens tendo animais como meio de locomoção são alguns dos desafios enfrentados pela professora ao longo de seu trabalho.

Petra Hernández Martínez nasceu em janeiro de 1938 em Cedral, município de San Luis Potosí no México. Os avós paternos de Petra se dedicaram à agricultura e seus pais tiveram nove filhos. Entre os irmãos e irmãs, apenas Petra decidiu se dedicar ao ensino. Ela casou-se quatro vezes e teve três filhos. A infância de Petra se deu diante de uma família com poucos recursos e assim também foi escasso o afeto familiar. Quando ela tinha 7 anos, a família se mudou para o município de Matehuala e nesse período ela se tornou cuidadora dos irmãos, além de ter começado a trabalhar fazendo pequenos serviços diante da dificuldade financeira da família. O dinheiro que ela recebia era administrado pela mãe.

Em relação à sua vida escolar, ela cursou todos os anos, apesar da necessidade de trabalhar. Porém, ela não teve recordação sobre o momento em que aprendeu a ler. Por conta da escassez de recurso financeiro, ela não desenvolveu hábito de leitura pois em sua casa não havia livros, jornais e revistas. Ao completar 15 anos ela trabalhou em empregos informais. Uma mudança ocorreu quando ela viajou para o município de Ébano, encontrou suas irmãs e depois foi para o município de Tampico no estado de Tamaulipas e passou a morar com uma amiga. Nesse período o desejo de se tornar professora surgiu.

A primeira experiência com ensino foi como professora alfabetizadora de adultos em Matehuala quando ela tinha 18 anos. O pai não deu apoio ao seu interesse por ensinar, porém ela seguiu com seu desejo. Segundo Vega (2015, p. 62),

En febrero de 1957 se instaura oficialmente la “Escuela Primaria Oficial General Mateo Almanza,”⁴³ cuya maestra y directora fue la maestra Ma. Petra Hernández, quien llegó cuatro meses antes como maestra alfabetizante. En este lugar permanece de febrero a diciembre de 1957⁴⁶.

⁴⁶ “Em fevereiro de 1957, foi oficialmente criada a “Escola Primária Oficial General Mateo Almanza”, cuja professora e diretora era Ma Petra Hernández, que chegou quatro meses antes como alfabetizadora. Permaneceu neste local de fevereiro a dezembro de 1957” (Tradução própria).

De acordo com a autora, na década de 1920 no México era comum que as mulheres se tornassem professoras tendo apenas o ensino primário. Entretanto, eram as professoras rurais que acabavam tendo um grau menor de formação se comparadas com as professoras urbanas. Com o passar do tempo foi sendo exigido mais direitos e condições de formação para as professoras rurais. Sendo assim, o Instituto Federal de Capacitación del Magisterio (IFCM) foi fundado pela Secretaria de Educación Pública com o objetivo de regularizar a condição profissional dos professores sem títulos. E foi neste instituto que Petra ingressou e cursou por seis anos como professora primária. Na década de 1970, Petra Hernández Martínez cursou licenciatura em espanhol na Universidad Pedagógica Nacional, mas não conseguiu o título, assim como não seguiu com os estudos na Escuela Normal de Estudios Superiores.

As experiências de deslocamentos e viagens da professora mexicana foi por diversas comunidades rurais de San Luís Potosí. Na Escuela Primária Oficial “Juan Aldama” em Trojes de Moreno no município de Matehuala, ela foi diretora e professora de 1958 a 1961.

En ese lugar, las familias estaban interesadas en el aprendizaje de sus hijos, había los requisitos mínimos para trabajar y ella se encontraba complacida con su labor. Para entonces, la maestra tenía 20 años de edad y al dejar la escuela estaba por cumplir los 24. Para llegar a las Trojes de Moreno caminaba 1.5 kilómetros. En esta escuela, la maestra era la encargada de organizar la parcela perteneciente a la escuela rural, había buenas y malas cosechas, sin embargo, la maestra recordó una abundante cosecha gracias a las lluvias que se presentaron⁴⁷ (Vega, 2015, p. 64).

Ela passou por outras escolas rurais pelas localidades de San Luís Potosí. As experiências de Petra nas escolas rurais iam além do espaço de ensino, da sala de aula. Existia uma relação da professora com a comunidade, com os pais dos alunos e com o próprio local físico em que dava as aulas. Conforme mencionado por Vega (2015) e aqui destacado, as condições de trabalho nesses espaços de ensino rurais eram desafiadoras diante dos poucos recursos disponibilizados e às vezes, longas distâncias que ela precisava percorrer para chegar ao local. Apesar dos desafios, a professora Petra trabalhou até o momento de sua aposentadoria.

La maestra Petra se jubiló de la educación pública estatal en 1991 a los 53 años de edad, con 34 años de servicio. El motivo de su jubilación fue el deterioro de su salud, la cual se agravó en los últimos meses prejubulatorios. En 1987, recibió su premio por los 30 años de servicio y en el 2002 por sus 45 años, ya que después de ser

⁴⁷ “Naquele local as famílias se interessavam pelo aprendizado dos filhos, existiam os requisitos mínimos para trabalhar e ela estava satisfeita com seu trabalho. Naquela época, a professora tinha 20 anos e quando saiu da escola estava prestes a completar 24 anos. Para chegar aos Trojes de Moreno ela caminhou 1,5 quilômetros. Nesta escola a professora ficou encarregada de organizar o terreno pertencente à escola rural, houve boas e más colheitas, porém a professora lembrou-se de uma colheita abundante graças às chuvas ocorridas” (Tradução própria).

jubilada por parte del gobierno estatal, continuó trabajando en la educación privada. En total, trabajó 48 años al servicio de la educación potosina ⁴⁸ (Vega, 2015, p. 75).

Mesmo após a sua aposentadora, ao reestabelecer sua saúde, ela ainda se envolveu com a educação. Por fim, com o breve relato sobre a trajetória da professora Petra Martínez, outros aspectos sobre experiências de viagens por mulheres, diferentes dos que foram apresentados até então, ficaram evidentes. O primeiro foi o fato dela não ter tido recursos financeiros e suas experiências em relação aos saberes eram mais ligadas à prática do que somente teorias estudadas. O segundo aspecto é que suas movimentações se deram entre as comunidades rurais em que trabalhou. Não houve menção sobre ela transitar em outros países além do México. Um último aspecto foi sobre ter se deslocado por diferentes lugares sozinha, sem companhias de outras mulheres, homens ou algum familiar. Petra não parou diante dos desafios, mas foi aperfeiçoando seus trabalhos a partir dos aprendizados em suas experiências.

Diante do exposto, as mulheres que em suas trajetórias viveram as experiências de viagens, foram apresentadas como exemplos para contribuição nas reflexões acerca das mulheres viajantes na história. Foi possível relacionar experiências, mas ao mesmo tempo, observar especificidades diante do contexto vivenciado por cada mulher. Sendo assim, é possível relacionar aspectos das experiências apresentadas com as experiências de viagens no Movimento Bandeirante. A questão de as mulheres precisarem de companhia é algo importante de destacar porque no caso das mulheres bandeirantes, normalmente, elas estavam em grupos, nem sempre grandes grupos, porém a viagem era realizada de maneira que várias bandeirantes do movimento participassem, demonstrando assim o que podemos pensar em uma autonomia ligada ao coletivo.

As primeiras líderes bandeirantes mantiveram contato direto com representantes do movimento inglês, inclusive com a líder mundial, Olave Baden-Powell. O trânsito dessas mulheres entre Inglaterra e Brasil foi importante nos primeiros anos do movimento brasileiro porque ele precisava se estabelecer na sociedade, dessa maneira, era necessário o entendimento das dinâmicas do movimento inglês e assim foi sendo adaptado e apropriado no Brasil. As relações e contatos que mulheres pertencentes a elite tinha com pessoas públicas e influentes também facilitou a circulação delas em diferentes espaços e como viajantes. Não foi o caso de todas as mulheres exemplificadas, como por exemplo Petra Hernández. Ela foi o exemplo de

⁴⁸ “A professora Petra aposentou-se do ensino público estadual em 1991, aos 53 anos de idade, com 34 anos de serviço. O motivo da sua aposentadoria foi a deterioração do seu estado de saúde, que se agravou nos últimos meses de pré-aposentadoria. Em 1987 recebeu o prêmio pelos 30 anos de serviço e em 2002 pelos 45 anos, pois após ser aposentada pelo governo do estado continuou atuando no ensino privado. No total, trabalhou 48 anos a serviço da educação de Potosí” (Tradução própria).

uma mulher que passou por dificuldades, mas ainda assim seguiu em movimento. O que se pode afirmar é que nas experiências de mulheres viajantes apresentadas, bem como nas viagens do Movimento Bandeirante, ocorreram circulações de saberes através dos estudos, trabalhos e eventos que ministraram, participaram e/ou construíram.

Em relação às viagens no Movimento Bandeirante, Rodrigues (2016) destaca as movimentações internacionais, como, por exemplo, as Conferências Mundiais que proporcionavam a comunicação e troca de mulheres bandeirantes de diversos países. A autora fez crítica em relação à ausência de abordagem sobre atitudes e conhecimentos feministas para a história do Bandeirantismo e descreveu a importância desse evento tendo figuras importantes para o movimento brasileiro.

A leitura dos relatórios daquelas Conferências hoje deixa ver a extensão do trabalho que foi realizado, por Olave, para a expansão do movimento! Tanta coisa foi feita, elaboradas normas, que as Conferências mereciam uma outra pesquisa, sobre atitudes e conhecimentos feministas para a história do MB no mundo e no Brasil. Este, ao comparecer, levava e trazia uma grande participação em torno de conhecimentos e encaminhamentos válidos às mulheres e para os demais países subdesenvolvidos da América latina. A I Conferência Internacional, realizada em 1920, ocorreu em Oxford na Inglaterra, com mais ou menos 100 pessoas daquele país, alguns membros da representação americana e duas visitantes. Uma dessas visitantes, representava o recém Movimento no Brasil: May Mackenzie que estava na Inglaterra. O tema central da Conferência, como não podia deixar de ser, foi a 'Expansão do Movimento no Mundo'. A outra visitante foi Dorothy Warren que, em 1923, abriria a primeira Companhia inglesa em São Paulo filiada a *Girl Guides* na Inglaterra e não a Associação brasileira. Pelas cartas, May Mackenzie, foi quem manteve o primeiro contato com Violet Atkinson Grimshaw, que viria a ser, a primeira treinadora no Brasil (Cartas Históricas). (14). Somente bem mais tarde, Warren iria aceitar filiação a FBB. Em 1925, Warren abriria com o nome de 'Companhia de Brownies' (Fadas), a primeira das Companhias de Fadas conhecidas no Brasil. Sua primeira 'Coruja' foi Doris Gotelee (Rodrigues, 2016, p. 35-36).

Além disso, para ela, as conferências fortaleceram a identidade social bandeirante. Segundo Rodrigues (2016, p. 36)

As Conferências Internacionais, depois como Mundiais, foram dando a construção de uma identidade psicológica grupal e individual feminina, que assumia um sentido histórico de pertença, dentro da consciência social de cada Bandeirante, até hoje.

Essas conferências também apareceram no impresso *Bandeirantes*. No impresso dos meses de junho, julho e agosto do ano de 1932, foram identificadas duas seções referentes à conferência. A primeira, intitulada de *Conferencia Internacional*, apresenta a descrição detalhada da conferência que ocorreu em *Foxlease*. Maria José Lynch escreveu o artigo dessa seção, ela foi delegada do Brasil nessa conferência que ocorreu em 1930.

Foxlease, é um centro de treinamento que pertence às guias da Inglaterra, na seção é apresentado como o *training headquarters*. Maria Lynch inicia a escrita do artigo informando que naquela conferência “a Federação das Bandeirantes do Brasil ficou reconhecida como fazendo parte da *Girl Guide and Girl Scout World Association*” (Bandeirantes, 1932, p. 15). É explicado que o objetivo associação é de unir os movimentos das diversas nações do mundo promovendo a cooperação para o desenvolvimento e unidade dos ensinamentos de Baden-Powell. Para que fosse possível fazer parte da *World Association* era necessário se declarar em acordo com a Promessa e isso precisava ser reconhecido pela organização da associação.

De acordo com a seção relatada pela bandeirante delegada Maria Lynch, frequência da conferência era bianual, onde cada país poderia enviar duas delegadas. Não foi mencionada se apenas ela foi a escolhida para representar o movimento brasileiro. Enquanto ocorria o intervalo de uma conferência para outra e para a direção da associação, havia um Comitê de 9 membros em que a informação sobre a eleição desse comitê era de que eram eleitos todos os seis anos. Incluindo o Brasil, naquele ano, 31 países estiveram presentes na conferência. Alguns dos países foram: Austrália, Bélgica, Canadá, Tchecoslováquia, Dinamarca, Egito, Estônia, França, Hungria, Islândia, Índia, Japão e Estados Unidos.

Podem imaginar o que deve ter sido este encontro, **esta reunião de mulheres de todas as raças, todas as crenças, todas as línguas, tanta diferença** de caracteres que no entanto trabalhavam todas em completa harmonia. Devemos nos encher de entusiasmo quando nos perguntamos a nós mesmas a razão pela qual esta grande machina internacional deslisava tão suavemente qual era? – Só quem já teve que dirigir uma massa de gente (por menor, que seja) poderá dizer o quão difícil é (Bandeirantes, 1932, p. 15, grifo próprio).

Nesse trecho acima, a menção sobre a reunião ter abarcado mulheres de todas as raças, crenças e línguas sugere a ideia de igualdade que Robert Baden-Powell orientou desde a fundação do movimento inglês e é um aspecto de inclusão que pode ser relacionado as diferenças culturais diante dos diversos países presentes na conferência. O registro da bandeirante seguiu com a descrição do local onde foi a conferência, informando que as delegadas mais velhas ficaram hospedadas na casa e as outras em acampamentos e foi destacada a organização do camping. Maria Lynch demonstrou ter sido agradável a experiência pois escreveu: “As noites lindas! Que delícia dormir assim ao livre, o céu estrelado. De manhã acordar com o canto dos passarinhos saltitando, os esquilos pulando nos galhos das grandes arvores, e os coelhinhos a correr entre o capim” (Bandeirantes, 1932, p. 16).

Através do registro da viagem para a Inglaterra, onde ocorreu a conferência, escrito pela bandeirante Maria José Lynch e publicado no impresso Bandeirantes, é possível refletir sobre

alguns aspectos. O primeiro pelo registro em si, assim como outras mulheres aqui apresentadas fizeram e tantas mulheres na história. A escrita feminina registrada é uma forma de deixar vestígios de pesquisas, por esse motivo, o impresso *Bandeirantes* é uma rica fonte de pesquisa em relação as mulheres bandeirantes e todos os assuntos que atravessam o movimento. Este é o segundo aspecto, como o impresso possibilitou que os registros de viagem pudessem ser compartilhados e outras bandeirantes tivessem acesso. E no tempo presente, ser fonte para pesquisa no campo da história da educação. O terceiro aspecto versa sobre a possibilidade que a bandeirante teve de deixar registrada essa experiência de viagem e fazer circular entre as outras bandeirantes através da publicação no impresso, sendo possível refletir: como foi esse processo de escrita? Como seu registro foi selecionado para fazer parte daquele número do impresso?

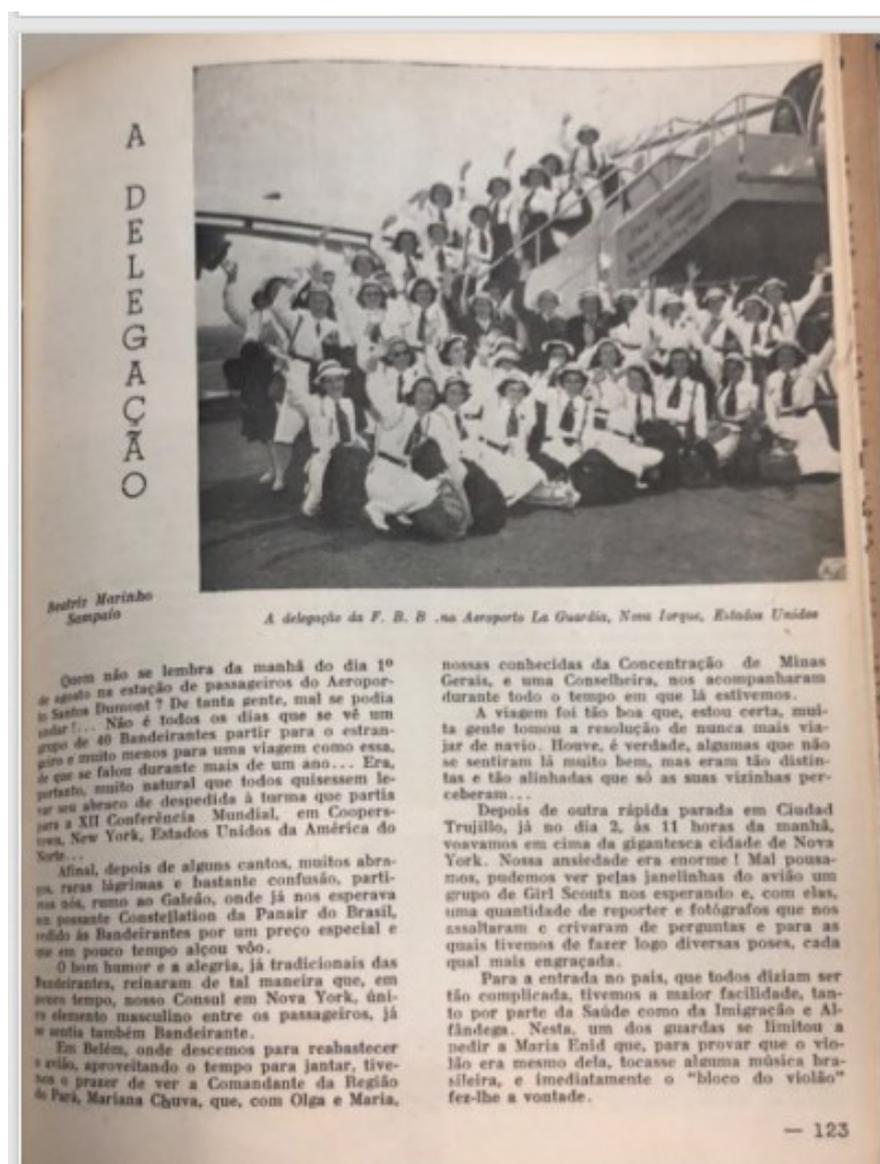
A segunda seção que no impresso foi publicada como continuidade dessa foi intitulada de *Onde será a conferencia mundial este anno?* No artigo é informado que naquele ano de 1932 a conferência aconteceria na chamada casa das bandeirantes polonesas, em Bueza na Silesia. Porém, nesta conferencia não haveria participação das bandeirantes brasileiras que só estariam unidas em espírito com as bandeirantes que estariam na Polônia. E foi publicada junto do artigo uma notícia traduzida de um folheto que as bandeirantes brasileiras receberam da Polônia. Ao fim da notícia, há a informação sobre a tradução: “Traduzido da *Swiatowa Konferencja Harcerek*”⁴⁹. Foi assinado por Maria Teresa Lima Rocha, chefe de distrito datada de 17/07/1932. Não foi possível identificar se essa tradução foi feita pela bandeirante que assinou e nem foi informado como o grupo brasileiro recebeu esse folheto, assim, possibilitando mais questionamentos relacionadas a essa troca e comunicação entre as bandeirantes: como os folhetos de outros países chegavam ao Brasil? As bandeirantes de outros países tinham acesso ao impresso *Bandeirantes*? As traduções de documentos internacionais eram feitas pelas bandeirantes?

As trocas entre as bandeirantes através das viagens, o contato com os movimentos de outros países, bem como informações referentes a estes outros movimentos foram identificadas no impresso *Bandeirantes*. Foi possível identificar na análise dos impressos que entre os anos de 1939 e 1949, em todos os números do *Bandeirantes* foi publicada a seção *Em volta do mundo*, que trazia informações sobre os movimentos internacionais. Destaco a seção do impresso referente aos meses de agosto e setembro de 1949 na qual foi publicada uma carta de Olave Baden-Powell em inglês, sem tradução, direcionada à Miss Lynch, possivelmente a bandeirante

⁴⁹ Tradução: Conferência Mundial de Escoteiras

Maria José Lynch (Bandeirantes, 1949). Outro destaque foi do impresso de agosto de 1948 em que há muitas informações sobre as viagens que ocorreram no movimento, assim como menções aos movimentos de outros países. A primeira seção de destaque é a que está na imagem abaixo (Figura 47).

Figura 46 – A delegação



Fonte: Bandeirantes, 1949, p. 123.

Intitulada de *A delegação* e com nome o de Beatriz Marinho Sampaio abaixo do título da seção, entende-se que o artigo dessa seção foi escrito por Beatriz. O artigo apresenta a delegação do Movimento Bandeirante que participou da 12ª conferência mundial que aconteceu na cidade de Nova York nos Estados Unidos. O grupo foi composto por 40 bandeirantes de diferentes regiões do Brasil. A chegada das bandeirantes ao local de encontro com outras

bandeirantes nos Estados Unidos foi narrada como algo que foi comentado pois chamou a atenção a chegada delas de avião, isso foi assunto de jornais e no meio bandeirante. Essa seção do *Bandeirantes* contemplou 5 páginas e várias fotografias em preto e branco para ilustrar o que foi essa viagem para a conferência mundial. No fim do relato sobre a conferência foi destacado algo similar ao que foi registrado também em relação à conferência que ocorreu em 1930. De acordo com o artigo do impresso *Bandeirantes* referente aos meses de agosto e setembro de 1948, é contada a chegada das bandeirantes:

E na tarde de 18 de setembro chegamos ao Rio, encantadas com tudo o que vimos e com todos com quem tratamos e ainda mais convencidas de que a Amizade Bandeirante é a única que desconhece as fronteiras e diversidade de raças (Bandeirantes, 1948, p. 155).

Neste mesmo impresso referente a agosto e setembro do ano de 1948, a seção seguinte à da delegação foi *Diário de viagem*. Essa foi uma extensa seção com registros diários de uma bandeirante que participou da 12ª conferência. Foram registrados todos os dias desde o dia 01/08/48 a 22/08/1948. Não foi possível ter conhecimento se a mesma bandeirante que o nome estava na seção anterior também escreveu essa seção, sendo assim não foi identificada a responsável por escrever o diário de viagem. Cabe destacar, que em análise foi perceptível que algumas seções, não somente essa exemplificada, não continham assinatura e outras eram assinadas com letras ou possíveis pseudônimos. Isso leva a reflexão se essa ausência de identificação de quem escreveu essas seções foi intencional ou não? E se foi, o que motivou essa ausência?

No registro referente ao dia 04/08/1948 é contado como foi a chegada das bandeirantes no local onde ocorreu o acampamento, em Cooperstown, uma vila do condado de Otsego, em Nova York. O trajeto até o local foi feito de trem e ônibus. Bandeirantes americanas e canadenses estiveram juntas das bandeirantes brasileiras rumo ao acampamento. Pela escrita, foi possível interpretar que todas as bandeirantes estavam animadas para chegarem, pois segundo o registro, “a ansiedade era grande, comíamos com os olhos a linda paisagem que tínhamos pela frente” (Bandeirantes, 1948, p. 130). A animação aumentou quando elas começaram a observar de longe o acampamento e perceberem que já estavam bem perto de chegar.

A nossa chegada ao acampamento foi um verdadeiro pandemônio como o jornal escreveu, nós brasileiras muito expansivas, caíamos nos braços das nossas irmãs que já lá estavam dois dias, umas riam, outras choravam, outras pulavam, outras caíam e assim foi a nossa chegada. As americanas e canadenses cruzavam os braços olhando-

se e: ‘*I do not know what happens*^{50!!}’ faziam com a cabeça (Bandeirantes, 1948, p.130).

Outra seção que foi recorrente nos impressos da década de 1940 foi a *For golondrinas* ou *Golondrinas* (Bandeirantes, 1940). Essa seção era escrita em inglês e trazia também informações sobre os movimentos internacionais. Por não saber o significado da palavra “golondrina” e nem a qual idioma pertence, para fins de conhecimento, pesquisei o significado e idioma da palavra. Identifiquei a palavra em espanhol. De acordo com o dicionário *Linguee*⁵¹, a palavra “Golondrina” significa andorinha em português. Não identifiquei na análise dos impressos explicações sobre essa seção e alguma informação relacionada ao significado através do Movimento Bandeirante.

Diante do exposto, é possível afirmar que os movimentos das mulheres bandeirantes em relação às viagens que foram identificados em análise de pesquisa, possibilitam reflexões e indagações para novos caminhos de pesquisa. Assim, é demonstrando o quão abrangente é a temática das mulheres bandeirantes na história da educação e a importância de estudos sobre o Movimento Bandeirante serem mais expressivo, dessa forma apresentando a importância da pesquisa e estudo realizado na presente dissertação.

Algumas mulheres bandeirantes como por exemplo, Jerônima Mesquita e Maria José Lynch foi possível identificar através de seus nomes. Porém, outras bandeirantes foram viajantes conforme apresentado nesta seção, porém, nem todas eram identificadas e não foi possível listar todas nominalmente. Porém, diante das fotografias relacionadas às viagens presentes nas seções dos impressos, não identifiquei mulheres negras. Cabe destacar também que a diversidade de raças e crenças relatada pós conferências vai de encontro com as relações de bandeirantes brasileiras com bandeirantes de outros países. Em relação a diversidade de classe, por exemplo, é algo discutível, tendo em vista que as viagens envolviam custos e o acesso a outros idiomas também era algo comum das famílias das classes médias e altas.

A característica burguesa do Movimento Bandeirante destacada por Lúcia Rodrigues (2016), conforme já mencionado, é ratificada a partir da análise das viagens no Movimento Bandeirante. As mulheres bandeirantes viajantes foram aquelas que pertenciam às elites, pois esse era o perfil do movimento brasileiro. Dessa maneira, compreendendo a importância de iniciar caminhos para reflexões que envolvem gênero, raça e classe relacionados ao Movimento Bandeirante, tais reflexões serão apresentadas e discutidas na próxima seção.

⁵⁰ “Eu não sei o que está acontecendo” (Tradução própria).

⁵¹ GOLONDRINA. In: DICIONÁRIO Linguee, c2024 . Colônia, Alemanha: DeepL SE. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/espanhol-portugues/traducao/golondrina.html>. Acesso em: 20 out. 2024.

3.3 Entre tensões de gênero, raça e classe: a ausência que fala

O impresso *Bandeirantes* foi uma fonte privilegiada nesta presente pesquisa. Diversos desdobramentos foram possíveis através da análise de alguns volumes, como, por exemplo, seções em que foi possível refletir e propor discussão sobre a participação de crianças e mulheres negras no Movimento Bandeirante. Dessa maneira, a partir da análise de exemplares de acervo próprio, localizei duas meninas negras na capa do impresso de junho de 1945 e uma companhia de bandeirantes só de meninas negras em uma reportagem desse mesmo volume do impresso. Na capa do impresso de outubro de 1945 tem uma mulher negra e, por fim, em uma seção do impresso de agosto de 1946 há um desenho de uma mulher negra cozinheira.

De maneira inicial, não havia direcionado o meu olhar de pesquisadora para observar que no Movimento Bandeirante predominava a presença de mulheres brancas e de famílias abastadas. A partir do aprofundamento no estudo de pensadoras negras feministas, o meu horizonte teórico e metodológico foi ampliado e direcionei parte da pesquisa para a investigação de mulheres negras que foram bandeirantes que aqui foi abordada de maneira inicial, tendo em vista as amplas possibilidades de investigação a partir da relação do Bandeirantismo com questões de gênero, raça e classe.

De acordo com Carneiro (2003), ao falar de mulheres, devemos nos perguntar sempre de que mulheres estamos falando. Em relação a presente pesquisa, as mulheres bandeirantes eram de maneira predominante brancas e pertencentes a elite carioca. Dessa forma, diante das características desse grupo, investiguei onde estavam as mulheres negras nesse movimento e informações sobre essas mulheres. Como já foi mencionado, e é pertinente retomar ao conceito, a categoria de gênero perpassa diferentes áreas do conhecimento e, sendo assim, está inserida em um campo interdisciplinar. Gênero está relacionado a construções sociais que ocorrem a partir da cultura, sendo assim, podemos refletir que de uma cultura para outra, papéis e identidades de gênero podem variar

Indo conforme a categoria gênero, trouxe para a discussão, como as relações sociais atribuídas ao gênero se diferenciam, tanto entre o feminino e o masculino, quanto dentro do feminino, sendo essas atribuições feitas de maneiras diferentes para mulheres brancas e para mulheres negras. No período pesquisado, assim como até os dias atuais, apesar de terem ocorrido muitas mudanças na sociedade, a diferença de papéis sociais de mulheres brancas e mulheres negras são evidentes. Esses papéis estão atrelados às discussões teóricas propostas

sobre condição da mulher negra por Carneiro (2019) e mito da democracia racial por Gonzalez (2020).

Carneiro (2019) escreve sobre como no Brasil e na América Latina a violência colonial praticada contra as populações negras e indígenas, tem marcas até os dias atuais e está diretamente ligada a construção de identidade nacional. Segundo a autora

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça, instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina dessas mulheres (Carneiro, 2019, p. 301).

É possível observar diante do que a autora aponta, a construção de um imaginário social no Brasil, advindo da colonização, de que não há diferenças de relações entre pessoas brancas e negras, a suposta ordem social democrática está diretamente relacionada ao mito da democracia racial. A autora ainda destaca a fragilidade feminina como justificativa para o cuidado de caráter paternalista dos homens com mulheres, porém, a mulher frágil do imaginário social a partir do senso comum, não é uma mulher negra. Sojourner Truth, nascida escrava em Nova York, proferiu um discurso na *Women's Rights Convention* em Akron, em Ohio nos Estados Unidos no ano de 1851 e questionou

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Segundo o discurso proferido por Truth, é perceptível que em diferentes períodos da história das mulheres esse questionamento sobre as diferenças de papéis direcionados para mulheres negras e brancas são diferentes. O “ser mulher” não é o mesmo para todas, e a expectativa social construída e reforçada desde a colonização, é de que as mulheres negras estejam em um lugar social subalternizado, tendo em vista o que Sueli Carneiro destaca:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas (Carneiro, 2019, p. 301).

A hipótese nesta presente pesquisa é que a construção do país, a partir da colonização, trouxe uma falsa ideia do Brasil ser um país diverso, miscigenado e sem desigualdades sociais. Sendo assim, foi criado um imaginário social de uma sociedade racialmente harmônica, sem preconceito e racismo. É possível que essa construção tenha refletido nos grupos de mulheres que pertenciam às elites da sociedade, como o Movimento Bandeirante. Apesar de ser um grupo que estimulava que as mulheres se movimentassem e buscassem rumos diferentes do que era esperado para época, isso ainda era um privilégio de mulheres brancas. Sendo assim, o não aparecimento e destaque de mulheres negras vão consoante o contexto social da época.

Corroborando o que Sueli Carneiro aborda, Lélia Gonzalez contribui com discussões importantes sobre gênero, raça e classe em seus diversos trabalhos. Em Gonzalez (2020), ela versa sobre o mito da democracia racial e se propõe a responder de maneira direta e distante da linguagem academicista, como chegamos no Brasil na crença da existência de uma democracia racial e o lugar que a mulher negra ocupou na configuração da sociedade pós-abolição.

Ao iniciar seu texto, Gonzalez (2020) apresenta na epígrafe um evento promovido por pessoas brancas para falarem sobre as pessoas negras. No decorrer do evento, uma pessoa negra que está incomodada com alguns acontecimentos no local começa a falar ao microfone. Uma confusão se arma porque as pessoas brancas não gostam do que as pessoas negras estão reclamando. A festa acabou em briga. De acordo com a autora, a longa epígrafe “diz muito além do que se conta” (Gonzalez, 2020, p. 67) e é uma maneira de Lélia indagar sobre o mito da democracia racial e como ele foi tão bem aceito e divulgado. O que ele oculta? Como foi construído? Como a mulher negra é situada nesse discurso?

A autora define: “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (Gonzalez, 2020, p. 68). O racismo articulado com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra.

O fato é que, enquanto mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, em vez de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais (Gonzalez, 2020, p. 68).

Gonzalez (2020) aponta a naturalização de papéis construídos historicamente para definir características das pessoas negras e justificar o racismo. Em relação à mulher negra, ela

é naturalmente vista como cozinheira, faxineira, entre outros papéis subalternizados da sociedade. É apontado o lugar da mulher negra no processo de formação cultural e os diferentes modos de rejeição/integração do papel dela. A autora apresenta as noções de consciência e memória para dar embasamento a discussão levantada. Para ela a consciência é um lugar de desconhecimento, alienação, esquecimento... é o discurso dominante e os efeitos que ele (discurso dominante) produz. Oculta a memória, impondo o que ela afirma ser verdade. Já a memória é um não saber que conhece e lugar de enxergar a verdade. Apesar da força da consciência, a memória tem astúcia e fala através das “mancadas” do discurso da consciência. “Consciência exclui o que a memória inclui” (Gonzalez, 2020, p.70).

Ainda assim, algumas noções que eram apontadas para as mulheres negras seguíam sendo persistentes e a partir desse incômodo, Gonzalez (2020) traz as noções de mucama, doméstica e mãe preta para refletir e discutir em seu texto, tendo como suporte epistemológico a psicanálise a partir de Freud e Lacan. O mito da democracia racial é discutido a partir do Carnaval. Ela aponta que o mito é atualizado no carnaval com toda a sua força simbólica, nesse momento de festa, a mulher negra é vista diante da sociedade como uma rainha em que o corpo dela é colocado em evidência (Gonzalez, 2020). Segundo com a autora: “Ali ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la” (Gonzalez, 2020, p. 71),

A autora conclui que nunca saímos de um mito da democracia racial e esse mito acaba sendo reforçado, por exemplo, pelos estereótipos que ela apresenta em seu texto e dão base para a sua argumentação: mucama, doméstica e mãe preta. A doméstica do tempo atual como uma mucama da época da escravidão e a mãe preta que assume o papel de mãe que a mulher branca não o fez. Dentre esses estereótipos, outros são apresentados e justificados pela lógica cruel da colonização.

Lélia Gonzalez nos ajuda a refletir sobre a diferença dos papéis de gênero direcionados para as mulheres brancas e para as mulheres negras, com raízes fincadas na formação do país. Todo o contexto da colonização influenciou não só na construção do país, como nas dinâmicas das relações e experiências. Nesse caso, aqui se discute as relações das mulheres brancas com mulheres negras no Movimento Bandeirante, e pode ser refletido sobre como esse processo de formação do país ainda com tantas transformações no início da década de 1920, influenciou esse grupo.

Entre as décadas de 1920 e 1930, grupos de mulheres estavam envolvidos em conquistas importantes como o direito da mulher ao voto e ao trabalho. Porém, não havia uma linearidade nesses grupos, tendo em vista as discordâncias e os pontos de vista diferentes, quais eram as

mulheres que estavam lutando por essas conquistas? E quais eram as mulheres que já trabalhavam? Pensando o processo histórico do Brasil com destaque para a virada do século, são perceptíveis as mudanças ocorridas e as diferenças sociais que assolavam a sociedade, principalmente entre as mulheres. De acordo com Maria Amélia de Almeida Teles:

Na virada do século, o Brasil já apresentava face nova: A República se implantou, o trabalho se tornou assalariado e as cidades cresceram. A burguesia ia cada vez mais enriquecendo à custa do suor e da exploração dos trabalhadores, a nascente classe operária. (...) A abolição da escravatura não significou de forma alguma a libertação do povo negro. Pelo contrário, acentuou-se sua condição de marginalizado. (...) Nessa época, a mulher negra teve um papel preponderante ao garantir sozinha a sobrevivência de sua família. (...) A mulher operária, duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha sempre os salários mais baixos e as jornadas de trabalho maiores (Teles, 2017, p. 48).

As mulheres bandeirantes não se colocaram como um grupo em defesa das causas femininas e questões sociais, um dos motivos foi o fato, já mencionado, sobre elas se considerarem apolíticas. Questões relacionadas à gênero, raça e classe não foram identificadas, apesar de Rodrigues (2016) defender que o Movimento Bandeirante foi de luta social de gênero. Dessa forma, a análise mais específica dos volumes dos impressos da década de 1940 permitiu levantar a reflexão sobre onde estavam as mulheres negras no Movimento Bandeirante.

Essa análise dos impressos da década de 1940, contribuiu na investigação sobre onde estavam as mulheres negras no Movimento Bandeirante. Foi possível identificar a presença de meninas e mulheres negras em algumas seções do impresso. O exemplar do mês de junho de 1945 traz em sua capa duas meninas negras e uma menina branca. No sumário do impresso informa que a foto se refere a visita que as bandeirantes do Distrito de Copacabana fizeram à Companhia do Cantagalo e antecipando a reportagem sobre essa visita que está na página 159 daquele exemplar (Bandeirantes, 1945).

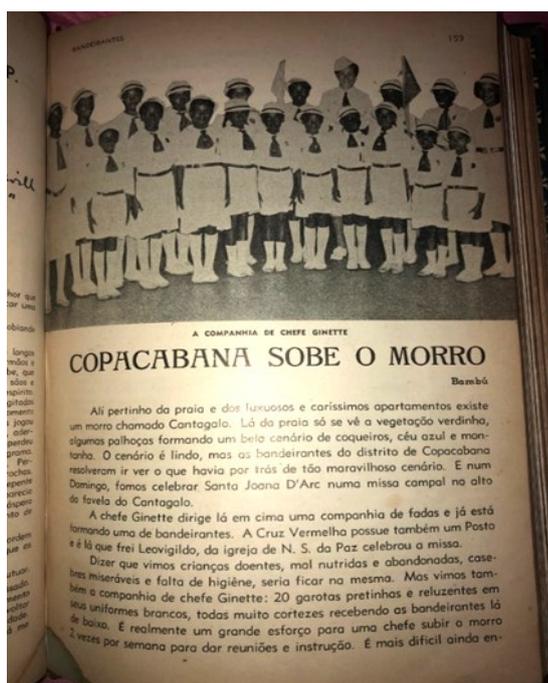
Detalhes sobre a visita à Companhia da Chefe Ginette é apresentado na reportagem com o título de *Copacabana sobe o morro*. A visita foi feita a partir de uma missa campal em celebração a Santa Joana D'arc. É apresentado o esforço que era para uma chefe ir ao morro e o quanto a chefe responsável por aquela companhia era um exemplo de dedicação por conseguir fazer essa visita duas vezes na semana. Além disso, há a crítica sobre as bandeirantes não alimentarem a “caridade ostensiva” para poderem fazer um grande bem para a classe pobre (Bandeirantes, 1945).

Figura 47 – Capa Bandeirantes: Junho/1945



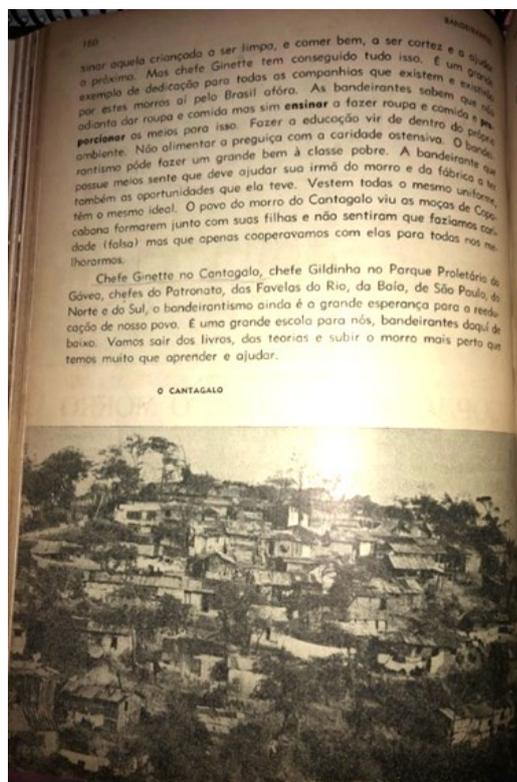
Fonte: Bandeirantes, 1945, capa.

Figura 48 – A Companhia da Chefe Ginette 1



Fonte: Bandeirantes, 1945, p. 159.

Figura 49 – A Companhia da Chefe Ginette 2

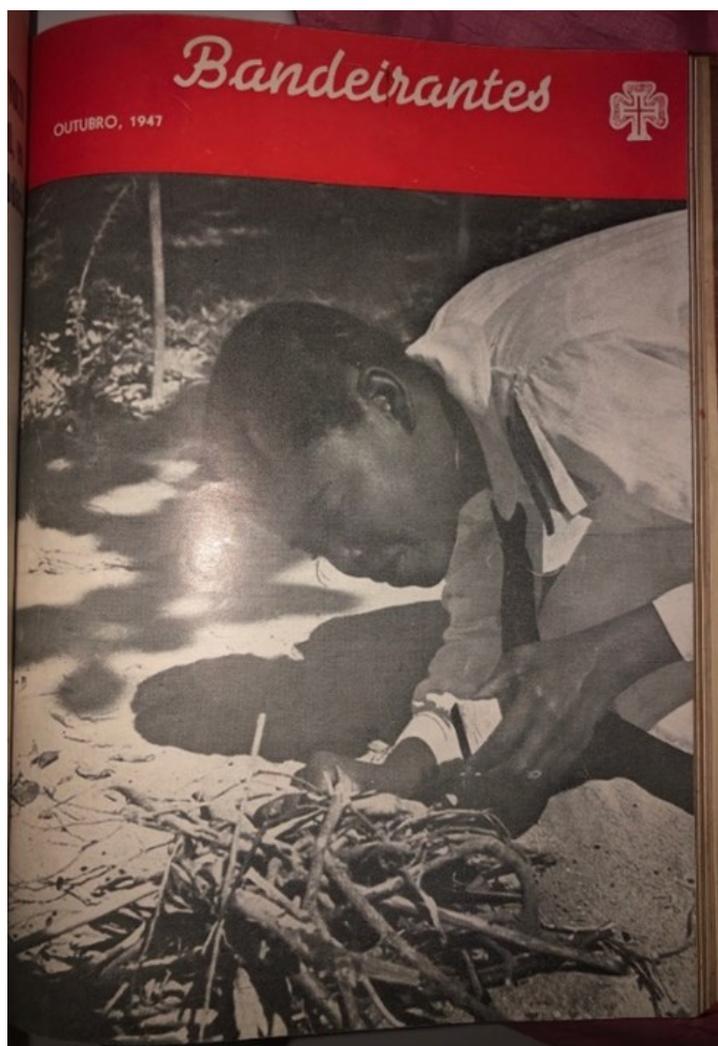


Fonte: Bandeirantes, 1945, p. 160.

É importante destacar para frases problemáticas que podem ser observadas nas figuras 49 e 50. Há um caráter depreciativo em partes da reportagem, como a dificuldade para ir ao local que é o Morro do Cantagalo e a menção sobre ter algo mais difícil do que esse “grande esforço” de subir o morro: ensinar as crianças, chamadas de “20 garotas pretinhas reluzentes”, a serem limpas, comerem bem, serem corteses e ajudarem ao próximo (Bandeirantes, 1945, p. 159). A relação identificada entre as mulheres bandeirantes e as meninas negras bandeirantes, diante da capa e da reportagem, apresenta um caráter assistencialista, sendo exposto o objetivo da caridade no trabalho da Companhia naquele local.

O exemplar do mês de outubro do ano de 1947, assim como os volumes desse mesmo ano, apresentam características diferentes na folha de rosto em comparação ao de junho de 1945. A folha de rosto traz uma propaganda de passeio ao Corcovado (ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro), não há sumário na segunda página do impresso e informação sobre a capa. Dessa forma, não foi possível identificar qual era o local que a bandeirante da capa estava.

Figura 50 – Capa Bandeirantes: Outubro/1947



Fonte: Bandeirantes, 1947.

Nessa capa, a bandeirante que está estampando-a, é uma mulher negra. A mulher aparenta estar em uma atividade do movimento, mexendo em uma fogueira. Dos impressos analisados da década de 1940, essa foi a única capa com uma mulher negra a frente. Diante da falta de informações sobre essa bandeirante e a atividade que ela estava fazendo, não há como pensar sobre qual era a relação, mas que de fato existia já que ela participava do movimento. A evidência de que essa mulher fazia parte do Bandeirantismo é o uniforme que ela estava vestindo, além do espaço dado na capa do impresso.

Figura 51 – “Não me negue esse serviço”



Fonte: *Bandeirantes*, 1946, p. 127.

A seção da figura 52 é do impresso do mês de agosto do ano de 1946, com o título *Não me negue este serviço*, traz diferentes formas que as bandeirantes poderiam ajudar as pessoas. Em uma delas, há o desenho de uma mulher negra como uma cozinheira e o texto é a fala dessa mulher. Segundo o fragmento, ela diz “serei realmente cidadã brasileira quando me instruir” (*Bandeirantes*, 1946, p. 127). É importante problematizar esse trecho porque ilustra a desigualdade social do Brasil, demonstrando que se a pessoa não soubesse ler e escrever, era como se ela não existisse como uma cidadã brasileira. E a representação de uma pessoa analfabeta, que cozinha e é empregada doméstica, é de uma mulher negra.

Esta seção, é direcionada para bandeirantes, sendo assim, é possível observar no trecho sobre a cozinheira, dois tipos de relações entre as mulheres brancas bandeirantes e mulheres negras. A primeira, assim como na visita à Companhia do Morro do Cantagalo, há um caráter de assistencialismo da bandeirante em relação à cozinheira. É sugerido que a bandeirante ajude na instrução daquela mulher para que ela seja uma cidadã brasileira. A segunda é a relação de serviço da mulher negra com mulheres brancas através dos serviços domésticos prestados.

A representação da mulher negra e as possíveis relações apresentadas a partir das imagens retiradas do impresso *Bandeirantes*, contribuem para as discussões teóricas aqui propostas em consonância com as proposições de (2019) e Gonzalez (2020). Ambas destacam

a importância de questionar e eliminar os papéis e estereótipos direcionados para as mulheres negras desde a formação do Brasil. Olhar para o passado, problematizando questões ainda persistentes no presente, é uma forma de não deixar com que tais questões sigam sendo reproduzidas através dos mesmos comportamentos e ações.

Segundo Gonzalez (2020, p. 71), “Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra”. É necessário o reconhecimento de que não há democracia racial no Brasil, assim como não se pode negar a reflexão sobre de quais mulheres falamos quando discutimos sobre mulheres no processo histórico, apesar de muitas transformações ocorridas no decorrer dos anos.

Conforme a discussão teórica proposta, mulheres brancas estavam em destaque por corresponderem ao contexto histórico da época, em que não era pensada a inserção e participação de mulheres negras em diferentes espaços da sociedade. Do ano que iniciou o Movimento Bandeirante, 1919 até o momento atual, mudanças aconteceram na sociedade mediante lutas, com destaque para o Movimento Negro e Feminismo Negro. O Nzinga Coletivo de Mulheres, da década de 1980, que teve Lélia Gonzalez como primeira coordenadora, é um exemplo de luta e trabalho de mulheres negras (Ratts; Rios, 2010).

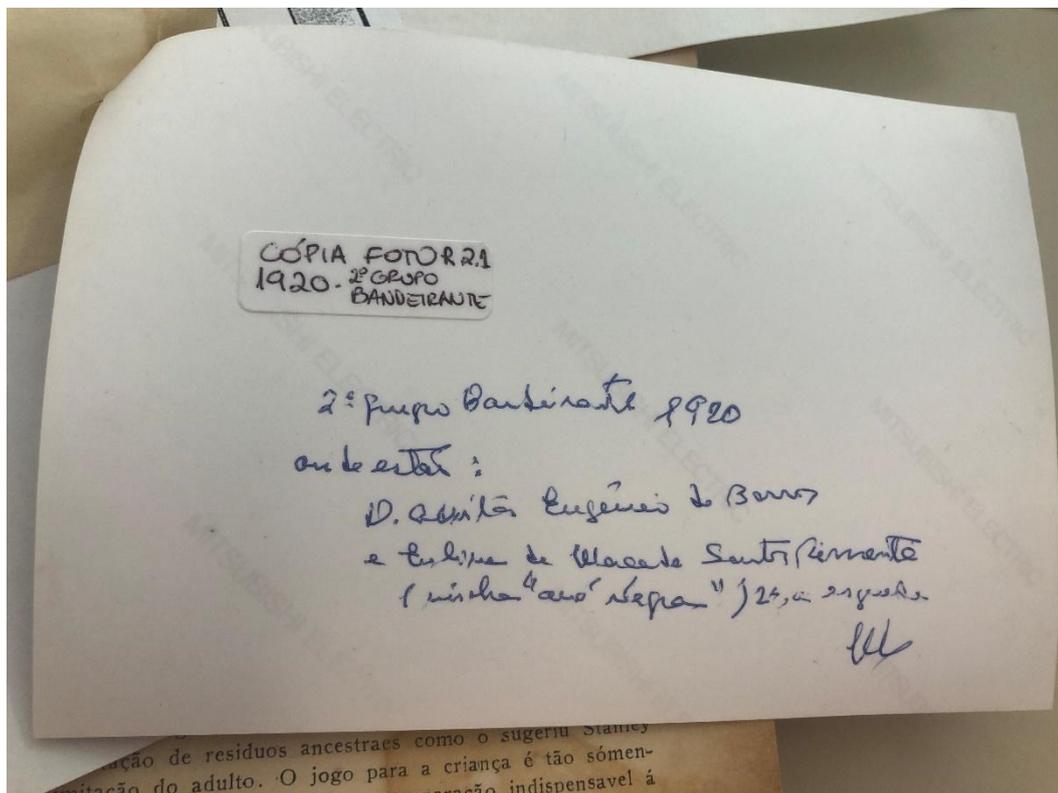
Assim sendo, o argumento defendido é de que a característica do grupo ser de mulheres brancas e burguesas, favorecia para que elas não priorizassem e enxergassem a importância da inserção de mulheres e meninas negras, sem que estivesse somente atrelado ao assistencialismo. Um exemplo mencionado nesta presente dissertação é ausência de informações referentes a Eulina Pimenta Macedo, identificada como a primeira chefe bandeirante negra, porém em todos os impressos analisado não há nenhuma menção a ela. Eulina não aparece na equipe da organização do impresso. Por que Eulina Pimenta Macedo esteve mais ausente do que presente no Movimento Bandeirante? Em visita à Federação para os registros dos impressos, tive acesso ao arquivo de fotos e pude registrar o grupo de bandeirantes que Eulina fez parte. Foi possível confirmar que era ela mesma na foto porque no verso da folha onde a foto estava colada tem seu nome escrito.

Figura 52 – Eulina Macedo no 2º grupo de Chefes Bandeirantes



Fonte: Acervo da Biblioteca Aracy Muniz Freire, Federação de Bandeirantes do Brasil, 1920.

Figura 53 – Verso da folha com a foto de grupo de Eulina Macedo no 2º grupo de Chefes Bandeirantes



Fonte: Acervo da Biblioteca Aracy Muniz Freire, Federação de Bandeirantes do Brasil, 1920

É importante destacar que a análise realizada nessa presente dissertação foi de caráter histórico para propor reflexões e problematizações a partir do contexto pesquisado, a fim de pensar quais as permanências e rupturas do passado em relação ao presente, para não ser apenas um resgate do passado, mas uma interpretação para entendê-lo, distanciando-se do julgamento (Costa; Salviano, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada sobre o Movimento Bandeirante em relação aos fundamentos, consolidação e expansão, é possível afirmar que teve como base o que foi proposto pelos movimentos ingleses, *Boys Scout* e *Girls Guides* através da família Baden-Powell. Robert Smith Baden-Powell é conhecido como o pai tanto do Movimento Escoteiro quanto do Bandeirante, porém, foi apresentado que, na Inglaterra, ambos contaram com a participação fundamental de Agnes Baden-Powell e de Olave Baden-Powell, respectivamente irmã e esposa dele; sendo assim, elas também fizeram parte da fundação. O contexto sociopolítico da Inglaterra, com destaque para o colonialismo, refletiu na criação e na estruturação dos movimentos ingleses. O Movimento Bandeirante apropriou-se do movimento inglês com destaque para as apropriações referentes ao catolicismo e participação masculina. Diante das discussões levantadas, ficou evidente que foi necessário incluir práticas católicas e ter o suporte de homens, principalmente de padres e religiosos dado ao fato das exigências em relação às mulheres que faziam parte da sociedade no Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 a 1930. Os irmãos Franca e o médico Martinho da Rocha foram apresentados como homens que estiveram ligados ao Bandeirantismo, diante dos artigos que eles assinaram no impresso do movimento. Leonel e Leovigildo Franca, além de assinarem artigos, participaram ativamente, dando suporte e formações.

A cidade do Rio de Janeiro era onde estavam as senhoras da elite que tiveram contato com Olave Baden-Powell, assim foi na cidade que o movimento se estabeleceu e onde era o centro do Bandeirantismo. Houve cisões com o Movimento Escoteiro nesses anos iniciais e divergências com as escoteiras paulistas que não concordavam com algumas características do Movimento Bandeirante, por exemplo, a questão de o catolicismo fazer parte das práticas e formações. O nome do movimento brasileiro foi escolhido pelo professor católico, Jonatas Arcanjo da Silveira Serrano por meio de um pedido da bandeirante Jerônima Mesquita, no entanto, não foi possível identificar nas fontes consultadas a relação direta de Jônatas com o Movimento Bandeirante. Há a hipótese de que sua mãe era próxima do movimento ou foi bandeirante conforme a assinatura de uma mulher com o mesmo sobrenome que o dele em uma seção do impresso Bandeirantes.

Ser uma mulher bandeirante estava intrinsecamente relacionado à vivência do “Código, Promessa e Lema”, a tríade de como ser uma bandeirante. Dessa maneira, as formações para as especialidades e religiosas, a identidade social bandeirante, conceito apresentado por Rodrigues (2016), tudo estava relacionado a tríade da vivência bandeirante. Por esse motivo, o Código,

principalmente, era fortalecido com recorrência nas páginas do impresso do movimento. O impresso *Bandeirantes* da Federação das Bandeirantes do Brasil (FBB), teve um papel fundamental na disseminação das ideias do Bandeirantismo porque trazia artigos com orientações, informações, doutrina Bandeirante, entre outras diversidades de temas, além de apresentar aos leitores as atividades que aconteciam no movimento.

No período entre as décadas de 1920 a 1930 houve um “boom” de periódicos femininos e, por esse motivo, foi importante analisar a questão da imprensa feminina da época, o impresso como importante fonte de pesquisa e de como as mulheres eram retratadas nesses periódicos, inclusive no *Bandeirantes*. Dessa maneira, foram discutidos os papéis sociais femininos que eram esperados para as mulheres e quais eram reforçados nos periódicos. Considerando os impressos o *Bandeirantes*, *O Cruzeiro* e *O Jornal das Moças*, é possível afirmar que, mesmo com o destaque da importância da inserção da mulher no mercado de trabalho e da luta por seus direitos, havia a ideia de que os outros papéis deveriam ser preservados; apresentavam seu papel social ainda com características da “mulher vitoriana”, cuidadora de seus filhos, boa esposa e responsável pelos afazeres domésticos. Porém, é necessária a compreensão de que os papéis sociais direcionados às mulheres transformaram-se consoante o tempo e ainda seguem em transformação.

Uma mulher de importância fundamental para o Movimento Bandeirante foi Jerônima Mesquita pois através dela que o Movimento Bandeirante teve origem mesmo que de maneira não oficial, dado ao fato de que antes da chegada da carta de Olave Baden-Powell, Jerônima em suas viagens para a Europa já tinha conhecimento sobre os movimentos ingleses, sendo assim trouxe seus conhecimentos ao Brasil. Ela esteve à frente de outros grupos, com destaque para a Federação Pelo Progresso Feminino, federação que fundou junto de Bertha Lutz. Em pesquisa pude descobrir que Jerônima é mencionada em algumas fontes como sufragista e feminista, porém em sua trajetória no Movimento Bandeirante, tais características não foram evidenciadas e nem mencionadas. Houve diversos grupos femininos e feministas entre as décadas de 1920 e 1930, dessa maneira, narrativas sobre as mulheres na sociedade foram disputadas e assim como a luta por seus direitos estiveram em voga.

Assim como Jerônima Mesquita, outras mulheres tiveram experiências de viagens, bem como fizeram com que saberes estivessem em circulação, sendo assim foram importantes e contribuíram para a história da educação. As experiências dessas mulheres foram apresentadas e relacionadas com as experiências de viagens no Bandeirantismo. Esse movimento entre as mulheres bandeirantes proporcionou troca com os movimentos internacionais, principalmente nas participações em conferências mundiais. Foi possível o conhecimento de um registro de

viagem de uma bandeirante que relatou a experiência de participação em uma conferência na década de 1940.

Reflexões iniciais sobre gênero, raça e classe foram propostas a partir das possíveis relações ou ausências delas entre mulheres brancas e mulheres negras no Movimento Bandeirante. De acordo com Carneiro (2019), ao falar de mulheres, devemos nos perguntar sempre de que mulheres estamos falando. Por esse motivo, em relação a presente análise realizada, as mulheres bandeirantes eram de maneira predominante brancas e pertencentes a elite carioca. Dessa forma, diante das características desse grupo, foi investigado onde estavam as mulheres negras no movimento. Foram apresentados alguns registros dos impressos em que mulheres/crianças negras apareceram, foram poucos. O argumento defendido foi de que a característica do grupo ser de mulheres brancas e burguesas, favorecia para que elas não priorizassem e enxergassem a importância da inserção de mulheres e meninas negras, sem que estivesse somente atrelado ao assistencialismo. Exemplos como as companhias diferenciadas que foram apresentadas a partir de Rodrigues (2016) e a ausência de informações referentes a Eulina Pimenta Macedo, identificada como a primeira chefe bandeirante negra.

Diante de toda a análise realizada pode ser afirmado que apesar do protagonismo das mulheres, o Movimento Bandeirante não foi só de mulheres, tendo em vista a participação de homens que aqui foi apresentada. Muitos caminhos de continuidade de pesquisa foram abertos diante da análise que fiz, principalmente pelo vasto material registrado na Biblioteca da FBB que ainda não foi utilizado. Acredito na importância de ampliar as discussões sobre gênero, raça e classe, incluindo também o conceito de branquitude através de Cida Bento. Há a possibilidade de diálogo com a historiadora Natália Montes que escreveu o livro infantil sobre Jerônima Mesquita e assim conhecer um pouco mais sobre essa importante chefe bandeirante. O retorno na Biblioteca Aracy Muniz Freire para registros e consultas aos outros impressos e documentos diversos. A pesquisa sobre os movimentos internacionais... muitos são os caminhos e novas perguntas que surgiram.

No percurso de pesquisa estive nas bibliotecas da UERJ e aos finais de semana na biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil para realizar as escritas e leituras necessárias para o desenvolvimento da dissertação. Em um dos dias que estava no CCBB, ao fazer uma pausa para o lanche, sentei-me no *hall* e fiquei observando as pessoas. Até que meu olhar foi direcionado para um grupo, de mais ou menos, quinze pessoas, a maioria crianças, alguns jovens e uns três adultos. Todas estavam com a mesma cor de roupa, observei com mais atenção e vi um trevo nos uniformes. Reconheci que era o trevo do Movimento Bandeirante. E assim, pela primeira vez no percurso de pesquisa, vi um grupo de bandeirantes.

Portanto, ressalto a importância da presente dissertação como maneira de contribuição para ampliação de estudos referentes ao Movimento Bandeirante, sobretudo relacionado às mulheres bandeirantes, no campo da história da educação. A análise crítica não teve a pretensão de julgar o passado, mas sim compreender o que foi o movimento, como as mulheres estiveram e estão na sociedade de maneiras diferentes. A luta por espaço, voz e direitos é algo permanente na vida de todas as mulheres, feministas ou não, porém, as opressões sofridas não são as mesmas, estando as mulheres negras ainda em um lugar de maior resistência e luta para até mesmo sobreviverem. Sendo assim, foi importante destacar essas e outras questões que hoje são pertinentes para discussões e reflexões já que desigualdades referentes ao gênero, classe e raça permanecem acontecendo no decorrer da história.

REFERÊNCIAS

- AGNES Baden-Powell. **Guias e Escoteiros Católicos do Brasil**, c2018-2024. Disponível em: <https://escoteiroscatolicos.com.br/fundadores/agnes-baden-powell/>. Acesso em: 20 out. 2024.
- ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. Revistas femininas e educação da mulher: o Jornal das Moças. Universidade Estadual do Ceará, 2006. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.
- AMANCIO, Midian Cristina. **Movimento Escoteiro e Movimento Bandeirante: uma análise**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/ec1b97e4-1ffa-4a0f-bbfd-c79bc7e27aee/contente>. Acesso em: 13 out. 2024.
- AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques. História, memória, identidade e História Oral. **Jus Humanum – Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul**, São Paulo, v. 1, n. 2, jan./jun. 2012. Disponível em: https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/jus_humanum/article/view/75. Acesso em: 20 out. 2024.
- AZAMBUJA, Cristina Spengler. O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista O Cruzeiro. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, Novo Hamburgo, v. 3, n. 1, p. 83-92, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/834/1046>. Acesso em: 16 out. 2024.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. I, abr. 1932. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 52, maio 1932. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 53, 54 e 55, jun./ago. 1932. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 56, set. 1932. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 57, out. 1932. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 58, nov. 1932. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 59, dez. 1932. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 60, jan. 1933. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 61-62, fev./mar. 1933. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 63, abr. 1933. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano V, n. 64, maio 1933. Mensal

- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VI, n. 65, jun. 1933. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VI, n. 66, jul. 1933. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VI, n. 67-68, ago./set. 1933. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VI, n. 69-70, out./nov. 1933. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VI, n. 73, fev. 1934. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VI, n. 74, mar. 1934. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VII, n. 83-84, dez./jan. 1935. Mensal.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VII, n. 85-86-87, fev./mar./abr. 1935. Mensal.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VII, n. 88-89, mai./jun. 1935. Mensal.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VIII, n. 90-91, jul./ago. 1935. Mensal.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VIII, n. 92, set. 1935. Mensal.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano VIII, n. 93-94-95, out./nov/dez. 1935. Mensal.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, jul. 1938. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XII, n. 123, mar. 1939. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XII, n. 124, abr. 1939. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 133, abr. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 134, mai. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 135, jun. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 136, jul. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 136, aniversário da F. B. B. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 137, ago. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 139, out. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 138, nov. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIII, n. 141, dez. 1940. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIV, n. 142, maio 1941. Mensal.
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XV, n. 144, out. 1942. Mensal
- BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XV, n. 145, nov. 1942. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XV, n. 146, dez. 1942. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XVI, n. 148, mar. 1943. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XVI, n. 150, maio 1943. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XVIII, n. 170, jun. 1945. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XVIII, n. 174, out. 1945. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XIX, n. 182, ago. 1946. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XX, n. 194, outubro 1947. Mensal

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XXI, n. 197, mar. 1948. Mensal.

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XXI, n. 202/3, ago./set 1948. Mensal.

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XXII, n. 212, ago. 1949. Mensal.

BANDEIRANTES. Petrópolis, Vozes, ano XXII, n. 213, set. 1949. Mensal.

BADEN-POWELL, Lady. **Window on my heart: The autobiography of OLAVE, LADY BADEN-POWELL G.B.E as told to Mary Drewery.** Londres: Hodder, 1977.

BADEN-POWELL, Robert. **Lições da Escola da Vida** Tradução Felipe Marinho Maciel. 2. ed. Curitiba: União de Escoteiros do Brasil, 2009. Título original: Lessons from the varsity of life.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** 2002. 169 f. Tese (Doutorado em xxx) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRASIL. Lei nº 6.791 de 9 de junho de 1980. Institui o “Dia Nacional da Mulher”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jun. 1980. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1980-1988/L6791.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.791%2C%20DE%209,%E2%80%9CDia%20Nacional%20da%20Mulher%E2%80%9D. Acesso em: 18 out. 2024.

BRITO, Daiane Alves. **O impresso Bandeirantes – fortalecimento do Bandeirantismo e disseminação de seus ideais.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BRITO, Daiane Alves. Relações entre mulheres brancas e negras no Movimento Bandeirante 1940 -1948. **Humanidades em Revista**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 62–78, 2024. Disponível em: <https://seer.unirio.br/hr/article/view/12802>. Acesso em: 13 out. 2024.

BRITO, Daiane Alves de; PEREIRA, Jéssica Silva; CUNHA, Paloma Maria Mendes da. Dossiê “História a contrapelo”: Corpo, racismo e exploração do trabalho doméstico feminino sob uma perspectiva feminista e de gênero. **Humanidades em Revista**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 2, 2024. Disponível em: <https://seer.unirio.br/hr/article/view/13185>. Acesso em: 13 out. 2024.

BRITO, Daiane Alves de; SILVA, Alexandra Lima da. Em correspondência: vozes femininas na Revista Bandeirantes. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina (org.). **A ilusão do leitor: cartas, imprensa e educação**. CRV: [Curitiba], 2018. p. 121-141

BUENO, Alexandra Padilha. **Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: a pedagogia feminista em disputa (1910-1940)**. 2019. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história - cinco séculos de um país em construção**. 2012. [S. l.]: Leya, 2012.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero** [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Título original: Gender trouble : feminism and the subvertion os identity.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 49, p. 117–133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 20 out. 2024.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 325-333.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução: Anísio Garcez Homem. 2. ed. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2020. Título original: Discours sur le colonialisme.

CHAMON, Carla Simone. Itinerários de uma professora em fins do século XIX. *In*: SILVA, Alexandre Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José (org.). **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2015. p. 109-124.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ed. 19654, caderno 3, 23 abr.1957. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=75522&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 20 out. 2024.

COSTA, Osnar da; SALVIANO, Leonardo. A pesquisa em história da educação: uma revisão de literatura. **Cadernos do Tempo Presente**, Aracaju, v. 9, n. 1, p. 92-106, jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/10473>. Acesso em: 20 out. 2024.

DELPHY, Christine. Patriarcado. *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 173-178.

DIBRARQ. Fundo/Coleção R2: Jonathas Serrano. **Dibraq**, Rio de Janeiro, [1967]. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/jonathas-serrano>. Acesso em: 20 out. 2024.

DONAS da rua. **Maurício de Sousa Produções**, c2024. Disponível em: <https://turmadamonica.uol.com.br/donasdarua/perfil/jeronimamesquita/>. Acesso em: 20 out. 2024.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEDERAÇÃO DE BANDEIRANTES DO BRASIL. **Chama acesa: o livro do bandeirante**. Rio de Janeiro: Grafitto, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, Gênero e Feminismo**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FELIZ, Juliana da Costa. **A história da educação da mulher no Brasil contada pelos impressos: uma análise comparada do discurso das revistas femininas e de informação geral (1827-1997)**. 2022. 407 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2022.

FELLINI, Mariella. **O Movimento Bandeirante entre tensões e contradições: a reformulação institucional de 1968**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6365>. Acesso em: 13 out. 2014.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 30-49, jan./abr. 2018. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n1/v18n1a03.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Título original: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir.

FREITAS, Itamar. **A pedagogia histórica de Jonathas Serrano: uma teoria do ensino de história para a escola secundária brasileira (1913/1935)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

FREIXO, André de Lemos; COELHO Patrícia. O ensino renovado de história pelo catedrático do Colégio de Pedro II, Jonathas Serrano. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá, v. 15, n. 3 (39), p. 261-292, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v15i3.717.4>. Acesso em: 20 out. 2024.

GIOPPO, Christiane. Eugenia, a higiene como estratégia de segregação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 12, p. 167-180, dez. 1996. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/er/a/rgvGSgcssyWZnf4zbCnHkSN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2024.

GONÇALVES, Assis da Silva. Eugenia em debate: Medicina e Sociedade no I Congresso Brasileiro de Eugenia. *In*: Congresso Regional da Anpuh-rio, memória e patrimônio, 14., Rio

de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276697830_ARQUIVO_MedicinaeSociedadenoICongressoBrasileirodeEugenia.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: RIO, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

HAROLD JUNIOR, Carlos; VAZ, Alexandre Fernandez. Representações sobre corpo e educação da mulher na expansão do escotismo e do bandeirantismo durante as primeiras décadas do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 913-927, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/MjbhtmpH7JZFLGrXbLFzYNk/>. Acesso em: 16 out. 2024.

HISTÓRIA para ninar gente grande. Intérpretes: Cacá Nascimento e Wantuir Oliveira. Compositores: Tomaz Miranda, Ronie Oliveira, Márcio Bola, Mama, Deivid Domênico, Danilo Firmino. Rio de Janeiro: G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, 2019.

HOBSBAWM, Eric John. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Título original: *Age of Extremes: the short twentieth century*.

HOOKS, bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**. São Paulo: Elefante, 2022.

KARAWEJCZYK, Mônica. O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-17, 16 fev. 2018. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/ref/a/BK8rBfMZ8PSzSsvZRTqfqgc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2024.

LAMARÃO, Sergio; URBINATI, Inoã Carvalho. Gripe Espanhola. **Atlas Histórico do Brasil**, c2013. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/gripe-espanhola>. Acesso em: 20 out. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: política, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMEIRA, Aline Moraes. Luzes da instrução: iniciativas particulares de escolarização no século XIX. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 25, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24172>. Acesso em: 20 out. 2024.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil** : ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis: Vozes, 1994. (Coleção clássicos do pensamento político).

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [s. l.], v. 11, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11412>. Acesso em: 11 out. 2024.

LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. Título original: *The body and sexuality*.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e Gênero. *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (org.). **Dicionário Crítico Feminista**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 222-231. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnpkcekmjfflcbjffibljfnlqhj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

MEAD, Margaret. **Sex and temperament in three primitive societies**. New York: Morrow, 1963.

MELO, Hildete Pereira de; MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. Damas da Cruz Verde. [19--?]. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnpkcekmjfflcbjffibljfnlqhj/https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DAMAS%20DA%20CRUZ%20VERDE.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

MELO, Victor Andrade de; SILVA, José Cláudio Sooma. A Federação Escolar de Escoteiros e a Federação Escolar de Bandeirantes: notas para pensar a educação primária na cidade do Rio de Janeiro em finais dos anos 1920. **Cadernos de História da Educação**, [s. l.], v. 21, p. 1-18, e080, mar. 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/65145/33594>. Acesso em: 13 out. 2024.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Quase tudo: educação entre música e emoções nas viagens da pianista Magdalena Tagliaferro. *In*: SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José (org.). **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015. p. 179-196.

MOVIMENTO. *In*: DICIO, Dicionário online de português. [S. l.]: 7Graus, c2009-2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/movimento/>. Acesso em: 20 out. 2024.

MOVIMENTO Bandeirante: Um pouco da sua história. **Movimento Bandeirante São Paulo**, São Paulo, [21--]. Disponível em: : <https://www.bandeirantesp.org.br/historico.php>. Acesso em: 20 out. 2024.

NA MATRIZ de Nossa Senhora da Glória, o Mons. Leovigildo Franca comemora seu Jubileu de Ouro Sacerdotal. **A Cruz**, Rio de Janeiro, ano L, n. 02617, p.1, 5 abr. 1970. Hemeroteca digital. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829706&pesq=jacinto%20xavier%20martins&pagfis=15868>. Acesso em: 20 out. 2021

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NOGUEIRA, Natania. Jerônima Mesquita e o voto feminino. **Blog História Hoje**, [s. l.], c2024. Disponível em: https://historiahoje.com/jeronima-mesquita-e-o-voto-feminino/#google_vignette. Acesso em: 20 out. 2024.

O SANGUE retinto por trás dos heróis emoldurados. **Repensando os heróis**, Juiz de Fora, 27 jun. 2019. Disponível em: <https://repensandoherois.home.blog/2019/06/27/o-sangue-retinto-por-tras-do-heroi-emoldurado/>. Acesso em: 19 out. 2024.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt. *In*: SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**, Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 209-225.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; SILVA, Alexandra Lima da. *Semper Parata: catolicismo e bandeirantismo no Brasil*. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v.19, n. 63, p. 1501-1517, out./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416x.19.063.ds09>. Acesso em: 13 out. 2024.

OUR WORLD. **World Association of Girls and Girl Scouts**, c2021. Disponível em: <https://www.waggs.org/en/our-world/>. Acesso em: 20 out. 2024.

PASSETTI, Gabriel. Os britânicos e seu Império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano. **História (São Paulo)**, [s. l.], v. 35, n. 16, p. 1-24, jan. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-436920160000000077> Acesso em: 14 out. 2024.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007. Tradução de Angela M. S. Côrrea.

PINSKI, Carla Bassanezi. Apresentação. *In*: **Minha história das mulheres**. Michelle Perrot. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjpcglclefindmkaj/http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Porto Alegre: Klick Editora, 1997. (Coleção Livros O Globo).

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia (org.). **Lélia Gonzalez: retratos do Brasil negro**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010. (Retratos do Brasil Negro).

RODRIGUES, Lúcia Maria Santos. **Movimento Bandeirante no Brasil - uma luta social de gênero**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2016.

RUBIN, Gayle. O Tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. *In*: **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 1-62.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni; SENKO, Elaine Cristina. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Paraná, v. 10, n. 0, p. 189-215, jun. 2016.

SANTIAGO, Emerson. Guerra dos Bôeres. **InfoEscola**, c2006-2024. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/guerra-dos-boeres/>. Acesso em: 20 out. 2024.

SANTOS, Edson Gomes. Jerônima Mesquita, Mulher Leopoldinense. **Jornal Leopoldinense**, Leopoldina, abr. 2024. Opinião. Disponível em: <https://leopoldinense.com.br/coluna/1990/jeronima-mesquita-mulher-leopoldinense>. Acesso em: 20 out. 2024.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História com Pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil, **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p.189-211, 2004.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). **Dicionário mulheres do Brasil: De 1500 até a atualidade**. Biográfico e ilustrado. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia: Com novo pós-escrito**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise. *In*: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista - conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 46-76.

SILVA, Alexandra Lima de. Ideias em movimento: viagens como horizonte na historiografia da educação. **Roteiro. UNOESC**, Joaçaba, v. 38, n. 2, supl. especial, p. 109-126, jan./abr. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 out. 2024.

SILVA, Alexandra Lima. Lado a lado: Marcas Católicas do Bandeirantismo no Brasil. **Hist. Educ.**, Porto Alegre, v. 21, n. 52, p. 21-39, maio/ago. 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgleclefindmkaj/https://www.redalyc.org/pdf/3216/321650853004.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

SILVA, Alexandra Lima da; BRITO, Daiane Alves. Bandeirantes: um impresso educativo, recreativo e propagandístico na História da Educação Brasileira. **Revista Pedagógica**, [s. l.], v. 22, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4741>. Acesso em: 13 out. 2024.

SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José (org.). **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. [S. l.]: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Economistas, v. 1). p. 17-54.

SOBRE o movimento bandeirante. **Movimento Bandeirante Brasil**, [20--?]. Disponível em: <https://www.bandeirantes.org.br/quem-somos>. Acesso em: 20 out. 2024

SOIHET, Raquel. História das Mulheres e História de Gênero - um depoimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 77-87, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634464>. Acesso em: 17 out. 2024.

SOUZA, Ricardo Luiz de. A mitologia bandeirante: construção e sentidos. **História Social**, Campinas, v. 11, n. 13, p. 151-171, jan. 2007. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/215/207>. Acesso em: 15 out. 2024.

TAGLIAFERRO, Magdalena Maria Yvonne. **Quase tudo...** Memórias de Magdalena Tagliaferro. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Alameda, 2017.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus Mestres: a educação no Brasil dos Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VEGA, Blanca Susana Martinez. Encuentros com um mundo rural: historia de uma maestra errante. *In*: SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José (org.). **Mulheres em trânsito**. Intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015. p. 53-80.

VILHENA, Altamiro. Um pouco sobre o Reverendo Baden Powell. **Altamiro no CAN**, 2013. <https://altamironocan.wordpress.com/2013/10/17/um-pouco-sobre-o-reverendo-baden-powell/>. Acesso em: 20 out. 2024.

WORLD ASSOCIATION OF GIRL GUIDES AND GIRL SCOUTS, c2021. Disponível em: <https://worldcentres.wagggs.org/pax-lodge/about-us/story-of-pax-lodge/>. Acesso em: 20 out. 2024.

ANEXO

Na fase de coleta de dados em que foi possível obter os registros dos impressos *Bandeirantes* do ano de 1932 até o ano de 1971, tive acesso a outros documentos além dos impressos. Em formato digital (pdf), acessei o documento: *Histórico – Principais mudanças e realizações da FBB* do ano de 2013, que não estava finalizado. É provável que tenha sido apresentado em algum encontro do Movimento Bandeirante, pois na primeira página de capa está intitulado de “Fórum Setorial de Dirigentes”.

Dito isto, o *Bandeirantes* foi se desenvolvendo e sendo modificado de acordo com as mudanças e transformações que foram ocorrendo no interior do Movimento que correspondia as mudanças e transformações da sociedade brasileira, sobretudo da cidade do Rio de Janeiro onde era a sede da FBB e onde existia a Redação do impresso. A partir da tabela presente no documento *Histórico – Principais mudanças e realizações da FBB*, foi possível compreender e ter conhecimento sobre os principais acontecimentos que fortaleceram o Movimento Bandeirante, além de observar as mudanças e transformações desde a fundação no ano de 1919 até o ano 2013 (data de elaboração do documento).

Amostragem - Tabela

HISTÓRICO – PRINCIPAIS MUDANÇAS E REALIZAÇÕES DA FBB

Década de 10 a 20	Década de 20 a 30	Década de 30 a 40	Década de 40 a 50	Década de 50 a 60
IMPLANTAÇÃO	IMPLANTAÇÃO	IMPLEMENTAÇÃO E EXPANSÃO	DÉCADA DE 40	IMPLEMENTAÇÃO
1919 30 de maio: primeira reunião de organização da FBB na residência da Sra. Adele Linch 1919 13 de agosto: Promessa das 11 primeiras Bandeirantes. * Esta data instituiu Fundação oficial do Bandeirantismo no Brasil	1919 a 1920 Primeiros treinamento de líderes 1926 Primeira Companhia Bandeirante 1927 Inaugurada a 1ª Sede Bandeirante no Rio de Janeiro * Fundação do 1º Jornal Bandeirante 1928 Realizado Primeiro Acantonamento - Itaipava/RJ 1929 Efetivo de 386 membros * Em 13 de agosto, 10 anos da FBB, oficializa a <i>Semana Bandeirante</i> como data comemorativa do aniversário da FBB;	Década marcada pelos conflitos da Guerra Mundial 1933 Fundação do Estado do Rio de Janeiro, Bahia e Espírito Santo 1934 Fundação do Estado do Pará 1933 1º Acampamento Nacional - Alto da Boa Vista/RJ 1936 IX Conferência Mundial realizada na Suécia * 1ª Participação do Brasil	Marcada pela Ditadura Vargas - extinção do Parlamento, Assembleias e Câmara. Nacionalismo com política populista; 1942 O Bandeirantismo em todos os estados do Brasil prestavam serviços de guerra; 1942 Fundação do MB em São Paulo e Ceará 1943 Vera Delgado de Carvalho, Presidente da FBB, entregou pessoalmente uma carta ao Presidente Vargas solicitando doação de terreno para futura Sede Nacional 1944 Fundação do MB no Rio Grande do Sul	1950 Fundação do MB no Paraná e Santa Catarina 1951 Fundação do MB na Paraíba 1953 Fundação do MB em Alagoas 1953 Antes do final das obras da Sede * Morre Chefe Lourdes * A Sede Nacional da FBB foi construída com “ <i>Campanha Nacional de Tijolos</i> ”: doações e cotas de beneméritos 1955 Fundação do MB no Rio Grande do Norte

HISTÓRICO – PRINCIPAIS MUDANÇAS E REALIZAÇÕES DA FBB

Década de 10 a 20	Década de 20 a 30	Década de 30 a 40	Década de 40 a 50	Década de 50 a 60
	<p>1931 Primeiro Acampamento em Itaipava/RJ</p> <p>1932 A FBB é integrada e reconhecida como País Membro na Associação Mundial WAGGGS</p> <p>1932 Registro do 1º Estatuto</p> <ul style="list-style-type: none"> * Separação da FBB do Estado Guanabara/ Distrito Federal (Rio de Janeiro) * Constituição do órgão de Direção da FBB Conselho Central e Constituição do Estado da Guanabara 	<p>1937 Chefe Lourdes funda a 1ª <i>Companhia para Meninas Cegas</i>, Instituto Benjamin Constante/RJ</p> <p>1937 Fundação MB em Minas Gerais</p> <p>1939 II Guerra Mundial Início do Governo Getulista.</p> <ul style="list-style-type: none"> * Bandeirantes da Bahia e do Nordeste prestam serviços junto aos naufragos dos navios torpedeados na costa brasileira * Nesta década iniciada também a Expansão do MB no Brasil 	<p>1944 25º aniversário da FBB - <i>Jubileu de Prata</i> - comemorado com Acampamento Nacional - Parque da Cidade/RJ</p> <ul style="list-style-type: none"> * Participaram: PA, CE, PE, BA, MG, RJ, SP e RS <p>1945 Cedido o terreno para Sede Nacional, mas entregue somente em 1947, quando foi lançada a <i>Pedra Fundamental</i> da nova Sede</p> <p>1946 Fundação do MB no Amapá</p>	<p>1957 O Brasil sediou a XVI Conferência Mundial - Hotel Quitandinha, Petrópolis/RJ</p> <p>1958 Fundação do MB no Piauí;</p> <p>1959 Fundação do MB no Maranhão</p> <p>1959 Inauguração de todas as obras da Sede Nacional</p> <ul style="list-style-type: none"> * Presença de Bandeirantes de todo o Brasil e do Presidente Juscelino Kubitschek

Fonte “Histórico – Principais mudanças e realizações da FBB” (Documento em PDF não finalizado [2014?])

Nuestra cabaña – Movimento de guias do México

WAGGGS WORLD CENTRES

About Nuestra Cabaña | Quedarse con nosotros | ¿Qué está pasando? | Contáctenos

EVENTOS Y RESERVAS PARA GRUPOS

NUESTRA CABAÑA CENTRO MUNDIAL

En Cuernavaca, está ABIERTO OTRA VEZ ya que estuvo cerrado durante COVID.

MIRA LO QUE ESTÁ PASANDO >

Fonte: <https://worldcentres.waggs.org/>